

TRATADOS DA TERRA E GENTE DO BRASIL

Fernão Cardim

Coleção
AUTO
CONHECIMENTO

BRUNO
FULEJO





APOIO FINANCEIRO:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



“O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal”.

Coleção
AUTO
CONHECIMENTO

FERNÃO CARDIM

**TRATADOS DA
TERRA E GENTE
DO BRASIL**

THEATRO
XVIII

Republica af

nação
FULEJO

BAHIA / 2021

PREFÁCIO

Para conhecer o Brasil Colonial — e é preciso conhecer o Brasil Colonial — devemos ler os religiosos. Principalmente os Jesuítas, soldados da Companhia de Jesus, criada por Ignácio de Loyola em 1534, que saídos da Europa, chegaram ao Ceilão (1548), à China (1552), ao Japão (1580) e ao Brasil (1549), e fizeram os primeiros registros escritos sobre elas. Os Jesuítas chegaram a Salvador com Tomé de Souza, e assumiram, com ele, o Poder na colônia. Mem de Sá, governador geral do Brasil de 1558 a 1572, consultava a Companhia antes de decidir qualquer coisa.

Incumbidos de transformar o Brasil num território católico, os Jesuítas implantaram o sistema de educação do Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu, comunicaram-se com os autóctones em Tupi (antigo), escreveram a primeira gramática do idioma, e usaram o Teatro para fazer catequese. A educação dos Jesuítas no Brasil Colonial foi exclusiva de 1549 a 1759, quando a Companhia foi expulsa da Colônia pelo Marquês de Pombal.

Intelectualmente vigorosos, os Jesuítas relataram em cartas, diários e sermões, o cotidiano colonial: impressões sobre os humanos “da terra”, seus hábitos e costumes, sua fauna e flora exuberantes. Esse encontro entre europeus chegados da Inquisição e nativos que ignoravam o conceito de pecado, singular na história da humanidade, estão nos textos de Manuel da Nóbrega (1517-1570), José de Anchieta (1534-1597), Fernão

Cardim (1540-1625) Simão de Vasconcellos (1597-1671), Antônio Vieira (1608-1697), André João Antonil (1649-1716), dentre outros religiosos.

Curiosamente, os textos de Cardim – “Do clima e terra do Brasil”, “Do princípio e origem dos índios do Brasil” e “Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica” – foram roubados por piratas, e quando publicados, em inglês, “pertenciam” a outro autor. Dos muitos outros fatos que nos lembram os filmes de aventuras. Até que o historiador Capistrano de Abreu devolveu a Cardim o que sempre foi dele, e que nesta edição é dele e nosso.

Aninha Franco

Curadora da Coleção AutoConhecimento Nação Fulejo

INTRODUÇÃO

A presidência da Academia Brasileira de Letras, em 1923, foi ocupada por Afrânio Peixoto. Nesse posto, seu programa era simples: trabalhar. Expondo-o, em discurso inaugural, disse: “A vossa direção pensa, pois, este ano mesmo, em começar a publicação de duas séries de obras raras e preciosas, postas ao alcance do público, enriquecidas de introdução bibliográfica, e de notas elucidativas, das quais serão encarregados os nossos confrades que tiverem pendor por esse gênero de estudos e ainda aqueles sábios e letrados de fora que, designados por nós, acudirão ao nosso apelo. Convém lembrar que a Academia não se presume mais que um estado-maior da cultura nacional, mas que a vitória dessa cultura deve ser conseguida também com o grosso do exército, que não está aqui. Inúmeros especialistas, insubstituíveis, fazem parte desse quadragésimo primeiro lugar da Academia, o mais numeroso e o mais rico dos postos acadêmicos.”

Das duas séries de clássicos nacionais — Literatura e História — saíram a lume algumas obras da primeira e apenas uma da segunda. Motivos conhecidos fizeram mangrar o promissor empreendimento, não porque a boa vontade do seu diretor lhe faltasse e seu apelo deixasse de ser correspondido.

Das publicações históricas, fazia parte a obra do padre Fernão Cardim, que Afrânio Peixoto houve por bem, ou por mal, atribuir ao que abaixo se nomeia. Segundo o plano adotado, a obra devia compreender os três tratados do jesuíta: Do clima e terra do Brasil, Do princípio e origem dos índios do Brasil e Narrativa epistolar, ou Informação da missão do padre Christovão de Gouvêa às partes do Brasil, cabendo-lhe anotar o primeiro e terceiro, por isso que,

em relação ao segundo, já o fora, e superiormente, por Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

A Afrânio Peixoto pertence esta primorosa nota introdutória, inédita, que, com o seu consento para aqui se traslada:

“Pela primeira vez reúnem-se, num só tomo, com o seguimento que parece lógico, o aparelho de notas eruditas elucidativas e o título a que têm direito, os tratados do padre Fernão Cardim sobre o Brasil.

“Primeiro — Do clima e terra do Brasil, manuscrito da Biblioteca de Évora, copiado de códice do Instituto Histórico pelo senador Cândido Mendes, publicado em parte por seu filho Dr. Fernando Mendes, e, integralmente, em 1885, pelo erudito Capistrano de Abreu, que o identificou com o tratado que publicara em 1625 Samuel Purchas: as notas, só agora apostas, são da competência de Rodolfo Garcia.

“Depois — Do princípio e origem dos índios do Brasil, também manuscrito de Évora, publicado em inglês, em 1625, na coleção Purchas, identificado por Capistrano de Abreu, a quem se deve, em 1881, a edição vernácula, acrescentada de notas pelo sábio Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

“Finalmente, depois da Terra e da Gente do Brasil, aqueles que aqui vieram ter, para a posse, a colonização, a catequese e a civilização do Brasil e dos brasileiros, — a Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica, copiada também de um manuscrito de Évora e por Francisco Adolpho de Varnhagen, publicada em Lisboa, em 1847: nem Varnhagen, então, nem, posteriormente, Eduardo Prado, na edição do Instituto Histórico, de 1902, lhe puderam dar as notas necessárias — cabe agora esta honra a Rodolfo Garcia.

“Portanto, aos três tratados do padre Fernão Cardim parece exato o título, que lhe damos, complexivo:

— Tratados da terra e gente do Brasil — que são agora não só homenagem a um grande missionário que amou, observou, sofreu e tratou o Brasil primitivo, como contribuição do nosso reconhecimento a essas missões jesuíticas, que educaram os primeiros brasileiros, e, para os de todos os tempos deixaram memórias desse passado nos seus escritos, cartas e narrativas ao padre Fernão Cardim, missionário, reitor, procurador e provincial, se não chegassem os méritos que tais títulos encerram, bastaria o ter sido um elo dessa cadeia a que pertenceram Anchieta e Vieira; precisamente está ele entre os dois, até pelos sucessos da vida: assistiu às moléstias e doenças dos últimos anos do velho José de Anchieta, no Colégio do Morro do Castelo — vindo de Piratininga ao Rio de Janeiro, antes de ir finar-se em Reritiba, no Espírito Santo, — quase o preparando para a outra sua celeste vida, e depois, abriu as portas do Colégio do Terreiro de Jesus, já na Bahia, ao jovem Antônio Vieira, que, a contragosto da família, procurava ali o seu refúgio, — como preparador também para a imortalidade de sua grande vida.

“Estes passos são simbólicos da obra do padre Fernão Cardim: cuidado, trato, amor de um Brasil que ia passar, e morrer, legados ao Brasil da posteridade, que, esse, passando sucessivamente, nunca morrerá, e há de guardar entre as suas memórias saudosas e fiéis estes Tratados da terra e gente do Brasil...”

O plano malogrou-se, por então, como se disse; mas o trabalho do anotador ficou em condições de ser dado desde logo à imprensa, à espera tão somente de editor. Esse havia de aparecer no próprio ano que se completa o tricentenário da morte de Fernão Cardim, na pessoa do Dr. José Attico Leite, jovem e inteligente livreiro-editor, a quem já devem as boas letras ótimos serviços.

A presente edição da obra do venerável missionário, que reunida se imprime pela primeira vez, vale assim, neste momento, por uma comemoração expressiva e justíssima.

II

Quantos estudem o passado brasileiro hão de reconhecer que no acervo dos serviços prestados às nossas letras históricas existe em aberto grande dívida de gratidão para com esse meritório jesuíta. De fato, entre os que em fins do século XVI trataram das coisas do Brasil, foi Fernão Cardim dos mais sédulos informantes, em depoimentos admiráveis, que muita luz trouxeram à compreensão do fenômeno da primeira colonização do país. Foi dos precursores da nossa História, quando ainda o Brasil, por assim dizer, não tinha história; por isso mesmo, como a respeito de Gandavo já se observou, a sua história é antes natural que civil, ou uma e outra coisa ao mesmo tempo. Nele há o geógrafo, que estuda a terra, suas divisões, seu clima, suas condições de habitabilidade; o etnógrafo, que descreve os aborígenes, seus usos, costumes e cerimônias; o zoólogo e o botânico, por igual aparelhado para o exame da fauna e da flora desconhecida; mas há também o historiador decerto, que discorre sobre as missões dos jesuítas, seus Colégios e residências, o estado das capitânicas, seus habitantes e suas produções, o progresso ou a decadência da colônia, e suas causas, sobre a vida, enfim, daquela sociedade nascente, de que participava. Seus depoimentos são os de testemunha presencial, e valem ainda mais pela espontaneidade e pela sinceridade com que singelamente os prestou.

Comparte daquelas missões abnegadas, que a Sociedade de Jesus recém-criada espalhava pelo mundo afora

“para maior glória de Deus” — Fernão Cardim, pelas circunstâncias de sua vida, ficou entre José de Anchieta e Antônio Vieira, formando uma tríade maravilhosa a dominar a legião imensa daqueles apóstolos que educaram os nossos primeiros patrícios, que os defenderam do opróbrio da escravidão, que presidiram, enfim, a fundação da nacionalidade brasileira.

A vida de Fernão Cardim é quase desconhecida. A data de seu nascimento é incerta. Ele próprio, qualificando-se em 14 de agosto de 1591 perante a mesa do Santo Ofício, a que presidia o visitador Heitor Furtado de Mendonça, na cidade do Salvador, declarou ter 43 anos, “pouco mais ou menos” — Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil — denúncias da Bahia (São Paulo, 1925) p. 327. — Teria, portanto, nascido em 1548; essa data, porém, não confere com a que consignou o padre Antônio Vieira, na *Annua* da província do Brasil dos anos de 1624 e 1625, publicada nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, tomo XIX (1827) p. 187, — ao dizer que Cardim entrou na Companhia de Jesus em 1555, aos 15 anos de idade, fazendo assim retrotrair o ano de seu nascimento para 1540. De uma biografia sumaríssima estampada na *Revista de Historia, de Lisboa*, v. X (1921), consta o início de seu noviciado em 9 de fevereiro de 1566; a prevalecer sua declaração, contaria então 18 anos, ao passo que tomada como certa a de Vieira, teria 26 anos. Entre uma e outra hipótese, mais aceitável parece a primeira, mesmo porque a informação da *Annua* encerra evidente erro aritmético, quando estabelece que “Cardim entrou na Companhia em 1555, aos 15 anos de idade, viveu nela 60 e faleceu com 75”.

Era natural de Viana de Alvito, arcebispado de Évora, filho de Gaspar Clemente e sua mulher D. Inez Cardim,

de família antiga e importante em Portugal. Seu irmão mais velho, o Dr. Jorge Cardim Fróes, ocupou vários cargos de administração da Justiça, e foi na Corte de Lisboa Desembargador dos Agravos da Casa de Suplicação. Para o exercício de emprego tão alto na magistratura do Reino se requeria “homem fidalgo, de limpo sangue, de sã consciência, letrado, se fosse possível, e abastado de bens temporais”. Seus outros irmãos, Lourenço Cardim e Diogo Fróes, pertenceram, como ele, à Companhia de Jesus: o primeiro, acabados os estudos e ordenado sacerdote, passou para o Brasil em 1585, e foi morto em viagem por corsários franceses; o segundo foi lente de Teologia Moral no Colégio e Universidade de Coimbra, e na peste de Lisboa (1568-69), servindo aos empestados, contraiu o mal e morreu no hospital da cidade. Quatro sobrinhos de Fernão Cardim, filhos do Dr. Jorge Cardim Fróes e sua mulher D. Catarina de Andrada, seguiram vida religiosa: João, Antonio e Diogo pertenceram à Companhia, e Plácido à Ordem Conventual de Cristo. De João Cardim escreveu a Vida e virtudes o padre Sebastião de Abreu (Évora, 1659). Antonio Francisco Cardim missionou no Japão, e escreveu os Fasciculus à japonibus floribus, etc. (Roma, 1646), que apareceram em português com o título Elogios e ramalhetes de flores, borrifados com o sangue dos religiosos da Companhia de Jesus, etc. (Lisboa, 1650); escreveu também uma Relação da província do Japão, de que se conhece apenas a tradução francesa, impressa em Paris em 1646; escreveu ainda as Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa província do Japão, que se conservaram inéditas até 1894, quando foram dadas a lume pela Sociedade de Geografia de Lisboa. De Diogo Cardim sabe-se que missionou na Índia; sobre frei Plácido nada se consegue apurar.

Da existência de Fernão Cardim em Portugal, antes de vir para o Brasil, faltam pormenores. Já era professor dos quatro votos e Ministro do Colégio de Évora, quando foi designado, em 1582, para companheiro do padre visitador Christovão de Gouvêa; passou a Lisboa em princípios de outubro daquele ano e ali esteve cinco meses, até que, a 5 de março de 1583, com o governador Manuel Teles Barreto, o visitador e outros padres, embarcou para o Brasil, chegando à Bahia a 9 de maio seguinte. Daquela primeira data por diante, enquanto durou a missão do padre Gouvêa, podemos segui-lo, quase dia a dia, através das páginas tão animadas quão encantadoras da Narrativa epistolar. Na Bahia, nos Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, esteve uma e mais vezes, em companhia do visitador, que ordenava as coisas necessárias ao bom meneio dos Colégios e residências existentes naquelas partes. Da Bahia, em 1 de maio de 1590, datou a segunda e última carta da Narrativa; era reitor do Colégio, cargo que ainda tinha em 1593, porque assinava em 29 e 31 de julho e 2 de agosto, logo após ao visitador do Santo Ofício, Heitor Furtado de Mendonça, as determinações que se assentaram em mesa sobre alguns casos especiais, — conforme faz fé a Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil (São Paulo, 1922), p. 46. No Rio de Janeiro, como reitor do Colégio de São Sebastião, estava em 1596, e nessa qualidade passava procuração, datada de 3 de fevereiro, ao padre Estevão da Grã para demarcar e tomar posse das terras de Guaratiba, que haviam pertencido a Christovão Monteiro e eram, por doação, incorporadas ao patrimônio dos padres da Companhia, — segundo se verifica do Tombo ou cópia fiel da medição da Fazenda Nacional de Santa Cruz (Rio de Janeiro,

1829), p. 26. No Colégio do Rio de Janeiro fez-lhe José de Anchieta companhia por algum tempo, antes de ir morrer em Reritiba, no Espírito Santo, a 7 de junho de 1597. Em 1598 foi eleito na congregação provincial para Procurador da Província do Brasil em Roma; regressava dessa missão, tendo embarcado em Lisboa a 24 de setembro de 1601, em uma urca flamenga chamada “San Vicente”, com o padre João Madureira, que vinha por visitador, e mais 15 jesuítas, quando, mal tinha navegado três ou quatro léguas, teve vista a urca de duas naus de corsários ingleses. Levava ela 30 homens de peleja e estava bem artilhada; travado combate contra inimigo duas vezes mais poderoso, foi forçada a render-se no dia seguinte, depois de porfiada, mas inútil defesa. Eram os corsários comandados pelo capitão Francis Cook, de Dartmouth, que agasalhou com caridade os padres Madureira e Cardim: esses e mais quatro foram conduzidos à Inglaterra; os outros, que ao todo eram 11, foram desembarcados nas costas de Portugal. O padre Madureira morreu no mar, a 5 de outubro de 1601. Cardim chegou à Inglaterra e ali permaneceu até ser resgatado. Nessa ocasião foi despojado dos manuscritos que levava consigo e que chegaram depois às mãos do colecionador londrino Samuel Purchas, como em outro lugar se esclarece.

Da Inglaterra, Cardim devia ter passado a Bruxelas, antes de 7 de maio de 1603, porque um documento desse lugar e data, pertencente aos Schetz da capitania de São Vicente e dado à estampa por Alcebiádes Furtado, nas Publicações do Archivo Nacional, v. XIV (1914), p. 18, — assinala sua estada naquela cidade, em forma pretérita: “quando estubo aca”. Em 1604 tornou ao Brasil com o cargo de provincial, que exerceu até 1609, substituindo o padre Pero Rodrigues. Logo

em começo de seu provincialato, informado de que os Carijós estavam em boa disposição para receber a luz do Evangelho, mandou ao Sul os padres João Lobato e Jeronymo Rodrigues, que entendiam e falavam bem a língua do país. Partiram os missionários de Santos e chegaram até a lagoa dos Patos. Do sucesso da missão escreveu o padre Rodrigues, em carta longa, datada de 26 de novembro de 1605, que Pierre du Jarric compendiou na Troisième partie de l'histoire des choses plus mémorables advenues tant aux Indes Orientales q' autres pais de la decouverte des Portugais (Bordeaux, 1614), p. 481-486.

Uma carta de Cardim, de 8 de maio de 1606, escrita da Bahia ao Geral Claudio Aquaviva, dá conta dos testemunhos tirados juridicamente a favor da vida santa e feitos maravilhosos do padre José de Anchieta, e do que no processo obrou o padre Pero Rodrigues que, por seu conselho, escreveu a vida do taumaturgo; vem publicada nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, v. XXIX (1907), p. 183 e 184, precedendo àquela hagiografia.

Em 1606, por sua ordem e com ajuda do governador Diogo Botelho, foram os padres Luis Figueira e Francisco Pinto encarregados da catequese dos índios do Ceará. Acompanhados de uma escolta de 60 índios cristãos, deixaram os padres o Recife em 20 de janeiro de 1607 e por mar chegaram ao porto de Jaguaribe, de onde, após curta demora, se dirigiram a pé para a serra da Ibiapaba. Funestos foram os resultados dessa missão pelo trucidamento do padre Pinto, em 11 de janeiro de 1608, às mãos dos Tapuias Tocarijus; o padre Figueira, para escapar à sanha dos bárbaros, foi forçado a tomar o rumo do litoral, depois de ter dado, com grandes perigos, sepultura ao corpo do seu infeliz companheiro.

Passando o cargo de provincial ao padre Manuel de Lima, que viera por visitador em 1607, Cardim assumiu o de reitor, pela segunda vez, do Colégio da Bahia, e de vice-provincial. Foi por essa época que chegou à cidade do Salvador aquele que devia ser mais tarde o grande apóstolo Antônio Vieira, glória da raça e padrão impecável das letras portuguesas ao aportar àquela capital, criança ainda, foi acometido de muito grave doença. “O padre Fernando Cardim, da Companhia de Jesus, - escreveu André de Barros, na Vida do apostólico padre Antônio Vieira (Lisboa, 1746), p. 6 - era na Bahia de particular agrado na casa de Christovão Vieira Ravasco, e de sua mulher D. Maria de Azevedo; e como o perigo mal com que lutavam os poucos alentos do menino Antônio os tivesse em temeroso sobressalto, o padre, ao que parece com a alma cheia de superior ilustração os assegurou, e disse: - Que não morreria o menino, porque Deus o guardava para coisas grandes, para crédito da nação portuguesa, e para honra da Companhia de Jesus. - Esta foi a voz do venerável padre Fernando Cardim (apelido que em Portugal e no Brasil nos serve de despertador de virtudes heroicas em ilustres varões). Este o foi no Colégio da Bahia, onde foi o nono reitor e décimo provincial daquela província religiosíssima; nele se conserva o seu retrato, história muda, mas forte, para imitação de seus exemplos.”

A uma carta de Cardim, de 1 de outubro de 1618, da Bahia, até hoje inédita, referiu-se Varnhagen, na História geral do Brasil, primeira edição, v. I, p. 296, nota; viu-a na biblioteca da Academia de História de Madri, e considerou-a autógrafa; mas de seu conteúdo nada disse. Por comissão de Cardim, como reitor do Colégio da Bahia, escreveu o padre Luis Baralho de Araújo a carta, que datou daquele Colégio no último

de dezembro de 1621, dirigida ao Geral Múcio Viteleschi, sobre o estado da Companhia no Brasil durante o ano que findava; as notícias informam sobre os Colégios e residências do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santos, Piratininga e Pernambuco. Foi publicada primeiro em italiano, nas Lettere annue d’Etiopia, Malabar, Brasil e Gôa, dall’ano 1620 al 1624 (Roma, 1627) e, logo em francês, na Histoire de ce qui s’est passé en Ethiopie, Malabar, Brasil, et les Indes Orientales. - Tirée des lettres écrites 1620 et 1624, etc. (Paris, 1628).

Estavam ainda nas mãos de Cardim os cargos de reitor e vice-provincial, quando os holandeses tomaram a Bahia, em 9 de maio de 1624. “Nesta desgraça da Bahia - escreveu Antônio Vieira, na Annuia citada - era reitor, e por isso quebravam nele mais todas as ondas das adversidades, mas como rocha viva sempre se conservou em paz, esteve muito firme, e conforme com a vontade de Deus.” O Colégio foi transformado em armazém de vinhos, segundo o testemunho dos cronistas, e os mercadores tiveram permissão para nele se aboletar; os padres, expulsos, perseguidos, refugiaram-se na aldeia do Espírito Santo, depois Abrantes; 12 que chegavam, na ignorância dos sucessos, entre os quais o padre Antonio de Mattos, designado para substituir o provincial na administração da província, foram feitos prisioneiros e conduzidos para a Holanda, onde estiveram nos cárceres públicos de Amsterdã por mais de 20 meses, até que foram resgatados por diligência do Geral da Companhia.

Na ausência do provincial, Cardim assumiu o governo da província, no momento inçado das maiores dificuldades e incertezas. Velho e alquebrado, com o grande trabalho e má vida daqueles tempos, padecendo falta de todo o necessário, como disse Vieira, caiu enfermo e

veio a falecer a 27 de janeiro de 1625, naquela mesma aldeia, que foi das primeiras que conheceu no Brasil, e o destino lhe reservara para refúgio último da sua vida.

III

Dos escritos de Fernão Cardim, o que primeiro foi divulgado pela imprensa em língua portuguesa e com a sua autoria declarada foi a Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente (São Paulo), etc., desde o ano de 1583 ao de 1590, indo por visitador o padre Christovão de Gouvêa. Escrita em duas cartas ao P. provincial em Portugal, pelo Padre Fernão Cardim, ministro do colégio da Companhia em Evora, etc., etc. - Lisboa (Na Imprensa Nacional) 1847, in-8º, 123 p. Editou-o o benemérito Francisco Adolpho de Varnhagen, que o dedicou à memória do Cônego Januário da Cunha Barbosa, o ilustre fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não é aquela a epígrafe com que ocorre no Catálogo dos manuscritos da Bibliotheca Eborensis, ordenado pelo bibliotecário Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára, tomo I (Lisboa, 1850), p. 19, onde se inscreve: Enformação da missão do padre Christovão de Gouvêa às partes do Brasil no ano de 83 (duas cartas). Mudando-lhe o título, o editor juntou um prólogo sem assinatura e no fim, depois de uma folha falsa com a palavra - Notas - uma "Advertência accidental", que subscreveu com a sigla V., explicando o motivo por que não fez acompanhar a publicação das anotações com que pretendia ilustrá-la, e que quase lhe duplicariam o volume. Quando apareceu a Narrativa epistolar, dentre os que primeiro lhe lou-

varam as excelências, é preciso salientar o benemérito Ferdinand Denis, que, publicando *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550* (Paris, 1851), em nota (p. 48-51) não regateou encômios ao “petit livre écrit dans un style charmant et que l’on doit à un missionnaire jusqu’alors inconnu... le P. Fernão Cardim”. A este referiu-se como “doué d’un sentiment poétique, d’une rare délicatesse et qui se révèle come à son insu dans chacune des lettres confidentielles qu’il a écrites à un supérieur, il ne tarit point sur les danses dramatiques des Indiens, sur leurs chants naïfs, sur la noble gravité de leurs harangues”. E a propósito das festas e cantos dos índios, cita trechos da Narrativa, colocando o autor ao lado de Gabriel Soares.

Tempos depois, o Dr. A. J. de Mello Moraes, que tão bons serviços prestou às letras históricas no Brasil, reimprimiu integralmente a Narrativa, sob o título de *Missões do padre Fernão Cardim, na chorographia historica, tomo IV*, p. 417-457 (Rio de Janeiro, 1860), que corresponde à História dos jesuítas, do mesmo autor, tomo II, idêntica numeração de páginas (Rio de Janeiro, 1872).

Parcialmente, foi a Narrativa reproduzida, no tocante ao Rio de Janeiro, pela revista mensal *Guanabara*, desta cidade, v. II (1851), p. 122-115; com relação a Pernambuco, pela *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, nº 43 (1893), p. 189-206, com algumas anotações de F. A. Pereira da Costa; e a parte referente à Bahia inseriu o Dr. Braz do Amaral, em nota às Memórias históricas e políticas, de Acioli, v. I (Bahia, 1919), p. 465-472.

Em 1901, achando-se completamente esgotada a edição de 1847 e sendo pouco acessíveis as reproduções de Mello Moraes, entendeu o Instituto Histórico de reimprimir a Narrativa e cometeu a Eduardo Prado a

tarrafa de fazer-lhe as anotações, que Varnhagen lhe não pudera aditar. Iniciava apenas esse trabalho, quando súbita e infelizmente faleceu o bellissimo escritor. assim, foi a Narrativa impressa na Revista do Instituto, tomo 65, parte I (1902), ainda dessa vez desacompanhada de notas, que por certo tanto lhe haveriam de acrescer e realçar o valor.

A cópia de que se utilizou Varnhagen em 1847, e que serviu para as reproduções subseqüentes, era assaz incorreta, como se verificou da colação feita com o apógrafo eborense no exemplar que, por diligência do Dr. Capistrano de Abreu, possui o brilhante historiador Dr. Paulo Prado. Aquela cópia continha, de fato, além de numerosos erros, muitas outras omissões, que em diversos passos alteraram ou deixaram suspenso e incompreensível o sentido da narração. Uma taboa de erros seria aqui descabida, mas não nos furtaremos ao desejo de apontar alguns dos mais sensíveis. Assim, quando o padre diz que pregou na capela da vila de Porto Seguro no primeiro dia do ano, versando sua narrativa por fins do mês de setembro, deve-se ler — dia do Anjo, ou de São Miguel Arcanjo, que cai em 29 daquele mês. O padre Rodrigo de Freitas figura uma vez na edição Varnhagen e nas que se seguiram, como Rodrigo de Faria, e o índio cristão Ambrosio Pires, que ele levou a Lisboa, como Ambrosio Rodrigues. Por aquelas edições, o Colégio da Bahia tinha três cubículos, em vez de trinta; em Pernambuco, pessoa houve que mandou ao padre visitador passante de dez cruzados de carne, em vez de cinquenta; senhores de engenho da mesma capitania tinham alguns dez e mais mil cruzados de seu, em vez de quarenta e mais mil cruzados; a doação que os moradores de Santos fizeram ao visitador para a mudança da casa de São Vicente para ali, avaliou-se

em quinhentos cruzados, e não em cem; a capitania de Ilhéus e do Espírito Santo substituiu-se por capital; obra por obediência e misteres por ministérios, vêm por diversas vezes; os painéis da Vida de Cristo aparecem uma vez por painéis das Divindades... O tratamento que o padre atribui ao provincial de Portugal é de Reverência e não de Reverendíssima, como está. Vários saltos de palavras e de frases inteiras ocorrem e faltam também os fechos das cartas.

Na presente edição, mercê da penhorante gentileza do Dr. Paulo Prado, que para ela cedeu o seu exemplar correto, todas essas falhas foram preenchidas e emendados todos os erros, de sorte a poder sair o escrito de Cardim livre das jaças que empanavam sua luz diamantina.

Os outros tratados de Fernão Cardim - Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes e cerimônias, e o Do clima e terra do Brasil e algumas coisas notáveis que se acham assim na terra como no mar vêm mencionados no Catálogo de Rivara, mas apareceram primeiro em inglês, na famosa coleção Purchas his Pilgrimes, v. VI (Londres, 1625), p. 1289-1320, sob o título - "A treatise of Brasil written by a Portugall which had long lived there". Ao colecionador Samuel Purchas afiguram-se esses escritos, os mais completos que jamais vira sobre o Brasil, parecendo-lhe da lavra do frade ou jesuíta português, de quem os "tomara contra vontade" Francis Cook, de Dartmouth, em uma viagem ao Brasil, em 1601, e que os vendera por 20 shillings a certo mestre Hackett. Como nas últimas folhas estivessem algumas receitas medicinais assinadas pelo irmão Manuel Tristão, enfermeiro do Colégio da Bahia, deu-o Purchas como autor dos tratados. Trabalho meritório do Dr. Capistrano de Abreu, cujos serviços à História do Brasil, no arrola-

mento de suas fontes e na interpretação de seus fatos nunca foram assaz exaltados, - foi esse de reivindicar para Fernão Cardim a autoria de seus escritos. Publicando, em 1881, o tratado *Do princípio e origem dos índios do Brasil*, o Dr. Capistrano produziu prova cabal de pertencer ele a Cardim, não somente pela circunstância de os tratados de Purchas terem sido tirados em 1601 por um inglês a um jesuíta em viagem para o Brasil, como também porque, em colação com a Narrativa epistolar, bem se evidencia que todos saíram da mesma pena. O tratado dos índios foi publicado, como dissemos, pelo Dr. Capistrano de Abreu, em 1881, às expensas do Dr. Ferreira de Araújo, para figurar na *Exposição de História e Geografia do Brasil*, que então se realizava no Rio de Janeiro, com uma introdução do indefeso editor e importantes notas filológicas do sábio Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

Nesse mesmo ano de 1881 o Dr. Fernando Mendes de Almeida começou a publicar na *Revista Mensal da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa* no Rio de Janeiro (tomo I, números 1 e 2), que dirigia então, o tratado *Do clima e terra do Brasil*, sem nome de autor. Essa publicação alcançou apenas os dois primeiros capítulos: no nº 3 da *Revista* apareceu uma “*Advertência*”, assinada pelo Dr. Fernando Mendes, na qual estampou uma carta do Dr. Capistrano de Abreu, explicando a origem do manuscrito que servia para a impressão, atribuindo sua autoria a Cardim, e comprometendo-se a tratar mais desenvolvidamente dos pontos em que na ocasião apenas tocou. Fê-lo, de fato, tempos depois, inserindo integralmente o tratado na mesma *Revista*, tomo III (1885), precedido de esclarecido estudo biobibliográfico sobre o autor. Com a versão de Purchas foi comparado o tratado, e em vários pontos aparecem correções.

O manuscrito utilizado para a impressão parcial de 1881 e integral de 1885 encontrou o Dr. Fernando Mendes entre os papéis de seu pai, o eminente geógrafo e historiador patricio senador Cândido Mendes de Almeida; procedia da cópia, existente no Instituto Histórico, do códice da Biblioteca de Évora, citado no Catálogo de Rivara.

Em Purchas his pilgrimes, v. IV, p. 1320-1325, insere-se ainda outro tratado, sob a epígrafe — Articles touching the dutie of the Kings Maiestie our Lord and to comon good of all the estate of Brasil, — provavelmente escrito por Fernão Cardim, em que se ocupa de providências de ordem política, “que o autor julgava conveniente para comedir os excessos dos colonos contra os índios”, a serem postas em prática no Brasil. Desse não há tradução portuguesa, nem consta que exista o original, ou cópia.

IV

Do retrato moral que de Fernão Cardim fez Antônio Vieira, eis um dos traços principais: “Varão verdadeiramente religioso e de vida inculpável; mui afável e benigno, e em especial com seus súditos a todos parecia meter n’alma, de todos se compadecia e a todos amava.” Em seus escritos esses dons de caráter bem se refletem: simples, naturais, sem artificios de estilo, sem preocupações eruditas. Não é que minguisse ao autor a cultura geral de seu tempo e de sua ordem, quer religiosa, quer profana. De sua ciência teológica avalia-se pela preeminência que alcançou entre seus confrades: seria bom orador, porque sempre assomava ao púlpito nos dias de grandes festas da igreja, ao lado dos padres Quirício Caxa, Manuel de Barros, os melhores pregadores que

havia na província, conforme seu próprio testemunho; de outra parte, devia estar ao corrente do saber de seu século, especialmente da ciência médica, porque os tratados de Monardes lhe eram familiares, como seriam os de Clusius, Garcia da Orta e outros. Suas descrições de plantas e animais são perfeitas e acabadas, como diagnoses de naturalista.

O que, porém, nesses escritos verdadeiramente nos encanta é a nota de constante bom humor de que estão impregnados, a vivacidade da narrativa, a graça, o imprevisto das comparações. Vide-o quando refere o exemplo de caridade que a eirára dá aos homens, quando conta as habilidades inteligentes do macaco, quando acha que é boa penitência e mortificação sofrer por uma noite ou madrugada as picadas dolorosas dos maruins, ou quando diz que o rosto da preguiça parece de mulher maltocada.

Varnhagen quis ver nele o homem feito para viajar. “Não é desses que estão sempre com saudades de um quintalinho, de um bom prato que já não prova. Deixando a terra em que vivera até ali, deixou nela todas as prevenções, e sabe apreciar a muita hospitalidade que dos indígenas e dos colonos do Brasil recebe.” De fato, se estabelece confrontos, é quase sempre para achar melhor o que é de cá. O clima do Brasil preconiza como muito mais temperado e saudável, sem grandes calmas, nem frios, e por isso vivem os homens muito, com poucos achaques e enfermidades, como em Portugal; nossos peixes não causam sarna nem outras doenças da Europa; nossas favas são mais sadias, nossos pinhões são maiores e mais leves, a castanha do caju é tão boa e melhor do que a de lá; os canários, rouxinóis e pintassilgos do reino, em sua música, não levam muita vantagem aos nossos pássaros formosíssimos; e o perrexil que se acha em

nossas praias é melhor do que o português. Nas aldeias de índios cristãos encontrava-se tanta abundância de carnes, legumes, pescado e mariscos, que não fazia falta a ribeira de Lisboa; em certa fazenda do Colégio da Bahia havia tanto leite, requeijões e natas, que davam para esquecer Alentejo; as vinhas de Piratininga carregavam tantas uvas, como juntas nunca vira em Portugal; a baía do Rio de Janeiro bem parecia que a pintara o supremo pintor e arquiteto do mundo: era coisa formosíssima, e a mais aprazível que havia em todo o Brasil, nem lhe chegava a vista do Mondego e Tejo; do Colégio do Rio duvidava qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra, se aquele, e não sabia determinar: nada lhe faltava do bom e do ótimo. Também com um tostão de peixe se fartava toda a casa, que de ordinário contava 28 padres e irmãos, afora a mais gente.

V

Os escritos de Fernão Cardim e as Informações de José de Anchieta têm entre si muitos pontos de contato, que se verificam às vezes pela conformidade dos conceitos e mesmo pela identidade de frases. O Dr. Capistrano de Abreu, em nota à Informação de último de dezembro de 1585, esclarece o fato desta maneira: “Comparando a presente Informação com a de Fernão Cardim, notam-se muitas semelhanças, e é natural que se procure nela uma das fontes da Narrativa epistolar. Tal conclusão tem, porém, contra si o fato que a primeira carta de Cardim é anterior à presente Informação, pois que é datada de 16 de outubro de 1585. Daí podem tirar-se duas consequências, ambas plausíveis: ou que Anchieta, satisfeito com a vivacidade e tom alegre de Cardim, o copiou insensivelmente, ou que ambos se apoiaram na

informação mandada em agosto. Se nos lembramos que no Treatise of Brasil written by a Portugal which had long lived there, publicado por Purchas em 1625, já se encontram muitas das comparações comuns a Cardim e Anchieta; se se conceber que aquela obra é de Fernão Cardim, como por mais de uma vez tenho procurado prová-lo, e que foi escrita em 1584, a primeira hipótese é muito mais verossímil.

Em Notas apostas ao primeiro e terceiro tratados deste volume assinalaram-se por diversas vezes as semelhanças referidas.

Na presente edição da obra de Cardim visou-se tanto possível à uniformidade ortográfica, respeitando-se quanto tolerável a feição antiga dos vocábulos. Uma melhor distribuição dos parágrafos, uma ou outra mudança de pontuação, praticou-se também; mas essa liberdade não autorizou a substituição dos termos antiquados que ela contém, nem tampouco a alteração do torneio quinhentista de seu fraseado.

Com relação à escrita dos nomes Tupis, conservou-se qual está nos tratados. A vogal especial da língua vem ali invariavelmente como ig, embora em outros escritos jesuíticos apareça ora como j, com um ponto em cima e outro embaixo, ora como i com trema, ora como y, que é a forma mais geral e ultimamente adotada. Com a Arte de gramática de Anchieta, advirta-se que, quando esteja ig “in medio dictionis”, não se pronuncie muda com líquida, o que vale dizer que se separe o g da sílaba seguinte, como também, se vier no fim, acabe-se a dicção no i.

Rodolfo Garcia

Capítulo I

Do clima e da terra do Brasil e de algumas coisas notáveis que se acham assim na terra como no mar.

DO CLIMA E TERRA DO BRASIL

Do clima do Brasil geralmente é temperado de bons, delicados, e salutíferos ares, donde os homens vivem muito até noventa, cento e mais anos, e a terra é cheia de velhos; geralmente não tem frios, nem calmas, ainda que o Rio de Janeiro até São Vicente há frios, e calmas, mas não muito grandes; os céus são muitos puros e claros, principalmente de noite; a lua é muito prejudicial à saúde, e corrompe muito as coisas; as manhãs são salutíferas, têm pouco de crepúsculos, assim matutinos, como vespertinos, porque, em sendo manhã, logo sai o sol, e em se pondo logo anoitece. O inverno começa em Março, e acaba em Agosto, o Verão começa em Setembro e acaba em Fevereiro; as noites e dias são quase todo o ano iguais.

A terra é algum tanto malencólica, regada de muitas águas, assim de rios caudais, como do céu, e chove muito nela, principalmente no Inverno; é cheia de grandes arvoredos que todo o ano são verdes; é terra monstruosa, principalmente nas fraldas do mar, e de Pernambuco até à Capitania do Espírito Santo se acha pouca pedra, mas daí até S. Vicente são serras altíssimas, mui fragosas, de grandes penedias e rochedos. Os mantimentos e águas são geralmente sadios, e de fácil digestão. Para vestir há poucas comodidades por não se dar na terra mais que algodão, e do mais é terra farta, principalmente de gados e açúcares.¹

¹*Conf. Anchieta — Informações do Brasil (Rio de Janeiro, 1886), pp. 45-46.*

I - DOS ANIMAIS

Veado — Na língua brasílica se chama *Sugoaçú*; há uns muito grandes, como formosos cavalos; têm grande armação, e alguns têm dez e doze pontas; estes são raros, e acham-se no Rio de S. Francisco e na Capitania de S. Vicente; estes se chamem *Suaçuapara*, são estimados do Cariós, e das pontas e nervos fazem os bicos das flechas, e umas bolas de arremesso que usam para derrubar animais ou homens.

Ha outros mais pequenos; também têm cornos, mas de uma ponta só. Além destes há três ou quatro espécies, uns que andam somente nos matos, outros somente nos campos em bandos. Das peles fazem muito caso, e da carne.

Tapyretê — Estas são as antas, de cuja pele se fazem as adargas; parecem-se com vacas e muito mais com mulas, o rabo é de um dedo, não têm cornos, têm uma tromba de comprimento de um palmo que encolhe e estende. Nadam e mergulham muito, mas em mergulhando logo tomam fundo, e andando por ele saem em outra parte. há grande cópia delas nesta terra.

Porco montês — Há grande cópia de porcos monteses, e é o ordinário mantimento dos índios desta terra, têm o umbigo nas costas e por ele lhe saem um cheiro, como de raposinhos, e por este cheiro os seguem os cães e são tomados facilmente. Há outros chamados *Tayaçutirica*, porco que bate, e trinca os dentes, este são maiores que os comuns, e mais raros, e com seus dentes atassalham quantos animais acham.

Outros se chamam *Tayaçupigta*, porco que aguarda, ou faz finca-pé. Estes acometem os cães,

e os homens, e tomando-os os comem, e são tão bravos que é necessário subirem-se os homens nas árvores para lhes escapar, e alguns esperam ao pé das árvores alguns dias até que o homem se desça, e por que lhes sabem esta manha, sobem-se logo com os arcos e flechas às árvores de lá os matam.

Também há outras espécies de porcos, todos se comem, e são de boa substância.

Acuti — Estas Acutis se parecem com os coelhos de Espanha, principalmente nos dentes: a cor é loura, e tira a amarela; são animais domésticos, e tanto que andam por casa, e vão fora, e tornam a ela; quando comem tudo tomam com as mãos e assim o levam à boca, e comem muito depressa, e o que lhes sobeja escondem para quando têm fome. Destas há muitas espécies, todas se comem.

Paca — Estas Pacas são como leitões, e há grande abundância delas: a carne é gostosa, mas carregada; não parem mais que um só filho. Há outras muito brancas, são raras, e acham-se no Rio de São Francisco.

Iagoáretê — há muitas onças, umas pretas, outras pardas, outras pintadas: é animal muito cruel, e feroz; acometem os homens sobremaneira, e nem em árvores, principalmente se são grossas, lhes escapam; quando andam cevadas de carne não há quem lhe espere principalmente de noite; matam logo muitas rezes juntas, desbaratam uma casa de galinhas, uma manada de porcos, e basta darem uma unhada em um homem, ou qualquer animal para o abrirem pelo meio; porém são os índios tão ferozes que há índio que

arremete com uma, e tem mão nela e depois a matam em terreiro como fazem aos contrários, tomando nome, e fazendo-lhes todas as cerimônias que fazem aos mesmos contrários. Das cabeças delas usam por trombetas, e as mulheres portuguesas usam das peles para alcatifas, máxime das pintadas, e na Capitania de São Vicente.

Sariguê — Este animal se parece com as raposas de Espanha, mas são mais pequenos, do tamanho de gatos; cheiram muito pior a raposinhos que as mesmas de Espanha, e são pardos como elas. Têm uma bolsa das mãos até as pernas com seis ou sete mamas, e ali trazem os filhos escondidos até que sabem buscar de comer, e parem de ordinário seis, sete. Estes animais destroem as galinhas porque não andam de dia, senão de noite, e trepam pelas árvores e casas, e não lhes escapam pássaros, nem galinhas.

Tamandú — Este animal é de natural admiração: é do tamanho de um grande cão, mais redondo que comprido; e o rabo será de dois² comprimentos do corpo, e cheio de tantas sedas, que pela calma, e chuva, frio, e ventos, se agasalha todo debaixo dele sem lhe aparecer nada; a cabeça é pequena, o focinho delgado, nem tem maior boca que de uma almotulia, redonda, e não rasgada, a língua será de grandes três palmos de comprimento e com ela lambe as formigas de que somente se sustenta: é diligente em buscar os formigueiros, e com as unhas, que são do comprimento dos dedos da mão de um homem o desmancha, e deitando a língua fora pegam-se nela as formigas, e assim a sorve porque não tem

²*Twice or thrice, em Purchas his Pilgrimes, vol. IV, p. 1.301.*

boca para mais que quanto lhe cabe a língua cheia delas; é de grande ferocidade, e acomete muito a gente e animais. As onças lhe tem medo, e os cães sobremaneira, e qualquer coisa que tomam com suas unhas espedaçam; não se comem, nem pres-tam para mais que para desençar os formigueiros, e são eles tantos, que nunca estes animais os des-bataram de todo.

Tatu — Este animal é do tamanho de um leitão, de cor como branca, o focinho tem muito comprido, o corpo cheio de umas como lâminas com que fica armado, e descem-lhe uns pedaços como têm as Badas. Estas lâminas são tão duras que nenhuma flecha as pode passar se lhe não dá pelas ilhargas; furam de tal maneira, que já aconteceu vinte e sete homens com enxadas não poderem cavar tanto, como uma cavava com o focinho. Porém, se lhe deitam água na cova logo são tomados; é animal para ver, e chamam-lhe cavalo armado: a carne parece de galinha, ou lei-tão, muito gostosa, das peles fazem bolsas, e são muito galantes, e de dura; fazem-se domésticos e criam-se em casa.

Destes há muitas espécies e há grande abundância.

Canduaçú — Este animal é o porco espi-nho de África: tem também espinhos brancos e pretos tão grandes que são de palmo e meio; e mais; e também os despedem como os de África.

Há outros destes que se chamam *Candu-miri*, por serem mais pequenos, e também têm espinhos da mesma maneira.

Há outros mais pequenos do tamanho de gatos, e também têm espinhos amarelos e nas

pontas pretos. Todos estes espinhos têm esta qualidade que entrando na carne, por pouco que seja, por si mesmo passam a carne de parte a parte, e por esta causa servem estes espinhos de instrumentos aos índios para furar as orelhas, porque metendo um pouco por elas em uma noite lhes fura de banda a banda.

Há outros mais pequenos, como ouriços, também têm espinhos, mas não nos despedem; todos estes animais são de boa carne e gosto.

Eirara — Este animal se parece com gato de Algalia: ainda que alguns dizem que o não é, são de muitas cores, pardos pretos, e brancos: não comem mais que mel, e neste ofício são tão terríveis que por mais pequeno que seja o buraco das abelhas o fazem tamanho que possam entrar, e achando mel não o comem até não chamar os outros, e entrando o maior dentro não faz senão tirar, e dar aos outros, coisa de grande admiração e exemplo de caridade para os homens, e ser isto assim afirmam os índios naturais.

Aquiquig — Estes bugios são muito grandes como um bom cão, pretos, e muito feios, assim os machos, como fêmeas, têm grande barba somente no queixo, debaixo destes nasce às vezes um macho tão ruivo que tira a vermelho, o qual dizem que é seu Rei. Este tem o rosto branco, e a barba de orelha a orelha, como feita à tesoura; têm uma coisa muito para notar, e é, que se põem em uma árvore, e fazem tamanho ruído que se ouve muito longe, no qual atura muito sem descansar, e para isto tem particular instrumento esta casta: o instrumento é certa coisa côncava como feita de pergaminho muito rijo, e tão lisa que serve para burnir, do tamanho

de um ovo de pata, e começa do princípio da guela até junto da campainha, entre ambos os queixos, e é este instrumento tão ligeiro que em lhe tocando se move como a tecla de um cravo. E quando este bugio assim está pregando escuma muito, e um dos pequenos que há de ficar em seu lugar lhe alimpa muitas vezes a escuma da barba.

Há outros de muitas castas, e em grande multidão se pretos, pardos, amarelos; dizem os naturais que alguns destes quando lhes tiram uma flecha a tomam na mão e tornam com ela atirar à pessoa; e quando os ferem buscam certa folha e a mastigam, e metem na ferida para sararem: e porque andam sempre nas árvores, e são muito ligeiros, quando o salto é grande que os pequenos não podem passar, um deles se atravessa como ponte, e por cima dele passam os outros, o rabo lhe serve tanto como mão, e se algum é ferido com o rabo se cinge, e ao ramo onde está, e assim fica morrendo dependurado sem cair. Têm outras muitas habilidades que se veem cada dia, como é tomar um pão, e dar pancadas em alguém que lhes faz mal: outro achando um cestinho d'ovos dependurou pela corda ao pescoço, e subindo a um telhado fazia de lá muitos momos ao senhor que o ia buscar, e quebrando-os os sorvia todos diante dele, tirando-lhe com as cascas.

Coatí — Este animal é pardo, parece-se com os texugos de Portugal, tem o focinho muito comprido, e as unhas; trepam pelas árvores como bugios, não lhes escapa cobra, nem ovo, nem pássaro, nem quanto podem apanhar; fazem-se domésticos em casa, mas não há quem os sofra, porque tudo comem, brincam com gatinhos, e

cachorrinhos, e são maliciosos, apazíveis, e têm muitas habilidades.

Há outras duas, ou três castas maiores, como grandes cães, e têm dentes como porcos javaris de Portugal; estes comem animais e gente, e achando presa, acercam uns por uma parte, outros por outra, até a despedaçarem.

Gatos bravos — Destes há muitas castas, uns pretos, outros brancos assafreados, e são muito galantes para qualquer forro; são estes gatos muito terríveis e ligeiros: vivem de caça e pássaros, e também acometem a gente; alguns são tamanhos como cães.

Íaguaruçú — Estes são os cães do Brasil, são de um pardo almiscarado de branco, são muito ligeiros, e quando choram parecem cães; têm o rabo muito felpudo, comem frutas e caça, e mordem terrivelmente.

Tapiti — Este animal se parece com os coelhos de Portugal, estes ladram cá nesta terra como cães, máxime de noite, e muito amiúde. Os índios têm estes ladridos por agouro; criam três e quatro filhos: são raros porque têm muitos adversários, como aves de rapina, e outros animais que os comem.

Íaguacini — Este animal é do tamanho como raposa de Portugal, tem a mesma cor de raposa, sustenta-se somente de caranguejos, e dos canaviais d'açúcar, e destroem muitos deles; são muito dorminhocos, e dormindo os matam, não fazem mal.

Biarataca — Este animal é do tamanho de um gato, parece-se com Furam, pelo lombo tem uma mancha branca, e outra parda, que lhe fi-

cam em cruz muito bem feita; sustentam-se de pássaros, e seus ovos, e outras coisas, máxime de âmbar, e gosta tanto dele que toda a noite anda pelas praias a buscá-lo, e onde o há ele é o primeiro; é muito temido, não porque tenha dentes nem outra arma com que se defenda, mas dá certa ventusidade tão forte, e de tão ruim, que os paus, pedras, e quanto diante de si acha, penetra, e é tanto que alguns índios morreram já de tal fedor; já cão que a ele se achega, não escapa, e dura este cheiro quinze, vinte, e mais dias, e é tal que se dá esta ventusidade junto dalguma aldeia logo se despoeva para não serem sentidos, cavam no chão, e dentro dão a ventusidade, e a cobrem com a terra; e quando os acham para não serem tomados, sua defesa é disparar aquela ventusidade.

Há outras castas destes animais que não têm tão mau cheiro; criam-se em casa, e ficam domésticos, e os índios os estimam.

Preguiça — A preguiça que chamam do Brasil, é animal para ver, parece-se com cães fel-pudos, os perdigueiros; são muito feios, e o rosto parece de mulher mal toucada; têm as mãos e pés compridos, e grandes unhas, e cruéis, andam com o peito pelo chão, e os filhos abraçados na barriga, por mais que lhe deem, andam tão devagar que hão mister muito tempo para subir a uma árvore, e por isso são tomados facilmente: sustentam-se de certas folhas de figueiras, e por isso não podem ir a Portugal, porque como lhe faltam, morrem logo.

Ratos — Nestas partes há grande número de ratos, e haverá deles algumas dez, ou doze castas, uns pretos, outros ruivos, outros pardos,

todos se comem, e são gostosos, máxime alguns grandes que são como coelhos; em alguns tempos são tantos que dando em uma roça, a destroem.

II - DAS COBRAS QUE ANDAM NA TERRA E NÃO TÊM PEÇONHA

Jibóia — Esta cobra é das grandes que por cá há, e algumas se acham de vinte pés de comprido; são galantes, mas mais o são em engolir um veado inteiro; não têm peçonha, nem os dentes são grandes conforme ao corpo; para tomar a caça de que se sustenta usa desta manha: estende-se pelos caminhos, e em perpassando a caça lança-se sobre ela, e de tal maneira se enrodilha, e aperta, que lhe quebra quantos ossos tem, e depois a lambe, e seu lamber tem tal virtude que a mói toda, e então a engole, e traga.

Há outra que chamam *Guigraupiagoára*, comedora dos ovos dos pássaros, é muito preta, comprida, e tem os peitos amarelos, andam por cima das árvores, como nadando por água, e não há pessoa que tanto corra pela terra, como elas pelas árvores. Esta destrói os pássaros, e seus ovos.

Há outra muito grossa, e comprida, chamada *Caninana*; é toda verde, e de notável formosura. Esta também come ovos, pássaros, e mata os pintainhos.

Há outra chamada *Boitiapoá*, cobra que tem focinho comprido, é muito delgada e comprida, e sustenta-se somente de rãs, têm os índios com esta um agouro que quando a mulher não tem filhos tomam esta cobra, dando-lhe com ela nas cadeiras e dizem que logo há de parir.

Há outra chamada *Gaitiepia*, acha-se somente no Rari: é de notável grandura, cheira tanto a raposinhos que por onde quer que vai que não há quem a sofra.

Há outra, a qual se chama *Boyuna*, cobra preta, é muito comprida, e delgada, também cheira muito a raposinhos.

Há outra que se chama *Bom*, porque quando anda vai dizendo bom, bom, também é grande, e não faz mal.

Há outra, a qual se chama *Boicupecanga*, cobra que tem espinhos pelas costas, é muito grande, e grossa, as espinhas são muito peçonhentas, e todo se guardam muito delas.

III - DAS COBRAS QUETÊM PEÇONHA

Jararaca — Jararaca é nome que compreende quatro gêneros de cobras muito peçonhentas: a primeira e maior, é *Jararacuçu*, jararaca grande, e são de dez palmos; têm grandes presas na boca, escondidas ao longo do queixo, e quando mordem estendem-no como dedo de mão, têm a peçonha nas gengivas, têm os dentes curvos, e nas costas deles um rego por onde lhe corre a peçonha. Outros dizem que a têm dentro do dente que é furado por dentro. Têm tão veemente peçonha, que em 24 horas, e menos, mata uma pessoa; a peçonha é muito amarela como água de açafrão; parem muitos filhos, e em algumas se acham treze na barriga.

Há outra que se chama *Jararagoaipigtanga*, que tem a ponta do rabo mais branco que pardo;

estas são tão peçonhentas como as víboras de Espanha, e têm a mesma cor e feição.

Há outra *Jararacopéba*, é peçonhentíssima, tem uma côdea pelo lombo vermelho, e os peitos e o mais corpo é todo pardo.

Há outras Jararacas mais pequenas, que a maior será de dois palmos; são de cor de terra, têm umas veias pela cabeça como as víboras, e também carcarejam como elas.

Surucucu — Esta cobra é espantosa, e medonha; acham-se de quinze palmos; quando os índios naturais as matam, logo lhes enterram a cabeça por ter muita peçonha; para tomar caça, e a gente, mede-se com uma árvore, e em vendo a presa se deixa cair ela e assim a mata.

Boicininga — Esta cobra se chama cascavel; é de grande peçonha, porém faz tanto ruído com um cascavel que tem na cauda, que a poucos toma: ainda que é tão ligeira que lhe chamam a cobra que voa: seu comprimento é de doze e treze palmos.

Há outra chamada *Boiciningbéba*; esta também tem cascavel, mas mais pequeno, é preta, e tem muita peçonha.

Ibigracuâ — é tão veemente a peçonha desta cobra que em mordendo a uma pessoa, logo lhe faz deitar o sangue por todos os meatos que tem, olhos, narizes, boca, orelhas, e por quantas feridas tem em seu corpo, e corre-lhe por muito espaço de tempo, e se lhe não acodem todo se vai em sangue, e morre.

Ibigboboca — Esta cobra é muito formosa, a cabeça tem vermelha, branca e preta, e assim todo o corpo manchado destas três cores. Esta é mais peço-

nhenta de todas, anda devagar, e vive em as gretas da terra, e por outro nome se chama a cobra dos corais. Não se pode explicar a grande veemência que têm estas cobras peçonhentas sobreditas, nem as grandes dores que causam, nem as muitas pessoas que cada dia morrem delas, e são tantas em número, que não somente os campos, e matos, mas até as casas andam cheias delas, acham-se nas camas, dentro das botas, quando as querem calçar. Indo os irmãos para o repouso as acham nele, enrodilhadas nos pés dos bancos, e se lhe não acodem, quando mordem, sarjando-lhe a ferida, sangrando-se, bebendo unicórnio, ou carimã, ou água do pau de cobra, ou qualquer outro remédio, eficaz, em 24 horas, e menos, morre uma pessoa com grandes gritos, e dores, e são tão espantosas, que como uma pessoa é mordida logo pede confissão, e faz conta que morre, e assim dispõe de suas coisas.

Há outras cobras, principalmente estas Jararacas que cheiram muito a almíscar, e onde quer que estão dão sinal de si pelo bom e suave cheiro.

Há muito *Alacrás* que se acham nas camas cada dia, e entre os livros nos cubículos; de ordinário não matam, mas dentro de 24 horas não há viver com dores.

Parece que este clima influi peçonha, assim pelas infinitas cobras que há, como pelos muitos *Alacrás*, aranhas, e outros animais imundos, e as lagartixas são tantas que cobrem as paredes das casas, e agulheiros delas.

IV - DAS AVES QUE HÁ NA TERRA E DELA SE SUSTENTAM

Assim como este clima influi peçonha, assim parece influir formosuras nos pássaros, e assim como toda a terra é cheia de bosques, e arvoredos, assim o é de formosíssimos pássaros, de todo gênero de cores.

Papagaios — Os papagaios nesta terra são infinitos, mais que gralhas, zorzais, estorninhos, nem pardais de Espanha, e assim fazem gralhada como os sobreditos pássaros; destroem as milharadas; sempre andam em bandos, e são tantos que há ilhas onde não há mais que papagaios; comem-se e é boa carne, são de ordinário muito formosos e de muitas várias cores, e várias espécies, e quase todos falam, se os ensinam.

Arara — Estes papagaios são os que por outro nome se chamam *Macaos*: é pássaro grande, e são raros, e pela fralda do mar não se acham; é uma formosa ave em cores, os peitos tem vermelhos como grã; do meio para o rabo alguns são amarelos, outros verdes, outros azuis, e por todo o corpo têm algumas penas espargidas, verdes, amarelas, azuis, e de ordinário cada pena tem três, quatro cores, e o rabo é muito comprido. Estes não põem mais de dois ovos, criam nas tocas das árvores, e em rochas de pedras. Os índios os estimam muito, e de suas penas fazem suas galanterias, e empenaduras para suas espadas; é pássaro bem estreado, faz-se muito doméstico, e manso, e falam muito bem, se os ensinam.

Anapuru — Este papagaio é formosíssimo, e nele se acham quase todas as cores em grande per-

feição, vermelho, verde, amarelo, preto, azul, pardo, cor de rosmaninho, e de todas estas cores têm o corpo salpicado, e espargido. Estes também falam, e têm mais uma vantagem que é criar em casa, e tirar seus filhos, pelo que são de grande estima.

Araruna — Este *Macao* é muito formoso: é todo preto espargido de verde, que lhe dá muita graça, e quando lhe dá o sol fica tão resplandecente que é para folgar de ver; os pés tem amarelos, e o bico e os olhos vermelhos; são de grande estima, por sua formosura, por serem raros, por não criarem senão muito dentro pelo sertão, e de suas penas fazem seus diademas, e esmaltes.

Ajurucurau — Estes papagaios são formosíssimos: são todos verdes, têm um barrete, e coleira amarela muito formosa, e em cima do bico umas poucas de penas de azul muito claro, que lhe dão muito lustre, e graça; têm os encontros das asas vermelhos, e as penas do rabo de vermelho, e amarelo salpicadas de azul.

Tuim — Os tuins são uma espécie de papagaios pequenos do tamanho de um pardal; são verdes espargidos de outras várias cores, são muito estimados, assim pela sua formosura, como também porque falam muito, e bem, e são muito domésticos, e tão mansinhos que andam correndo por toda uma pessoa, saltando-lhe nas mãos, nos peitos, nos ombros, e cabeça, e com o bico lhe esgravatam os dentes, e estão tirando o comer da boca à pessoa que os cria, e fazem muitos momos, e sempre falam, ou cantam a seu modo.

Guigrajuba — Chama-se este pássaro guigrajuba, pássaro amarelo; não falam nem brincam, antes são muito melancolizados, e tristes,

mas muito estimados, por se trazerem de 200, e 300 léguas, e não se acham, senão em casas de grandes principais, e têm-nos em tanta estima que dão resgate, e valia de duas pessoas por um deles, e tanto o estimam como os Japões as trempes, e panelas, e quaisquer outros senhores alguma coisa de grande preço, como falcão, gerifalte, etc.

Iapu — Este pássaro é do tamanho de uma pega, o corpo tem de um preto fino, e o rabo todo amarelo gracioso; na cabeça tem três penachosinhos, que não parecem senão cornitos quando os levanta; os olhos têm azuis, o bico muito amarelo; é pássaro formoso, e tem um cheiro muito forte quando se agasta; são muito solícitos em buscar de comer, não lhe escapa aranha, barata, grilo, etc., e são grande limpeza de uma casa, e andam por elas como pegas, não lhes fica coisa que não corram; é perigo grande terem-no na mão, porque arremetem aos olhos e tiram-nos.

Guainumbig — Destes passarinhos há várias espécies, guaracigá, fruta do sol, por outro nome guaracigoba, cobertura do sol, ou guaracigaba, cabelo do sol; nas Antilhas lhe chamam o pássaro ressuscitado, e dizem que seis meses dorme e seis meses vive; é o mais fino pássaro que se pode imaginar, tem um barrete sobre sua cabeça, a qual se não pode dar cor própria, porque de qualquer parte que a tomam mostra vermelho, verde, preto, e mais cores todas muito finas, e resplandecentes, e o papo é tão formoso que de qualquer parte que o tomam, mostra todas as cores, principalmente um amarelo mais fino que ouro.

O corpo é pardo, tem o bico muito comprido, e a língua de dois comprimentos do bico;

são muito ligeiros no voar, e quando voam fazem um estrondo como abelhas, e mais parecem abelhas na ligeireza que pássaros, porque sempre comem de voo sem pousar na árvore; assim como abelhas andam chupando o mel das flores; tem dois princípios de sua geração; uns se geram de ovos como outros pássaros, outros de borboletas, e é coisa para ver, uma borboleta começar-se a converter neste passarinho, porque juntamente é borboleta e pássaro, e assim se vai convertendo até ficar neste formosíssimo passarinho; coisa maravilhosa, e ignota aos filósofos, pois um vivente sem corrupção se converte noutra.

Guigranéngeta — Este pássaro é do tamanho de um pintassilgo, tem as costas, e asas azuis, e o peito, e barriga de um amarelo finíssimo. Na testa tem um diadema amarelo que o faz muito formoso; é pássaro excelente para gaiola, por falar de muitas maneiras, arremedando muitos pássaros, e fazendo muitos trocados e mudando a fala em mil maneiras, e atura muito no canto, e são de estima, e destes de gaiola há muitos e formosos, e de várias cores.

Tangará — Este é do tamanho de um pardal: todo preto, a cabeça tem de um amarelo alaranjado muito fino; não canta, mas tem uma coisa maravilhosa que tem acidentes como de gota coral, e por esta razão o não comem os índios por não terem a doença; tem um gênero de baile gracioso, um deles se faz morto, e os outros o cercam ao redor, saltando, e fazendo um cantar de gritos estranhos que se ouve muito longe, e como acabam esta festa, grita, e dança, o que estava como morto se alevanta, e dá um grande assobio, e grito, e então

todos se vão, e acabam sua festa, e nela estão tão embebidos quando a fazem que ainda que sejam vistos, e os espreitem, não fogem; destes há muitas espécies, e todos têm acidentés.

Quereiuá — Este pássaro é dos mais estimados da terra, não pelo canto, mas pela formosura da pena; são de azul claro em parte, e escuro, e todo o peito roxo finíssimo, e as asas quase pretas são tão estimadas, que os índios os esfolam, e dão duas e três pessoas por uma pele deles, e com as penas fazem seus esmaltes, diademas, e outras galantarias.

Tucano — Este pássaro é do tamanho de uma pega; é todo preto, tirando o peito, o qual é todo amarelo com um círculo vermelho; o bico é de um grande palmo, muito grosso e amarelo, e por dentro vermelho, tão brunido e lustroso, que parece envernizado; fazem-se domésticos, e criam-se em casa, são bons para comer, e a pena se estima muito por ser fina.

Guigraponga — Este pássaro é branco, e sendo não muito grande, dão tais brados que não parece senão um sino, e ouve-se meia légua, e seu cantar é ao modo de repique de sino.

Macucaquá — Esta ave é maior que nenhuma galinha de Portugal; parece-se com faisão, e assim lho chamam os portugueses, tem três titelas uma sobre a outra, e muita carne, e gostosa, põe duas vezes no ano, e de cada vez 13 ou 15 ovos; andam sempre pelo chão, mas quando vem gente se sobem nas árvores, e à noite quando se empoleiram como fazem as galinhas. Quando se põem nas árvores, não põem os pés nos paus, mas as canelas das pernas, e mais da parte dianteira. Destas há muitas espécies, e multidão, e facilmente se flecham.

Entre elas há uma das mais pequenas, tem muitas habilidades: adivinha quando canta a chuva, dá tão grandes brados que se não pode crer de pássaro tão pequeno, e a razão é, porque tem a goela muito grande, começa na cabeça, e sai pelo peito ao longo da carne, e couro, e chega ao sesso, e faz volta, e torna-se a meter no papo, e então procede como aos outros pássaros, e fica como trombeta com suas voltas. Correm após qualquer pessoa, às picadas brincando como cachorrinho, se lhe deitam ovos de galinha choca-os, e cria os pintainhos, e se vê as galinhas com pintainhos tanto as persegue até que lhos toma e os cria.

Mutu — Esta galinha é muito caseira, tem uma crista de galo espargida de branco e preto, os ovos são grandes como de pata, muito alvos, tão rijos que batendo um no outro, tinem como ferro, e deles fazem os seus maracás, cascavéis; todo cão que lhe come os ossos, e aos homens nenhum prejuízo lhes faz.

Uru — Nesta terra há muitas espécies de perdizes que ainda que se não pareçam em todo com as de Espanha, todavia são muito semelhantes na cor, e no gosto, e na abundância.

Há nesta terra muitas espécies de rolas, tordos, melros, e pombas de muitas castas, e todas estas aves se parecem muito com as de Portugal; e as pombas e rolas são em tanta multidão que em certos campos muito dentro do sertão são tantas que quando se levantam impedem a claridade do sol, e fazem estrondo, como de um trovão; põem tantos ovos, e tão alvos, que de longe se veem os campos alvejar com os ovos como se fosse neve, e como servem de mantimento aos índios não se

podem desinçar, antes dali em certos tempos parece que correm todas as partes desta província.

Nhandugoaçu — Nesta terra há muitas emas, mas não andam senão pelo sertão dentro.

Anhigma — Este pássaro é de rapina, grande, e dá brados que se ouvem meia-légua, ou mais; é todo preto, os olhos tem formosos, e o bico maior que de galo, sobre este bico tem um cornito de comprimento de um palmo; dizem os naturais que este corno é grande medicina para os que se lhe tolhem a fala, como já aconteceu que, pondo ao pescoço de um menino que não falava, falou logo.

Há outras muitas aves de rapina, águias, falcões, açores, esmerilhões, francelhos, e outras muitas, mas são todas de ordinário tão bravas, que não servem para caçar, nem acodem à mão.

V - DAS ÁRVORES DE FRUTO

Acajú — Estas árvores são muito grandes, e formosas, perdem a folha em seus tempos, e a flor se dá em os cachos que fazem umas pontas como dedos, e nas ditas pontas nasce uma flor vermelha de bom cheiro, e após ela nasce uma castanha, e da castanha nasce um pomo do tamanho de um repinaldo, ou maçã camoeza; é fruta muito formosa, e são algumas amarelas, e outros vermelhas, e tudo é sumo: são bons para a calma, refrescam muito, e o sumo põe nodoa em pano branco que se não tira senão quando se acaba. A castanha é tão boa, e melhor que as de Portugal; comem-se assadas, e cruas deitadas em água como amêndoas piladas, e delas fazem ma-

çapães, e bocados doces como amêndoas. A madeira desta árvore serve pouco ainda para o fogo, deita de si goma boa para pintar, e escrever em muita abundância. Com a casca tingem o fiado, e as cuias que lhe servem de panelas. Esta pisada e cozida com algum cobre até se gastar a terça d'água, é único remédio para chagas velhas e saram depressa. Destas árvores há tantas como os castanheiros em Portugal, e dão-se por esses matos, e se colhem muitos moios das castanhas, e a fruta em seus tempos a todos farta. Destes acajús fazem os índios vinho.

Mangaba — Destas árvores há grande cópia, máxime na Bahia, porque nas outras partes são raras; na feição se parece com macieira de anafega, e na folha com a de freixo; são árvores graciosas, e sempre têm folhas verdes. Dão duas vezes fruto no ano: a primeira de botão, porque não deitam então flor, mas o mesmo botão é a fruta; acabada esta camada que dura dois ou três meses, dá outra, tornando primeiro flor, a qual é toda como de jasmim, e de tão bom cheiro, mas mais esperto; a fruta é de tamanho de abricós, amarela, e salpicada de algumas pintas pretas, dentro tem algumas pevides, mas tudo se come, ou sorve como sorvas de Portugal; são de muito bom gosto, sadias, e tão leves que por mais que comam, parecem que não comem fruta; não amadurecem na árvore, mas caem no chão, e daí as apanham já maduras, ou colhendo-as verdes as põem em madureiro; delas fazem os índios vinhos; a árvore e a mesma fruta em verde, toda está cheia de leite branco, que pega muito nas mãos, e amarga.

Macuoé — Esta fruta se dá em umas árvores altas; parece-se com peras de mato de Portugal, o pé tem muito comprido, colhem-se verdes, e põem-se a madurar, e maduros são muito gostosos, e de fácil digestão; quando se hão de colher sempre se corta toda a árvore por serem muito altas, e se não fora esta destruição houvera mais abundância, e por isso são raras; o tronco tem grande cópia de leite branco, e coalha-se; pode servir de lacre se quiserem usar dele.

Araçá — Destas árvores há grande cópia, de muitas castas; os frutos são uns perinhos, amarelos, vermelhos, outros verdes: são gostosos, desenfastiados, apetitosos, por terem alguma ponta de agro. Dão fruto quase todo o ano.

Ombu — Este ombu é árvore grande, não muito alta, mas muito espalhada; dá certa fruta como ameixas alvares, amarela, e redonda, e por esta razão lhe chamam os portugueses ameixas; faz perder os dentes e os índios que as comem os perdem facilmente; as raízes desta árvore se comem, e são gostosas e mais saborosas que a balancia, porque são mais doces, e a doçura parece de açúcar. São frios, sadios, e dão-se aos doentes de febres; e aos que vão para o sertão serve de água quando não têm outra.

Jaçapucaya — Esta árvore é das grandes e formosas desta terra; cria uma fruta como panela, do tamanho de uma grande bola de grossura de dois dedos, com sua cobertura por cima, e dentro está cheia de umas castanhas como mirabulamos, e assim parece que são os mesmos da Índia. Quando estão já deve se abre aquela sapadoura, e cai a fruta; se comem muita dela verde, pela uma

pessoa quantos cabelos tem em seu corpo; assadas é boa fruta. Das panelas usam para graes e são de dura; a madeira da árvore é muito rija, não apodrece, e é de estima para os eixos dos engenhos.

Araticu — *Araticú* é um arvoredado tamanho de laranjeira, e maior; a folha parece de cidreira, ou limoeiro; é árvore fresca e graciosa, dá uma fruta da feição e tamanho de pinhas, e cheira bem, tem arezoadado gosto, e é fruta desenfasiada.

Destas árvores há muitas castas, e uma delas chamada araticu-paná; se comem muito da fruta fica em fina peçonha, e faz muito mal. Das raízes destas árvores fazem boias para redes, e são tão leves como cortiças.

Pequeá — Destas árvores há duas castas; uma delas dá uma fruta do tamanho de uma boa laranja, e assim tem a casca grossa como laranja; dentro desta casca não há mais que mel tão claro, e doce como açúcar em quantidade de um ovo, e misturado com ele tem as pevides.

Há outra árvore *Pequeá*: é madeira das mais prezadas desta terra; em Portugal se chama setim; tem ondas muito galantes, dura muito, e não apodrece.

Jaboticaba — Nesta árvore se dá uma fruta do tamanho de um limão de seutil; a casca, e gosto, parece de uva ferrai, desde a raiz da árvore por todo o tronco até o derradeiro raminho; é fruta rara, e acha-se somente pelo sertão adentro da capitania de São Vicente. Desta fruta fazem os índios vinho e o cozem como vinho d' uvas.

Neste Brasil há muitos coqueiros, que dão cocos excelentes como os da Índia; estes de ordinário se plantam, e não se dão pelos matos, senão

nas hortas, e quintais; e há mais de vinte espécies de palmeira e quase todas dão fruto, mas não tão bom como os cocos; com algumas destas palmeiras cobrem as casas.

Além destas árvores de fruto há muitas outras que dão vários frutos, de que se aproveitaram, e sustentaram muitas nações de índios, juntamente com o mel, de que há muita abundância, e com as caças, porque não têm outros mantimentos.

Pinheiro — No sertão da Capitania de São Vicente até ao Paraguai há muitos e grandes pinhais propriamente como os de Portugal, e dão pinhas como pinhões; as pinhas não são tão compridas, mas mais redondas, e maiores, os pinhões são maiores, e não são tão quentes, mas de bom temperamento e sadios.

VI - DAS ÁRVORES QUE SERVEM PARA MEDICINAS

Cabureigba — Esta árvore é muito estimada, e grande, por causa do bálsamo que tem; para se tirar este bálsamo se pica a casca da árvore, e lhe põem um pequeno algodão nos golpes, e de certos em certos dias vão recolher o óleo que ali se destila; chamam-lhe os portuguezes bálsamo por se parecer muito com o verdadeiro das vinhas de Engaddi; serve muito para feridas frescas, e tira todo sinal, cheira muito bem, e dele, e das cascas do pão se fazem rosaios e outras coisas de cheiro; os matos onde os há cheiram bem, e os animais se vão roçar nesta árvore, parece que para sararem de algumas enfermidades. A madeira é das melhores deste Brasil, por ser muito forte, pesada, eliada e de tal grossura que delas se

fazem as gangorras, eixos, e fusos para os engenhos. Estas são raras, acham-se principalmente na Capitania do Espírito Santo.

Cupaigba — é uma figueira comumente muito alta, direita e grossa; tem dentro dela muito óleo; para se tirar a cortam pelo meio, onde tem o vento, e aí tem este óleo em tanta abundância, que algumas dão um quarto, e mais de óleo; é muito claro, de cor d'azeite; para feridas é muito estimado, e tira todo sinal. Também serve para as candeias e arde bem; os animais, sentindo sua virtude, se vêm esfregar nelas; há grande abundância, a madeira não vale nada.

Ambaigba — Estas figueiras não são muito grandes, nem se acham nos matos verdadeiros, mas nas copas, onde este roça; a casca desta figueira, raspando-lhe da parte de dentro, e espremendo aquelas raspas na ferida, pondo-lhas em cima, e atando-as com a mesma casca, em breve sara. Delas há muita abundância, e são muito estimadas por sua grande virtude; as folhas são ásperas, e servem para alisar qualquer pau; a madeira não serve para nada.

Ambaigtinga — Esta figueira é a que chamam do inferno: acham-se em taperas, dão certo azeite que serve para a candeia: têm grande virtude, como escreve Monardes³, e as folhas são muito estimadas para quem arrevesa, e não pode ter o que come, untando o estômago com óleo, tira as opilações, e cólica; para se tirar este óleo, põem-na ao sol alguns dias, e depois a pisam, e cozem, e logo lhe vem aquele azeite acima que se colhe para os sobreditos efeitos.

³Emonoardes, na cópia manuscrita.

Igbacamuci - Destas árvores há muitas em São Vicente: dão umas frutas, como bons marmellos da feição de uma panela, ou pote; tem algumas sementes dentro muito pequenas, são único remédio para as câmaras de sangue.

Igcigca — Esta árvore dá a almecega; onde está cheira muito por um bom espaço, dão-se alguns golpes na árvore, e logo incontinentemente destila um óleo branco que se coalha; serve para empassos em doenças de frialdade, e para se defumarem; também serve em lugar de incenso.

Há outra árvore desta casta chamada *Igtaigcica*, almecega dura como pedra, assim mais parece anime do que almecega, e é tão dura e resplandecente, que parece vidro, e serve de dar vidro à louça, e para isto é muito estimada entre os índios, e serve também para doenças de frialdade.

Há um rio entre Porto-Seguro, e os Ilhéus que vem mais de 300 léguas pelo sertão: traz muita copa de rezina que é o mesmo anime, a que os índios chamam *Igtaigcica*, e os portugueses incenso branco, e tem os mesmos efeitos que o incenso.

Curupicaigba — Esta árvore parece na folha com os pessegueiros de Portugal; as folhas estiam um leite como o das figueiras de Espanha, o qual é único remédio para feridas frescas e velhas, e para boubas, e das feridas tira todo sinal; se lhe picam a casca deita grande quantidade de visco com que se tomam os passarinhos.

Caaróba — Destas árvores há grande abundância as folhas delas mastigadas, e postas nas boubas as fazem secar, e sarar de maneira que não tomam mais, e parece que o pau tem o mes-

mo efeito que o da China e Antilhas para o mesmo mal. Da flor se faz conserva para os doentes de boubas.

Caarobmoçorandigba — Este pau parece que é o da China: toma-se da mesma madeira que o de lá, e sara os corrimentos, boubas, e mais doenças de frialdade; é pardo, e tem o âmago duro como pau da China.

labigrandi — Esta árvore há pouco que foi achada, e é, como dizem alguns indiáticos, o Betele nomeado da Índia; os rios e ribeiros estão cheios destas árvores: as folhas comidas são único remédio para as doenças de fígado, e muitos neste Brasil sararam já de muitas graves enfermidades do fígado, comendo delas.

Há outra árvore também chamada Betele, mais pequena, e de folha redonda; as raízes dela são excelente remédio para a dor de dentes, mettendo-a na cova deles, queima como gengibre.

Dizem também que há neste Brasil a árvore da canafistola; é ignota aos índios; os espanhóis usam dela e dizem que é tão boa como a da Índia.

VII - DOS ÓLEOS DE QUE USAM OS ÍNDIOS PARA SE UNTAREM

Andá — Estas árvores são formosas, e grandes, e a madeira para tudo serve; da fruta se tira um azeite com que os índios se untam, e as mulheres os cabelos, e também serve para feridas, e as seca logo. E também fazem muitas galantarias pelo corpo, braços, e pernas com este óleo, pintando-se.

Moxerecuigba — Esta árvore se acha no sertão nos campos; é pequena, dá uma fruta do tamanho de

laranja, e dentro dela tem umas pevides, e de tudo junto fazem um azeite para se untarem; a casca serve para barbasco dos peixes, e todo animal que bebe da água quando se deita, morre.

Aiuruatubira — Esta árvore que é pequena dá uma fruta vermelha, e dela se tira um óleo vermelho com que também se untam os índios.

Aiabutipigta — Esta árvore será do comprimento de cinco, seis palmos; é como amêndoas, e preta, e assim é o azeite que estimam muito, e se untam com ele em suas enfermidades.

Ianipaba — Esta árvore é muito formosa, de um verde alegre, todos os meses muda a folha que se parece com folha de noqueira; as árvores são grandes, e a madeira muito boa, e doce de lavar; a fruta é como grandes laranjas, e se parece com marmelos, ou peras pardas; o sabor é de marmelo: é boa mezinha para câmaras de toda ordem. Desta fruta se faz tinta preta, quando se tira é branca, e em untando-se com ela não tinge logo, mas daí a algumas horas fica uma pessoa tão preta como azeviche; é dos índios muito estimada, e com esta fazem em seu corpo imperiais gibões, todos golpeados, e dão certos riscos pelo rosto, orelhas, narizes, barba, pernas, e braços, e o mesmo fazem as mulheres, e ficam muito galantes, e este é o seu vestido assim de semana, como de festa, ajuntando-lhe algumas penas com que se ornem, e outras joias de osso; dura esta tinta no corpo assim preta nove dias, e depois não fica nada, faz o couro muito duro, e para tingir há se de colher a fruta verde, porque madura não tinge.

Iequitigoaçú — Esta árvore dá umas frutas como madronhos, e dentro uma conta tão rija

como um pau que é a semente; são das melhores contas que se podem haver porque são muito iguais, e muito pretas, e tem um resplendor como de azeviche: a casca que cobre estas contas amarga mais que piorno⁴, serve de sabão, e assim ensaboam como o melhor de Portugal.

VIII - DA ÁRVORE QUETEM ÁGUA

Esta árvore se dá em os campos e sertão da Bahia em lugares aonde não há água; é muito grande e larga, nos ramos tem uns buracos de comprimento de um braço que estão cheios de água que não transborda nem no inverno, nem no verão, nem se sabe donde vem esta água, e quer dela bebam muitos, quer poucos, sempre está em o mesmo ser, e assim serve não somente de fonte mas ainda de um grande Rio caudal, e acontece chegarem 100 almas ao pé dela, e todos ficam agasalhados, bebem, e levam tudo o que querem, e nunca falta água; é muito gostosa, e clara, e grande remédio para os que vão ao sertão quando não acham outra.

IX - DAS ÁRVORES QUE SERVEM PARA MADEIRA

Neste Brasil há arvoredos em que se acham árvores de notável grossura, e comprimento, de que se fazem mui grandes canoas, de largura de 7, e 8 palmos de vão, e de comprimento de cinquenta e mais palmos, que carregam como uma grande barca, e levam 20 e 30 remeiros; também se fazem

⁴Alves, em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, pgs. 1309.

mui grandes gangorras para os engenhos. Há muitos paus como incorruptíveis que metidos na terra não apodrecem, e outros metidos n'água cada vez são mais verdes, e rijos. Há pau santo, de umas águas brancas de que se fazem leitões muito ricos, e formosos. Pau do Brasil, de que se faz tinta vermelha, e outras madeiras de várias cores, de que se fazem tintas muito estimadas, e todas as obras de torno e marcenaria. Há paus de cheiro, como Jacarandá, e outros de muito preço e estima. Acham-se sândalos brancos em quantidade. Pau em grande abundância que se fazem navios dele, cedros, pau d'angelim, e árvore de noz moscada; e ainda que estas madeiras não sejam tão finas, e de tão grande cheiro como as da Índia, todavia falta-lhes pouco, e são de grande preço, e estima.

X - DAS ERVAS QUE DÃO FRUTO E SE COMEM

Mandioca — O mantimento ordinário desta terra que serve de pão se chama mandioca, e são umas raízes como de cenouras, ainda que mais grossas e compridas. Estas deitam umas varas, ou ramos, e crescem até altura de quinze palmos. Estes ramos são muito tenros, e têm num miolo branco por dentro, e de palmo em palmo têm certos nós. E desta grandura se quebram, e plantam na terra em uma pequena cova, e lhes ajuntam terra ao pé, e ficam metidos tanto quanto basta para se terem, e daí a seis, ou nove meses têm já raízes tão grossas que servem de mantimento.

Contém esta mandioca debaixo de si muitas espécies, e todas se comem e conservam-se

dentro na terra, três, quatro, e até oito anos, e não é necessário celeiro, porque não fazem senão tirá-las, e fazer o mantimento fresco de cada dia, e quanto mais estão na terra, tanto mais grossas se fazem, e rendem mais.

Tem algumas coisas de notas, que tirado o homem, todo animal se perde por ela crua, e a todos engorda, e cria grandemente, porém se acabada de espremer, beberem aquela água só por si, não têm mais vida que em quanto lhe não chega ao estômago. Destas raízes espremidas, e raladas se faz farinha que se come; também se deita de molho até apodrecer, e depois limpa, espremada, se faz também farinha, e uns certos beijos como filhos, muito alvos, e mimosos. Esta mesma raiz depois de curtida n'água feita com as mãos em pilouros se põe em caniços ao fumo, onde se enxuga e seca de maneira que se guarda sem corrupção quanto querem e raspada do fumo, pisada em uns pilões grandes, e peneirada, fica uma farinha tão alva, e mais que de trigo, da qual misturada em certa têmpera com a crua se faz uma farinha biscoitada que chamam de guerra, que serve aos índios, e portugueses pelo mar, e quando vão à guerra como biscoito. Outra farinha se faz biscoitada da mesma água da mandioca verde se a deixam coalhar e enxugar ao sol, ou fogo; esta é sobre todas alvíssima, e tão gostosa, e mimosa que não faz para quem quer. Desta mandioca curada ao fumo se fazem muitas maneiras de caldos que chamam mingaus, tão sadios, e delicados que se dão aos doentes de febres em lugar de amido, e tizanas, e da mesma se fazem muitas maneiras de bolos, coscorões, fartes, empenadilhas,

queijadinhas d'açúcar, e misturada com farinha de milho,- ou de arroz, se faz pão com fermento, e levedo que parece de trigo. Esta mesma mandioca curada ao fumo é grande remédio contra a peçonha, principalmente de cobras. Desta mandioca há uma que chamam aipim que contém também debaixo de si muitas espécies. Esta não mata crua, e cozida, ou assada, que é de bom gosto, e dela se faz farinha, e beijus. Os índios fazem vinho dela, e é tão fresco e medicinal para o fígado que a ele se atribui não haver entre eles doentes do fígado. Certo gênero de Tapuyas come a mandioca peçonhenta crua sem lhe fazer mal por serem criados nisso.

Os ramos desta erva, ou árvore, são a mesma semente, porque os paus dela se plantam, as folhas, em necessidade, cozidas servem de mantimento.

Naná — Esta erva é muito comum, parece-se com erva babosa, e assim tem as folhas, mas não tão grossas e todas em redondo estão cheias de uns bicos muito cruéis; no meio desta erva nasce uma fruta como pinha, toda cheia de flores de várias cores muito formosas, e ao pé desta quatro, ou cinco olhos que se plantam; a fruta é muito cheirosa, gostosa, e uma das boas do mundo, muito cheia de sumo, e gostoso, e tem sabor de melão ainda que melhor, e mais cheiroso: é boa para doente de pedra, e para febres muito prejudicial. Desta fruta fazem vinho os índios muito forte, e de bom gosto. A casca gasta muito o ferro ao aparar, e o sumo tira as nódoas da roupa. Há tanta abundância desta fruta que se cevam os porcos com ela, e não se faz tanto caso

pela muita abundância: também se fazem em conserva, e cruas desenjoam muito no mar, e pelas manhãs com vinho são medicinais.

Pacoba — Esta é a figueira que dizem de Adam, nem é árvore, nem erva, porque por uma parte se faz muito grossa, e cresce até vinte palmos em alto; o talo é muito mole, e poroso, as folhas que deita são formosíssimas e algumas de comprimento de uma braça, e mais, todas rachadas como veludo de Bragança, tão finas que se escreve nelas, tão verdes, e frias, e frescas que deitando-se um doente de febres sobre elas fica a febre temperada com sua frialdade; são muito frescas para enramar as casas e igrejas. Esta erva deita em cada pé muitos filhos, cada um deles dá um cacho cheio de uns como figos, que terá às vezes duzentos, e como está de vez se corta o pé em que está o cacho, e outros vão crescendo, e assim vão multiplicando *in infinitum*; a fruta se põe a madurar e fica muito amarela, gostosa, e sadia, máxime para os enfermos de febres, e peitos que deitaram sangue; e assadas são gostosas e sadias. É fruta ordinária de que as hortas estão cheias, e são tantas que é uma fartura, e dão-se todo o ano.

Maracujá — Estas ervas são muito formosas, máxime nas folhas; trepam pelas paredes, e árvores como a hera; as folhas espremidas com verdete é único remédio para chagas velhas, e boubas. Dá uma fruta redonda como laranjas, outras à feição do ovo, uns amarelos, outros pretos, e de outras várias castas. Dentro tem uma substância de pevides e sumo com certa teia que as cobre, e tudo junto se come, e é de bom gosto, tem ponta de azedo, e é fruta de que se faz caso.

Nesta terra há outros gêneros muitos de frutas, como camarinhas pretas, e vermelhas, batatas, outras raízes que chamam mangará, outra que chamam cará, que se parece com nabos, e túberas da terra. Das batatas fazem pão e várias coisas doces; têm estes índios outros muito legumes, se, favas, mais sadias e melhores que as de Portugal, e em grande abundância, muitos gêneros de abóboras, e algumas tão grandes que fazem cabaças para carregar água que levaram dois almudes, ou mais: feijões de muitas castas, são gostosos, e como os de Portugal. Milho de muitas castas, e dele fazem pão, vinho, e se come assado e com ele engordam os cavalos, porcos, galinhas, e umas tajaobas, que são como couves, e fazem purgar, e uma erva por nome Jambig, único remédio para os doentes de fígado e pedra; também há muitos gêneros de pimentas, que dão muito gosto ao comer.

XI - DAS ERVAS QUE SERVEM PARA MEZINHAS

Tetigcucú — Este é o Mechoação das Antilhas; são umas raízes compridas como rabãos, mas de boa grossura, serve de purga; toma-se esta raiz moída em vinho, ou água para febres, toma-se em conserva de açúcar como marmelada, coze-se com galinha, faz muita sede, mas é proveitosa, e obra grandemente.

Ipecacóaya — Esta erva é proveitosa para câmaras de sangue: a sua haste é de comprimento de um palmo, e as raízes de outro, ou mais; deita somente quatro ou cinco folhinhas, cheira muito onde quer que está, mas o cheiro é fartum e terrí-

vel; esta raiz moída, botada em uma pouca d'água se põe a serenar uma noite toda, e pela manhã se aquece a água com a mesma raiz moída, e coada se bebe somente a água, e logo faz purgar de maneira que cessam as câmaras de todo.

Cayapiá — Esta erva há pouco que é descoberta, é único remédio para peçonha de toda sorte, máxime de cobras, e assim se chama erva de cobra, e é tão bom remédio como unicórnio de Bada, pedra de bazar, ou coco de Maldiva. Não se aproveita dela mais que a raiz, que é delgada, e no meio faz um nó como botão; esta moída, deitada em água e bebida mata a peçonha da cobra; também é grande remédio para as feridas de flechas ervadas, e quando algum é ferido fica sem medo, e seguro, bebendo a água desta raiz; também é grande remédio para as febres, continuando-a, e bebendo-a algumas manhãs; cheira esta erva à folha de figueira de Espanha.

Tareroquig — também esta erva é único remédio para câmaras de sangue: as raízes são todas retalhadas, os ramos muito delgadinhos, as folhas parecem de alfavaca, as flores são vermelhas, e tiram algum tanto roxo, e dão-se nas pontinhas. Desta há muito abundância, quando se colhe é amarela, e depois de seca fica branca; toma-se da própria maneira que a precedente. Com esta erva se perfumam os índios doentes para não morrerem, e para certa enfermidade que é comum nesta terra, e que se chama doença do bicho, é grande remédio, serve para matar os bichos dos bois, e porcos, e para postemas. Esta erva toda a noite está murcha, e como dormente, e em nascendo o sol torna a abrir, e quando se põe torna a fechar.

Goembegoaçú — Esta erva serve muito para fluxo de sangue, máxime de mulheres; as raízes são muito compridas e algumas de trinta, e quarenta braças. Tem uma casca rija, de que se fazem muito fortes cordas, e amarras para navios, e são de muita dura, porque n'água reverdecem; esta tomando-a, se a casca dela, e defumando a pessoa em a parte do fluxo, logo estanca.

Caáobetinga — Esta erva é pequena, deita poucas folhas, as quais começa a lançar logo da terra, são brancas, de banda de baixo, e de cima verdes, deitam uma, flor do tamanho de avelã; as raízes, e folhas pisadas são excelente remédio para chagas de qualquer sorte, e também se usa da folha por pisar, a qual posta na chaga pega muito e sara.

Sobaúra — Esta erva serve para chagas velhas, que já não têm outro remédio: deita-se moída e queimada na chaga, logo come todo o câncer, e cria couro novo; também se põe pisada e a folha somente para encourar.

Erva santa — Esta erva santa serve muito para várias enfermidades, como feridas, catarros, e principalmente serve para doentes da cabeça, estômago e asmáticos. Nesta terra se fazem umas cangueras de folha de palma cheia desta erva seca, e pondo-lhe o fogo por uma parte põem a outra na boca, e bebem o fumo; é uma das delícias, e mimos desta terra, e são todos os naturais, e ainda os portugueses perdidos por ela, e têm por grande vício estar todo o dia e noite deitados nas redes a beber fumo, e assim se embebedam dele, como se fora vinho.

Guaraquigynha — Esta é a erva moura de Portugal, e Além de outras bondades que tem

como a erva moura, tem somente que é único remédio para lombrigas, e de ordinário quem as come logo as lança.

Camará — Esta erva se parece com silvas de Portugal: coze-se em água, e a dita água é único remédio para sarnas, boubas, e feridas frescas, e quando as feridas se curam com as folhas de figueira de que se disse no título das árvores, se lava a ferida com a água desta erva, cuja flor é formosíssima, parece cravo amarelo, e vermelho, almiscarado, e destas se fazem ramalhetes para os altares.

Aipo — Esta erva é o próprio aipo de Portugal, e tem todas as suas virtudes: acha-se somente pelas praias, principalmente no Rio de Janeiro, e por esta razão é mais áspero, e não tem doce ao gosto, como o de Portugal: deve ser por causa das marés.

Malvaisco — Há grande abundância de malvaisco nesta terra; tem os mesmos efeitos, tem umas flores do tamanho de um tostam, de um vermelho gracioso, que parecem rosas de Portugal.

Caráguatá — Este Caráguatá é certo gênero de cardos, dão umas frutas de comprimento de um dedo, amarelas; cruas fazem empolar os beiços; cozidas ou assadas não fazem mal; porém toda mulher prenhe que as come de ordinário morre logo.

Há outros caraguatás que dão umas folhas como espadana muito comprida, de duas ou três braças, e dão umas alcachofras como o naná, mas não são de bom gosto. Estas folhas deitadas de molho dão um linho muito fino, de que se faz todo gênero de cordas, e até linhas para coser e pescar.

Timbó — Timbó são umas ervas maravilhosas, crescem do chão como cordões até o mais alto dos arvoredos onde estão, e alguns vão sempre arrimados à árvore como hera; são muito rijos, e servem de atilhos, e alguns há tão grossos como a perna de homem, e por mais que os torçam não a quebram; a casca destes é fina peçonha, e serve de barbasco para os peixes, e é tão forte que nos rios aonde se deita não fica peixe vivo até onde chega com sua virtude, e destes há muitas castas, e proveitosas assim para atilhos como para matar os peixes. Outras ervas há que também servem para medicinas, como são serralhas, beldroegas, bredos, almeirões, avencas, e de tudo há grande abundância, ainda que não tenham estas ervas a perfeição das de Espanha, nem das amoras de silva brancas, e pretas, como as de Portugal, e muito bom perrexil pelas praias, de que se faz conserva muito boa, nem falta macela.

XII - DAS ERVAS CHEIROSAS

Nesta terra há muito mentastros, principalmente em Piratininga: não cheiram tão bem como os de Portugal; também há umas malvas francesas de umas flores roxas, e graciosas que servem de ramalhetes. Muitos lírios, não são tão finos, nem tão roxos como os do reino, e alguns se acham brancos.

Erva que dorme — Esta erva se dá cá na primavera, e parece-se com os Maios de Portugal, e assim como eles se murcha e dorme em se pondo o sol, e em nascendo torna a abrir e mostrar sua formosura. O cheiro é algum tanto

fartum. Também há outra árvore que dorme da mesma maneira, e dá umas flores graciosas, mas não cheiram muito.

Erva viva — Estas ervas são de boa altura, e dão ramos, umas folhas farpadas de um verde gracioso; chamam-se erva-viva, porque são tão vivas e sentidas que em lhes tocando com a mão, ou qualquer outra coisa, logo se engelham, murcham e encolhem como se as agravaram muito, e daí a pouco tornam em sua perfeição tantas vezes lhes tocam, tantas tornam a murchar-se, e tornam em seu ser como dantes.

Outras muitas ervas há, como oregãos, e poejos, e outras muitas floras várias, porém parece que este clima, ou pelas muitas águas, ou por causa do sol, não influem nas ervas cheiro, antes parece que lho tira.

XII - DAS CANAS

Nesta terra há muitas espécies de canas e Tacomaré; há de grossura de uma coxa de um homem, outras que têm uns canudos de comprimento de uma braça, outras de que fazem flechas e são estimadas; outras tão compridas que têm três ou quatro lanças de comprimento; dão-se estas canas por entre os arvoredos, e assim como há muitas, assim há muitos e compridos canaviais de muitas léguas, e como estão entre as árvores vão buscar o sol, e por isso são tão compridas.

XIV - DOS PEIXES QUE HÁ N'ÁGUA SALGADA

Peixe boi — Este peixe é nestas partes real, e estimado sobre todos os demais peixes, e para se comer muito sadio, e de muito bom gosto, ora seja salgado, ora fresco; e mais parece carne de vaca que peixe. Já houve alguns escrúpulos por se comer em dias de peixe; a carne é toda de fibras, como a de vaca, e assim se faz em traçá-las chacinna, e cura-se ao fumeiro como porco ou vaca, e no gosto se coze com couves, ou outras ervas sabe à vaca, e concertada com adubos sabe a carneiro, e assada parece no cheiro, e gosto, e gordura porco, e também tem toucinho.

Este peixe nas feições parece animal terrestre, e principalmente boi: a cabeça é toda de boi com couro, e cabelos, orelhas, olhos, e língua; os olhos são muito pequenos em extremo para o corpo que tem; fecha-os, e abre-os, quando quer, o que não têm os outros peixes: sobre as ventas tem dois courinhos com que as fecha, e por elas resfolega; e não pode estar muito tempo debaixo d'água sem resfolegar; não tem mais barbatana que o rabo, o qual é todo redondo e fechado; o corpo é de grande grandura, todo cheio de cabelos ruivos; tem dois braços de comprimento de um covado com suas mãos redondas como pás, e nelas tem cinco dedos pegados todos uns com os outros, e cada um tem sua unha como humana; debaixo destes braços têm as fêmeas duas mamas com que criam seus filhos, e não parem mais que um; o interior deste peixe, e intestinos são propriamente como de boi, com fígados, bofes. Na cabeça sobre

os olhos junto aos miolos tem duas pedras de bom tamanho, alvas, e pesadas: são de muita estima, e único remédio para dor de pedra, porque feita em pó e bebida em vinho, ou água, faz deitar a pedra, como aconteceu que dando-a a uma pessoa, deixando outras muitas experiências, antes de uma hora botou uma pedra como uma amêndoa, e ficou sã, estando dantes para morrer. Os ossos deste peixe são todos maciços, e brancos como marfim; faz-se dele muita manteiga, e tiram-lhe duas banhas como de porco; e o mais da manteiga tem no rabo, o qual sendo de largura de quatro palmos, ou mais todo se desfaz em manteiga; é muito gostosa, e para cozinhar e frigir peixe, para a candeia serve muito, e também para mezinhas, como a do porco; é branca, e cheirosa; nem tem cheiro de peixe. Este peixe se toma com arpoeiras, acham-se nos rios salgados junto d'água doce: comem uma certa erva que nasce pelas bordas, e dentro dos rios, e onde há esta erva se matam, ou junto de olhos d'água doce, a qual somente bebem; são muito grandes: e alguns pesam dez, e outros quinze quintais, e já se matou peixe que cem homens não poderão tirar fora d'água, e nela o desfizeram.

Bigjuipirá — Este peixe Bigjuipirá se parece com solho de Portugal, e assim é cá estimado, e tido por peixe real; é muito sadio, gordo, e de bom gosto; há infinidade deles, e algumas das ovas têm em grosso um palmo de testa. Tomam-se estes peixes no mar alto à linha com anzol; o comprimento será de seis ou sete palmos, o corpo é redondo, preto pelas costas, e branco pela barriga.

Olho de boi — Parece-se este peixe com os atuns de Espanha, assim no tamanho como nas

feições, assim interiores como exteriores; é muito gordo, tem às vezes entre folha e folha gordura de grossura de um tostão; tiram-se lhe lombos e ventrechas como aos atuns, e deles se faz muita e boa manteiga, e lhe tiram banhas como a porcos; é peixe estimado, e de bom gosto, bem merece o nome de peixe boi assim na formosura, como grandura; os olhos são propriamente como de boi, e por esta razão tem este nome.

Camurupig — Este peixe também é um dos reais e estimados nestas partes: a carne é toda de fibras em folha, cheia de gordura e manteiga, e de bom gosto: tem muita espinha por todo o corpo e é perigoso ao comer. Tem uma barbatana no lombo que sempre traz levantada para cima, de dois, três palmos de comprimento; é peixe comprido de até doze e treze palmos, e de boa grossura, e tem bem que fazer dois homens em levantar alguns deles; tomam-se com arpões; há muitos, e faz deles muita manteiga.

Peixe selvagem — Este peixe selvagem, aqui os índios chamam Pirambá. Peixe que ronca; a razão é porque onde andam logo se ouvem roncar, são de boa grandura, até oito e nove palmos; a carne é de bom gosto, e são estimados; têm na boca duas pedras de largura de uma mão, rijas em grande extremo, com elas partem os búzios de que se sustentam; as pedras estimam os índios, e as trazem ao pescoço como joias.

Há outros muitos peixes de várias espécies que não há em Espanha, e comumente de bom gosto, e sadios. Dos de Portugal também por cá há muitos, tainhas em grande multidão, e tem-se achado que a tainha fresca posta a carne dela em

mordedura de cobra é outro unicórnio. Não faltam garopas, chicarros, pargos, sargos, gorazes, dourados, peixe agulha, pescada, mas são raras; sardinhas com as de Espanha se acham em alguns tempos no Rio de Janeiro, e mais partes do sul; cibas, e arraias; estas arraias algumas delas têm na boca dois ossos tão rijos que quebram os búzios com eles.

Todo este peixe é sadio cá nestas partes que se come sobre leite, e sobre carne, e toda uma quaresma, e de ordinário sem azeite nem vinagre, e não causa sarna nem outras enfermidades como na Europa, antes se dá os enfermos de cama, ainda que tenham, ou estejam muito no cabo.

Baleias — Por esta costa ser cheia de muitas baías, enseadas e esteiros acodem grande multidão de baleias a estes recôncavos, principalmente de Maio até Setembro, em que parem, e criam seus filhos, e também porque acodem ao muito tempo que nestes tempos é nestes remansos; são tantas as vezes que se veem quarenta, e cinquenta juntas, querem dizer que elas deitam o âmbar que acham no mar, e de que também se sustentam, e por isso se acha algum nesta costa; outros dizem que o mesmo mar o deita nas praias com as grandes tempestades e comumente se acha depois d'alguma grande. Todos os animais comem deste âmbar, e é necessária grande diligência depois das tempestades para que o não achem comido. É muito perigoso navegar em barcos pequenos por esta costa, porque além de outros perigos, as baleias sossobram muitos, se ouvem tanger, assim se alvoraçam como se fossem cavalos quando ouvem tambor, e arremetem como leões, dão muitas à

costa e delas se fazem muito azeite. Tem o toutiço furado, e por ele resfolegam, e juntamente botam grande soma d'água, e assim a espalham pelo ar como se fosse um chuveiro.

Espadarte — Destes peixes há grande multidão, são grandes, e ferozes, porque têm uma tromba como espada, toda cheia de dentes ao redor, muito agudos, tão grandes como de cão, os maiores, são de largura de uma mão travessa, ou mais, o comprimento é segundo a grandura do peixe; algumas trombas, ou espadas destas são de oito e dez palmos; com estas trombas fazem cruel guerra às baleias, porque alevantando-a para cima, dando tantas pancadas nelas, e tão amiúde que é coisa de espanto, acodem ao sangue os tubarões, e as chupam de maneira até que morrem, e desta maneira se acham muitas mortas, em pedaços. Também com esta tromba pescam os peixes de que se sustentam. Os índios usam destas trombas quando são pequenas para açoitarem os filhos, e lhes meterem medo quando lhes são desobedientes.

Tartaruga — Há nesta costa muitas tartarugas; tomam-se muitas, de que se fazem cofres, caixas de hóstias, copos. Estas tartarugas põem ovos nas praias, e põem logo duzentos e trezentos, são tamanhos como de galinhas, muito alvos, e redondos como pelas; escondem estes ovos debaixo da areia, e como tiram os filhos logo começam de ir para água donde se criam. Os ovos também se comem, têm esta propriedade que ainda se cozam, ou assem, sempre a clara fica mole: os intestinos são como de porco, e têm ventas por onde respiram. Tem outra particularidade que

pondo-lhe o focinho para a terra logo viram para o mar, nem podem estar doutra maneira. São algumas tão grandes que se fazem das conchas inteiras adargas; e uma se matou nesta costa tão grande que vinte homens a não podiam levantar do chão, nem dar-lhe vento.

Tubarões — há muitos gêneros de tubarões nesta costa: acham-se nelas seis, ou sete espécies deles; é peixe muito cruel e feroz, e matam a muitas pessoas, principalmente aos que nadam. Os rios estão cheios deles, são tão cruéis que já aconteceu correr um após de um índio que ia numa jangada, e pô-lo em tanto aperto que saltando o moço em terra o tubarão saltou juntamente com ele, e cuidando que o apanhava ficou em seco, onde o mataram. No mar alto onde também há muitos se tomam com laço, e arpões por serem muito gulosos, sôfregos, e amigos de carne e são tão comilões que se lhes acham na barriga couros, pedaços de pano, camisas, e ceroulas que caem aos navegantes; andam de ordinário acompanhados de uns peixes muito galantes, formosos de várias cores que se chamam romeiros; faz-se deles muito azeite, e dos dentes usam os índios em suas flechas por serem muito agudos, cruéis, e peçonhentos, e raramente saram das feridas, ou com dificuldade.

Peixe voador — Estes peixes são de ordinário de um palmo, ou pouco mais de comprimento; têm os olhos muito formosos, galantes de certas pinturas que lhes dão muita graça, e parecem pedras preciosas; a cabeça também é muito formosa. Têm asas como de morcegos, mas muito prateadas, são muito perseguidos dos outros peixes, e para

escaparem voam em bandos como de estorninhos, ou pardais, mas não voam muito alto. também são bons para comer, e quando voam alegram os mareantes, e muitas vezes caem dentro das naus, e entram pelas janelas dos camarotes.

Botos e Tuninhas — Destes peixes há grande multidão como em Europa.

Linguados e Salmonetes — também se acham nesta costa salmonetes, mas são raros, e não tão estimados, nem de tão bom gosto como os da Europa; os linguados; de cá são raros: têm propriedade que quando se hão de cozer, ou assar, os açoitam e quanto mais açoitam lhes dão tanto mais tesos ficam, e melhores para comer, e se os não açoitam não prestam e ficam moles.

XV - DOS PEIXES PEÇONHENTOS

Assim como nesta terra do Brasil há muitas cobras, e bichos peçonhentos de que se dirá adiante, assim também há muitos peixes muito peçonhentos.

Peixe sapo, pela língua *Guamayacú* — é peixe pequeno, de comprimento de um palmo, pintado, tem os olhos formosos; em o tirando d'água ronca muito e trinca muito os anzolos, e em o tirando d'água incha muito. Toda a peçonha têm na pele, e tirando-lha, come-se, porém comendo-se com a pele mata. Aconteceu que um moço comeu um e morreu quase subitamente; disse o pai: hei de comer o peixe que matou meu filho, — e comendo dele também morreu logo; é grande mezinha para os ratos, porque os que o comem logo morrem.

Há outro peixe sapo da própria feição que o atrai, mas tem muitos e cruéis espinhos, como

ouriço; ronca e incha tirando-o d'água; a pele também mata, máxime os espinhos, por serem muito venenosos; esfolado se come, e é bom para câmaras de sangue.

Há outro peixe sapo que na língua se chama Itaoca; tem três quinas em o corpo que todo ele parece punhal; é formoso, tem os olhos esbugalhados, e esfolado se come; consiste a peçonha na pele, fígados, tripas, e ossos, e qualquer animal que o come logo morre.

Há outro que se chama Carapeçaba, de cor gateado, pardo, preto, e amarelo; é bom peixe e dá-se aos doentes; os fígados e tripas têm tão forte peçonha que a todo animal mata; e por esta causa os naturais em o tirando deitam as tripas e fígado no mar.⁵

Purá — Este peixe se parece com arraia: tem tal virtude que quem quer que o toca logo fica tremendo, e tocando-lhe com algum pau, ou com outra qualquer coisa, logo adormece o que lhe põem, e enquanto lhe tem o pau posto em cima fica o braço com que toma o pau adormecido, e adormentado. Tomam-se com redes de pé, e se se tomam com redes de mão todo o corpo faz tremer, e pasmar com a dor, mas morto come-se, e não tem peçonha.

Caramurú — Estes peixes são como as moreias de Portugal, de comprimento de dez, e quinze palmos; são muito gordos, e assados sabem a leitão; estes tem estranha dentadura, e há muitos homens aleijados de suas mordeduras, de lhe apodrecerem as mãos ou pernas onde foram mordidos; têm por todo o corpo muitos espi-

⁵*Em Purchas his Pilgrimes não vem este parágrafo.*

nhos, e dizem os naturais que têm ajuntamento com as cobras, porque os acham muitas vezes com elas enroscados, e nas praias esperando as ditas moreias.

Amoreatí — Este peixe se parece com o peixe sapo; está cheio de espinhos, e mete-se debaixo da areia nas praias, e picam por debaixo o pé ou mão que lhes toca, e não tem outra cura senão fogo.

Guamaiacucurub — Estes peixes são redondos, e do tamanho dos bugalhos de Espanha, e são muito peçonhentos. O corpo tem cheio de verrugas, e por isso se chama curub, na língua verruga.

Terepomonga — É uma cobra que anda no mar; o seu modo de viver é deixar-se estar muito queda e qualquer coisa viva que lhe toca nela tão fortemente apegada, que de nenhuma maneira se pode bolir, e desta maneira come, e se sustenta; algumas vezes sai fora do mar, e torna-se muito pequena, e tanto que a tocam, pegam, e se vão com a outra mão para desapegarem ficam também pegados por ela, e depois faz-se tão grossa como um bom tirante, e assim leva a pessoa para o mar e a come; e por pegar muito se chama Terepomonga, coisa que pega.

Finalmente, há muitas espécies de peixes mui venenosos no salgado que tem veemente peçonha, que de ordinário não escapa quem os come, ou toca.

XVI - HOMENS MARINHOS, E MONSTROS DO MAR

Estes homens marinhos se chamam na língua Igpupiára; têm-lhe os naturais tão grande medo que só de cuidarem nele morrem muitos, e nenhum que o vê escapa; alguns morreram já, e perguntando-lhes a causa, diziam que tinham visto este monstro; parecem-se com homens propriamente de boa estatura, mas têm os olhos muito encovados. As fêmeas parecem mulheres, têm cabelos compridos, e são formosas; acham-se estes monstros nas barras dos rios doces. Em Jaguarigpe, sete ou oito léguas da Bahia, se têm achado muitos; em o ano, de oitenta e dois, indo um índio pescar, foi perseguido de um, e acolhendo-se em sua jangada o contou ao senhor; o senhor para animar o índio quis ir ver o monstro, e estando descuidado por uma mão fora da canoa, pegou dele, e o levou sem mais aparecer, e no mesmo ano morreu outro índio de Francisco Lourenço Caeiro. Em Porto-Seguro se veem alguns, e já têm morte alguns índios. O modo que têm em matar é: abraçam-se com a pessoa tão fortemente beijando-a, e apertando-a consigo que a deixam feita toda em pedaços, ficando inteira e como a sentem morta dão alguns gemidos como de sentimento, e largando-a fogem; e se levam alguns comem-lhes somente os olhos, narizes

e pontas dos dedos dos pés e mão, e as genitálias, e assim os acham de ordinário pelas praias com estas coisas menos.

XVII - DOS MARISCOS

Polvos — O mar destas partes é muito abundante de polvos; tem este marisco um capelo, sempre cheio de tinta muito preta; e esta é sua defesa dos peixes maiores, porque quando vão para os apanhar, botam-lhes aquela tinta diante dos olhos, e faz-se a água muito preta, então se acolhem. Tomam-se à flecha, e assoviam-lhe primeiro; também se tomam com fachos de fogo de noite. Para se comerem os açoitam primeiro, e quanto mais lhe derem então ficam mais moles e gostosos.

Azula — Este marisco é como um canudo de cana; é raro, come-se, e para o baço bebido em pó e em jejum, é único remédio.

Águas mortas — Destas águas mortas há infinitas nestas partes e são grandes e são do tamanho de um barrete; têm muita dobras, com que tomam os peixes, que parecem bolsos de tarrafa; não se comem, picando em alguma pessoa causam grandes dores, e fazem chorar, e assim dizia um índio a quem uma mordeu que tinha recebido muitas flechadas, e nunca chorara senão então. Não aparecem senão em águas mortas.

XVIII - DOS CARANGUEJOS

Uçá — *Uçá* é um gênero de caranguejos que se acham na lama, e são infinitos, e o sustentamento de toda esta terra, máxime dos escravos de Guiné, e índios da terra; são muito gostosos, sobre eles é boa água fria. Têm uma particularidade de notar, que quando mudam a casca se metem em suas covas, e aí estão dois, três meses, e perdendo a casca, boca, e pernas, saem assim muito moles, e tornam-lhe a nascer como dantes.

Guanumig — Este gênero de caranguejos são tão grandes que uma perna de um homem lhe cabe na boca; são bons para comer; quando fazem trovões saem de suas covas, e fazem tão grande matinada uns com os outros, que já ouve pessoas que acudiram com suas armas, parecendo que eram inimigos; se comem uma certa erva, quem então os come morre. Estes são da terra, mas vivem em buracos à borda do mar.

Aratú — Estes caranguejos habitam nas tocas das árvores, que estão nos lama-rões do mar; quando acham alguma amêijoas tem a boca aberta, buscam logo alguma pedrinha, e sutilmente dão com ela na amêijoas; a ameja logo se fecha e não podendo fechar bem, por causa da pedrinha que tem dentro, eles com suas mãos lhe tiram de dentro o miolo, e o comem.

Há dez ou doze espécies de caranguejos nesta terra, e como tenho dito, são tantos em número, e tão sadios que todos os comem, máxime os índios.

Ostras — As ostras são muitas, algumas delas são muito grandes, e têm o miolo como uma palma da mão; nestas se acham algumas pérolas muito ricas; em outras mais pequenas também se acham pérolas mais finas. Os índios naturais antigamente vinham ao mar às ostras, e tomavam tantas que deixavam serras de cascas, e os miolos levavam de moquéu para comerem entre ano; sobre estas serras pelo discurso do tempo se fizeram grandes arvoredos muito espessos, e altos, e os portuguezes descobriram algumas, e cada dia se vão achando outras de novo, e destas cascas fazem cal, e de um só monte se fez parte do Colégio da Bahia, os paços do Governador, e outros muitos edifícios, e ainda não é esgotado: a cal é muito alva, boa para guarnecer, e caiar, se está à chuva faz preta, e para vedar água em tanques não é tão segura, mas para o mais tão boa como a de pedra em Espanha.

Mexilhões — Não faltam mexilhões nesta terra; servem aos naturais e portuguezes de colheres, e facas; têm uma cor prateada graciosa, neles se acha algum aljofre. Há um género deles pequenos, de que as gaivotas se sustentam, e porque não o podem quebrar, tem tal instinto natural que levando-o no bico ao

ar o deixam cair tantas vezes no chão até que o quebram.

Berguigões — Os berguigões são gostosos e bons nesta terra, e neles se acham alguns grãos de aljofre, e assim dos berguigões, como dos mexilhões há grande número de muitas e várias espécies.

Búzios — Os maiores que há se chamam Guatapiggoaçú, búzio grande; são muito estimados dos naturais, porque deles fazem suas trombetas, jaezes, contas, metaras, e arrecadas, e luas⁶, para os meninos, e são entre eles de tanta estima que por um dão uma pessoa das que tem cativas; e os portugueses davam antigamente um cruzado por um; são tão alvos como marfins, e de largo muito deles têm dois palmos, e um de comprimento.

Piriguay — Estes se comem também, e das cascas fazem sua contaria, e por tantas braças dão uma pessoa; destes bota às vezes o mar fora serras, coisa muito para ver. De búzios e conchas há muita quantidade nesta terra, muito galantes, e para estimar, e de várias espécies.

Coral branco — Acha-se muita pedra de coral branco debaixo do mar; nasce com as arvorezinhas toda em folhas e canudos, como coral vermelho da índia, e se este também o fora, houvera grande riqueza nesta terra pela muita abundância que há dele. É muito alvo, tira-se com dificuldade, e também se faz cal dele.

⁶*Gloues, em Purchas his Pilgrimes, vol. IV, p. 1.316.*

Lagostins — Há grande quantidade de lagostins, por esta costa estar quase toda cercada de arrecifes, e pedras; também se acham muitos ouriços e outros monstros, pelas concavidades das mesmas pedras⁷ ou lagostas grandes, como as da Europa, parece que não há por cá.

XIX - DAS ÁRVORES QUE SE CRIAM N'ÁGUA SALGADA

Mangues — Estas árvores se parecem com salgueiros ou sinceiros da Europa, deles há tanta quantidade pelos braços e esteiros que o mar deita pela terra dentro. que há léguas de terra todas deste arvoredo, que com as enchentes são regadas de mar; caminhamos logo léguas por estes esteiros e dias inteiros pelos rios onde há estes arvoredos; estão sempre verdes, e são graciosos, e aprazíveis, e de muitas espécies; a madeira é boa para queimar, e para emadeirar casas; é muito pesada, e rija como ferro: da casca se faz tinta, e serve de casca para curtir couros; são de muitas espécies: um certo gênero deles deita uns gomos de cima de comprimento às vezes de uma lança até chegar à água, e logo deitam muitas trempes, e raízes na terra, e todas estas árvores estão encadeadas e feitas em trempes,

⁷Em Purchas his pilgrimes, vol. IV, p. 1.316, está: ". . . and Others Monsters found in é Concavities of the Rockes, great Cravesses or Crabbes like those of Europe.

e assim as raízes, e estes ramos tudo fica preso na terra; enquanto são verdes, estes gomos são tenros, e porque são vãos por dentro se fazem deles boas frutas. Nestes mangues há um certo gênero de mosquitos que se chamam Mariguís, tamanhinhos como piolho de galinha: mordem de tal maneira e deixam tal pruido, ardor e comicham, que não há valer-se uma pessoa, porque até os vestidos passam, e é boa penitência e mortificação sofre-los uma madrugada, ou uma noite; para se defenderem deles não há remédio senão untar-se de lama, ou fazer grande fogo, e fumaça.

Nestes mangues se criam muitos caranguejos, e ostras, e ratos, e há um gênero destes ratos coisa monstruosa, todo o dia dormem e vigiam de noite.

Nestes mangues criam os papagaios que são tantos em número, e gritam de tal maneira, que parece gralheado de pardais, ou gralhas.

Nas praias se acha muito perrexil, tão bom e melhor que de Portugal, que também se faz conserva.

XX - DOS PÁSSAROS QUE SE SUSTENTAM, E ACHAM N'ÁGUA SALGADA

Guigratinga— Este pássaro é branco, do tamanho dos grou de Portugal, são em ex-

tremo alvos, os pés têm muito compridos, o bico muito cruel, e agudo, e muito formoso por ser de um amarelo fino; as pernas também são compridas entre vermelhas e amarelas. No pescoço têm os melhores panachos e finos que buscar se pode, e parecem-se com os das emas africanas.

Caripirá — Por outro nome se chama — Rabiforcado; estes pássaros são muitos, chama-se rabiforcado por ter o rabo partido pelo meio; das penas fazem muito caso os índios para empenaduras das flechas, e dizem que duram muito; em algum tempo estão muito gordos, as enxúdias são boas para corrimentos; costumam estes pássaros trazer novas dos navios à terra, e são tão certos nisto que raramente faltam, porque como se veem, de ordinário daí a dois ou três dias chegam os navios.

Guacá — Este pássaro é a própria Gai-vota de Portugal; seu comer ordinário são amêijoas, e porque são duras, e as não podem quebrar, levam-nas no bico ao ar, e deixando-as cair muitas vezes as quebram e comem. Destas gaivotas há infinidade de espécies que coalham as árvores e praias.

Guigratheotheo — Esta ave se chama em português Tinhosa, — chama-se Guigratéotéo, se pássaro que tem acidentes de morte, e que morre e torna a viver, como quem tem gota coral, e são tão grandes estes acidentes que muitas vezes os acham os índios pelas

praias, os tomam nas mãos, e cuidando que de todo estão mortos os botam por aí, e eles em caindo se levantam e se vão embora; são brancos e formosos, e destes há outras espécies que têm os mesmos acidentes.

Calcamar— Estes pássaros são pardos do tamanho de Rolas, ou Pombas; dizem os índios naturais que põem os ovos, e aí os tiram, e criam seus filhos; não voam, mas com as asas e pés nadam sobre o mar ligeiramente, e adivinham muito calmarias e chuviros, e são tantos nas calmarias ao longo dos navios que se não podem os marinheiros valer e são a própria mofina e malencólica.

Ayaya — Estes pássaros são do tamanho de Pegas, mais brancos que vermelhos, têm cor graciosa de um branco espargido de vermelho, o bico comprido, e parece uma colher; para tomar o peixe tem este artifício: bate com o pé na água, e tendo o pescoço estendido espera o peixe e o toma, e por isso dizem os índios que tem saber humano.

Saracúra — Este pássaro é pequeno, pardo, tem os olhos formosos com um círculo vermelho muito gracioso; tem um cantar estranho, porque quem o ouve cuida ser de um pássaro muito grande, sendo ele pequeno, porque canta com a boca e juntamente com a traseira, faz outro tom sonoro, rijo, e forte, ainda que pouco cheiroso, que é para espantar; faz esta música suave duas horas ante-manhã e à tarde, até se

acabar o crepúsculo vespertino, e quando canta de ordinário adivinha bom tempo.

Guará — Este pássaro é do tamanho de uma Pega, tem o bico muito comprido com a ponta revolta, e os pés de comprimento de um grande palmo; quando nasce é preto, e depois se faz pardo; quando já voa faz-se todo branco mais que uma pomba, depois faz-se vermelho claro, *et tandem* torna-se vermelho mais que a mesma grã, e nesta cor permanece até à morte; são muitos em quantidade, mas não têm mais que esta espécie; criam-se bem em casa, o seu comer é peixe, carne, e outras coisas, e sempre hão de ter o comer dentro n'água; a pena destes é muito estimada dos índios, e delas fazem diademas, franjas, com que cobrem as espadas com que matam; e fazem braceletes que trazem nos braços e põem-nas nos cabelos com botões de rosas, e estas suas joias e cadeias douro com que se ornaram em suas festas, e estimam-nas tanto que, como serem muito amigos de comerem carne humana, dão muitas vezes os contrários que têm para comer em troca das ditas penas: andam em bando estes pássaros, e se lhe dá o sol nas praias, ou indo pelo ar é coisa formosa de ver.

Há outros muitos pássaros que do mar se sustentam, como garças, gaviões. E certo gênero de águias, e outros muitos que seria largo contar.

XXI - DOS RIOS D'ÁGUA DOCE, E COISAS QUE NELES HÁ

Os rios caudais de que esta província é regada são inumeráveis, e alguns mui grandes, e mui formosas barras, não falando em as ribeiras, ribeiros e fontes de que toda a terra é muito abundante, e são as águas de ordinário mui formosas, claras, e salutíferas, e abundantes de infinidade de peixes de várias espécies, dos quais há muitos de notável grandura e de muito preço, e mui salutíferos, e dão-se aos doentes por medicina. Estes peixes pescam os índios com redes, mas o ordinário é a linha com anzol. Entre estes há um peixe real de bom gosto e sabor que se parece muito com o solho de Espanha; este se chama — Jaú — são de quatorze, e quinze palmos, e às vezes maiores, e muito gordos, e deles se faz manteiga. Em alguns tempos são tantos os peixes que engordam os porcos com eles. Em os regatos pequenos há muitos camarões, e alguns de palmo e mais de comprimento, e de muito bom gosto e sabor.

XXII - DAS COBRAS D'ÁGUA DOCE

Sucurijuba — Esta cobra é a maior, ou das maiores que há no Brasil, assim na gran-

deza como na formosura; tomam-se algumas de vinte e cinco pés, e de trinta em comprimento, e quatro palmos em roda. Tem uma cadeia pelo lombo de notável pintura e formosa, que começa da cabeça e acaba na cauda; tem dentes como cão, e aferra em uma pessoa, vaca, veado, ou porco, e dando-lhes algumas voltas com a cauda, engole a tal coisa inteira, e depois que assim a atem na barriga deixa-se apodrecer, e os corvos a comem toda de modo que não ficam senão os ossos, e depois torna a criar carne nova, e ressurgir como dantes era, e a razão dizem os índios naturais é porque no tempo que apodrece tem a cabeça debaixo da lama, e porque têm ainda o toutiço tornam a viver: e porque já se sabe isto quando as acham podres lhe buscam a cabeça, e as matam. O modo de se sustentarem é esperarem os animais, ou gente estendidas pelo caminhos, e em perpassando se enviam a eles, e os matam, e comem; depois de fartas dormem de tal modo que às vezes lhe cortam o rabo duas, três postas sem acordarem, como aconteceu que depois de cortarem duas postas a uma destas, ao dia seguinte a acharam morta com dois porcos montezes na barriga, e seria de cinquenta palmos.

Manima — Esta cobra anda sempre n'água, é ainda maior que a sobredita, e muito pintada, e de suas pinturas tomaram os gentios deste Brasil pintarem-se; têm-se por bem-aventurado o índio a quem ela se amostra, di-

zendo que hão de viver muito tempo, pois a Manima se lhes mostrou⁸.

XXIII - DOS LAGARTOS D'ÁGUA

Jacaré — Estes lagartos são de notável grandura, e alguns há tão grandes como cães; tem o focinho como de cão muito comprido, e assim têm os dentes. Têm por todo o corpo umas lâminas como cavalo armado, e quando se armam não há flecha que os passe; são muito pintados de várias cores; não fazem mal à gente, mas antes os tomam com laços facilmente, e alguns se tomaram de doze, quinze palmos, e os estimam muito, e os tem por estado os índios como rembabas, cães, ou outra coisa de estado; andam n'água, e na terra põem ovos tão grandes como de patas, e tão rijos que dando uns nos outros tinem como ferro; aonde estes andam logo são sentidos pelos grandes gritos que dão; a carne destes cheira muito, máxime os testículos, que parecem almíscar, e são de estima: o esterco tem algumas virtudes, em especial é bom para bebidas.⁹

⁸Ao ms. falta o seguimento, que vem em *Purchas his Pilgrimes*, vol IV, p. 1. 318: "Many others kinds of Snakes there be in the Rivers of fresh water, which I leave for brevitie sake and because there is nothing in particular that can be said of them".

⁹Em *Purchas his Pilgrimes*, vol. IV, p. 1. 318, *Lelidas*; deve ser *belidas*. manchas na córnea ocular.

XXIV - DOS LOBOS D'ÁGUA

Jáguaruçú — Este animal é maior que nenhum boi; tem dentes de grande palmo, andam dentro e fora d'água, e matam gente; são raros, alguns deles se acham no rio de S. Francisco, e no Paraguaçu.

Atacape — Estes lobos são mais pequenos, mais muito mais daminhos, porque saem d'água a esperar a gente, e por serem muito ligeiros matam algumas pessoas, e as comem.

Pagnapopéba — Estas são as verdadeiras lontras de Portugal. há outro animal: pequeno do tamanho de doninha, chama-se Sariguey beju — este tem ricas peles para forros; e destes animais d'água há outras muitas espécies, alguns não fazem mal, outros são muito ferozes.

Baéapina — Estes são certo gênero de homens marinhos do tamanho de meninos, porque nenhuma diferença têm deles; destes há muitos, não fazem mal.

Capijuara— Destes porcos d'água há muitos e são do mesmo tamanho dos porcos, mas diferem nas feições; no céu da boca têm pedra muito grossa que lhes serve de dentes queixais. Esta tem os índios por joia para os filhos e filhas; não têm rabo, andam muito tempo debaixo d'água, porém habitam na terra, e nela criam seus filhos: seu comer é erva e frutas que ao longo dos rios acham.

Itã — Há nos rios d'água doce muitos gêneros de conchas grandes e pequenas; algumas são tão grandes como boas cuias, e servem de fazer a farinha com elas; outras; são pequenas, e servem de colheres; todas elas são compridas, e de uma cor prateada; nelas se acham algumas pérolas.

Cágados — Nos rios se acham muitos cágados, e são tantos em número que os Tapuias engordam em certos tempos somente para os ovos, e andam a eles como a maravilhoso mantimento.

Guararigeig — Não faltam rãs nos rios, fontes, charcos, lagoas; e são de muitas espécies, principalmente esta — *Guararigeig*; é coisa espantosa o medo que dela têm os índios naturais, porque só de a ouvirem, morrem, e por mais que lhes preguem não têm outro remédio senão deixar-se morrer, tão grande é a imaginação, e apreensão que tomam de a ouvir cantar; e qualquer índio que a ouve morre, porque dizem que deita de si um resplendor como relâmpago.

Todos estes rios caudais são de tão grandes e espessos arvoredos, que se navegam muitas léguas por eles sem se ver terra de uma parte nem da outra; por eles há muitas coisas que contar, que deixo por brevidade.

XXV - DOS ANIMAIS, ÁRVORES, ERVAS, QUE VIERAM DE PORTUGAL E SE DÃO NO BRASIL

Este Brasil é já outro Portugal, e não falando no clima que é muito mais temperado, e sadio, sem calmas grandes, nem frios, e donde os homens vivem muito com poucas doenças, como de cólica, fígado, cabeça, peitos, sarna, nem outras enfermidades de Portugal; nem falando do mar que tem muito pescado, e sadio; nem das coisas da terra que Deus cá deu a esta nação; nem das outras comodidades muitas que os homens têm para viverem, e passarem a vida, ainda que as comodidades das casas não são muitas por serem as mais delas de taipa, e palha, ainda que já se vão fazendo edifícios de pedra e cal, e telha; nem as comodidades para o vestido não são muitas, por a terra não dar outro pano mais que de algodão. E nesta parte padecem muito os da terra, principalmente do Rio de Janeiro até São Vicente, por falta de navios que tragam mercadorias e panos; porém as mais capitánias são servidas de todo gênero de panos e sedas, e andam os homens bem vestidos, e rasgam muitas sedas e veludos. Porém está já Portugal, como dizia, pelas muitas comodidades que de lá lhe vêm.

Cavalos — Nesta província se dá bem a criação dos cavalos e há já muita abundância, deles, e formosos ginetes de grande preço que

valem duzentos e trezentos cruzados e mais, e já há correr de patos, de argolinhas, canas, e outros torneios, e escaramuças, e daqui começam prover Angola de cavalos, de que lá tem.

Vacas — Ainda que esta terra tem os pastos fracos; e em Porto-Seguro há uma erva que mata as vacas em a comendo, todavia há já grande quantidade delas e todo o Brasil está cheio de grandes currais, e há homem que tem quinhentas ou mil cabeças; e principalmente nos campos de Piratininga, por ter bons pastos, e que se parecem com os de Portugal, é uma formosura ver a grande criação que há.

Porcos — Os porcos se dão cá bem, e começa de haver grande abundância; é cá a melhor carne de todas, ainda que de galinha, e se dá os doentes, e é de muito bom gosto.

Ovelhas — até o Rio de Janeiro se acham já muitas ovelhas, e carneiros, e engordam tanto que muitos arrebetam de gordos, nem é cá tão boa carne como em Portugal.

Cabras — As cabras ainda são poucas, porém dão-se bem na terra, e vão multiplicando muito, e cedo haverá grande multidão.

Galinhas — As galinhas são infinitas, e maiores que no Reino, e pela terra ser temperada se criam bem, e os índios as estimam, e as criam por dentro do sertão trezentas e quatrocentas léguas; não é cá a carne delas tão gostosa como no Reino.

Perus — As galinhas de Peru se dão bem nesta terra, e há grande abundância, e não há convite onde não entrem.

Adens — As ganças se dão bem, e há grande abundância; também há outro gênero delas cá mesmo desta terra: são muito maiores, e formosas.

Cães — Os cães têm multiplicado muito nesta terra, e há-os de muitas castas; são cá estimados assim entre os Portugueses que os trouxeram, como entre os índios que os estimam mais que quantas coisas têm pelos ajudarem na caça, e serem animais domésticos, e assim os trazem as mulheres às costas de uma parte para outra, e os criam como filhos, e lhes dão de mamar ao peito.

Árvores — As árvores de espinhos, como laranjeiras, cidreiras, limoeiros, limeiras de várias sortes, se dão também nesta terra que quase todo o ano tem fruto, e há grandes laranjeiras, cidras, até se darem pelos matos, e é tanta a abundância destas coisas que delas se não faz caso. Têm grandes contrárias nas formigas, e com tudo isto há muita abundância sem nunca serem regadas, e como não falta açúcar se fazem infinitas conservas, cidrada, limões, florada.

Figueiras — As figueiras se dão cá bem, e há muitas castas, como beboras, figos negrais, berjaçotes e outras muitas castas: e até o Rio de Janeiro que são terras mais sobre quente dão duas camadas no ano.

Marmeleiros — No Rio de Janeiro, e São Vicente, e no campo de Piratininga se dão muitos marmelos, e dão quatro camadas uma após outra, e há homem que em poucos marmeleiros colhe dez, e doze mil marmelos, e aqui se fazem muitas marmeladas, e cedo se escusaram as da Ilha da Madeira.

Parreiras — Há muitas castas d' uvas como ferraes, boaes, bastarda, verdelho, galego e, outras muitas, até o Rio de Janeiro tem todo o ano uvas se as querem ter, porque se as podam cada mês, cada mês vão dando uvas sucessivas. No Rio de Janeiro, e máxime em Piratininga se dão vinhas, e carregam de maneira que se vem ao chão com elas, não dão mais que uma novidade, já começam de fazer vinhos, ainda que têm trabalho em o conservar, porque em madeira furá-la a broca logo, e talhas de barro, não nas têm; porém buscam seus remédios, e vão continuando, e cedo haverá muitos vinhos.

Ervas — No Rio de Janeiro, e Piratininga há muitas roseiras, somente de Alexandria, destilam muitas águas, e fazem muito açúcar rosado para purgas, e para não purgar, porque não têm das outras rosas; cozem as de Alexandria n' água, e botando-Iha fora fazem açúcar rosado muito bom com que não purgam.

Legumes — Melões não faltam em muitas capitánias, e são bons e finos; muitas abóboras que fazem também conserva, muitas

alfaces, de que também a fazem, couves, pepinos, rabãos, nabos, mostarda, hortelã, coentros, endros, funchos, ervilhas, gerselim, cebolas, alhos, borragens, e outros legumes que do Reino se trouxeram, que se dão bem na terra.

Trigo — No Rio de Janeiro e Campo de Piratininga se dá bem trigo, não no usam por não terem atafonas nem moinhos, e também têm trabalho em o colher, porque pelas muitas águas, e viço da terra não vem todo junto, e multiplica tanto que um grão deita setenta, e oitenta espigas, e umas maduras vão nascendo outras e multiplica quase *infinitum*. De menos de uma quarta de cevada que um homem semeou no Campo de Piratininga, colheu sessenta e tantos alqueires, e se os homens se dessem a esta grangeria, seria a terra muito rica e farta.

Ervas cheirosas — Há muitos manjeriões, cravos amarelos, e vermelhos se dão bem em Piratininga, e outras ervas cheirosas, como cebollaceê.

Sobretudo tem este Brasil uma grande comodidade para os homens viverem que não se dão nela percevejos, nem piolhos, e pulgas há poucas, porém, entre os índios, e negros da Guiné acham piolhos; porém, não faltam baratas, traças, vésperas, moscas, e mosquitos de tantas castas, e tão cruéis, e peçonhentos, que mordendo em uma pessoa fica a mão inchada

por três ou quatro dias máxime aos Reinóis,
que trazem o sangue fresco, e mimoso do pão
e vinho, e mantimentos de Portugal.

NOTAS

I — Neste capítulo trata Cardim dos mamíferos indígenas do Brasil. São os seguintes na ordem em que vêm descritos:

— SUGOAÇU, ou suaçu, nome com que os Tupis designavam o veado, composto de *çoo* animal, *guaçu* ou *açu* grande: o animal grande, a caça avultada. — *Suaçuapara* é o *Odocoelus suaçuapára*, Kerr, o veado galheiro ou dos mangues da sinonímia vulgar; o *Dicionario Português, e Brasileiro* consigna o vocábulo *suaçuapára* com a significação de veado de cornos; *apára*, como adjetivo, quer dizer o que verga, vergado, curvo, contorto. — As outras espécies a que se reporta o autor referem-se ao gênero *Mazama*. — *Carios* é grafia usada pelos autores espanhóis para o nome da tribo Tupi-Guarani dos Carijós, que dominava o litoral brasileiro de Cananéia para o Sul.

— TAPYRETÊ, ou *anta*, ungulado perissodáctilo da família dos tapirídeos (*Tapirus americanus* Briss.), o maior animal terrestre da nossa fauna — *Tapiireté*, em Piso e Marcgrav. — O nome Tupi é suscetível de várias explicações, mas nenhuma satisfatória; o sufixo *etê* verdadeiro, legítimo, serviu para diferenciar o ungulado do bovino, que os Tupis só conheceram depois do contato europeu, e ao qual chamaram *tapira*.

— PORCO MONTEZ, para a autor, ou *porcos do mato*, como se conhecem atualmen-

te, são os unglados artiodáctilos da família dos suídeos, gênero *Tayaçu*. — São duas as espécies brasileiras: *Tayaçu albirostris*, Cuv., que é a maior, chamada tayaçu e queixada, e *Tayaçu tayaçu*, Cuv., que também se chama caititu ou cateto. — Os nomes *tayaçutirica* e *tayaçûpigta*, citados pelo autor, devem reportar-se a essas duas espécies; suas etimologias é que carecem de correção: *tayaçutirica* não é, como diz, porco que bate e trinca os dentes, mas porco medroso, tímido, que foge, porque tal é a significação do Tupi *tirica*; *tayaçûpigta* não é porco que aguarda, ou finca-pé mas, faz porco vermelho, *pigta* por *pitán*. — Em Gabriel Soares acha-se *tayaçu*. — O vocábulo *tayaçú* se compõe de *tây* dente, *açu* grande; com ele se designavam os porcos em geral.

— ACUTI, ou cutia, roedor da família dos caviídeos foi assinalado desde o ano de 1500. Vicente Janez (*Dasyprocta aguti*, Linn). — Foi Tévét, nas *Singularitez de la France Antartique*, quem primeiro descreveu esse animal, que chamou *agoutin*. Em Hans Staden, *acuttia*. — Baptista Caetano explica o nome Tupi por *a* de gente, *curti* modo de comer ou tragar, com as patas dianteiras, acorde com a descrição de Cardim. — Nas repúblicas platinas prevaleceu a forma *aguti* ou *acuti*.

— PACA, roedor da família dos caviídeos (*Coelogenys paca*, L.). — Do verbo Tupi *pag* acor-

dar, despertar, exprimindo o gerúndio supino *páca* a esperta, a vívida.

— IAGOARETÊ, *jáguaretê* ou *onça pintada*, a espécie típica do gênero *Felis*, da família dos Felídeos, representada no Brasil por nove espécies. A *Felis onça*, Linn. É de todas a maior, embora seja um pouco menor do que o tigre asiático. — O nome Tupi *jáguaretê* é composto de *jaquar* onça, cão, e *etê* verdadeiro.

— SARIGUÉ, *sariguê*, *sarué*, *mucúra* e *gambá*, nomes todos esses que na sinonímia popular designam as espécies de marzúpios da família dos didelfídeos, particularmente o *Didelphis aurita*, Linn. — *Serigoé* em G. Soares; *sarigueya* em Marcagrav. — A palavra Tupi vem de *çoo-r-iguê*, animal de saco ou bolsa, com referência à particularidade anatômica que caracteriza essa classe de mamíferos, e que o autor descreve. — O *sariguê* foi assinalado desde o ano de 1500. Vicente Yañez Pinzon, em sua viagem de princípios daquele ano, achou nas costas da Guiana uma sariguê fêmea com seus filhotes, e levou-a para a Espanha. O fato foi referido por Grinoeus, em seu *Novus Orbis* (1532); Oviedo, na *Historia natural y general de las índias* (1535), descreveu o animal que, desde logo passou a figurar com o seu nome indígena em todos os tratados das regiões americanas.

— TAMANDUÁ, nome genérico de três espécies de desdentados da família dos Mirme-

cofagídeos. — De *ta*, contração de *tacy* formiga, e *monduar* caçador: caçador de formigas. Baptista Caetano prefere derivar o vocábulo de *tama* de pelos e *uguai* cauda, fácil de mudar-se em *ndnai*. O primeiro étimo, porém, condiz melhor com o modo de viver do animal.

— TATU, nome genérico dos desdentados da família dos Dasipodídeos, dos quais cerca de 24 espécies vivem no Brasil. O vocábulo é Tupi, de *ta-tu* casca encorpada ou densa, conforme deduz Baptista Caetano.

— CANDUAÇU — Com o aumentativo *açu* não se conhece esse animal na nomenclatura vulgar. *Coandú* é o roedor da família dos Coendídeos, cuja espécie maior é o *Coendo villosus*, Licht. — também com o diminutivo *mirim* não existe atualmente nenhum animal desse gênero, que admite, entretanto, várias outras espécies menores. O nome Tupi *coandú*, segundo Baptista Caetano, pode derivar-se de *guã* pelo, e *tu*, alteração de *mbotu* bater ou de *ty*, elevado, erguido.

— EIRARA, *irara* ou *papa-mel*, carnívoro da família dos mustelídeos (*Tayra barbara*, Linn.). — A cor do animal é parda, com uma mancha amarelada na garganta; o autor equivocava-se ao descrevê-lo de muitas cores. — O vocábulo Tupi deriva-se de *íra* ou *eira* mel, *ra* tomar, colher: o que colhe mel, o *papa-mel*, apelido que lhe vai às maravilhas pelo costume de lascar com os dentes os troncos das árvores

onde se encontram os ninhos de meliponídeos, ou o mel de pau, de que faz seu principal alimento.

— AQUIGQUIG, nome de difícil identificação na sinonímia vulgar. Como se trata de bugios grandes, pode relacionar-se com o *buriqui* ou *muriqui*, símio da família dos Cebídeos (*Eriodes arachnoides*, Cuv.), que é o maior dos nossos macacos. — Gabriel Soares menciona *guigó*, que ainda hoje é a denominação local baiana para certa espécie de saguis grandes.

— COATI, *cuati*, carnívoro da família dos Procionídeos, da qual habita o Sul do Brasil o *Nasua narica*, Linn. e o Norte o *Nasua nasua*, Wied, bem pouco diferentes entre si. — Baptista Caetano explica o nome Tupi por *áqua* ponta, e *tî* nariz: nariz de ponta, nariz pontudo, focinho.

— GATOS BRAVOS, ou gatos-do-mato, designação coletiva para os felídeos menores do gênero *Felis*.

— IÁGUARUÇU, *jaguára-guaçú*, ou simplesmente *guará*, como por abreviação se diz no Brasil, é o *Canis jubatus*, Desm., da família dos canídeos, da qual é o maior dos representantes. Chamam-no também cachorro do mato. — Conforme o *Catalogus Mamalium* de Trouessart (Paris, 1898), Além da espécie citada, encontram-se no Brasil as seguintes: *Canis cancrivorus*, Desm., *Canis microtis*, Mivart, *Canis azarae*, Wied, *Canis urostictus*, Mivart, *Canis*

parvidens, Mivart, e *Canis venaticus*, Lund. — O nome Tupi vem de *jaguár* cão, onça, e *uçu* por *açu* grande.

— TAPITI, roedor da família dos Leporídeos (*Lepus Brasiliensis*, Briss.), também chamado impropriamente coelho ou lebre. — *Tapotim* em G. Soares; *tapeti* em Piso e Marcgrav. — Na astronomia dos tupis maranhenses, segundo Abbeville, era o nome de uma constelação, talvez a constelação austral da Lebre. — Etimologicamente, é difícil de explicar.

— IÁGUACINI, *guaximim*, carnívoro da família dos Procionídeos (*Procyon cancrivorus*, Cuv.). — também chamado mão pelada. — Theodoro Sampaio explica o nome Tupi por *guchini*, o que rosna, o roncador, alusão ao hábito do animal de rosnar ou roncar quando se lhe toca na cauda.

— BIARATACA, *jaritatáca*, *maritatáca*, carnívoro da família dos Mustelídeos (*Conepatus suffocans*, Azara). — também chamado cangambá e zorrilho. — Em Piso, *biaratacaca*. — O nome específico deve o animal à secreção anal que expele para defender-se, de tal sorte nauseabunda, que afugenta os perseguidores. Arthur Neiva e Belisário Pena, em sua *Viagem científica*, publicada nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, tomo VIII, 1916, — referem ter apanhado vivo um exemplar do *Conepatus suffocans*, que se defendia terrivelmente com as ejaculações esverdinhadas que lançava a dis-

tância, afastando os cães, e obrigando a mais de uma pessoa a abandonar a luta; um camarada que mais se afanara em arrancar o animal do oco de uma umburana, onde se abrigara, teve de deitar-se completamente nauseado. Verificaram aqueles naturalistas que a substância que dá à secreção o repelente cheiro é o sulfidrato de etila, mais conhecido pelo nome de mercaptam. Quando as ejaculações são repetidas, chega-se a perceber a formação de vapores esverdeados. — Das outras castas a que alude o autor, deve participar o furão (*Grison vittatus*, Schreb.), que não tem mau cheiro e se faz doméstico. — O nome Tupi é difícil de explicar.

— PREGUIÇA, nome comum às espécies de desdentados da família dos Bradipodídeos. São ao todo quatro espécies, que pouco diferem umas das outras. — Cardim não consignou o nome *unáu*, que Abbeville e Marcgrave atribuíram à espécie maior, ou preguiça-real (*Choloepus didactylus*, Linn.); tão pouco o genérico *ái*, dado às outras preguiças. — A árvore de sua preferênciã, de cujas folhas se sustenta, é a imbaúba (*Cecropia* sp.).

— RATOS são as espécies indígenas de Murídeos, aquelas a que se refere o autor, vulgarmente chamados ratos-do-mato. — As três espécies caseiras ou domésticas são de importação europeia.

II — Neste capítulo arruma Cardim as cobras que andam na terra e têm peçonha. São os seguintes os offídios descritos:

— JIBOIA, da família dos Boídeos (*Constrictor constrictor*, Linn.). — *Jibóya* e *jeboia*, em Piso e Marcgrav. — Os autores explicam o nome Tupi *yibói* por cobra d'água ou de pau; atendendo a que a jiboia é serpente terrestre, parece-nos melhor étimo o que, por semelhança, a compare com o pau.

— GUIGRAUPIAGOÁRA, *papa-ovo* ou *papa-pinto*, da família dos *colubrídeos* (*Herpetodryas carinatus*, Linn.). — Em G. Soares, *urapiagára*. — é perfeita a etimologia de Cardim: comedora dos ovos dos pássaros, decompondo-se assim a palavra: *quirá* pássaro, *upia* ovo, e *guára* particípio do verbo *ú*, o que come, comedor. — O vocábulo Tupi desapareceu da nomenclatura popular.

— CANINANA, da família dos Colubrídeos (*Spilotes pullatus*, Linn.). — Em G. Soares, *caninam*. — Difícil de interpretar.

— BOITIAPOÁ, *cobra de cipó*, da família dos Colubrídeos (*Herpetodryas fuscus*, Linn.). — Em G. Soares, *boitiapoia*. — Com essa cobra açoitavam os índios as cadeiras das mulheres estéreis, como refere Cardim e confirmam outros autores. — O nome Tupi, que não prevaleceu, seria *bói-tî-apuã*, cobra de focinho redondo.

— GAITIEPIA, nome impossível de identificar.

– BOYUNA, *mussurana* ou *cobra-preta*, da família dos Colubrídeos (*Oxyrhopus cloetia*, Daud.). – De *bói* cobra, *úna* preta, negra.

– BOM, espécie desconhecida.

– BOICUPECANGA, que Cardim traduziu: cobra que tem espinhos pelas costas, é outro nome difícil de identificar. Seu étimo só em parte é satisfatório: *bói* cobra, *cupé* tergo, dorso, costas; mas *acanga*, que Além do significado próprio, pode ser também ramo, galho, não vem nos dicionários com a acepção de espinho.

III – Entram neste capítulo as cobras que têm peçonha, que são as seguintes:

– JARARACA, da família dos Viperídeos (*Lachesis lanceolatus*, Lacep.). – Em G. Soares, *gereraca*. – Para Baptista Caetano, pode derivar-se o nome de *yara-roág*, que envenena a quem agarra.

– JARARACUÇU, da mesma família (*Lachesis jararacuçu*, Lacerda). – De *jararaca*, e *uçu* grande.

– JARARAGOAIPGTANGA, que Cardim traduz: que tem a ponta do rabo mais branco que pardo, é a mesma *Lachesis lanceolatus*, vulgarmente conhecida também por jararaca do rabo branco, enquanto é nova. Há erro de cópia em *pigtanga*, porque em *Purchas his pilgrimes* v. IV, p. 1304, vem *Jaracoaypitinga*. O nome Tupi explica-se assim por *jararaca*, a cobra, *uguái* cauda, rabo, e *pitinga* branco. *Jararaca-pitinga* ocorre em Piso.

– JARARACOPÉBA, pela descrição pode

ser a *Lachesis atrox*, Linn. — O sufixo *péba* significa chato, achatado. — Em Piso, *jararaca-péba*; mas o nome não aparece mais na sinonímia vulgar.

— SURUCUCU, da mesma família (*Lachesis mutus*, Linn.). — O nome indígena não tem explicação aceitável.

— BOICININGA, *cascavel*, da mesma família (*Crotalus terrificus*, Laur.). — De *bói* cobra, *cinga* tintinante, ressoante, chocalhante.

— BOICININGBÉBA, espécie que não soubemos identificar; *béba* ou *péba* quer dizer chato ou achatado, como já ficou dito.

— IGBIGRACUÁ, espécie também de difícil identificação, porque o nome desapareceu. Gabriel Soares dá *ubiracoá*, que a Varnhagen parece a *Natrix punctalissima*, Spix — Martius, nos *Glossaria*, define: “serpens venenosus rufus, arbores scandens”. — O nome é tupi.

— IGBIGBOBOCA, *ibibobóca*, ou *cobra coral*, da família dos Colubrídeos (*Elaps marcgravi*, Wied). Em G. Soares, *ububoca* — Para Martius, nos *Glossaria*: “serpens in terra habitans”. — Baptista Caetano deduz o nome de *mbói-iby-pe babac*, cobra enroscada no chão. A designação Tupi caiu em desuso, substituída por *cobra coral*, ou *bacorá*, como estropiam os caipiras do Sul.

— ALACRÁS, ou *lacraus*, impropriamente aqui colocados são os Escorponídeos do gênero *Tytius*.

IV — Neste capítulo são descritas as aves terrestres que se seguem:

– ARARA, nome comum aos Psitacídeos maiores; o nome *macao* designa o *Ara macao*, Linn., também chamado *arára-canga*, *arára-piranga* e *arára-vermelha*. – Étimo duvidoso: se for Tupi, pode ser *ará* por *quirá* pássaro, exprimindo o frequentativo *ará-ra* pássaro grande, como acontece muitas vezes na língua; mas note-se que o Aymará *arára* significa falador, palrador.

– ANAPURU, nome de Psitacídeo difícil de identificar. Não vem mencionado em G. Soares, nem em Piso e Marcgrav, mas Gândavo a ele se refere, dizendo que em comércio entre os índios valia cada um de dois a três escravos.

– ARARUNA, *arára-úna*, da família dos Psitacídeos (*Anodorhynchus hyaciuthinus* Lath.). – Em Marcgrav, *araraúna*. – De *arára* a ave, *úna* negra.

– AJURUCURAO, *ajurú-curáu*, da mesma família (*Amazona amazonica*, Linn.). – Em Marcgrav, *airucurau*. – De *ajurú*, nome genérico Tupi dos papagaios e *curáu* que solta a língua, falador, maldizente.

– TUÍ, *tuim*, nome genérico dos Psitacídeos pequenos. – Em Gandavo, *tuyns*; em G. Soares, *tuim*; em Piso e Marcgrav, *tui*. – Talvez de *tu* por *ti* bico, e *í* pequeno.

– GUIGRAJUBA, *quirajúba*, *guarajúba*, *guarúba*, da família dos psitacídeos (*Conurus guarouba*, Gm.). – De *quirá* pássaro, *juba* amarelo. – *Guarúba* por aglutinação.

– IAPU, *japú*, da família dos Icterídeos (*Ostinops decumanus*, Pall.). – O nome Tupi explica-se por *ya*, demonstrativo, o que, aquele que, *pú*, soar, fazer rumor: o que soa, ou rumoreja, conforme Baptista Caetano.

– GUAINUMDIG, *guainumbi*, nome comum às aves da família dos Troquilídeos (beija-flores). – *Gainambi*, em G. Soares. – O nome Tupi tem várias explicações. Das espécies citadas, são corretas as etimologias do autor: *guaracigá* ou *guaraciá* vem a ser fruto do sol, por *coaracy* sol, e à fruto; *guaracigoba* ou *guaracióba*, cobertura do sol: *óba* é folha, mas implica o sentido de cobrir, o que cobre, a cobertura; *guaracigaba* ou *guaraciaba*, cabelo do sol: *aba* cabelo. – São ingênuas as noções do autor sobre a metamorfose dessas aves.

– GUIGRANHEÉNGETÁ, *quirá-nheengeté*, da família dos Tiranídeos (*Taenioptera nengeta*, Linn.). – De *quirá* pássaro, *nheeng* falar, *eté* muito: pássaro que fala ou canta muito. O nome desapareceu para dar lugar a *gronhatá* ou *grunhatá*, por aglutinação. – Pombinha das almas e Maria-branca são também nomes populares dessa ave; nas repúblicas platinas chamam-na *pepoasá*, do tupi-guarani *pepó* asa, e *açá* atravessada, o que é acorde com o nome genérico *Taenioptera*.

– TANGARÁ, nome comum a diversas aves da família dos Piprídeos, especialmente

aplicados à *Chiroxiphia caudata*, Sw., também chamada *dançador*. — A Goeldi parece que Linneu adotou a palavra indígena *tangará*, empregando-a com inversão de letras para formar o nome *Tanager*. — De *atá* andar, *carã* em volta: o que anda aos saltos, o que dança aos saltos, o pulador, conforme Theodoro Sampaio.

— QUEREIUÁ, *quiruá*, da família dos Cotingídeos (*Cotinga cincta*, Kuhl). — Em G. Soares, *querejuá*; Piso e Marcgrav *guira-quereá*. — Nome Tupi difícil de explicar.

— TUCÁNA, *tucano*, nome comum a diversas aves da família dos Ranfastídeos. — Parece ter sido Thevet, nas *Singularitez de la France Antarctique*, quem primeiro descreveu a ave, dando-lhe o nome indígena: “Sur la coste de la marine la plus frequente marchandise est le plumage d’un oyseau qu’ils appellent en leur langue toucan...”. — Em G. Soares, *tucano*; em Marcgrav, *tucan*. — De *ti* bico, *cang* ósseo, conforme Baptista Caetano.

— GUIGRAPÓNGA, *araponga* da família dos Cotingídeos (*Chasmorhynchus nudicollis*, Vieill.). — *Ferreiro*, *ferrador*. — De *quirá* pássaro, *ponga* sonante, que soa.

— MACUCAGUÁ, *macaguã*, da família dos Falconídeos (*Herpetotheres cachinnans*, Linn.). — Em G. Soares, *macucagoá*; em Gândavo, com a primeira forma. — De *má* por *ybá* fruto, *cugiguár* por *curihár* que traga, traga-

dor, comedor: comedor de frutos; ou ainda, preferível, por acorde com o nome genérico e com o instinto da ave, de *mbói-acá-hár*, aquele que briga com as cobras, conforme Baptista Caetano.

– MUTU, *mutum*, nome genérico das aves da família dos Cracídeos. – Em Azara, *mitu*. – De *mytun* por *pytun* ou *pytuna*, noite: escuro, negro, por extensão; originariamente qualificativo, dizendo pássaro negro ou escuro.

– URU, nome comum a duas espécies de aves da família dos *Odontophorus guyanensis*, Gm. e o *Odontophorus capueira*, Spix. – A primeira é peculiar à Amazônia; a segunda é a que o autor devia ter conhecido, por habitar o litoral.

– NHANDUGOAU, *nhandugnaçu*, ema, chamada impropriamente avestruz, da família dos Reídeos (*Rhea americana*, Linn.) – Em Marcgrav, *nhandu-guaçu*. – De *nhan* corre, tu estrepitante; ou *nhan* de correr, *ub* perna: corredora, a que corre; *guaçu* grande, segundo Baptista Caetano. – De qualquer modo a ideia de correr é dominante.

– ANHIGMA, *anhuma*, *inuma*, da família dos palamedeídeos (*Palamedea cornuta*, Linn.). – *Anhima* e *anhyma* em Marcgrav e Piso. – De étimo difícil de explicar.

V – Neste capítulo enfeixa Cardim as árvores frutíferas indígenas. São as seguintes:

– ACAJU, *caju*, fruto e árvore da família das Anacardiáceas (*Anacardium occidentale*, Linn.).

— Há outras espécies. — O nome *acajú* reserva-se hoje para a *Cedrela guyanenses*, J., da família das meliáceas, que vegeta na Amazônia. — Do Tupi *acã* caroço, e sufixo *yu*, por *y-ub*, que dá, que tem. Segundo Baptista Caetano, desconhecido no Sul e no Paraguai, e por isso só usado em dicionários tupis, onde também designa estação, ano. — Ao vinho que faziam do sumo do *caju* chamavam *cauim*, que Léry escreveu *caou-in* e Hans Staden *Kaawy*; a significação do vocábulo estende-se à bebida fermentada feita do milho mastigado.

— MANGABA, fruto e árvore da família das Apocináceas (*Hancornia speciosa*, Gomez). — Arruda Camara, que descreveu a árvore, denominou-a *Riberia sorbilis* em honra ao Padre João Ribeiro, da revolução pernambucana de 1817. — Em G. Soares, *mangaba*; em Piso e Marcgrav, *mangaiba* e *mangahiba*. — De *mã-guaba*, coisa de comer, segundo Theodoro Sampaio.

— MUCUOÉ, *mucugé*, *macugé*, em *Purchas his Pilgrimes*, v. IV, p. 1307, *mucuruje*, da mesma família (*Couma rigida*, Müll. Arg.). — Caminhoá chamou-a *Couma mocugé*. — G. Soares dá *macugé*. — De étimo duvidoso.

— ARAÇÁ, nome comum às Mirtáceas do gênero *Psidium*, de que há várias espécies. — Inaceitável o étimo que se encontra nos autores.

— OMBU, *umbú*, *imbú*, *ambú*, fruto e árvore dos Anacardiáceas (*Spondias purpurea*, Linn.). — Vocábulo Tupi, de étimo incerto.

— JAÇAPUCAYA, *sapucaia*, nome comum às diversas espécies de Lecytidaceas, do gênero *Lecythis*. — Em Gândavo, *zabucães*; em G. Soares, *sabucai*. — O nome Tupi forma-se de *ya* fruto de árvore, *eçá pucá í* que tem saltamento do olho, segundo Baptista Caetano. — Os mirabulamos índicos, com que o autor compara as castanhas da *sapucaia*, procedem da *Terminalia chebula*, Retz, da família das Combretáceas, a qual vegeta na Índia. Desses mirabolanos tratou Garcia da Orta, nos *colóquios dos simples e das drogas* (Colóquio 37°).

— ARATICU, ou *araticum*, nome comum a diversas Anonáceas dos gêneros *Anona* e *Rolinia*. — *Araticú-paná* é a *Anoua palustris*, Linn. — Étimo incerto.

— PEQUEÁ, *pequiá* ou *piquiá*, da família das Cariocaráceas (*Caryocar brasiliensis*, S. Hil.) — Em G. Soares, *piquiá*. O nome Tupi pode derivar-se de *pé* casca, e *quiá* suja, manchada. — Há várias espécies.

— JABOTICABA, fruto e árvore da família das Mirtáceas (*Myrciaria cauliflora* Berg.). — Em Marcgrav, *jabuticaba*. — De *yauti-guaba*, a comida do cágado, segundo Theodoro Sampaio. Martius traduz: “quase sebum testudinis”. Sobre os coqueiros informa o autor que há muitos, “que dão cocos excelentes como os da Índia”. O coqueiro (*Cocos nucifera*, Linn.) não é planta espontânea no Brasil; da Índia foi pelos portugueses levada para a

África, e os primeiros que foram ter à Bahia vieram de Cabo Verde, conforme o testemunho de G. Soares. Aí se deram melhor do que na Índia (é o mesmo cronista que o afirma), “porque metido um coco debaixo da terra, a palmeira que dele nasce dá coco em cinco e seis anos, e na Índia não dão estas palmas fruto em vinte anos”.

– PINHEIRO, ou pinho do Paraná, da família das Coníferas (*Araucaria brasiliana*, A. Rich. Lamb.).

VI — Neste capítulo vêm as árvores medicinais, que se seguem:

– CABUREIGDA, *caburehida* ou *cabreúva*, da família das Leguminosas, subfamília das Papilionáceas (*Myrocarp fastigiatus*, Fr. All.). – Em Piso, *caburé-iba*. – O nome Tupi vem de *caburé*, a coruja (*Glaucidium brasilianum*, Gm.), e *yba* árvore, pau. Do pericárpio exsuda resina, fluida no começo e depois concreta, conhecida *caburé-icica*.

– CUPAIGBA, *copaíba*, da família das Leguminosas, subfamília das Cesalpináceas (*Copahiba langsdorfii*, Desf.). – Lery foi quem primeiro a descreveu, dando-lhe o nome indígena: “Plus un qu’ils noment *copa-u*, lequel outre que l’arbre sur le pied ressemble aucunement au noyer, sans porter noix toutes-fois...”. – Em G. Soares, *copiuba*; em Marcgrav, *copiuba*. – De étimo incerto.

– AMBAIGBA, *ambahiba*, *embaúba*, *imbaúba*, da família das Artocarpáceas (*Cecropia*

adenops, Mart.). — Há outras espécies. Em Piso e Marcgrav, *ambaíba*. — De *ambá* oco, *yba* árvore. — Veja Baptista Caetano — índios do Brasil, verba *figueira*.

— AMBAIGTINGA, *imbaúba-branca*, da família das Artocarpaceas (*Cecropia palmata*, Willd.). — Em Piso, *ambaíba-tinga*. — Monardes citado é o médico e naturalista espanhol Nicolás Monardes, nascido em Sevilha em 1493 e falecido na mesma cidade em 1588. Nunca atravessou o oceano; mas dedicou-se com empenho ao estudo das produções naturais da América, que obtinha por intermédio dos viajantes. Desse modo conseguiu formar um pequeno museu de História Natural, que foi dos mais antigos da Europa, pois já existia em 1554. A principal de suas obras intitula-se: *Primera y segunda y tercera partes de la historia medicinal de las cosas que se traem de nuestras índias Occidentales, que sirven en Medicina*, etc. (Sevilla, 1574), onde se acham reunidos diversos tratados anteriormente dados à estampa. A primeira parte foi publicada em 1565 e depois em 1569; a segunda em 1571. À primeira refere-se Nicolás Antonio, na *Bibliotheca e Hispanae*, v. II, p. 122, citando a obra *De las drogas de las índias* (Sevilla, 1569). A obra de Monardes foi vertida em latim por Clusius, sob o título *Simplicium medicamentorum in índia Nascentium* (Amberes, 1574), havendo outra edição de 1582. Linneu, para honrar a memória do sábio espanhol, deu o nome de Monarda a um

gênero de plantas. — A referência de Cardim encontra-se à folha 6 v. da primeira parte do livro de Monardes, quando trata do azeite da figueira do inferno: “Tiene este azeyte grandes virtudes, como se há visto por el uso del, assim en las índias como en nuestras partes, y todo lo que dire, es con muy grande experiencia, y mucho uso del, en diversas personas”. — O exemplar consultado dessa raríssima obra pertence à biblioteca do Instituto Histórico.

— IGBACAMUCI, *arbor ignota*, segundo Martius. — Em Marcgrav, *iba-camuci*. — De *ybá* fruta, *cambucy* ou *camucy* pote: pote de fruta, conforme a descrição do autor.

— IGCIGCA, *icica*, *almecega*, *almecequeira*, da família das Burseraceas (*Protium brasiliense*, Eng.). — Em G. Soares, *ubiracica*; Marcgrav, *icicariba*. — De *y-cyca* água pegajosa, goma, resina. — O nome *igtaigcigca* ou *itaycyca* significa resina ou goma de pedra, enxofre. — O rio que se lança ao mar entre Ilhéus e Porto Seguro, e vem do sertão alto, deve ser o Jequitinhonha.

— CURUPICAIGBA, *curupicahiba*, nome de uma Terebinthacea, que não conseguimos identificar completamente.

— CAARÓBA, *caróba*, da família das Bignoniaceas (*Jacaranda caroba*, Vell.). — Há outras espécies. — De *caá* folha de planta, *róba* amargosa, acre.

— CAAROBMOÇORANDIGBA, *maçarandiba*, *maçaranduba*, da família das Sapotaceas

(*Mimusops elata*, Fr. All.). — Há outras espécies. — Em G. Soares, *maçarandiba*. — De étimo incerto.

— IABIGRANDI, *jaborandi*; em *Purchas his pilgrimes* v. IV, p. 1308, *iaburandiba*, arbusto da família das Rutaceas (*Pilocarpus pinatifolius*, Linn.). — De étimo difícil de explicar, segundo Baptista Caetano. — O *betele*, a que se refere o autor, é o *Piper betle*, Linn., originário da Índia. *Bétle*, *bétre*, *bétele* ou *bétel* é, conforme o Conde de Ficalho, em nota aos *colóquios* de Garcia da Orta (v. II, p. 402), adaptação portuguesa do tamil *vettilai*, maláyalam *vettila*, que se diz significar simplesmente a *folha*, isto é, a folha por excelência. — Rodolfo Dalgado, no Glossario luso-asiatico, verba *bétele*, confirma e explica largamente esse étimo. — A *cannafistula* (*Cassima ferrugínea*, Schrad) é originária da Índia, mas foi aclimada no Brasil. De uma espécie brasileira (*Cassima brasiliana*, Linn.), a *geneúna* dos indígenas, diz G. Soares que se achava no sertão da Bahia: “Em algumas fazendas (acrescenta) há algumas árvores de canafístula, que nasceram das sementes que foram de São Thomé, que dão o fruto mui perfeito como o das Índias.”

VII — Neste capítulo reúne Cardim alguns vegetais oleaginosos. São os seguintes:

— ANDÁ, talvez *andá-açu*, da família das *Euforbiaceas* (*Johannesia princeps*, Vell.). —

De *a-ãtã* fruto rijo, a noz, a amêndoa dura, segundo Theodoro Sampaio.

– MOXERECUIGBA, árvore ou arbusto difícil de identificar.

– AIURUATUBIRA, árvore ou arbusto nas mesmas condições.

– AIAHUTIPIGTA, *jabotapita*, em Piso e Marcgrav. Segundo Martius é a *Gomphia parviflora*, DC.

– IANIPABA, *jenipapo*, fruto e árvore da família das Rubiaceas (*Genipa americana*, Linn.). – Em Marcgrav, *janipaba*. O nome Tupi explica-se por *nhandipab* ou *jandápab*, fruto de esfregar, ou que serve para pintar, conforme Baptista Caetano e de acordo com o destino que davam ao fruto ainda verde.

– IEQUIGTIYGOAÇU, que deve ser o *saboeiro*, da família das Sapindáceas (*Sapindus divaricatus*, Will. & Camb.). – A casca polposa do fruto, esfregada na água, produz espuma, e é empregada como sabão para lavar roupa; as sementes servem para botões. Segundo o texto, serviram para contas, e eram das melhores por serem muito iguais. – Difícil de explicar o nome Tupi da árvore; mas note-se que *quity* esfregar, limpar, e o participio *quityca* podem aplicar-se às árvores a que chamam vulgarmente saponárias.

VIII – Neste capítulo trata apenas o autor da árvore que tem água.

O fenômeno referido deve ser levado à conta de informações exageradas que tenham

sido prestadas a Cardim. Nos sertões do Nordeste brasileiro vegeta, de fato uma leguminosa, a *Geofroya spinosa*, Linn., vulgarmente conhecida por *umary*, que dos olhos verte líquido em tal quantidade que, às vezes, no inverno, chega a molhar o solo, o que para o sertanejo é bom sinal de estação chuvosa; mas daí à árvore fonte, ou árvore rio, que se descreve, vai mais prodígio do que verdade. — O vocábulo *umary* é Tupi, contração de *y-mbo-ri-y*, que exprime árvore que faz que verta água, segundo Theodoro Sampaio.

IX — Neste capítulo enumera o autor algumas essências que dão madeira. São as seguintes:

— PAU-SANTO, da família das Leguminosas, subfamília das Cesalpináceas (*Zoolermia paraensis*, Hub.).

— PAU-BRASIL, das mesmas família e subfamília (*Caesalpineia echinata*, Lamk.). — *Ibirapitanga* é seu nome Tupi, por *ybyrá* árvore, pau, madeira, *pitanga* vermelha.

— JACARANDÁ, nome comum a diversas espécies da família das Leguminosas, subfamília das Papilionáceas.

— PAU DE ÁQUILA, da família das Aquilariáceas (*Aquilaria agallocha*, Roxb.). — O *pau de aquila*, ou *pau de aquila* é originário da Indochina:

“Vês, corre a costa que Champá se chama
Cuja mata é do pau cheiroso ornada...”
(Camões, Lusíadas, canto X, estr. 129).

De sua ocorrência no Brasil parece que é informação singular a de Cardim. Segundo o Conde de Ficalho, em nota aos *colloquios* de Garcia da Orta, o nome *aguilla* procede do hindi e deckani *agar* e *aghir*, e deu talvez também o *agil* ou *agila*; essas palavras, adotadas pelos portugueses, foram por eles muito usadas nas formas *aguila* e *pau de aguila*; e convertida por engano *aguila* em *aquila*, deram depois os nomes modernos francês e inglês de *bois d'aigle* e *eagle-wood*, sem que a madeira tenha a mais remota relação com as águias.

– SÂNDALO BRANCO está nas mesmas condições do pau de aguila. É originário do sul da Índia, e não consta que tivesse sido importado para o Brasil.

“Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo salutífero, e cheiroso...”
(Camões, Lusíadas, canto X, estr. 134).

– CEDRO, da família das Meliáceas (*Cabralea laevis*, DC.). Na flora brasileira contam-se cinco gêneros e 130 espécies dessa família.

– PAU D'ANGELIM, ou *angelim*, da família das Leguminosas, subfamília das Cesalpináceas (*Machaerium heteroptenium*, Fr. All.)

— Outras espécies se enquadram na subfamília das apilionáceas.

— NOZ-MOSCADA, ou melhor *noz muscada*, é especiaria de procedência asiática, produzida pela *Myristica fragrans*, Houtt., da família das Miristicaceas. — G. Soares não a menciona entre as árvores de Espanha que se dão na Bahia.

X — Neste capítulo figuram, um pouco desordenadamente, alguns vegetais úteis. São os seguintes:

— MANDIOCA, da família das Euforbiáceas (*Manihot utilissima*, Pohl). — Bastante conhecido é este vegetal e seus vários produtos para que precisemos alongar esta nota. — Mandioca é palavra americana, de étimo discutível. — Americo Vespuccio conheceu a planta em sua viagem de 1497. Martyr de Angleria descreveu-a sob o nome indígena em *De orbe novo decades*, publicada pela primeira vez em 1511, e desde logo todos os autores a conheceram e descreveram sob os nomes de *manioc*, *manihot* e *mandióca*.

— NANÁ, *ananás*, da família das Bromeliaceas (*Ananassa sativa*, Lindl.). — Léry e Thetvet descreveram a planta e fruto; em G. Soares, *ananaz*; em Gândavo, *annanaes*; em Piso e Marcgrav, *ananá*. — Se o vocábulo for Tupi vale por boa a etimologia de Baptista Caetano: *nã-nã* cheira-cheira.

— PACOBA ou *pacóva*, nome de fruto das Musáceas ou bananeiras indígenas. — Em

Léry, *paco* o fruto, e *pacoaire* a planta; em G. Soares, *pacoba* e *pacobeira*. — O nome Tupi vem de *pac-oba*, folha de enrolar.

— MURUCUJÁ, *maracujá*, nome genérico das Passimfloraceas indígenas, de que há diversas espécies. — De *mborucuyá*, fruto que faz vaso, que dá vasilha, conforme Baptista Caetano.

— MANGARÁ, nome comum a diversas espécies de Aroideáceas, de tubérculos comestíveis. — De *ybá-carã* fruto redondo, ainda conforme o mesmo autor.

— CARÁ, nome comum a diversas espécies de Dioscoreaceas indígenas, que também produzem tubérculos comestíveis.

— TAJAOBA, *tayoba*, da família das Aroideaceas (*Xanthosma violaceum*, Schott.). — De *taya-oba*, folha de taya, isto é, de planta picante.

— JAMBIG, *jambi*, *nhambi*; em G. Soares, *nhamby*. — Planta difícil de identificar: talvez o *Ageratum conyzoides*, Linn., da família das Compostas. — O nome *nhambi* ocorre nos obsoletos *Diccionarios* botânicos de Nicolau Moreira e Almeida Pinto, com determinação incerta.

XI — Neste capítulo ocupa-se Cardim das ervas medicinais, ou que servem para mezinhas. São as seguintes:

— TETIGCUCU, o nome está mal grafado: deve ser *jeticucú*, que é como ocorre na sinonímia popular, *ietigcucu* em *Purchas his Pilgrimes*, v. IV, p. 1310, por *jetipucú*. — é a *Ipomaea hederacea*, Jacq., da família das Convolvulaceas.

— De *yetica* batata, e *puçú* longa, comprida. — Do *mechoacão* ou *mechoacan*, trata Monardes na primeira parte de sua obra já referida na folha 28 v.

— IGPECACÓAYA, *ipecacuanha*, da família das Rubiáceas (*Psychotria ipecuanha*, Baill.). — Há outras espécies. — De *ypeg-aquã*i, anseris penis, segundo Baptista Caetano, pela forma que assume a raiz da planta.

— CAYAPIÁ, *caapiá*, *capιά*, da família das Artocarpáceas (*Dorstenia brasilienses*, Lam.). — Há outras espécies. — Em G. Soares, *caapiá*, “como o gentio chama, e os portuguezes, malvaíscos”; o *malvaíscos*, entretanto, é uma Piperácea. — De *caá* erva, *apiá* testículos: *herba testiculi, ob formam radiceis*. — Martius, *Glossaria*, p. 388. — Como antídoto de toda sorte de veneno, máxime da peçonha de cobra, o autor compara o cayapiá às seguintes drogas asiáticas:

Unicorne ou *unicórnio de bada*, isto é, a ponta do rinoceronte.

Pedra de bazar ou *pedra bezoar*, como se chamavam as concreções calcárias formadas em diversas partes do corpo de certos animais, principalmente ruminantes, segundo esclarece o Conde de Ficalho, em nota aos *colloquios* de Garcia da Orta. No tempo de Orta, que foi o mesmo de Cardim, a *pedra bezoar* ainda gozava de universal e excepcional reputação; Monardes escrevia o seu *Tratado de la piedra bezoar*, e a empregava com proveito

em Espanha como contraveneno, mandando-a vir expressamente de Lisboa.

— *Coco de Maldiva*, ou das *Maldivas*, ou ainda *coco do mar*, isto é, o fruto da palmeira *Lodoicea seychellarum*, Labill., que só é encontrada no grupo das Seychelles e apenas em três das ilhas. Tem essa palmeira uma história curiosa, que vale a pena de referir, através da bela dissertação do Conde de Ficalho, na *Flora das Luziadas* (Lisboa, 1880), e nos citados *Colloquios* de Garcia da Orta. Como as Seychelles ficam muito empegadas no mar das Índias, e arredadas do caminho da navegação, que habitualmente seguia o canal de Moçambique, permaneceram desconhecidas até ao século XVIII, e desconhecida portanto a palmeira; mas não sucedia o mesmo aos seus frutos, cocos de notável grandeza, que, caindo ao mar, flutuavam à mercê das correntes e dos ventos; e, impelidos por essas correntes, ajudadas em parte do ano pela monção sudoeste, eram levados principalmente na direção das Maldivas, em cujas praias se encontravam com certa frequência, — e daí o nome de *coco das Maldivas*. Como era natural, esses enormes cocos flutuantes atraíam a atenção, sendo os habitantes das ilhas, que os achavam, obrigados sob penas graves, a entregá-los aos seus reis ou chefes; e naturalmente também, vendo-os sobre as águas, ou na areia onde os lançava a maré, e não conhecendo a planta que os criava, supuse-

ram-nos produzidos por vegetais submarinos. Essa mesma origem lhes atribuíram os escritores portugueses quinhentistas, João de Barros, nas *Décadas*, Garcia da Orta, nos *Colloquios*, e outros. Camões, nos *Lusiadas*, consagrou-lhes a procedência:

“Nas ilhas de Maldiva nasce a planta
No profundo das águas soberana,
Cujó pomo contra o veneno urgente
é tido por antídoto excelente.”
(Canto X, estr. 136).

Mais de um século depois de Camões, em 1690, o naturalista Rumphius, citado pelo Conde de Ficalho, ainda acreditava na origem submarina desse fruto, que era celebrado e muito procurado. É o mesmo Rumphius que conta, que certo almirante holandês, Wolferio Hermano, que no ano de 1602 comandara uma ação nos mares de Bantão contra a esquadra portuguesa de André Furtado de Mendonça, possuía um desses cocos, pelo qual o imperador Rodolpho II oferecera a soma importante de quatro mil florins, que os herdeiros do almirante não aceitaram. Era então o único que existia na Holanda; em Portugal eram mais frequentes e vinham da Índia para a rainha; Clusius viu em Lisboa, em 1563, mais de um. Na Europa montavam-se em prata e ouro. Tal era o *coco de Maldiva*, a que se refere Cardim, o “antídoto excelente”, de Camões.

– TAREROQUIG, *tareroqui*, planta da família das Leguminosas (*Cassima occidentalis*, Linn.). – Tem outros nomes locais, como Tararacú, fedegoso, matapasto, crista de galo, lava pratos, etc. – O nome Tupi é difícil de explicar.

– GOEMBEGOAÇU, *guembé-guaçu*, *im-bé-guaçu*, da família das Aráceas (*Philodendron*, sp.). – De *ym-mbé*, planta que se arrasta, planta rasteira, e *guaçu* grande.

– CAÁOBETINGA, planta difícil de determinar. – Conforme a descrição o nome Tupi se traduz por *caá* folha, *obi* verde, e *tinga* branca.

– SOBAÚRA, planta nas mesmas condições. – O nome deve ter desaparecido da sinonímia.

– ERVA SANTA, *fumo*, *tabaco*, *petúm*, planta da família das Solanáceas (*Nicotiana tabacum*, Linn.). – Tévet, *petun*; Léry, *pytyma*; Hans Stadem, *bettin*; Cardim (*Os índios do Brasil*), *petigma*. – Damião de Góes, na *Chronica de D. Manuel* (Lisboa, 1566-67) p. 1, cap. 56, fl. 52, escreve: “E a que chamamos (erva do Brasil) do fumo e eu chamaria erva santa, a que dizem que eles (os índios) chamam *betum*... Esta erva trouxe primeiramente a Portugal Luis de Góes, que depois sendo viúvo se fez na Índia dos da Companhia do nome de Jesus.” Luis de Góes era irmão do cronista e também de Pero de Góes, com quem veio ao Brasil para a donatária de Campos, segundo Varnhagen. Gafarel, na *Notice biographique*, que precede a edição

das *Singularitez de la France Antarctique*, de Têvet, reivindica para este a glória que se atribui a Nicot, de ter introduzido a planta na França. (Vide a nota 31, que Valle Cabral pôs às *Cartas do padre Manuel da Nobrega* — Rio de Janeiro, 1886). — A *canguera*, como instrumento para fumar ou beber fumo, espécie de cigarro monstro, é desconhecida dos dicionários tupis, onde vem apenas com as acepções de osso, espinha, ossada, o osso sem carne. A significação acima é, portanto, translata, quiçá devida à semelhança entre os objetos. Gabriel Soares refere-se à *cangoeira* (como escreve) de fumo, que “é um canudo que se faz de uma folha de palma seca, e tem dentro três ou quatro folhas secas da erva-santa, a que os índios chamam *petume*, a qual *cangoeira*, atam pela banda mais apertada com um fio, onde estão as folhas do *petume*, e acendem esta *cangoeira* pela parte das folhas do *petume*, e como tem brasa, a metem na boca, e sorvem para dentro o fumo, que logo lhe entra pelas cachagens, mui grosso, e pelas goelas, e sai-lhe pelas ventas fora com muita fúria; como não podem sofrer este fumo, tiram a *cangoeira* fora da boca”. — Aí está a origem do nosso cigarro... — Conf. Baptista Caetano — *Índios do Brasil*, verba *canguera*.

— GUARAQUIGYNHA, *guaraquim*, *erva de bicho*, *erva moura*, *pimenta de rato*, *carachichú*, planta da família das Solanáceas (*Solanum nigrum*, Linn.). — A planta foi descrita e represen-

tada por uma boa figura na obra de Piso - *De Indiae utriusque re natural et medica* (1658), com o nome de *aguaraquiya*, que se pode traduzir por *jaguára* cão, e *kyynha* pimenta: pimenta de cão.

– CAMARÁ ou *cambará*, planta da família das Verbenáceas (*Lantana camara*, Linn.). – De *caá* folha, *mbará pintada*, variegada, de várias cores.

– AIPO, da família das Umbelíferaceas (*Apium graveolens*, Linn.).

– MALVAÍSCO: ver o que ficou dito em *cayapiá*.

– CARÁGUATÁ, *caraquatá*, *carautá*, *crauatá*, *crauí*, *gravatá*, da família das Bromeliáceas (*Bromelia karatas*, Linn.). – De *caaraqua-atá*, como vem explicado por Baptista Caetano – Índios do Brasil, mesma verba.

– TIMBÓ, da família das Sapindáceas (*Paullinia pinnata*, Linn.) – O nome Tupi é difícil de explicar.

XII – Neste resumido capítulo ocupa-se o autor apenas das duas plantas que se seguem:

– ERVA-QUE-DORME, *dormideira*, *papoula*, da família das Papaveráceas (*Papaver somniferum*, Linn.).

– ERVA VIVA, *sensitiva*, *malícia de mulher*, da família das Leguminosas, subfamília das Mimosáceas (*Mimosa* sp.). — *Orégão* e *poejo* são plantas da família das Labiadas (*Mentha piperita*, e *M. pulegium*, Linn.).

XIII – Neste capítulo referido às canas indígenas, trata somente da seguinte espécie:

– TACOÁRA, *taquara*, da família das Gramíneas (*Chusquea gaudichaudii*, Kunth.). – O nome Tupi explica-se por *tâ-quara*, haste furada, ou cheia de buracos, conforme Theodoro Sampaio.

XIV – Neste capítulo são descritos os peixes de mar, que são vários e se seguem:

– PEIXE-BOI, cetáceo da família dos Manatídeos (*Manaius australis*, Tilesius). – A espécie amazônica, que é hoje a mais comum, é *Manaius inunguis*, Natterer. – Em G. Soares, *goaragó*, melhor *guaraguá*, que se traduz por *guára-guára*, come-come, comilão, ou ainda por *yguá-ri-guá*, morador em enseadas, do hábito do cetáceo.

– BIGJUIPIRÁ, *bijupirá* ou *bejupirá*, da família dos Raquicentrídeos (*Rachycentrus canadus*, Linn.). – Em G. Soares, *beijupirá*. – De *mbeyú-pirá*, peixe de bolo, por causa da qualidade de sua carne, segundo Baptista Caetano.

– OLHO DE BOI, da família dos Carangídeos (*Seriola lalandei*, Cuv. & Val.), que atinge a grandes dimensões. – Em G. Soares, *tapyrsicá*, que quer dizer “olho de boi”; de *tapyra boi*, eçá olho.

– CAMURUPIG, *camurupi* ou *camarupim*, da família dos Clupeídeos (*Megalops thrissoides*, Bl. & Schn.). – Em Gândavo, *camboropim*; em G. Soares, *camuopi*; em Abbe-

ville, *camouroupouy*. — é o *pirapema* do litoral do Norte do Brasil. — Nome Tupi difícil de explicar.

— PEIXE SELVAGEM, da família dos Hoemulídeos (*Conodon nobilis*, Linn.). — O nome Tupi *pirambá* significa peixe roncador, que ainda prevalece na sinonímia vulgar, ou simplesmente *roncador*. — Em *Purchas his pilgrimes*, v. IV, p. 1313, vem *piraembu*.

— BALEA ou *baleia*, nome comum aos grandes cetáceos da família dos Baleanídeos. — Contam-se sete espécies que frequentam as costas do Brasil.

— ESPADARTE, da família dos xifídeos (*Xiphias gladius*, Linn.).

— TARTARUGA, nome comum aos quelônios marinhos, mal colocado pelo autor neste capítulo. — Uma espécie do gênero *Thalassochelys* atinge a enormes proporções; talvez a essa se refira o texto, com evidente exagero, quando diz que 20 homens não a podiam levantar do chão.

— TUBARÕES, as espécies maiores dos peixes da ordem dos Seláquios.

— PEIXE VOADOR, da família dos Cefalacantídeos (*Cephalacanthus volitans*, Linn.). — Em Marcgrav *pira-bebe*, de *pira-peixe bebe* volante, que voa. — Um dos nomes atuais é *coiô*.

— BOTOS E TUNINHAS, (toninhas), cetáceos da família dos Delfinídeos.

– Língua DOS e SALMONETES, da família dos Pleuronectídeos.

XV – Neste capítulo encontram-se os peixes peçonhentos seguintes:

PEIXE-SAPO, ou *guamayacú*, que se diz hoje *baiacú*, da família dos tetrodontídeos. – O *baiacu de espinho* é o *Chilomycterus spinosus*, Linn., da família dos Diodontídios. – *Itaoca* ou *taóca* é o *Lactophrys tricornis*, Linn., da família dos Ostraciontídeos. – *Carapeaçaba*, em G. Soares *carapiaçaba*, difícil de identificar.

– PURÁ, *puraquê* ou *poraquê*, peixe eléctrico, da família dos Electroforídeos (*Electrophorus electricus*, Linn.). – De *poro-quer*, que faz dormir, adormece ou entorpece, segundo Baptista Caetano. — Em *Purchas his Pilgrimes*, v. IV, p. 1.314, *puraque*.

– CARAMURU, *moreia*, da família dos Muraenídeos (*Lycodontis acelatus*, Linn.). – Foi o apelido de Diogo Alvares Corrêa entre os Tupinambás da Bahia: seu neto Belchior Dias Moreia, o famoso descobridor das minas de Itabaiana, trasladou para o vernáculo a alcunha avoenga.

– AMOREATI, *moreiatim*, da família dos Thalassophynídeos (*Thalassophyrne branneri*, Starks).

– GUAMAIACUCURUB, *baiacú-curúba*, espécie dos tetrodontídeos, difícil de determinar. – O vocábulo Tupi *curúba* significa sarna, e não verruga.

— TEREPOMONGA — Parece tratar-se aqui da sanguessuga, verme da família dos Hirundinídeos. — O adjetivo Tupi *pomong* quer dizer pegajoso, viscoso, que pega ou gruda.

XVI — Este capítulo ocupa-se exclusivamente dos homens marinhos, ou monstros do mar. A lenda pertence ao mesmo ciclo de ideias que produziu os tritões, as sereias, as mães d'água e outros seres fantásticos. Os autores antigos, que trataram do Brasil, Gandavo, Gabriel Soares, frei Vicente do Salvador, padre João Daniel e Barlaeus referem-se ao homem marinho, que descrevem semelhantemente; deles manifestam-lhe o nome indígena: Gandavo — *Historia da provincia Santa Cruz*. (Lisboa, 1576) fl. 32 — “os índios da terra lhe chamam em sua língua *hipupiara*, que quer dizer demônio d'água”; Gabriel Soares — *Tratado descriptivo do Brasil* (Rio de Janeiro, 1851), p. 280 — “não há dúvida se não que se encontram na Bahia e nos recôncavos dela muitos homens marinhos, a que os índios chamam pela sua língua *upupiara*”; e Barlaeus — *Rerum per octennium in Brasilia* (Amsterdam, 1647) p. 134 — “sunt Tritonis indigenis *ypupia-prae* dicticum umanos vultus aliqua referant, et femelae caesariem ostentent fluidam et faciem elegantiolem”. — O nome Tupi serve de prova de que a ideia era familiar às gentes desse grupo importante. Sua etimologia consigna Baptista Caetano em *upypeara*, ou *u-pypiára*, em que aparecem os elementos *y água*, e *pypiára* de dentro,

do íntimo: o que é de dentro d'água, o que vive no fundo d'água, o aquático; o nome era também atribuído a peixes, especialmente à baleia.

Para o editor da tradução francesa do livro de Gandavo na coleção de Henri Ternaux, o monstro provocador das assaltadas, que narram os autores citados, seria provavelmente alguma foca de tamanho extraordinário; para Varnhagen, o comentador de Gabriel Soares, seriam elas obra de tubarões, ou de jacarés, uma vez que não consta haver focas no litoral brasileiro.

XVII – Este capítulo trata dos moluscos, que no seguinte, de mistura com crustáceos, ainda aparecem. São:

– POLVOS, moluscos cefalópodes. As espécies de gênero *Sepia* são as que produzem a tinta que tem esse nome.

– AZULA, molusco difícil de identificar. – Em *Purchas his Pilgrimes*, v. IV, p. 1315, vem escrito apula.

– ÁGUAS MORTAS, que melhor se denominão hoje *águas-vivas*, são celenterados marinhos, também chamados medusas.

XVIII – Vêm agora os crustáceos, mas *in-fine* enumeram-se alguns moluscos.

– UÇÁ, caranguejo da família dos Gecarcinídeos (*Ucides cordatus*, Linn.). – De *ub* perna, *eçá* olho: olhos de perna, ou podoftalmos, como traduziu Baptista Caetano.

– GUANHUMIG, *guayamú* ou *guayamum*, da mesma família (*Cardisoma guanumi*,

Latr.). — De étimo difícil de explicar. Em Abbeville *ouégnonmoin*, que vem a ser também o nome de uma constelação na astronomia dos tupis maranhenses.

— ARATU, da família dos Grapsídeos (*Aratus pisoni*, M. Edw).

— OSTRAS, moluscos lamelibrânquios da família dos Ostreídeos, da qual duas espécies pelo menos habitam a Brasil. — As *ostreiras* ou *sambaquis* têm aqui menção interessante.

— MIXILHÕES, melhor *mexilhões*, são os moluscos pertencentes à família dos Mtilídeos; o *sururú* e o *bacucú* são comestíveis.

— BERGUIGÕES são os da família dos venerídeos. — Entre os búzios, o autor menciona *guatapigoaçu*, o *uatapú-guaçu* ou *atapu*, bastante conhecido.

— PIRAGUAY, *perigoari* ou *pregoari*, molusco prosobrânquio marinho da família dos Estrombídeos (*Strombus pugilis*, Linn.). — Em G. Soares, *perigoá*.

— CORAL BRANCO, assim se denominam os organismos formados por colônias de pólipos sobre esqueletos calcários em geral arborescentes.

— LAGOSTINS, crustáceos marinhos da família dos Scilarídeos.

XIX — Do conjunto vegetal formado pelos mangues, que o autor descreve neste capítulo, os componentes principais são: o manguê vermelho (*Rhizophora mangle*, Linn.),

da família das Rizoforáceas; o mangue manso (*Laguncularia racemosa*, Gaertn.), da família das Combretáceas; a siriúba (*Avicennia nitida*, Jacq.), da família das Verbenáceas. — A primeira espécie é a que despede grandes raízes adventícias em forma de trempes, a que alude o texto. — Nos mosquitos dos mangues, *mariguís*, como escreve Cardim, temos o *maruim*, *meruim* ou *muuim*, da família dos Chironomídeos, representada por vários gêneros; as espécies que se desenvolvem nos mangues, porém, pertencem ao gênero culicoides, e foram estudadas pelo sábio Dr. Adolfo Lutz, em trabalhos publicados nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, de 1912 e 1913. A uma das espécies mais comuns nos mangues, Lutz chamou Culicoides maruim, que ocorre desde o litoral baiano até Santos. — O nome Tupi procede de mberu mosca, î pequena, o mosquito.

XX — Neste capítulo são descritas as aves marinhas na ordem que se segue:

— GUIGRATINGA, *guiratinga* ou *garça branca*, da família dos Ardeídeos (*Herodias egretta* Gm.) — Nome Tupi, de guirá pássaro, *tinga* branco.

— CARIPIRÁ, *grapirá*, *tesoura*, *alcatraz*, da família dos Fregatídeos (*Fregata aquila*, Linn.).

— Em G. Soares, *carapirá*. — De *guirá*, pássaro, *pirá* peixe.

— GUACÁ, ou *gaivota*, deve ser o *Thaethusa magistrostris*, Licht.), da família dos Larí-

deos, também chamada andorinha do mar. — O nome *guaçú* desapareceu na sinonímia vulgar.

— GUIGRATÉOTÉO, *téu-téu*, da família dos Caradriídeos (*Belonopterus cayanensis*, Gm.).

— O nome é onomatopaico do grito da ave.

— CALCAMAR, *talha-mar*, *corta-mar*, *bico-rasteiro*, da família dos Larídeos (*Rynchops intercedens*, Saunders).

— AYAYA, *colhereiro*, da família dos Plataléídeos (*Ajaja ajaja*, Linn.).

— SARACUBA, nome comum a diversas aves da família dos Ralídeos. — De *çara* espiga, *cur* comer, tragar: o que come ou traga espiga.

— GUARÁ, da família dos Ibirdídeos (*Eudocimus ruber*, Linn.). — Nome Tupi, de étimo discutível.

— **XXI** — Este capítulo trata dos peixes de água doce, especialmente do *jaú* ou *jahú*, da família dos Silurídeos (*Pauliceia lutkeni*, Steind.) que é dos mais volumosos do Sul do Brasil.

— **XXII** — Descreve este capítulo duas cobras de água doce:

— SUCURIJUBA, *sucurijú* ou *sucury*, da família dos Boídeos (*Eunectes murinus*, L.). Em G. Soares, *sucuriú*.

— MANIMA, em Piso *manima*, grande espécie, ainda maior que a sobredita, e muito pintada; talvez a *amoré-pinima*, que Marcgrav representa. G. Soares não a menciona.

XXIII — Este capítulo occupa-se dos lagartos d'água e refere-se com especificação ao seguinte:

— JACARÉ, réptil emidosáurio da família dos Crocodilídeos, representada no Brasil pelos gêneros Caiman e Jacaretinga. O jacaré-do-papo-amarelo é o mais comum da Bahia para o Sul. Deve ter sido esse que o autor mais particularmente conheceu.

XXIV — Vêm neste capítulo os lobos do mar, carnívoros pinipídeos, da família das Otariídeos, habitantes da Região Antártica, que de arribação chegam até o Rio de Janeiro. Destes, o *Olaria jubata*, Forst., é comum nas costas de Santa Catarina.

— JAGUARUÇU, que significa cão grande, não está nos outros autores, senão como o Canídeo que já vimos.

— ATACAPE, difícil de determinar.

— PAGNAPOPÉBA, em G. Soares *ja-goarapeba*, é a lontra ou ariranha, da família dos Mustelídeos (*Pteronura brasiliensis*, Zim.).

— *Pagnapopéba* vem por erro de cópia no manuscrito, porque em *Purchas his Pilgrimes*, v. IV, p. 1318, está *iáguapopeba*.

— SARIGUEI-BEIJU, em Marcgrav *çariguei-beiú*, é espécie difícil de identificar, do mesmo modo que *baéapina*, que não figura nos autores, e pela descrição, se não se trata de símios, deve pertencer à classe dos animais fantásticos. — Em *Purchas his Pilgrimes*, v. IV, p.

1318, vem *baepapina*. O nome Tupi *sariguê* já foi explicado na nota I.

– CAPIJUARA, *capibára* ou *capivara*, roedor da família dos Caviídeos (*Hydrochoerus hydrochoerus*, Erxl.). Em Abbeville, *capyyuare*. — O nome Tupi vem de *capyî* erva, o capim, e *guára*, participio do verbo *ú* comer: o que come capim, o herbívoro.

– ITÃ ou *itan*, conchas bivalvas de mexilhões, às quais ainda hoje se dá a aplicação a que se refere o texto. — é nome Tupi e, segundo Baptista Caetano, pode ser modificado de *tar* colher: o que colhe, o que apanha.

– CÁGADOS, quelônios terrestres ou d'água doce.

– GUARARIGEIG, com melhor grafia *guararyey*, para denominar certa rã, é difícil de explicar. O nome Tupi da rã é *yuí*; G. Soares descreve a que os índios chamavam *juigoarai-garai*, talvez a mesma de que trata Cardim. A sistemática moderna é que não faz distinção.

XXV — Este capítulo ministra uma ideia do estado da colonização do país no último quartel do século XVI. “Este Brasil é já outro Portugal (assevera Cardim), pelas muitas comodidades que de lá lhe vêm.” Casas de pedra e cal e telha já se iam fazendo; se algumas partes da terra, do Rio de Janeiro a São Vicente, sofriam carência de mercadorias e panos, que não vinham de Portugal, por falta de navios, eram bem servidas dessas coisas as outras capitanias,

e andavam os homens bem vestidos, e rasgavam muitas sedas e veludos.

Dos animais e plantas que importavam vêm em primeiro lugar os cavalos. Diz G. Soares que as éguas foram levadas de Cabo Verde para a Bahia: daí conduziram os cavalos a Pernambuco por mercadoria, onde valiam de 200 a 300 cruzados e mais, preço que se ajusta com o que dá Cardim. As primeiras vacas que foram à Bahia, levaram-nas de Cabo Verde e depois de Pernambuco, diz G. Soares; o Brasil já estava cheio de currais, e havia quem possuísse 500 e mil cabeças, informa o nosso autor. De porcos, ovelhas e cabras havia abundância, e se reproduziam fartamente; as galinhas saíam maiores do que as do Reino, e eram infinidade. As do Peru, como chama Cardim, ou galipavos, conforme G. Soares, se davam bem na terra, havia delas fartura e se tornavam prato de festa. Cabem aqui algumas palavras sobre essa ave interessante, que é sem questão originária da América. Gandavo, escrevendo em 1576, foi talvez o primeiro que a denominou galo do Peru; sabe-se, entretanto, que o galináceo foi encontrado no México pelos companheiros de Hernando Cortez, e por eles crismado com o nome de *galio pavo*, por apresentar certa semelhança com o pavão. Com essa denominação, ou com a correlata *galiopabo*, foi a ave aclimada na Es-

panha e daí passou para Portugal. É provável que houvesse aí, no começo, a concorrência de *galoepavo* e *galeo* do Peru; mas certo é que a última prevaleceu, ao depois reduzida a *perú*, pela queda natural do determinante. O erudito Alfredo de Carvalho, discutindo a origem desse nome, traçou este lúcido período com que damos por encerrada a digressão: “É certo que Portugal nunca teve relações diretas com o Peru; mas como a introdução ali da ave, procedente da América Espanhola, teve lugar ao mesmo tempo em que as façanhas de Pizarro, espalhavam pelo mundo o nome dado ao império dos Incas, é razoável supor que proviesse dessa coincidência a sua denominação portuguesa.”

Os adens ou gansos e os cães completam a lista das animais domésticos que vieram de Portugal, segundo Cardim, aos quais se devem juntar as pombas de Espanha, que G. Soares não esqueceu, embora lhes fizessem muito nojo as cobras, que lhes comiam os ovos e os filhos, pelo que se não podiam criar em pombais.

Dos vegetais alienígenas citam-se laranjeiras, cidreiras, limoeiros e limeiras; vêm a seguir as figueiras, marmeleiros e parreiras. A mais de Cardim, dá G. Soares as romeiras, as tamareiras, as zamboas, palmeiras ou coqueiros e a cana de açúcar. Das roseiras havia apenas a de Alexandria, a *Rosa centifolia*, de Linneu, a mais antiga que se

conhece. O trigo e a cevada davam bem no Rio de Janeiro e Piratininga; os legumes do reino e as ervas cheirosas igualmente vegetavam por toda parte.

E por tudo isso, o Brasil já era outro Portugal, ao tempo em que escrevia o excelente jesuíta.

Rodolfo Garcia

Capítulo II

*Do princípio e origem dos índios do Brasil e
de seus costumes, adoração e cerimônias*

INTRODUÇÃO

(1ª edição de 1881)

O pequeno tratado sobre os índios que agora publicamos ainda não foi impresso em português. Poucas pessoas examinaram-no em Évora, onde está o manuscrito original, e estas o não julgaram, ao que parece, digno de ser posto em circulação.

Os ingleses não pensaram do mesmo modo: desde 1625 está ele traduzido em sua língua e faz parte da curiosa e raríssima coleção de Purchas. Foi aí que o lemos pela primeira vez e reconhecemos o seu interesse e seu valor.

Desde então fizemos o projeto de passá-lo novamente para a nossa língua, e de dá-lo à luz quando nos fosse possível. Duas circunstâncias felizes facilitaram a realização desse plano. A primeira foi encontrar cópia tirada do original, que assim dava não só a essência como a forma do escrito e nos livrava da tradução, isto é, da *traição*. A segunda foi a comissão que nos confiou o Dr. Ferreira de Araújo de publicar à sua custa um trabalho qualquer, que mostrasse a sua simpatia pela Exposição de História e Geografia do Brasil, organizada pela Biblioteca Nacional.

Este tratado dos índios do Brasil suscita algumas questões que fora conveniente discutir. Passaremos, porém, por todas elas para nos

ocuparmos unicamente de uma: quem é o seu autor?

O manuscrito da Biblioteca de Évora em nada nos esclarece a este respeito, porque é anônimo. As poucas palavras com que Purchas acompanha a tradução pouco nos adiantam. Ele atribui o opúsculo ao *irmão* Manuel Tristão, enfermeiro do Colégio dos Jesuítas da Bahia, fundando-se na circunstância do livro trazer no fim algumas receitas medicinais, e ter em uma parte escrito o seu nome. Ora, esta opinião é insustentável. O fato de um manuscrito trazer um nome qualquer, sem outra declaração, provará, quando muito, que assim se chama o dono do códice. Acresce que um *irmão* na Companhia de Jesus era sempre um rapaz que começava, e não tinha nem podia ter a madurez de espírito e os conhecimentos que aqui se revelam a cada passo, — ou homem feito que, apesar de inapto para a carreira das letras, possuía outras qualidades que poderiam ser úteis à poderosa Companhia de Jesus. Provavelmente era este o caso do enfermeiro... Quanto às receitas por si nada provam: quando muito mostraram que foram ensinadas pelo enfermeiro.

Estas dúvidas quanto à afirmação de Purchas sobre quem era o autor do livro — afirmação aliás feita em termos pouco positivos — cresceram à medida que conhecemos melhor o opúsculo traduzido por ele. A cada

instante encontrávamos frases e locuções familiares; a cada passo nos parecia que já tínhamos lido coisa que se assemelhava ao que estávamos lendo.

O autor de quem nos lembrávamos lendo Purchas era Fernão Cardim. E então veio-nos ao espírito uma interrogação: quem sabe se em vez de Manuel Tristão não será Fernão Cardim o autor deste opúsculo?

Para chegar a uma solução as provas intrínsecas eram sem dúvida valiosas, porém não bastavam: era preciso recorrer antes às provas extrínsecas.

Felizmente estas não faltavam.

I. Diz Purchas que o manuscrito que reproduz foi tomado em 1601 por Francis Cook a um jesuíta que ia para o Brasil. Ora, exatamente neste ano, como se pode ver na *Synopsis* de Franco, o padre Fernão Cardim, que voltava para o Brasil da viagem a Roma, foi aprisionado por corsários ingleses e conduzido para Inglaterra.

II. Pela página 195 deste opúsculo se vê que ele foi escrito em 1584. Ora, neste tempo estava Fernão Cardim no Brasil, onde, como se vê na *Narrativa epistolar* (p. 252), ele chegou a 9 de maio de 1583, em companhia do padre Christovão de Gouvêa e de Manuel Teles Barreto, que vinha por governador geral.

Estas duas coincidências davam um fundamento sólido à hipótese; mas para torná-la certa devia se recorrer às provas intrínsecas, — à comparação dos estilos, ao cotejo das opiniões, etc. No caso presente estas provas têm valor — porque, se o opúsculo aqui publicado é de 1584, a primeira parte da *Narrativa epistolar* é de 16 de outubro de 1585. Escrevendo em dois períodos tão próximos um do outro, é natural que, se o opúsculo sobre os índios é da mesma pena que a *Narrativa epistolar*, não só haja conformidade de ideias como também de forma.

Vamos tratar destas provas, mas antes de fazê-lo, é necessária uma observação. Purchas reúne sob o título genérico de *Treatise of Brasil*, dois trabalhos que se completam e são do mesmo autor. Um é o dos índios que agora publicamos; outro é das árvores, peixes, etc., que, embora interessante, não quisemos incorporar a este por dois motivos: o primeiro é que na mente do autor eles eram independentes, como se prova pelo fato de no manuscrito de Évora eles estarem separados; o segundo é que da segunda parte já começou a publicação o Dr. Fernando Mendes na *Revista Mensal* da Sociedade de Geografia.

Todavia, aqui faremos os cotejos tanto da primeira parte como da segunda, de que o Dr. Fernando Mendes obsequiosamente nos comunicou a cópia que possui.

Narrativa, p. 272

Em cada oca destas há sempre um principal, a que tem alguma maneira de obrar... Este os exorta a fazerem suas roças e mais serviços, etc., excita-os à guerra; e lhe tem em tudo respeito; faz-lhe estas exortações por modo de pregação, começa de madrugada deitado na rede por espaço de meia hora, em amanhecendo se levanta, e corre toda a aldeia, continuando sua pregação, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras.

Índios, p. 146-147

...pelas madrugadas há um principal em suasocas, que deitado na rede por espaço de meia hora, lhes prega e admoesta que vão trabalhar, como faziam seus antepassados, e distribui-lhes o tempo, e depois de alevantado continua a pregação, correndo a povoação toda.

A semelhança no seguinte trecho não é menos incontestável:

Narrativa, p. 271

... Dentro nelas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e moram de uma

parte e outra, ficando grande largura pelo meio e todos ficam como em comunidade, e entrando-se na casa se vê quanto nela está, porque estão todos à vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão; e como a gente é muita, costumam ter fogo dia e noite, verão e inverno porque o fogo é sua roupa e eles são mui coitados sem fogo; parece a casa um inferno ou labirinto; uns cantam, outros choram, outros comem, outros fazem farinha e vinhos, etc., e toda a casa arde em fogos.

Índios, p. 149

Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem e são, de ordinário, parentes: e em cada lanço destes poussa um casal com seus filhos e família, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas é ver um labirinto, porque cada lanço tem seu fogo e suas redes armadas e alfaias de modo que entrando nela se vê tudo quanto tem, e casa há que tem duzentas e mais pessoas.

Compare-se mais o seguinte:

Narrativa, p. 274

Os pais não têm coisa que mais amem que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem tem dois pais quanto quer; as mães os tra-

zem em uns pedaços de redes, a que chamam tipoia, de ordinário os trazem às costas ou na ilharga escarranchados, e com eles andam por onde quer que vão, com eles às costas trabalham por calmas, chuvas e frio; nenhum gênero de castigo têm para os filhos.

Índios, p. 150

Amam os filhos extraordinariamente, e trazem-nos metidos nuns pedaços de rede que chamam tipoia e os levam às roças e a todo gênero de serviço, às costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganos, escarranchados no quadril, e não lhes dão nenhum gênero de castigo.

Compare-se mais:

Narrativa, p. 273-274

É coisa não somente nova, mas de grande espanto, ver o modo que têm em agasalhar os hóspedes, os quais agasalham chorando por um modo estranho, e a coisa passa desta maneira: Entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem logo se vai deitar em sua rede sem falar palavra, as parentas também sem falar o cercam, deitando-lhes os cabelos soltos, e os braço ao pescoço, lhe tocam com a mão em alguma parte do seu

corpo, como joelho, ombro, pescoço, etc., estando deste modo, tendo-no meio cercado, começa-o de lhe fazer a festa que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer; choram todos com lágrimas a seus pés, correndo-lhe em fio, como se lhe morrera o marido, pai ou mãe; e juntamente dizem em trova de repente todos os trabalhos que no caminho poderia padecer tal hóspede, e o que eles padeceram em sua ausência... Acabada a festa e recebimento, limpam as lágrimas com as mãos e cabelos, ficando tão alegres e serenas como que se nunca choraram, e depois se saúdam com o seu Ereiupe e comem, etc.

Índios, p. 150-151

Entrando-lhe algum hóspede pela casa, a honra e agasalho que lhe fazem é chorarem-no: entrando, pois, logo o hóspede na casa, o assentam na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabelos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar todas em altas vozes, com grande abundância de lágrimas, e ali contam em prosas trovadas quantas coisas têm acontecido desde que se não viram até aquela hora, e muitas outras que imaginam, e trabalhos que o

hóspede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que pode provocar a lástima e choro. O hóspede neste tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpam as lágrimas e ficam tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca choraram, e logo se saúdam e dão o seu Eriupe, e lhe trazem de comer, etc.; e depois destas cerimônias contam os hóspedes ao que vêm.

Coteje-se ainda:

Narrativa, p. 274

Tem muitos jogos a seu modo, que fazem com muito mais alegria que os meninos portugueses; nesses jogos arremedam

Índios, p. 154

Tem seus jogos, principalmente os meninos, muito vários e graciosos, em os quais arremedam muitos gêneros de pássaros, Narrativa, p. 274 [continuação]

vários pássaros, cobras e outros animais, etc., os jogos são mui graciosos e desenfadadiços, nem há entre eles desavença, nem queixumes, pelejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins e desonestos.

E com tanta festa e ordem que não há mais que pedir, os meninos são alegres e dados a folgar e folgam com muita quietação e amizade que entre eles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogam se desconcertam, nem desavêm por causa alguma, e raramente dão uns nos outros e nem pelejam.

Parece-nos incontestável a identidade fundamental entre os extratos que demos de *Narrativa epistolar de Fernão Cardim*, publicada em 1841 e o tratado dos Índios que agora publicamos. Há simplesmente duas diferenças: a *Narrativa* foi dirigida a um amigo e nela o autor deixou seu estilo correr mais livremente, desenvolvendo certos pontos de preferência, referindo-se a objetos conhecidos pelo seu leitor; no opúsculo sobre os índios ele é mais conciso. Além disso a *Narrativa* tratava dos índios apenas como acidente da viagem, como adorno da paisagem; no *Tratado*, os índios são o objeto principal, e assim os esclarecimentos são mais condensados e encadeados uns aos outros.

Vamos dar mais dois excertos da segunda parte que o Dr. F. Mendes começou a publicar na *Revista da Sociedade Geográfica*. Servir-nos-emos do seu manuscrito, porém, como ainda não está todo publicado, daremos

as páginas pelo IV volume de Purchas, onde a primeira e a segunda parte estão impressas, como já fica dito.

O primeiro é sobre o caju:

Narrativa, p. 275

Comemos debaixo de um cajueiro muito fresco, carregado de acajus, que são como peros repinaldos ou camoeses, são uns amarelos, outros vermelhos, tem sua castanha no olho, que nasce primeiro que o pero, na qual procede o pero; é fruta gostosa, boa para o tempo de calma e toda se desfaz em sumo, o qual põe nódoas em roupa de linho ou algodão que nunca se tira.

Das castanhas se fazem massapães e outras coisas doces, como de amêndoas: as castanhas são melhores que as de Portugal, a árvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de todo.

Purchas, IV, p. 1.306

Estas árvores são muito grandes, formosas, perdem a folha em seu tempo, e a flor se dá em os cachos que fazem umas pontas como dedos, e nas ditas pontas nasce uma flor vermelha de bom cheiro, e após ela nasce uma castanha, e da castanha nasce um pomo do ta-

manho de um repinaldo ou maçã camonesa; é fruta muito formosa, e são alguns amarelos, outros vermelhos e tudo é sumo: são bons para a calma, refrescam muito e o sumo põe nódoa em pano branco que se não tira senão quando se acaba. A castanha é tão boa ou melhor que a de Portugal, comem-se assadas e cruas, deitadas em água como amêndoas piladas, delas fazem massapães e bocados doces.

O segundo é sobre a mangaba:

Narrativa epistolar, p. 276

Caminhamos toda tarde por uns mangabões que se parecem alguma coisa com maceiras de anáfega, dão umas mangabas amarelas, do tamanho e feição de alborque, com muitas pintas pardas que lhe dão muita graça; não têm caroço, mas umas pevides mui brandas que também se comem, a fruta é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não há faltar-se, sorvem-se como sorvas, não amadurecem na árvore, mas caindo amadurecem no chão ou pondo-as em madureiros; dão no ano duas camadas, a primeira pintas pretas, dentro tem algumas pevides, mas tudo se come ou sorve como sorvas de Portugal; são de muito bom gosto, sadias e tão leves que por mais que comam, parece que não comem fruta; não amadurecem na ár-

vore, mas caem no chão e daí as apanham já maduras, ou colhendo-as verdes as põem em madureiros.

Purchas, IV, p. 1.307

Destas árvores há grande cópia, máxime na Bahia, porque nas outras partes são raras; na feição se parece com maceira de anáfega e na folha com a de freixo; são árvores graciosas, e sempre têm folhas verdes. Dão duas vezes por ano, a primeira de botam, porque não deitam então flor, mas o mesmo botão é a fruta; acabada esta camada que dura dois ou três meses, dá outra, tornando primeiro flor a qual é toda como de jasmim, e de tão bom cheiro, mas mais esperto, a fruta é do tamanho de abricós, amarela e salpicada de algumas se diz do botão e da flor, mas o mesmo botão é a fruta. Estas são as melhores, e maiores e vêm pelo Natal, a segunda camada é de flor alva como neve, da própria maneira que a de jasmim, assim na feição, tamanho e cheiro.

Purchas, IV, p. 1.307 [continuação]

A esses trechos poderíamos juntar muitos outros. Poderíamos mostrar que na segunda parte do *Tratado*, o autor diz que *viajava* durante léguas e léguas de mangue, o que está de acordo com a *Narrativa epistolar*; que ainda na segunda

parte do *Tratado* ele refere-se a bichinhos que atacam de preferência aos europeus chegados de fresco, o que está de acordo com a *Narrativa*, p. 337, onde se lê que o padre Christovão de Gouvêa ficou cheio de apostemas em consequência das mordeduras de carrapatos que sofreu em Pernambuco. Não o fazemos, porque uma demonstração mais longa é dispensável. A melhor demonstração só o leitor a pode fazer, comparando a encantadora *Narrativa* com este opúsculo, que por nossa parte não achamos menos encantador e aprazível. Passaremos, pois, a dar conta do nosso trabalho de editor.

Desde que tomamos a responsabilidade dessa publicação, entendemos de nosso dever precedê-la da biografia do autor. Para este fim tomamos copiosas notas de Jarric, Vieira, Simão de Vasconcellos, Sebastião de Abreu e Franco. Infelizmente estas notas são insuficientes e deixam sem o mínimo esclarecimento anos e anos da vida de Fernão Cardim. À vista disto resolvemos adiar para mais tarde esta empresa que a antiga simpatia que lhe votamos e o muito que temos aprendido em seus livros converteram em obrigação, ao mesmo tempo indeclinável e deliciosa.

Antes de terminar: adotamos em volume a ortografia moderna, em parte levado pelo exemplo de Varnhagen, em parte pelas muitas irregularidades de cópia, feita por pessoa de muito poucas habilitações. Juntamos algumas

variantes de Purchas, algumas das quais não deixam de ter importância e que são preciosas, principalmente nas palavras Abañheêngas que muitas vezes reproduzem menos deturpadas.

Circunstâncias que não vêm ao caso mencionar, impediram que este opúsculo visse a luz no tempo da Exposição de História e Geografia do Brasil. Daí não resultou inconveniente, pois a Exposição de História não foi menos brilhante, nem menos assinalados foram serviços prestados pelo *Catálogo* destinado a perpetuar a sua lembrança.

E se inconveniente houve, ressarciu-o completamente o fato desta demora permitir que o presente livro fosse anotado pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

Durante uma vida laboriosa, o Dr. Baptista Caetano tem feito das línguas brasílicas o seu estudo predileto. Foi ele quem primeiro nos deu uma gramática e um dicionário da língua Abañheênga, feito pelos processos modernos. A linguística comparativa dará um passo agigantado em nosso continente, se ele puder, como pretende, publicar o seu *Panlexicon*, em que trabalha vai para 30 anos.

As notas do Dr. Baptista Caetano são especialmente etimológicas, porém não o são exclusivamente. Muitas vezes, levado pelo assunto, expôs de passagem as suas ideias sobre as migrações sul-americanas, e sobre as relações que ligam umas às outras tribos.

A sua importância é, portanto, patente.

E agora só resta dizer ao leitor o *tolle et lege* do costume; e pedir ao amigo ausente desculpa por não ter realizado a empresa que nos incumbiu de modo condigno com o elevado sentimento que a inspirou.

Rio, novembro de 1881.

J. CAPISTRANO DE ABREU.

DO PRINCÍPIO E ORIGEM DOS ÍNDIOS DO BRASIL E DE SEUS COSTUMES, ADORAÇÃO E CERIMÔNIAS

Este gentio parece que não tem conhecimento do princípio do Mundo, do dilúvio parece que tem alguma notícia, mas como não tem escrituras, nem caracteres, a tal notícia é escura e confusa; porque dizem que as águas afogaram e mataram todos os homens, e que somente um escapou em riba de um Janipaba, com uma sua irmã que estava prenhe, e que destes dois têm seu princípio, e que dali começou sua multiplicação.

DO CONHECIMENTO QUE TEM DO CRIADOR

Este gentio não tem conhecimento algum de seu Criador, nem de coisa do Céu,

nem se há pena nem glória depois desta vida, e portanto não tem adoração nenhuma nem cerimônias, ou culto divino, mas sabem que têm alma e que esta não morre¹ e depois da morte vão uns campos onde há muitas figueiras ao longo de um formoso rio, e todas juntas não fazem outra coisa senão bailar; e têm grande medo do demônio, ao qual chamam *Curupira, Táguaiqba*², *Macacéra, Anhanga*, e é tanto o medo que lhe têm, que só de imaginarem nele morrem, como aconteceu já muitas vezes; não adoram, nem a alguma outra criatura, nem têm ídolos de nenhuma sorte, somente dizem alguns antigos que em alguns caminhos têm certos postos, aonde lhe oferecem algumas coisas pelo medo que têm deles, e por não morrerem. Algumas vezes lhe aparecem os diabos, ainda que raramente, e entre eles há poucos endemoniados.

Usam de alguns feitiços, e feiticeiros, não porque creiam neles, nem os adoram, mas somente se dão a chupar em suas enfermidades, parecendo-lhes que receberam saúde, mas não por lhes parecer que há neles divindade, e mais o fazem por receber saúde que por outro algum respeito. Entre eles se alevantaram al-

¹"And they say that the Soules are converted into devils."(Purchas, IV, 1290).

²*Táguain, Pigtangua* (Purchas, ib.) *Knivet dá ainda outro nome do diabo, que é Avasaly em Purchas e Avassaty na tradução portuguesa do dr. José Hygino Duarte Pereira, na Revista do Instituto Histórico, tomo XLI, parte 1 a, p. 230.*

gumas vezes alguns feiticeiros, a que chamam Caraíba, Santo ou Santidade, e é de ordinário algum índio de ruim vida: este faz algumas feitiçarias, e coisas estranhas à natureza, como mostrar que ressuscita a algum vivo que se faz morto, e com esta e outras coisas semelhantes traz após si todo o sertão enganando-os dizendo-lhes que não rocem, nem plantem seus legumes, e mantimentos, nem cavem, nem trabalhem, etc, por que com sua vinda é chegado o tempo em que as enxadas por si hão de cavar, e os pânicos³ ir às roças e trazer os mantimentos, e com estas falsidades os traz tão embebidos, e encantados, deixando de olhar por suas vidas, e granjear os mantimentos que, morrendo de pura fome, se vão estes ajuntamentos desfazendo pouco a pouco, até que a Santidade fica só, ou a matam.

Não têm nome próprio com que expliquem a Deus, mas dizem que *Tupã* é o que faz os trovões⁴ e relâmpagos, e que este é o que lhes deu as enxadas, e mantimentos, e por não terem outro nome mais próprio e natural, chamam a Deus *Tupã*.

DOS CASAMENTOS

Entre eles há casamentos, porém há muita dúvida se são verdadeiros, assim por terem

³*Beasts.* (Purchas, *ib.*)

⁴*"They say the Tupan is the thunder and lightning".* (Purchas, *ib.*)

muitas mulheres, como por deixarem facilmente por qualquer arrufo, ou outra desgraça, que entre eles aconteça; mas, ou verdadeiros ou não, entre eles se fazem deste modo. Nenhum mancebo costumava casar antes de tomar contrário, e perseverava virgem até que o tomasse e matasse correndo-lhe primeiro suas festas por espaço de dois ou três anos; a mulher, da mesma maneira, não conhecia homem até lhe não vir sua regra, depois da qual lhe faziam grandes festas; ao tempo de entregarem a mulher faziam grandesinhos, e acabada a festa ficava o casamento perfeito, dando-lhe uma rede lavada⁵, e depois de casados começavam a beber, porque até ali não o consentiam seus pais, ensinando-os que bebessem com tento, e fossem considerados e prudentes em seu falar, para que o vinho lhe não fizesse mal, nem falassem coisas ruins, e então com uma cuia lhe davam os velhos antigos o primeiro vinho, e lhe tinham a mão na cabeça para que não arrevesassem, porque se arrevesava tinham para si que não seria valente, e vice-versa.

DO MODO QUETÊM EM SEU COMER E BEBER

Este gentio come em todo o tempo, de noite e de dia, e a cada hora e momento, e como

⁵“*And after they were laid the father tooke a wedge of stone and did cut upon a post or stake, then they say é did cut the tailes from the grand children and therefore they were borne without them*”. (Purchas, *ib.*)

tem que comer não o guardam muito tempo, mas logo comem tudo o que têm e repartem com seus amigos, de modo que de um peixe que tenham repartem com todos, e têm por grande honra e primor serem liberais, e por isso cobram muita fama e honra, e a pior injúria que lhes podem fazer é terem-nos por escassos, ou chamarem-lho, e quando não têm que comer são muito sofridos com fome e sede.

Não têm dias em que comam carne e peixe; comem todo gênero de carnes, ainda de animais imundos, como cobras, sapos, ratos, e outros bichos semelhantes, e também comem todo gênero de frutas, tirando algumas peçonhentas, e sua sustentação é ordinariamente do que dá a terra sem a cultivarem, como caças e frutas; porém têm certo gênero de mantimentos de boa substância, e sadio, e outros muitos legumes de que abaixo se fará menção. De ordinário não bebem enquanto comem, mas depois de comer bebem água, ou vinho que fazem de muitos gêneros de frutas e raízes, como abaixo se dirá, do qual bebem sem regra, nem modo, e até caírem.

Têm alguns dias particulares em que fazem grandes festas, todas se resolvem em beber, e duram dois, três dias, em os quais não comem, mas somente bebem⁶, e para estes beberes serem mais festejados andam alguns cantando de casa em casa, chamando e convidando

⁶“And there be men that emptie a whole vessel of wine”. (Purchas, *ib.*)

quantos acham para beberem⁷, e revezando-se continuam estes bailes e música todo o tempo dos vinhos, em o qual tempo não dormem, mas tudo se vai em beber, e de bêbados fazem muitos desmanchos, e quebram as cabeças uns aos outros, e tomam as mulheres alheias, etc. Antes de comer nem depois não dão graças a Deus, nem lavam as mãos antes de comer, e depois de comer as limpam aos cabelos, corpo e paus; não têm toalhas, nem mesa, comem assentados, ou deitados nas redes, ou em cócoras no chão, e a farinha comem de arremesso, e deixo outras muitas particularidades que têm no comer e beber, porque estas são as principais.

DO MODO QUETÊM EM DORMIR

Todo este gentio tem por cama umas redes de algodão, e ficam nelas dormindo no ar; estas fazem lavradas, e como ficam no ar, e não tem outros cobertores nem roupa, sempre no verão e inverno tem fogo debaixo: não madrugam muito, agasalham-se com cedo, e pelas madrugadas há um principal em suas *ocas*⁸ que deitado na rede por espaço de meia hora lhes prega, e admoesta que vão trabalhar como fizeram seus antepassados, e distribuiu-lhes o tempo, dizendo-lhes as coisas que hão de fazer,

⁷*And be merrie. (Purchas, ib.)*

⁸*Faltam estas palavras em Purchas.*

e depois de alevantado continua a pregação, correndo a povoação toda. Tomaram este modo de um pássaro que se parece com os falcões o qual canta de madrugada e lhe chamam rei, senhor dos outros pássaros, e dizem eles que assim como aquele pássaro canta de madrugada para ser ouvido dos outros, assim convém que os principais façam aquelas falas e pregações de madrugada para serem ouvidos dos seus.

DO MODO QUETÊM EM SE VESTIR

Todos andam nus assim homens como mulheres, e não têm gênero nenhum de vestido e por nenhum caso *verecundant*, antes parece que estão no estado de inocência nesta parte, pela grande honestidade e modéstia que entre si guardam, e quando algum homem fala com mulher vira-lhe as costas. Porém para saírem galantes, usam de várias invenções, tingindo seus corpos com certo sumo de uma árvore⁹ com que ficam pretos, dando muitos riscos pelo corpo, braços, etc, a modo de imperiais¹⁰.

Também se empenam, fazendo diademas e braceletes, e outras invenções muito lustrosas, e fazem muito caso de todo gênero de penas finas. Não deixam criar cabelo nas partes de seu

⁹*Of certaine fruite. (Purchas, ib.)*

¹⁰*Many white stroakes, after the fashion of round hose, and other kinde of garments. (Purchas, ib.)*

corpo, porque todos os arrancam, somente os da cabeça deixam, os quais tosquam de muitas maneiras, porque uns o trazem comprido com uma meia lua rapada por diante, que dizem tomaram este modo de S. Thomé, e parece que tiveram dele alguma notícia, ainda que confusa. Outros fazem certo gênero de coroas e círculos que parecem frades: as mulheres todas têm cabelos compridos e de ordinário pretos, e de uns e outros é o cabelo corredio; quando andam anojados deixam crescer o cabelo, e as mulheres quando andam de dó, cortam os cabelos, e também quando os maridos vão longe, e nisto mostram terem-lhe amor e guardarem-lhe lealdade; é tanta a variedade¹¹ que têm em se tosquiarem, que pela cabeça se conhecem as nações.

Agora já andam alguns vestidos, assim homens como mulheres, mas estimam-no tão pouco que o não trazem por honestidade, mas por cerimônia, e porque lhe mandam trazer, como se vê bem, pois alguns saem de quando em quando com umas jornes que lhes dão pelo umbigo, sem mais nada, e outros somente com uma carapuça na cabeça, e o mais vestido deixam em casa: as mulheres fazem muito caso de fitas e pentes.

¹¹ *Vanitie. (Purchas, ib)*

DAS CASAS

Usam estes Índios de umas ocas ou cascas de madeira cobertas de folha¹², e são de comprimento algumas de duzentos e trezentos palmos, e têm duas e três portas muito pequenas e baixas; mostram sua valentia em buscarem madeira e esteios muito grossos e de dura, e há casa que tem cinquenta, sessenta ou setenta lanços de 25 ou 30 palmos¹³ de comprido e outros tantos de largo.

Nesta casa mora um principal, ou mais, a que todos obedecem, e são de ordinário parentes; e em cada lanço destes pouosa um casal com seus filhos e família, sem haver repartimento entre uns e outros, e entrar em uma destas casas é ver¹⁴ um lavarinto, porque cada lanço tem seu fogo e suas redes armadas, e alfaias, de modo que entrando nela se vê tudo quanto tem, e casa há que tem duzentas e mais pessoas.

DA CRIAÇÃO DOS FILHOS

As mulheres parindo, (e parem no chão), não levantam a criança, mas levanta-a o pai, ou alguma pessoa que tomam por seu compadre, e na amizade ficam como os compadres entre os Cristãos; o pai lhe corta a vide com os dentes, ou com duas pedras, dando

¹²*Palme tree leaves. (Purchas, ib.)*

¹³*Quarters. (Purchas, ib.)*

¹⁴*To enter. (Purchas, ib.)*

com uma na outra, e logo se põe a jejuar até que lhe cai o umbigo, que é de ordinário até os oito dias, e até que não lhe caia não deixam o jejum, e em lhe caindo, se é macho lhe faz um arco com flechas, e lhe ata no punho da rede, e no outro punho muitos molhos d'ervas, que são os contrários que seu filho há de matar e comer, e acabadas estas cerimônias fazem vinhos com que alegam todos. As mulheres quando parem logo se vão lavar aos rios, e dão de mamar à criança de ordinário ano e meio, sem lhe darem de comer outra coisa; amam os filhos extraordinariamente, e trazem-nos metidos nuns pedaços de redes que chamam *typoya*¹⁵ e os levam às roças e a todo o gênero de serviço, às costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganas escanchados no quadril, e não lhes dão nenhum gênero de castigo¹⁶. Para lhes não chamarem os filhos¹⁷ têm muitos agouros, porque lhe põem algodão sobre a cabeça, pena de pássaros e paus, deitam-nos sobre as palmas das mãos, e roçam-nos por elas para que cresçam. Estimam mais fazerem bem aos filhos que a si próprios, e agora estimam muito e amam os padres, porque lhos criam e ensinam a ler, escrever e contar, cantar e tanger, coisas que eles muito estimam.

¹⁵*Tupyia.* (Purchas, *ib.*)

¹⁶*That their children may not crie.* (Purchas, *ib.*)

¹⁷*Faltam estas palavras em Purchas.*

DO COSTUME QUETÊM EM AGASALHAR OS HÓSPEDES

Entrando-lhe algum hospede pela casa a honra e agasalho que lhe fazem é chorarem-no: entrando, pois, logo o hóspede na casa o assentam na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabelos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar todas em altas vozes, com grande abundância de lágrimas, e ali contam em prosas trovadas quantas coisas têm acontecido desde que se não viram até aquela hora, e outras muitas que imaginam, e trabalhos que o hóspede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que pode provocar a lástima e choro. O hóspede neste tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpam as lágrimas, e ficam tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca choraram, e logo se saúdam, e dão o seu *Ereiupe*, e lhe trazem de comer, etc; e depois destas cerimônias contam os hóspedes ao que vêm. também os homens se choram uns aos outros, mas é em casos alguns graves, como mortes, desastres de guerras, etc; têm por grande honra agasalharem a todos e darem-lhe todo o necessário para sua sustentação, e algumas peças, como arcos, flechas, pássaros, penas e outras coisas, conforme a sua pobreza, sem algum gênero de estipêndio.

¹⁸Or welcome. (*Purchas, IV, p. 1.292*).

DO COSTUME QUETÊM EM BEBER FUMO

Costumam estes gentios beber fumo de *petigma* por, outro nome erva santa; esta secam e fazem de uma folha de palma uma *canguera*, que fica como canudo de cana cheio desta erva, e pondo-lhe o fogo na ponta metem o mais grosso na boca, e assim estão chupando e bebendo aquele fumo, e o têm por grande mimo e regalo, e deitados em suas redes gastam em tomar estas fumaças parte dos dias e das noites. A alguns faz muito mal, e os atordoa e embebeda; a outros faz bem e lhes faz deitar muitas reimas pela boca. As mulheres também o bebem, mas são as velhas e enfermas, porque é ele muito medicinal, principalmente para os doentes de asma, cabeça ou estômago, e daqui vem grande parte dos portugueses beberem este fumo, e o têm por vício, ou por preguiça, e imitando os índios gastam nisso dias e noites.

DO MODO QUETÊM EM FAZER SUAS ROÇARIAS E COMO PAGAM UNS AOS OUTROS

Esta nação não tem dinheiro com que possam satisfazer aos serviços que lhes fazem, mas vivem *comutatione rerum* e principalmente a troco de vinho fazem quanto querem, assim quando hão de fazer algumas coisas, fazem vi-

nho e avisando os vizinhos, e apelidando toda a povoação lhes rogam os queiram ajudar em suas roças, o que fazem de boa vontade, e trabalhando até as 10 horas tornam para suas casas a beber os vinhos, e se aquele dia se não acabam as roçarias, fazem outros vinhos e vão outro dia até as 10 horas acabar seu serviço; e deste modo usam os brancos prudentes¹⁹, e que sabem a arte e maneira dos índios, e quanto fazem por vinho, por onde lhes mandam fazer vinhos, e os chamam às suas roças e canaviais, e com isto lhes pagam.

Também usam de ordinário, por troco de algumas coisas²⁰, de contas brancas que se fazem de búzios, e a troco de alguns ramaes dão até as mulheres, e este é o resgate ordinário de que usam os brancos para lhes comprarem os escravos e escravas que têm para comer.

DAS JOIAS E METARAS

Usam estes índios ordinariamente, principalmente nas festas que fazem, de colares de búzios, de diademas de penas e de umas metaras²¹ (pedras que metem no beijo de baixo) verdes, brancas, azuis, muitas finas e que parecem esmeraldas ou cristal, são redondas e algumas tão compridas que lhe dão pelos peitos,

¹⁹Or portugais. (Purchas, ib.)

²⁰To change some things for. (Purchas, ib.)

²¹Broaches. (purchas, ib.)

e ordinário é em os grandes principais terem um palmo e mais de comprimento: também usam de manilhas brancas dos mesmos búzios, e nas orelhas metem umas pedras brancas de comprimento de um palmo e mais, e estes e outros semelhantes são os arreios com que se vestem em suas festas, quer sejam em matanças dos contrários, quer de vinhos, e estas são as riquezas que mais estimam que quanto têm.

DO TRATAMENTO QUE FAZEM ÀS MULHERES E COMO AS ESCUDEIRAM

Costumam estes índios tratar bem às mulheres, nem lhes dão nunca, nem pelejam com elas, tirando em tempo de vinhos, porque então de ordinário se vingam delas, dando por desculpa depois o vinho que beberam e logo ficam amigos como dantes, e não duram muito os ódios entre eles, sempre andam juntos e quando vão fora a mulher vai detrás e o marido diante para que se acontecer alguma cilada não caia a mulher nela, e tenha tempo para fugir enquanto o marido peleja com o contrário, etc, mas à tornada da roça ou qualquer outra parte vem a mulher diante, e o marido detrás, porque como tenha já tudo seguro, se acontecer algum desastre possa a mulher que vai diante fugir para casa, e o marido ficar com os contrários, ou qualquer outra coisa. Porém em

terra segura ou dentro na povoação sempre a mulher vai diante, e o marido detrás, porque são ciosos e querem sempre ver a mulher.

DOS SEUS BAILES E CANTOS

Ainda que são malencólicos, têm seus jogos, principalmente os meninos, muito vários e graciosos, em os quais arremedam muitos gêneros de pássaros, e com tanta festa e ordem que não há mais que pedir, e os meninos são alegres e dados a folgar e folgam com muita quietação e amizade, que entre eles não se ouvem nomes ruins, nem pulhas, nem chamarem nomes aos pais e mães, e raramente quando jogam se desconcertam, nem desavêm por causa alguma, e raramente dão uns nos outros, nem pelejam; de pequeninos os ensinam os pais a bailar e cantar e os seus bailes não são diferenças de mudança, mas é um contínuo bater de pés estando quedos, ou andando ao redor e meneando o corpo e cabeça, e tudo fazem por tal compasso²², com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo dos que usam os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que também fazem muito boas contas, e assim bailam cantando juntamente, porque não fazem uma coisa sem outra, e têm tal compasso e ordem, que às vezes cem homens bailando e

²²*And pleasantness as can be desired. (Purchas, IV, p. 1293)*

cantando em carreira, enfiando uns detrás dos outros, acabam todos juntamente uma pancada, como se estivessem todos em um lugar; são muito estimados entre eles os cantores, assim homens como mulheres, tanto que se tomam um contrário bom cantor e inventor de trovas, por isso lhe dão a vida e não no comem nem aos filhos. As mulheres bailam juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes gatimanhas e momos, principalmente quando bailam sós. Guardam entre si diferenças da vozes em sua consonância, e de ordinário as mulheres levam os tipples, contraltos e tenores.

DOS SEUS ENTERRAMENTOS

São muito mavíosos²³ e principalmente em chorar os mortos, e logo como algum morre os parentes se lançam sobre ele na rede e tão depressa que às vezes os afogam antes de morrer, parecendo-lhes que está morto, e os que se não podem deitar com o morto na rede se deitam pelo chão dando grandes baques, que parece milagre não acabarem com o mesmo morto, e destes baques e choros ficam tão cortados que às vezes morrem. Quando choram dizem muitas lástimas e mágoas, e se morre a primeira noite²⁴, toda ela em peso choram em alta voz, que é espanto não cansarem.

²³Wicked. (Purchas, *ib.*)

²⁴At evening. (Purchas, *ib.*)

Para estas mortes e choros chamam os vizinhos e parentes, e se é principal, ajunta-se toda a aldeia a chorar, e nisto têm também seus pontos de honra, e aos que não choram lançam pragas, dizendo que não hão de ser chorados: depois de morto o lavam, e pintam muito galante, como pintam os contrários, e depois o cobrem de fio de algodão que não lhe apareça nada, e lhe metem uma *cuya*²⁵ no rosto, e sentado o metem em um pote que para isso têm debaixo da terra, e o pote cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa, aonde todos os dias lhe levam de comer, porque dizem que como canção de bailar, vem ali comer, e assim os vão chorar por algum tempo todos os dias seus parentes, e com ele metem todas as suas joias e metaras²⁶, para que as não veja ninguém, nem se lastime; mas se o defunto tinha alguma peça, como espada, etc, que lhe haviam dado, torna a ficar com quem deu, e a torna a tomar onde quer que a ache, porque dizem que como um morre perde todo o direito do que lhe tinham dado. Depois de enterrado o defunto os parentes estão em contínuo pranto de noite e de dia, começando uns, e acabando outros; não comem senão de noite, armam as redes junto dos telhados, e as mulheres ao segundo²⁷ dia cortam os cabelos, e dura este pranto toda

²⁵*Couering.* (Purchas, *ib.*)

²⁶*Broaches.* (Purchas, *ib.*)

²⁷*After twentie daies.* (Purchas, *ib.*)

uma lua, a qual acabada fazem grandes vinhos para tirarem o dó, e os machos se tosquam, e as mulheres se enfeitam tingindo-se de preto, e estas cerimônias e outras acabadas, começam a comunicar uns com os outros, assim homens como as mulheres; depois de lhes morrerem seus companheiros, algumas vezes não tornam a casar, nem entram em festas de vinhos, nem se tingem de preto, porém isto é raro entre eles, por serem muito dados a mulheres, e não podem viver sem elas.

DAS FERRAMENTAS DE QUE USAM

Antes de terem conhecimento dos portugueses usavam de ferramentas e instrumentos de pedra, osso, pau, canas, dentes de animal, etc, e com estes derrubava grandes matos com cunhas de pedra, ajudando-se do fogo; assim mesmo cavavam a terra com uns paus agudos e faziam suas *metaras*²⁸, contas de búzios, arcos e flechas tão bem feitos como agora fazem, tendo instrumentos de ferro, porém gastavam muito tempo a fazer qualquer coisa, pelo que estimam muito o ferro pela facilidade que sentem em fazer suas coisas com ele, e esta é a razão porque folgam com a comunicação dos brancos²⁹.

²⁸Broaches. (Purchas, ib.)

²⁹The Portugais. (Purchas, ib.)

DAS ARMAS DE QUE USAM

As armas deste gentio o ordinário são arcos e flechas e deles se honram muito, e os fazem de boas madeiras, e muito galantes, tecidos com palma de várias cores, e lhes tingem as cordas de verde ou vermelho, e as flechas fazem muito galantes, buscando para elas as mais formosas penas que acham; fazem estas flechas de várias canas, e na ponta lhes metem dentes de animais ou umas certas canas muito duras e cruéis, ou uns paus agudos com muitas farpas, e às vezes as ervas com peçonha.

Estas flechas ao parecer, parece coisa de zombaria, porém é arma cruel; passam umas couraças de algodão, e dando em qualquer pau o abrem pelo meio, e acontece passarem um homem de parte a parte, e ir pregar no chão: exercitam-se de muito pequenos nestas armas, e são grandes flecheiros e tão certos que lhes não escapa passarinho por pequeno que seja, nem bicho do mato, e não tem mais que quererem meter uma flecha por um olho de um pássaro, ou de um homem, ou darem em qualquer outra coisa, por pequena que seja, que o não façam muito ao seu alvo, e por isso são muito temidos, e tão intrépidos e ferozes que mete espanto. São como bichos do mato, porque entram pelo sertão a caçar despidos e descalços sem medo nem temor algum.

Veem sobremaneira, porque à légua enxergam qualquer coisa, e da mesma maneira ouvem; atinam muito; regendo-se pelo sol, vão a todas as partes que querem, duzentas e trezentas léguas, por matos espessos sem errar ponto, andam muito, e sempre, de galope, e principalmente com cargas, nenhum a cavalo os pode alcançar: são grandes pescadores e nadadores, nem temem mar, nem ondas, e atuam um dia e noite nadando, e o mesmo fazem remando e às vezes sem comer.

Também usam por armas de espadas de pau, e os cabos delas tecem de palma de várias cores e os empenam com penas de várias cores, principalmente em suas festas e matanças: estas espadas são cruéis, porque não dão ferida, mas pisam e quebram a cabeça de um homem sem haver remédio de cura.

DO MODO QUE ESTE GENTIO TEM ACERCA DE MATAR E COMER CARNE HUMANA³⁰

De todas a honras e gostos da vida, nenhum é tamanho para este gentio como matar e tomar nomes nas cabeças de seu contrários, nem entre eles há festas que cheguem às que fazem na morte dos que matam com grandes cerimônias, as quais fazem desta maneira. Os que tomados na guerra vivos são destinados a

³⁰*And of their creating Gentlemen. (Purchas, IV, p. 1294)*

matar, vêm logo de lá com um sinal, que é uma cordinha delgada ao pescoço, e se é homem que pode fugir traz uma mão atada ao pescoço debaixo da barba, e antes de entrar nas povoações que há pelo caminho os enfeitam, depe-
nando-lhes as pestanas e sobrancelhas e barbas, tosquiando-os ao seu modo, e empenando-os com penas amarelas tão bem assentadas que lhes não aparece cabelo: as quais os fazem tão lustrosos como aos Espanhóis os seus vestidos ricos, e assim vão mostrando sua vitória por onde quer que passam. Chegando à sua terra, o saem a receber as mulheres gritando e juntamente dando palmadas na boca, que é recebimento comum entre eles, e sem mais outra vexação ou prisão, salvo que lhes tecem no pescoço um colar redondo como corda de boa grossura, tão dura como pau, e neste colar começam de urdir grande número de braças de corda delgada de comprimento de cabelos de mulher, arrematada em cima com certa volta, e solta em baixo, e assim vai toda de orelha a orelha por detrás das costas e ficam com esta coleira uma horrenda coisa; e se é fronteiro e pode fugir, lhe põem em lugar de grilhões por baixo dos joelhos uma peça de fio de tecido muito apertada, a qual para qualquer faca fica fraca, se não fossem as guardas que nenhum momento se apartam dele, quer vá pelas casas, quer para o mato, ou ande pelo terreiro, que para tudo tem liberdade, e comumente a

guarda é uma que lhe dão por mulher, e também para lhe fazer de comer, o qual se seus senhores lhe não dão de comer, como é costume, toma um arco e flecha e atira à primeira galinha ou pato que vê, de quem quer que seja, e ninguém lhe vai à mão, e assim vai engordando, sem por isso perder o sono, nem o rir e folgar como os outros, e alguns andam tão contentes com haverem de ser comidos, que por nenhuma via consentiram ser resgatados para servir, porque dizem que é triste coisa morrer, e ser fedorento e comida de bichos. Estas mulheres são comumente nesta guarda fiéis, porque lhes fica em honra, e por isso são muitas vezes moças e filhas de príncipe, máxime se seus irmãos hão de ser os matadores, porque as que não têm estas obrigações muitas vezes se afeiçoam a eles de maneira que não somente lhes dão azo para fugirem, mas também se vão com eles; nem elas correm menos riscos se as tornam a tomar que de levarem umas poucas de pancadas, e às vezes são comidas dos mesmos a quem deram a vida.

Determinado o tempo em que há de morrer, começam as mulheres a fazer louça, a saber: panelas, alguidares, potes para os vinhos, tão grandes que cada um levará uma pipa; isto prestes, assim os principais como os outros mandam seus mensageiros a convidar outros de diversas partes para tal lua, até dez,

³¹*Their taking pleasure. (Purchas, IV, p. 1295)*

doze léguas e mais, para o qual ninguém se excusa. Os hóspedes vêm em magotes com mulheres e filhos, e todos entram no lugar com danças e bailes, e em todo o tempo em que se junta a gente, há vinho para os hóspedes, porque sem ele todo o mais agasalhado não presta; a gente junta, começam as festas alguns dias antes, conforme ao número, e certas cerimônias que precedem, e cada uma gasta um dia.

Primeiramente têm eles para isto umas cordas de algodão de arrazoada grossura, não torcidas, se não tecidas de um certo lavor galante; é coisa entre eles de muito preço, e não nas têm senão alguns principais, e segundo ellas são primas, bem feitas, e eles vagorosos³¹, é de crer que nem em um ano se fazem: estas estão sempre muito guardadas, e levam-se ao terreiro com grande festa e alvoroço dentro de uns alguidares, onde lhes dá um mestre dis-to dois nós, por dentro dos quais com força corre uma das pontas de maneira que lhes fica bem no meio um laço; estes nós são galantes e artificiosos, que poucos se acham que os saibam fazer, porque têm algumas dez voltas e as cinco vão por cima das outras cinco, como se um atravessasse os dedos da mão direita por cima dos da esquerda, e depois a tingem com um polme de um barro branco como cal e deixam-nas enxugar.

O segundo dia trazem muitos feixes de canas bravas de comprimento de lanças e mais,

e à noite põem-nos em roda em pé, com as pontas para cima, encostados uns nos outros, e pondo-lhes ao fogo ao pé se faz uma formosa e alta fogueira, ao redor da qual andam bailando homens e mulheres com maços de flechas ao ombro, mas andam muito depressa, porque o morto que há de ser, que os vê melhor do que é visto por causa do fogo, atira com quanto acha, e quem leva, leva, e como são muitos, poucas vezes erra.

Ao terceiro dia fazem uma dança de homens e mulheres, todos com gaitas de canas e batem todos à uma no chão ora com um pé, ora com outro, sem discreparem, juntamente e ao mesmo compasso assopram os canudos, e não há outro cantar nem falar, e como são muitos e as canas umas mais grossas, outras menos, Além de atroarem os matos, fazem uma harmonia que parece música do inferno, mas eles aturam nelas como se fossem as mais suaves do mundo; e estas são suas festas, afora outras que entremeiam com muitas graças e adivinhações.

Ao quarto dia, em rompendo a alva, levam o contrário a lavar a um rio, e vão se detendo para que, quando tornarem, seja já dia claro, e entrando pela aldeia, o preso vai já com olho sobre o ombro, porque não sabe de que casa ou porta lhe há de sair um valente que o há de aterrar por detrás, porque, como toda sua bem-aventurança consiste em morrer

como valente, e a cerimônia que se segue é já das mais propinquas à morte, assim como o que há de aferrar mostra suas forças em só ele o subjugar sem ajuda de outrem, assim ele quer mostrar ânimo e forças em lhe resistir; e às vezes o faz de maneira que, afastando-se o primeiro como cansado em luta, lhe sucede outro que se tem por mais valente homem, os quais às vezes ficam bem enxovalhados, e mais o ficariam, se já a este tempo o cativo não tivesse a peia ou grilhões. Acabada esta luta ele em pé, bufando de birra e cansaço com o outro que o tem aterrado, sai com coro de ninfas que trazem um grande alguidar novo pintado, e nele as cordas enroladas e bem alvas, e posto este presente aos pés do cativo, começa uma velha como versada nisto e mestra do coro a entoar uma cantiga que as outras ajudam, cuja letra e conforme a cerimônia, enquanto elas cantam os homens tomam as cordas, e metido o laço no pescoço lhe dão um nó simples junto dos outros grandes, para que se não possa mais alargar, e feita de cada ponta uma roda de dobras metem no braço à mulher que sempre anda detrás dele com este peso, e se o peso é muito pelas cordas serem grossas e compridas, dão-lhe outra que traga uma das rodas, e se ele dantes era temeroso com a coleira, mais o fica com aqueles dois nós tão grandes no pescoço da banda detrás, e por isso diz um dos pés de cantiga: *nós somos aquelas que fazemos estirar o*

pescoço ao pássaro, posto que depois de outras cerimônias lhe dizem noutra pé:

Se tu foras papagaio, voando nos fugiras.

A este tempo estão os potes de vinho postos em carreira pelo meio de uma casa grande, e como a casa não tem repartimentos, ainda que seja de 20 ou 30 braças de comprido, está atulhada de gente, e tanto que começam a beber é um labirinto ou inferno vê-los e ouvi-los, porque os que bailam e cantam aturam com grandíssimo fervor quantos dias e noites os vinhos duram: porque, como esta é a própria festa das matanças, há no beber dos vinhos muitas particularidades que duram muito, e a cada passo urinam, e assim aturam sempre, e de noite e dia cantam e bailam, bebem e falam cantando em magotes por toda a casa, de guerras e sortes que fizeram, e como cada um quer que lhe ouçam a sua história, todos falam a quem mais alto, afora outros estrondos, sem nunca se calarem, nem por espaço de um quarto de hora. Aquela, manhã que começam a beber enfeitam o cativo por um modo particular que para isto têm, a saber: depois de limpo o rosto, e quanta penugem nele há, o untam com um leite de certa árvore que pega muito, e sobre ele põem um certo pó de umas cascas de ovo verde de certa ave do mato, e sobre isto o pintam de preto com pinturas galantes, e untando também o corpo todo até a ponta do pé o encham todo de pena, que para

isto têm já picada e tinta de vermelho, a qual o faz parecer a metade mais grosso, e a coisa do rosto o faz parecer tanto maior e luzente, e os olhos mais pequenos, que fica uma horrenda visão, e da mesma maneira que eles têm pintado o rosto, o está também a espada, a qual é de pau ao modo de uma palmatória, senão que a cabeça não é tão redonda, mas quase triangular, e as bordas acabam quase em gume, e a haste, que será de 7 ou 8 palmos, não é toda roliça, terá junto da cabeça 4 dedos de largura e vem cada vez estreitando até o cabo, onde tem uns pependentes ou campainhas de pena de diversas cores, é coisa galantes e de preço entre eles, eles lhe chamam *Ingapenãobin*, orelhas da espada. O derradeiro dia dos vinhos fazem no meio do terreiro uma choça de palmas ou tantas quantos são os que hão de morrer, e naquela se agasalha, e sem nunca mais entrar em casa, e todo o dia e noite é bem servido de festas mais que de comer, porque lhe não dão outro conduto senão uma fruta que tem sabor de nozes, para que ao outro dia não tenha muito sangue.

Ao quinto dia pela manhã, ali às sete horas pouco mais ou menos, a companheira o deixa, e se vai para casa muito saudosa e dizendo por despedida algumas lástimas pelo menos fingidas; então lhe tiram a peia e lhe passam as cordas do pescoço à cinta, e posto em pé à porta do que o há de matar, sai o matador

em uma dança, feito alvo como uma pomba com barro branco, e uma³² a que chamam capa de pena, que se ata pelos peitos, e ficam-lhe as abas para cima como asas de Anjo, e nesta dança dá uma volta pelo terreiro e vem fazendo uns esgares estranhos com olhos e corpo, e com as mãos arremeda o minhoto que desce à carne, e com estas diabruras chega ao triste, o qual tem as cordas estiradas para as ilhargas e de cada parte um que o tem, e o cativo, se acha com que atirar, o faz de boa vontade, e muitas vezes lhe dão com que, porque lhe saem muitos valentes, e tão ligeiros em furtar o corpo que os não pode acertar. Acabado isto, vem um honrado³³, padrinho do novo cavaleiro que há de ser, e tomada a espada lh'a passa muitas vezes por entre as pernas, metendo-a ora por uma parte ora por outra da própria maneira que os cachorrinhos dos sanfoneiros, lhe passam por entre as pernas, e depois ornando-a pelo meio com ambas as mãos aponta com uma estocada aos olhos do morto³⁴, e isto feito lhe vira a cabeça para cima da maneira que dela hão de usar, e a mete nas mãos do matador, já como apta e idônea com aquelas bênçãos para fazer seu ofício para o qual se põe algum tanto ao lado esquerdo, de tal jeito que com o gume da espada lhe acerte no toutiço, porque não

³²*Garment. (Purchas, IV, p. 1296).*

³³*Honorable Iudge. (Purchas, ib.)*

³⁴*Of the man which is to die. (Purchas, ib.)*

tira a outra parte³⁵, e é tanta a bruteza destes que, por não temerem outro mal senão aquele presente tão inteiros estão como se não fosse nada, assim para falar, como para exercitar as forças, porque depois de se despedirem da vida com dizer que *muito embora morra, pois muitos tem mortos, e que além disso cá ficam seus irmãos e parentes para o vingarem*, e nisto aparelha-se um para furtar o corpo, que é toda a honra de sua morte. E são nisto tão ligeiros que muitas vezes é alto dia sem o poderem matar, porque em vindo³⁶ a espada pelo ar, ora desvia a cabeça, ora lhe furta o corpo, e são nisto tão terríveis que se os que têm as pontas das cordas o apertam, como fazem quando o matador é frouxo, eles³⁷ tão rijo que os trazem a si e os fazem afrouxar em que lhes pese, tendo um olho neles e outro na espada, sem nunca estarem quedos, e como o matador os não pode enganar ameaçando sem dar, sob pena de lhe darem uma apupada, e eles lhe adivinham o golpe, de maneira que, por mais baixo que venha, num assopro se abatem e fazem tão rasos que é coisa estranha, e não é menos tomarem a espada aparando-lhe o braço por tal arte que sem lhe fazerem nada correm com ela juntamente para baixo e a metem debaixo do sovaco tirando pelo matador, ao qual, se então não acudis-

³⁵*For é striketh at another place. (Purchas, ib.)*

³⁶*When é sees. (Purchas, ib.)*

³⁷*Hee puls. (Purchas, ib.)*

sem, o outro o despacharia, porque têm eles neste ato tantos agouros que para matar um menino de cinco anos vão tão enfeitados como para matar algum gigante, e com estas ajudas ou afoiteza tantas vezes dá, até que acerta algumas e esta basta, porque tanto que ele cai lhe dá tantas até lhe quebra a cabeça, posto que já se viu um que a tinha tão dura, que nunca lha puderam quebrar, porque como a trazem sempre descoberta, têm as cabeças tão duras que as nossas em comparação delas ficam como de cabaças, e quando querem injuriar algum branco lhe chamam cabeça mole.

Se este que mataram ao cair cai de costas, e não de bruços, tem-no por grande agouro e prognóstico que o matador há de morrer, e ainda que caia de bruços têm muitas cerimônias, as quais se se não guardam têm para si que o matador não pode viver; e são muitas delas tão penosas que se alguém por amor de Deus sofresse os seus trabalhos não ganharia pouco, como abaixo se dirá. Morto o triste, levam-no a uma fogueira que para isto está prestes, e chegando a ela, em lhe tocando com a mão dá uma pelinha pouco mais grossa que véu de cebola, até que todo fica mais limpo e alvo que um leitão pelado, e então se entrega ao carniceiro ou magarefe, o qual lhe faz um buraco abaixo do estômago, segundo seu estilo, por onde os meninos primeiro metem a mão e tiram pelas tripas, até que o magarefe

corta por onde quer, e o que lhe fica na mão é o quinhão de cada um, e o mais se reparte pela comunidade, salvo algumas partes principais que por grande honra, se dão aos hóspedes mais honrados, as quais eles levam muito assadas, de maneiras que não se corrompam, e sobre elas depois em suas terras fazem festas e vinhos de novo.

DAS CERIMÔNIAS QUE SE FAZEM AO NOVO CAVALEIRO

Acabando o matador de fazer seu officio, lhe fazem a ele outro desta maneira: tirada a capa de pena, e deixada a espada, se vai para casa, à porta da qual o está esperando o³⁸ mesmo padrinho que foi com um arco de tirar na mão, a saber, as pontas uma no lumiar de baixo e a outra em cima, e tirando pela corda como quem quer atirar, o matador passa por dentro tão sutilmente que não toca em nada, e em ele passando, o outro alarga a corda com um sinal de pesar, porque errou o a que atirava, como que aquilo tem virtude para depois na guerra o fazer ligeiro, e os inimigos o errarem; como é dentro começa de ir correndo por todas as casas, e as irmãs e primas da mesma maneira diante dele dizendo: “meu irmão se chama” repetindo por toda a aldeia, e se o cavaleiro tem alguma coisa boa, quem primeiro anda lha

³⁸*The same iudge or stickler. (Purchas, IV, P. 1297)*

toma até ficar sem nada. Isto acabado tem pelo chão lançados certos paus de pilão³⁹, sobre os quais ele está em pé aquele dia com tanto silêncio, como que dera o pasmo nele, e levando-lhe ali a apresentar a cabeça do morto, tiram-lhe um olho, e com as raízes ou nervos dele lhe untam os pulsos, e cortada a boca inteira lha metem no braço como manilha, depois se deita na sua rede como doente, e na verdade ele o está de medo, que se não cumprir perfeitamente todas as cerimônias, o há de matar a alma do morto. Dali a certos dias lhe dão o hábito, não no peito do pelote, que ele não tem, senão na própria pele, sarrafaçando-o por todo o corpo com um dente de cutia que se parece com dente de coelho, o qual, assim por sua pouca sutileza, como por eles terem a pele dura, parece que rasgam algum pergaminho, e se eles são animosos não lhe dão as riscas direitas, senão cruzadas, de maneira que ficam uns labores muito primos, e alguns gemem e gritam com as dores.

Acabado isto, tem carvão moído e sumo de erva moura⁴⁰ com que eles esfregam as riscas ao través, fazendo-as arreganhar e inchar, que é ainda maior tormento, e em quanto lhe saram as feridas que duram alguns dias, está ele deitado na rede sem falar nem pedir nada, e para não quebrar o silêncio tem a par de si

³⁹*Certaine legges of a certame Tree, called Pilan (Purchas, ib)*

⁴⁰*Broamerape. (Purchas, ib.)*

água e farinha e certa fruta como amêndoas, que chamam *mendobis*⁴¹, porque não prova peixe nem carne aqueles dias.

Depois de sarar, passados muitos dias ou meses, se fazem grandesinhos para ele tirar o dó e fazer o cabelo, que até ali não fez, e então se tingem de preto, e dali por diante fica habilitado para matar sem fazerem a ele cerimônia que seja trabalhosa, e ele se mostra também nisso honrado ou ufano, e com um certo desdém, como quem tem já honra, e não a ganha de novo, e assim não faz mais que dar ao outro um par de pancadas, ainda que a cabeça fique inteira e ele bulindo, vai-se para casa, e a este acodem logo a lhe cortar a cabeça, e as mães com os meninos ao colo lhe dão os parabéns, e estream-os para a guerra tingindo-lhes os braços com aquele sangue: estas são as façanhas, honras, valentias, em que estes gentios tomam nomes de que se prezam muito, e ficam dali por diante *Abaétés*, *Murubixaba*, *Moçacara*, que são títulos e nomes de cavaleiros: e estas são as infelizes festas, em que estes tristes antes de terem conhecimento de seu Criador põem sua felicidade e glória.

⁴¹*Amenduins. (Purchas, ib.)*

DA DIVERSIDADE DE NAÇÕES E LÍNGUAS

Em toda esta província há muitas e várias nações de diferentes línguas, porém uma é a principal que compreende algumas dez nações de índios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de uma só língua ainda que em algumas palavras discrepam e esta é a que entendem os portugueses; é fácil, e elegante, e suave, e copiosa, a dificuldade dela está em ter muitas composições⁴²; porém dos Portugueses, quase todos os que vêm do Reino e estão cá de assento e comunicação com os índios a sabem em breve tempo, e os filhos dos Portugueses cá nascidos a sabem melhor que os Portugueses, assim homens como mulheres, principalmente na Capitania de São Vicente, e com estas dez nações de índios têm os Padres comunicação por lhes saberem a língua, e serem mais domésticos e bem inclinados: estes foram e são os amigos antigos dos Portugueses, com cuja ajuda e armas, conquistaram esta terra, pelejando contra seus próprios parentes, e outras diversas nações bárbaras e eram tantos os desta casta que parecia impossível poderem-se extinguir, porém os Portugueses lhes têm dado tal pressa que quase todos são mortos e lhes têm tal medo, que despovoam a

⁴²*Comparisons. (Purchas, ib.)*

costa e fogem pelo sertão adentro até trezentas a quatrocentas léguas.

Os primeiros desta língua se chamam *Potyguaras*⁴³ senhores da Paraíba, 30 léguas de Pernambuco, senhores do melhor pau do Brasil e grandes amigos dos franceses, e com eles contrataram até agora, casando com eles suas filhas; mas agora na era de 84 foi a Paraíba tomada por Diogo Flores, General de Sua Majestade, botando os Franceses fora, e deixou um forte com cem soldados, afora os Portugueses, que também têm seu Capitão e Governador Frutuoso Barbosa, que com a principal gente de Pernambuco levou exército por terra com que venceu os inimigos, porque do mar os da armada não pelejaram.

Perto destes vivia grande multidão de gentio que chamam *Viatã*, destes já não há nenhuns, porque sendo eles amigos dos *Potyguaras*⁴⁴ e parentes, os Portugueses os fizeram entre si inimigos, dando-lhes a comer, para que desta maneira lhes pudesse fazer guerra e tê-los por escravos, e finalmente, tendo uma grande fome, os Portugueses em vez de lhes acudir, os cativaram e mandaram barcos cheio a vender a outras Capitánias: ajuntou-se a isto um clérigo Português Mágico, que com seus enganos os acarretou todos a Pernambuco, e assim se acabou esta nação, e ficando os Por-

⁴³*Pitiquaras. (Purchas, ib.)*

⁴⁴*Pitiquaras. (Purchas, ib.)*

tugueses sem vizinhos que os defendessem dos *Potyguaras*⁴⁵, os quais até agora que foram desbaratados, perseguiram os Portugueses dando-lhes de súbito nas roças, fazendas, e engenhos, queimando-lhes, e matando muita gente portuguesa, por serem muito guerreiros; mas já pela bondade de Deus estão livres deste sobrosso.

Outros há a que chamam *Tupinabas*: estes habitam do Rio Real até junto dos Ilhéus; estes entre si eram também contrários, os da Bahia com os do Camamu e Tinarê⁴⁶.

Por uma corda do Rio de São Francisco vivia outra nação a que chamavam *Caaété*, e também havia contrários⁴⁷ entre estes e os de Pernambuco.

Dos Ilhéus, Porto Seguro até Espírito Santo habitava outra nação, que chamavam *Tupinaquim*; estes procederam dos de Pernambuco e se espalharam por uma corda do sertão, multiplicando grandemente, mas já são poucos; estes foram sempre muito inimigos das coisas de Deus, endurecidos em seus erros, porque eram vingativos e queriam vingar-se comendo seus contrários e por serem amigos de muitas mulheres: já destes há muitos cristão e são firmes na fé.

Há outra nação parente destes, que corre do sertão de São Vicente até Pernambuco, a

⁴⁵*Pitiguaras. (Purchas, ib.)*

⁴⁶*Intrare. (Purchas, IV, p. 1.298)*

⁴⁷*Contrarieties. (Purchas, ib.)*

que chamam *Tupiguae*: estes eram sem número, vão-se acabando, porque os Portugueses os vão buscar para se servirem deles, e os que lhes escapam fogem para muito longe, por não serem escravos. Há outra nação vizinha a estes, que chamam *Apigapigtanga* e *Muriapigtanga*. também há outra nação contrária aos *Tupinaquins*, que chamam *Guaracaio* ou *Itati*.

Outra nação mora no Espírito Santo a que chamam *Tegmegminó*⁴⁸: eram contrários dos *Tupinaquins*, mas já são poucos. Outra nação que se chama *Tamuya*, moradores do Rio de Janeiro, estes destruíram os Portugueses quando povoaram o Rio, e deles há muitos poucos, e alguns que há no sertão se chamam *Ararape*.

Outra nação se chama *Carijo*: habitam Além de São Vicente como oitenta léguas, contrários dos *Tupinaquins* de São Vicente; destes há infinidade e correm pela costa do mar e sertão até o Paraguai, que habitam os Castelhanos. Todas estas nações acima ditas, ainda que diferentes, e muitas delas contrárias umas das outras, têm a mesma língua, e nestes se faz a conversão, e tem grande respeito aos Padres da Companhia e no sertão suspiram por eles, e lhes chamam *Abarê* e *Pai*, desejando⁴⁹ a suas terras convertê-los, e é tanto este crédito que alguns Portugueses de ruim consciência se fin-

⁴⁸ *Timimino. (Purchas, ib.)*

⁴⁹ *Thye would come to. (Purchas, ib.)*

gem Padres, vestindo-se em roupetas, abrindo coroas na cabeça, e dizendo que são Abarês e que os vão buscar para as igrejas dos seus país, que são os nossos, os trazem enganados, e em chegando ao mar os repartem entre si, vendem e ferram, fazendo primeiro neles lá no sertão grande mortandade, roubos e assaltos, tomando-lhes as filhas e mulheres, etc, e se não foram estes e semelhantes estorvos já todos os desta língua foram convertidos à nossa santa fé.

Há outras nações contrárias e inimigas destas, de diferentes línguas, que em nome geral se chamam *Tapuya*, e também entre si são contrárias; primeiramente no sertão vizinho aos *Tupinaquins* habitam os *Guaimurês*⁵⁰, e tomam algumas oitenta léguas de costa, e para o sertão quanto querem, são senhores dos matos selvagens, muito encorpados, e pela continuação e costume de andarem pelos matos bravos têm os couros muito rijos, e para este efeito açoitam os meninos em pequenos com uns caídos para se acostumarem a andar pelos matos bravos; não têm roças, vivem de rapina e pela ponta de flecha, comem a mandioca crua sem lhes fazer mal, e correm muito e aos brancos não dão senão de salto, usam de uns arcos muito grandes, trazem uns paus feitiços muito grossos⁵¹, para que em chegando logo quebrem as cabeças.

⁵⁰*Guamures. (Purchas, ib.)*

⁵¹*Certaine stones made a purpose verie bigge. (Purchas, ib.)*

Quando vêm à peleja estão escondidos debaixo de folhas, e dali fazem a sua e são mui temidos, e não há poder no mundo que os possa vencer; são muito covardes em campo, e não ousam sair, nem passam água, nem usam de embarcações, nem são dados a pescar; toda a sua vivenda é do mato; são cruéis como leões; quando tomam alguns contrários cortam-lhe a carne com uma cana de que fazem as flechas, e os esfolam, que lhes não deixam mais que os ossos e tripas: se tomam alguma criança e os perseguem, para que lha não tomem viva lhe dão com a cabeça em um pau, desentranham as mulheres prenhes para lhes comerem os filhos assados. Estes dão muito trabalho em Porto Seguro, Ilhéus e Camamu, e estas terras se vão despovoando por sua causa; não se lhes pode entender a língua.

Além destes, para o sertão e campos de Caatinga vivem muitas nações *Tapuyas*, que chamam *Tucanuço*⁵², estes vivem no sertão do Rio Grande pelo direito de Porto Seguro; têm outra língua, vivem no sertão antes que cheguem ao Aquitigpe e chamam-se *Nacai*⁵³. Outros há que chamam *Oquiqtajuba*. Há outra nação que chamam *Pahi*: estes se vestem de pano de algodão muito tapado e grosso como rede, com este se cobrem como com saia, não tem mangas; têm diferente língua. No Ari há

⁵² *Tunacunu*. (*Purchas*, IV, p. 1299)

⁵³ *Nacy*. (*Purchas*, *ib.*)

outros que também vivem no campo indo para o Aquitigpe. Há outros que chamam *Parahió*, é muita gente e de diferente língua.

Outros que chamam *Nhandeju*⁵⁴, também de diferente língua. Há outros que chamam *Macutü*. Outros *Napara*; estes têm roças. Outros que chamam *Cuxaré*; estes vivem no meio do campo do sertão. Outros vivem para a parte do sertão da Bahia que chamam *Guayaná*, têm língua por si. Outros pelos mesmo sertão, que chamam *Taicuyû* vivem em casas, têm outra língua. Outros no mesmo sertão, que chamam *Cariri*⁵⁵, têm língua diferente: estas três nações e seu vizinhos são amigos dos Portugueses. Outros que chamam *Pigrû*, vivem em casas. Outros que chamam *Obacoatiára*, estes vivem em ilhas no Rio de São Francisco, têm casas como cafuas debaixo do chão; estes quando os contrários vêm contra eles botam-se à água, e de mergulho escapam, e estão muito debaixo d'água, têm flechas grandes como chuços, sem arcos, e com elas pelem; são muito valentes, comem gente, têm diferente língua. Outros, que vivem muito pelo sertão a dentro, que chamam *Anéhim*⁵⁶, têm outra língua. Outros que vivem em casas, que chamam *Aracuaiati*, têm outra língua. Outros que chamam *Cayuara*, vivem em covas, têm outra língua. Outros que chamam *Guara-*

⁵⁴*Mandeu*. (Purchas, ib.)

⁵⁵*Cariu*. (Purchas, ib.)

⁵⁶*Anhelim*. (Purchas, ib.)

*náguacu*⁵⁷, vivem em covas, têm outra língua. Outros muito dentro no sertão que chamam *Camuçuyara*, estes têm mamas que lhes dão por baixo da cinta, e perto dos joelhos, e quando correm cingem-nas na cinta, não deixam de ser muito guerreiros, comem gente, têm outra língua. há outra nação que chamam *Igbi-gra-apujara*⁵⁸ senhores de paus agudos, porque pelejam com paus tostados agudos, são valentes, comem gente, têm outra língua. Há outra que chamam *Aruacuig*,⁵⁹ vivem em casas, têm outra língua, mas entendem-se com estes acima ditos, que são seus vizinhos. Outros há que chamam *Guayacatu* e *Guayatun*; estes têm língua diferente, vivem em casas. Outros há que chamam *Curupehé*⁶⁰, não comem carne humana, quando matam cortam a cabeça do contrário e levam-na por amostra, não têm casa, são como ciganos. Outros que chamam *Guayó*, vivem em casas, pelejam com flechas ervadas, comem carne humana, têm outra língua. Outros que chamam *Cicú* têm a mesma língua e costumes dos acima ditos. Há outros a que chamam *Pahajú*, comem gente, têm outra língua. Outros há que chamam *Jaicujû*, têm a mesma língua que estes acima. Outros que chamam *Tupijó*, vivem em casas, têm roças, e

⁵⁷*Guaináguacu. (Purchas, ib.)*

⁵⁸*Iobiora Apuayara. (Purchas, ib.)*

⁵⁹*Anuacuig. (Purchas, ib.)*

⁶⁰*Cumpeé. (Purchas, ib.)*

têm outra língua. Outros *Maracaquacû*, são vizinhos dos acima ditos, têm a mesma língua. Outros chamam-se *Jacurujú*; têm roças, vivem em casa, têm outra língua. Outros que se chamam *Tapuuys*⁶¹ são vizinhos dos sobreditos acima, têm a mesma língua. Outros há que chamam *Anacujú*; têm a mesma língua e costumes que os de cima e todos pelejam com flechas ervadas. Outros que se chamam *Piracujú*; têm a mesma língua que os de cima e flechas ervadas. Outros há que chamam *Taráguaig*, têm outra língua, pelejam com flechas ervadas. há outros que chamam *Panacujú*⁶², sabem a mesma língua dos outros acima ditos. Outros chamam *Tipe*, são do campo, pelejam com flechas ervadas. Outros há que chamam *Guacarajara*, têm outra língua, vivem em casas, têm roças. Outros vizinhos dos sobreditos que chamam *Camaragôã*.

Ha outros que chamam *Curupyá*, foram contrários dos *Tupinaquins*. Outros que chamam *Aquirinó* têm diferente língua. Outros que chamam *Piráguaygaguig*, vivem debaixo de pedras, são contrários dos de cima ditos. Outros que chamam *Pinacujú*. Outros há que chamam *Parapotó*, estes sabem a língua dos do mar. Outros *Caraembá*, tem outra língua. Outros que chamam *Caracuju*, tem outra língua. Outros que chamam *Mainuma*, estes se misturam com *Guaimurês*, contrários dos do mar; entendem-

⁶¹ *Tapecuin* (Purchas, *ib.*)

⁶² *Pahacuiu* (Purchas, *ib.*)

se com os *Guaimurês*, mas têm outra língua. Outros há que chamam *Aturary* também entram em comunicação com os *Guaimurês*. Outros há que chamam *Quiptaio*, também comunicam e entram com os *Guaimurês*. Há outros que chamam *Guigpé*; estes foram moradores de Porto Seguro. Outros se chamam *Qui-grajubê*⁶³, são amigos dos sobreditos. Outros que chamam *Angararf*, estes vivem não muito longe do mar, entre Porto Seguro e o Espírito Santo. Outros que chamam *Amixocori* são amigos dos de cima. Há outros que chamam *Carajá*: vivem no sertão da parte de São Vicente; foram do Norte correndo para lá, têm outra língua. Há outros que chamam *Apitupá*; vivem no sertão para a banda de *Aquitipi*. Outros há que chamam *Caráguatajara*; têm língua diferente. Há outros que chamam *Aquiguira*, estes estão em comunicação com os acima ditos. Outra nação há no sertão contrária dos *Muriapigtanga* e dos *Tarapé*, é gente pequena, anã, baixos do corpo, mas grossos de perna e espáduas, a estes chamam os Portugueses Pigmeos, e os índios lhe chamam *Tapigymirim*⁶⁴, porque são pequenos. Outros há que chamam *Quiriciguig*, estes vivem no sertão da Bahia, bem longe. Outros que chamam *Guirig* são grandes cavaleiros e amigos dos ditos acima.

⁶³*Guigraiube* (Purchas, *ib.*)

⁶⁴*Taepyquiri* (Purchas, *IV*, p. 1300)

Outros se chamam *Guajerê*; vivem no sertão de Porto Seguro muito longe. Há outra nação que chamam *Aenaguig*; estes foram moradores da terras dos *Tupinaquins*, e porque os *Tupinaquins* ficaram senhores das terras⁶⁵ se chamam *Tupinaquins*. Há outros que chamam *Guaytacâ*; estes vivem na costa do mar entre o Espírito Santo e Rio de Janeiro; vivem no campo e não querem viver nos matos e vão comer às roças, vêm dormir às roças, vêm dormir às casas, não têm outros tesouros, vivem como o gado que pasce no campo, e não vêm às casas mais que a dormir; correm tanto que a cosso tomam a caça. Outros que chamam *Igbigranupâ*⁶⁶, são contrários dos *Tupiniquins* e comunicam com os *Guaimurés*; quando justam com os contrários fazem grandes estrondos, dando com uns paus nos outros.

Outros que chamam *Quirigmã*: estes foram senhores das terras da Bahia e por isso se chama a Bahia *Quigrigmurê*⁶⁷. Os *Tupinambás* os botaram de suas terras e ficaram senhores delas, e os *Tapuyas* foram para o Sul. Há outros que chamam *Maribuió*; moram no sertão em direito do Rio Grande. Outros que chamam *Cataguá*: esses vivem em direito de *Tequericarê*, entre o Espírito Santo e Porto Seguro. Outros há que chamam *Tapuxerig*: são contrários dos

⁶⁵*Of the Mountaines (Purchas, ib.)*

⁶⁶*Igbigranupan (Purchas, ib.)*

⁶⁷*Cuirimure (Purchas, ib.)*

outros *Tapuyas*, comem-lhes as roças. Outros que moram pelo sertão que vai para São Vicente chamam-se *Amacaxô*, foram contrários dos *Tupinaquins*. Outros que chamam *Nonhá*⁶⁸, têm rostos muito grandes. Há outros, e estes se chamam *Apuy*, moram perto do campo do sertão, são grandes cantores, têm diferente língua. Outros há que chamam *Panaquiri*⁶⁹, diferentes dos acima ditos. Outros também diferentes que chamam *Bigvorgya*.⁷⁰ Há outra nação que chamam *Piriju*, e destes há grande número. Todas estas 76 nações de *Tapuyas*, que têm as mais delas diferentes línguas, são gente brava, silvestre e indômita, são contrários quase todas do gentio que vive na costa do mar, vizinhos dos portugueses: somente certo gênero de *tapuias* que vivem no Rio São Francisco, e outros que vivem mais perto são amigos dos portugueses, e lhes fazem grandes agasalhos quando passam por suas terras. Destes há muitos cristãos que foram trazidos pelos padres do sertão, e aprendendo a língua dos do mar que os padres sabem, os batizaram e vivem muitos deles casados nas aldeias dos padres, e lhes servem de intérpretes para remédio de tanto número de gente que se perde, e somente com estes *Tapuias* se pode fazer algum fruto; com os mais *Tapuyas*, não se pode fazer conversão

⁶⁸*Nonea* (*Purchas, ib.*)

⁶⁹*Panaquiri* (*Purchas, ib.*)

⁷⁰*Bigvorgya* (*Purchas, ib.*)

por serem muito andejos e terem muitas e diferentes línguas dificultosas. Somente fica um remédio, se Deus Nosso Senhor não descobrir outro, e é havendo às mãos alguns filhos seus aprenderem a língua dos do mar, e servindo de intérpretes fará algum fruto ainda que com grande dificuldade pelas razões acima ditas e outras muitas.

NOTAS

Quando se estuda a manifestação da ideia por meio da palavra, o espírito deve procurar no exame dos radicais verbais a significação mais genérica possível, a qual, sempre que for particularizada, o será mediante a adição de radicais demonstrativos (prefixos e sufixos nas línguas arianas).

Sendo assim, repugna-nos quase instintivamente a interpretação dos vocábulos, como o soem fazer geralmente, pela homofonia das dicções, o que induz aos mais graves erros, e é inteiramente contrário ao verdadeiro espírito linguista.

Entretanto, nas línguas que não têm monumentos escritos, e cujo conhecimento, de mais a mais, nos é transmitido por meio de caracteres os mais diferentes e variados, conforme o modo de representar os sons, isto é, seguindo ortografias inteiramente arbitrárias e diferentes umas das outras, é, na falta de outros dados, justamente a homofonia o que nos pode guiar para acertarmos com o radical, que constitui o fundamento do vocábulo.

De Nhandui ou Yandui ou Jandui (nome do célebre morubixaba da Paraíba no tempo da dominação holandesa) é difícil de se explicar como se formasse Jean Dory (no escrito de Roulox Baro), e ainda se chegasse ao nome alatinado por Barloeus na forma Jandovius.

Evidentemente, a homofonia aqui nos guia para que reconheçamos que, Além do mais, existe em “Jean Dory” erro de escrita ou de cópia, porque, escrito com ortografia francesa, “Jean-doui” já corresponde bastante aproximadamente ao nome *Nhandui* (célebre por ser ótimo na carreira), nome este que nos reporta a *nhandú* (ave corredora) com o sufixo *i*, que pode ter sido alterado de *yb* principal.

Por conseguinte, apesar de reconhecermos que a homofonia não pode e não deve servir, por via de regra, para decidirmos do parentesco e derivação comum do vocábulo (conto se vê em *cessão* e *sessão*), contudo somos obrigados a aceitá-la em diversas circunstâncias.

Limito-me a este cavaco simplesmente para que se me desculpe, em diversas interpretações dos vocábulos que seguem, o submeter-me por vezes a esse modo de explicar as dicções, tão geralmente seguido, mormente por aqueles que têm a mania de explicar as etimologias dos vocábulos dos indígenas, e que nesse intuito não trepidam em inventar radicais que não há, ou em formular combinações e composições inteiramente arbitrárias.

Já uma ocasião observamos quanto é estúrdia a mania de se querer *por força* uma explicação e uma dedução etimológica para todo e qualquer vocábulo indígena e a impertinência com que se exige daquele que estuda línguas americanas a decifração de cada vocábulo, sem

se importarem se esse vocábulo está ou não estropiadíssimo. Na mesma ocasião fizemos ver que tão exigentes em relação aos vocábulos das línguas americanas não o são igualmente em relação aos da própria língua que falam.

Querem por força que, quem estuda língua de bugre destrinche por miúdo, sílaba por sílaba, letra por letra, a palavra *tangapema* (cacete de guerra dos índios) e não são capazes de explicar nem aproximadamente a palavra *durindana* ou a palavra *catana*.

Não é só. Como veem na ciência comporem-se palavras como *polipódio* (que julgam suficientemente explicada logo que se reporta ao grego e se traduz — *muitos pés*), querem igualmente que se decomponha *cabiúna*, e não se contentam com saber que é o nome de uma árvore, tal e qual *cedro* é o nome de outra árvore em português. Os homens, como enfim acham no dicionário, que *cedro* vem de *cedrus* (latim) e este vem de *kedros* (grego) ficam muito satisfeitos com isso, nada mais exigem em relação à palavra *cedro*, mas continuam a exigir uma explicação do vocábulo *cabiúna*, que eles querem ver decomposto e destrinchado em radicais, sem se lembrarem que bastaria então ao estudioso de línguas americanas responder-lhes: “é uma palavra do abañheenga, justamente como *kedros* o é do grego”.

O etimologista é intransigente, e, quando o estudioso não pode satisfazê-lo, ele por

sua conta e risco atira-se, decompõe a palavra a seu jeito, inventa radicais e os coloca como muito bem lhe parece, sem se importar se esse arranjo era o seguido na língua indígena, e explica *caa-pi-una* (mato ou pau de cerne preto), onde não há radical que exprima “cerne” e onde o arranjo dos elementos é arbitrário. E o que é mais de admirar é que os mais impávidos para estas inventivas são homens do mérito do Visconde de Porto Seguro, de von Martius, de E. Liais e do meu amigo Barbosa Rodrigues, nos quais se se fiasse quem estuda línguas americanas, acabaria por *inventar* uma *língua sui generis*, com um número de radicais dez ou cem vezes maior que os do sânscrito, que no entanto, com o seu limitado número de radicais, é o tronco da gigantesca árvore ariana.

Refiro-me só a homens de ciência, e não a poetas e literatos, os quais se entregam a inventivas com o maior desembaraço possível; em outro escrito já o notamos em relação a José de Alencar, Salvador de Mendonça e outros.

Para tornar mais sensível quanto é dura a posição do estudioso de línguas americanas perante as exigências dos etimologistas, bastanos a seguinte ponderação.

Tratemos da etimologia de uma palavra portuguesa, por exemplo *pão*.

Dizem-nos que vem do latim *panis*. E porque não de *panus* ou de *pannus*? Deviam na-

turalmente perguntar os tais senhores etimologistas. E aí então o Sr. Adolpho Coelho com os linguistas, armados com o estudo comparativo não só das línguas românicas, mas ainda das línguas do tronco ariano, pode satisfazer ao exigente etimologista, fazendo-lhe ver que *pão* vem de *panis* por um processo de derivação próprio da língua portuguesa, do mesmo modo que *cão* vem de *canis*, análogo ainda até certo ponto com *mão* de *manus*.

Fundados no exame dos monumentos e tradições das línguas cultas, os linguistas têm podido formular leis que explicam as transformações dialéticas, e a formação das línguas modernas; de modo que, quando alguém venha objetar-lhes que, assim como de *paganus* veio *pagão*, também de *panus* ou *pannus* podia vir *pão*, eles respondem que: os processos de derivação dos vocábulos sofrem diversas alterações por diversos motivos, entre os quais vigora um espontâneo e natural “limitar a homonímia”. Daí havendo *pão* de *panis*, o português deixou de parte o *panus* latino (fio de canela); e quanto a *panno* (*panus*) como tem dois *n*, não está no caso de *paganus* (pagão), de *civitanus* (cidadão), *christianus* (cristão), *britanus* (bretão), *capitanus* (capitão), *germanus* (irmão).

Ainda mais. Sendo língua românica o francês tanto como o português, e, correspondendo a *pão* português o francês *pain*, e ainda em cima havendo o irlandês *páin*, o etimologista seria bem

capaz de derivar *pão* de *pain* francês, e este do irlandês *páin* com tanto mais razão quanto, sendo o céltico um ramo do tronco ariano, a ele se reportam muitos vocábulos das línguas românicas, principalmente das faladas na península ibérica e na antiga região das Gálias.

Aqui ainda, porém, vem o linguista explicar os fatos mais concludentemente, e, fundado no estudo comparativo das línguas, e na concatenação das datas constantes das crônicas e do uso das palavras, vem demonstrar que tanto *pão* como *pain* vem do latim, porque daí também vem o irlandês *páin*.

O linguista confirma as suas ilações fazendo ver que o mesmo processo que fez *pão* e *pain* de *panis* também fez *mão* e *main* de *manus*, *escrivão* e *hecrivain* de *scribanus* (latim não literário), *capitão* e *capitain* (depois *capitaine*) de *capitanus* etc., e que, quando ocorrem certas circunstâncias peculiares, as línguas derivadas modificam o processo de derivação de modo que, de um lado de *civitanus* (latim vulgar) vem *cidadão*, porém em francês por outra forma *citoyen*, de *paganus* vem *pagão*, em francês *payen* (e depois *paien*), de *decanus* vem *deão*, em francês *doyen*, e por outro lado do mesmo *decanus* vem em português *decano*, de *humanus* vem *humain* em francês, mas *humano* em português, de *germanus* vem *germain* em francês, mas *germano* e *irmão* em português, etc.

Pode-se fazer isto em relação às línguas americanas? Onde estão os escritos, onde colher as tradições, e como fixar as épocas das diversas transições ou evoluções de tantas línguas que se revelaram ao mundo europeu nos fins do século XV e começo do XVI?

A comparação nua e crua dos vocábulos, unicamente pela semelhança de pronúncia, auxiliada apenas por algumas regras vagas e muito gerais acerca da transformação fonética dos vocábulos (como por exemplo *yba* em *uba* e *iba*, e *uma* e *ima*), sem se saber qual é o mais antigo se o Quíchua ou Abañheênga, etc., eis o com que tem de se haver quem estuda as línguas americanas.

Na impossibilidade de explicar *carai* por meio de radicais do Abañheênga suponha-se que recorrêssemos ao Quíchua *cara-uma* (calva cabeça) aplicável a diversas tribos que foram designadas por *Coroados*. Pergunta-se: realmente o Quíchua é mais antigo que o Abañheênga? ou pelo menos pode-se afirmar que este recebesse daquele muitos vocábulos? Será legítima a composição prepondo o adjetivo ao substantivo? E assim outras dúvidas.

Em cada língua uma leve mudança de articulação ou de som modifica e até faz diferença na significação, ao passo que, comparada uma língua com outra, ve-se que sons que faltam numa e aparecem em outra são na primeira evidentemente supridos por sons diversos, mas equivalentes.

Assim no Quíchua *cara-pelle*, modificado em *kara* (ou como escrevem os espanhóis *cara*) exprime “pelado”.

Precedentemente vimos que *cara* é adjetivo e significa “calvo”.

Em abañheênga há *koty*-para (posposição), *kyting* (verbo) cortar, e (substantivo) pio-lho branco, *kytá-nó*, etc. Muito leve alteração fonética correspondendo a grande diferença de significado. Entretanto temos *Guaycurú*, que diz Martius, “soll aus der Tupispracé érstamen und *schnelaufende Leute (Oatacurui uara)* bedeuten” e que me parece apenas pronúnciação em guarani de *cocoloth* e de *Oaekakalot* (nome que se davam os Tobas, ou Lenguas ou Guaycurús a si mesmos). Faz isto lembrar a explicação que deram a Saint Hilaire em Minas da palavra *Arachá*, dizendo-se ser a resposta do preto aos que procuravam a mina de ouro: *are-achá*, português de preto por *há-de achar*.

Não cabendo nas minhas forças o publicar um trabalho completo, onde se discutam os radicais do Abañheênga um por um, de modo que a eles se possam reportar com alguma conexão os diversos vocábulos compostos, e seja possível, pelo complexo desses radicais, concatenar a legitimidade de tais e tais derivações, vejo-me na necessidade de aproveitar as ocasiões de publicação que se me oferecem e de ir apresentando desconexamente explicações destacadas dos vocábulos, que tenho ocasião de discutir.

É óbvio o inconveniente que daí resulta, mas devo resignar-me, ainda mesmo correndo o risco de me pôr a bater a campanha como o meu amigo Barbosa Rodrigues, e o falecido Varnhagen.

A mania das etimologias tem seu que de contagiosa, e visto não poder publicar o estudo do Abaíheênga com tal e qual *análise científica* dos radicais, aqui vou também escarafunchar etimologias.

Devendo apenas nestas “notas” procurar explicar os vocábulos indígenas, se eu pretendesse desenvolver mais este trabalho, e por exemplo quisesse dar o nome de “corda” (e a respectiva explicação) de que fala o autor dos “Índios do Brasil” na página 182, o qual nome foi omitido nessa página, é claro que a título de “notas” estes apontamentos podiam tomar tal desenvolvimento que só por si constituiriam um enorme vocabulário.

Limitei-me portanto a tratar só dos vocábulos que se depararam no escrito dos “Índios do Brasil”.

Ainda outra ponderação.

O maior número de vocábulos estranhos ao português, que se acham neste livro, é para denominar tribos. Seria muito naturalmente arrastado o leitor a ver aqui desenvolver-se uma lista dos nomes das tribos indígenas com a respectiva explicação, mas então aí teríamos de desenvolver mais largas considerações sobre os

primitivos íncolas do Brasil e, já se vê, isto sai da órbita legítima de simples “notas”.

Em geral na explicação dos vocábulos procedo sistematicamente, procurando reportá-los unicamente a radicais do Abaíheênga, e apenas recorro à comparação com outra língua quando de todo o vocábulo não é explicável pelos radicais do Abaíheênga ou quando a analogia de significação e a semelhança da forma dos vocábulos, (por exemplo em Abaíheênga e Quíchua) é tal que se não pode contestar a comunidade de origem.

Já em outro lugar disse que, antes de proceder à comparação, era necessário procurar fixar o mais possível os radicais da língua, para se ter uma base de comparação.

Assim, pois, com respeito às tribos, também nos limitamos simplesmente a procurar dar alguma explicação dos nomes com que são designadas, e unicamente dos nomes que se acham neste livro “Os índios do Brasil”.

Ainda mais. Daremos estas explicações com as maiores reservas e prontos a aceitar as correções que se fizerem, porque em geral *tais nomes de nações não são mais do que alcunhas, com que se designavam as cabildas umas às outras* (Visconde de Porto Seguro — História Geral do Brasil, 1854 — tomo I, p. 101). A interpretação desses nomes é tanto mais difícil quanto maior é o estropiamento do vocábulo, estropiamento que quase sempre é muito difícil reconhecer, e destrinchar.

Acresce a tudo isto que muitos desses nomes poderam não pertencer ao Abaãheên-ga (*a língua geral*) e outros até poderão ser de mera inventiva de algum narrador.

Sei que me há de prejudicar o deixar-me arrastar pela mania das etimologias; sei que, por mais cautelas e ressalvas que empregue, terei de cair em graves erros de interpretação, mas que fazer? Trabalho sério, onde expendesse alguns princípios e pudesse me livrar de impertinências não há meio nem de levar a cabo, nem de publicar. Isto no Brasil não tem saída, salvo grande sacrifício do próprio autor. Lá vou pois com os etimologistas águas abaixo.

Embarafusto pelo perigoso caminho das etimologias, e só pedirei aos senhores etimologistas, que contra a minha vontade me arrastam, e pedirei como simples retribuição das etimologias americanas, que lhes dou:

Expliquem-me e deem-me as etimologias de tantas palavras que figuram nos dicionários, e que não são americanas.

Por exemplo:

A etimologia de *burra* não só quando significa “a fêmea do burro” mas ainda quando quer dizer “*cofre de quem tem dinheiro*”.

A etimologia de *açoita-cavalo*, nome de uma árvore, de *gonçalo-alves*, nome de outra árvore, etc.

E outras mais.

ABAETÉ (p. 170)

Tem duas significações inteiramente contrárias; ambas vêm do tomo VII dos Anais da Biblioteca Nacional, e são: 1º, *aba-eté* “homem real, verdadeiro, positivo” literalmente, e “ilustre, distinto, honrado”, por translação; 2º, *abá-ité* “homem desfigurado, feio, descomposto, horrível, temeroso”. Este segundo também supusemos poder interpretar-se *a-bai-eté* ou *a-mbai-eté* “pessoa má muito, homem muito ruim”. Cumpre-nos afinal notar que não só neste, como em muitos outros vocábulos, podem e parecem coincidir duas significações antitéticas, dependendo só do tom, com que se diz o vocábulo, a determinação do sentido, que se lhe atribui. Nas línguas cultas mesmo se diz: “é um temível” podendo “temível” ter significados opostos. Diz-se ironicamente “és um santo homem, és um anjo”. Não é ironia, mas a ideia se enuncia do mesmo modo que na ironia, quando se diz com ternura “és um diabrete, és um demoninho”.

ABARÊ (p. 173)

É o vocábulo com que no Abaíheênga se ficou designando “o padre católico ou cristão”, porém também servindo para designar em geral “sacerdote, vigário, clérigo”. Montoya dá uma explicação, desse vocábulo que vem na

p. 177 (§ 14) da “*Conquista do Paraguay*”, reimpressa no tomo VI dos Anais da Biblioteca Nacional. A explicação dada por Montoya é *abá-homem, ré-diverso* (por guardar castidade). Notando-se porém que “diverso” se exprime por *é*; que o absoluto *té* (errar, divergir) perde o *t* mas não apresenta exemplo de mudar esse *t* em *r*, *h*, *gu*, parece que antes conviria considerar *ré* como um sufixo, o qual valendo por vezes o mesmo que *kuer* deve e pode ter as mesmas significações. Deste modo o sufixo *ré* serve de dar força ao vocábulo do mesma modo que *kuer* em *tantanguer* (os esforçados, os valentes) derivado de *tantã* duro, forte, rijo. Portanto *abaré* significaria “o homem, ou a pessoa umana por excelência” e ainda “o ilustre, o eminente”.

AENAGUIG (p. 179)

Este nome de tribo não se acha entre os enumerados por Simão de Vasconcellos, nem no “Roteiro” de Gabriel Soares. Von Martius, que laboriosamente coligiu o maior número de nomes de tribos, também não no dá no *Beiträge zur ethnographie*. Ser-nos há lícito supor que *aguig* esteja por *aqui* ou *oqui* (colateral ou derivado)? (Veja-se o expendido em *Tupinanquim*). Sendo assim pode-se interpretar *Aena-*

quig o colateral, o derivado (descendente) do outro. Note-se que *ae* além de outros significados exprime “outro” (adjetivo) e repare-se que existe no Abañheênga não só *ace*-pessoa em geral, mas ainda *ahê*-o tal, aquele fulano. é dever do estudioso apontar esta associação de significados das diversas dicções com pequena alteração de letras aqui ou ali, mas como se exigir dele, que dê uma explicação cabal de vocábulos, que ninguém sabe como e quanto foram estropiados?

AMIHOCORI (p. 178)

É tribo que não figura na lista dos nomes dados por Simão de Vasconcellos, nem no “Roteiro” de Gabriel Soares, nem na Etnografia de Martius. Para evitarmos a repetição desta referênciã em outros nomes de tribos, nestas notas nos reportaremos ao que dizemos neste e no vocábulo precedente.

Não acho maneira alguma de explicar este nome de tribo, e limito-me a fazer ver que aí temos uma frase bem regular em Abañheênga: *Ami-ho-co-ri* costumam vir por cá, ou costumam vir estes por aí. até nem eu devera escrever *ho* por *cho*, porque realmente a forma *cho* também aparece por vezes, cumprindo-nos notar que em *cho* está implícito o pronome (Veja-se tomo VI dos Anais da Biblioteca).

AMOCAXÔ (p. 180)

Este nome não vem em nenhuma das listas citadas *Amixocori*. Quanto à explicação apenas notarei que *amo* entre outros significados tem o de “longe, lá” e que *amoipi* em *amboipir* quer dizer “os de lá, ou oriundos de lá ou de longe”, e que com este nome há designação de tribos nos autores — Noto também que a sílaba final *xó* pode filiar-se a *io*, *jó*, *yó*, sufixo que aparece em muitos nomes de tribos. Ver *Carijó* e também *yoc*.

ANACUJÛ (p. 180)

Em Abañheênga parece-me muito difícil explicar este e outros nomes, principalmente atendendo-se às sílabas finais *cuju*. Como desgraçadamente as anotações dos sons pelos cronistas são tão imperfeitas que eles nem dão a acentuação, nem a quantidade, resulta que se tem dúvida até se é *cuyo*, *coyo*, *cuya*, *coyá*, etc. Na forma *coya* podia ser tal ou qual explicação pelo Abañheênga (Veja-se a palavra *Guayaná*), e neste sentido haveria relação com o *Chillidungu* onde há *coyagh* ajuntamento, e os verbos *coyaghtun*, *coyagn*-parlar, falar em assembleia. Note-se que em *anãcoyá* há uma troca de lugar dos temas de *coya-anã*, o que não seria inadmissível no Abañheênga. Considerando, porém, que neste livro há muitos nomes termi-

nados em *cuju* e ainda mais simplesmente em *ju*, parece mais natural reportar estes nomes ao Quíchua, e explicar-se *ju* por *yoc* sufixo desta língua. *Anacu* em Quíchua (além de outros significados e de outras formas deste nome) significa “manto, capa”; portanto *Anacuju* seria “os que têm capa ou manto”.

ANGARARÍ (p. 178)

Não vem nos autores citados este nome. Literalmente pode-se traduzir *anga-rory*, alma alegre, não obstante ser mais regular *anga-ory* com *ory* adjetivo. Como porém era usado o verbo *ang-hory* estar contente, por dissimilação era natural dizerem *anga-rory* alma alegre, os alegres, a gente alegre.

ANHANG (p. 142)

Parece que literalmente se pode explicar por *a-ñang* (encesta a gente, mete a gente em cesto, ou apanha a gente) e assim se expôs no tomo VII dos Anais da Biblioteca. Considerando-se porém que, conforme as tradições, *Añang* é o oposto de *Tupã*, e que assim como se exprimia o espírito do bem (que dispensava cultos, donde o dizer dos filhos da Ibéria, que eles não tinham Deus, nem religião), parece que *Añang* exprimia o espírito do mal, (a quem eles votavam oferendas para o subornar). As-

sim pode-se interpretar *añang* = *ai-ang* (a cada passo se vê $-i = j = n$ ALMA DO MAL em contraposição a *Tupã* = *Tub-ang* ALMA DO PAI (ou dos pais), DO PROTETOR, do CRIADOR. Sem ainda poder afirmar que o *l* ou *lh*, *ll* do Chilli e do Quíchua correspondam ora a *r* ora a *n* do Abañheênga, por demais noto que em *Chilli*, *alhue* significa “diabo”.

ANHEIM (p. 176)

Não me parece explicável este nome, nem ainda interpretando os sons à moda dos etimologistas quando traduzem *Florentina* por *flor em tina*, *Arachá* por *há-de-achar*, *Conticuere omnes* por *com tigo era o homem*. também não figura em outras enumerações de tribos e o nome que mais se lhe aproxima é *Arari*, o qual igualmente não é muito explicável pelo Abañheênga, e ao qual, como é intuitivo, devem pertencer os nomes dados nos “Índios do Brasil”. *Arary* é nome de tribo pertencente ao tronco Aimoré e ainda ao ramo Ge (a admitir-se a classificação de Martius). Aqui apenas observaremos que aro em *Aymará* é “falar” e “língua” é *arara* falador.

Veja-se GUAIMURÉ.

APIGAPIGTANGA (p. 173)

É evidentemente vocábulo do Abaãheên-ga, suscetível de muitas explicações, já pelo tema *apig* (*apyi*, *apyg* etc.) já pelo tema *apigtan-ga* (*apyita*, *apya*, *apitang*, etc.). Confirmando a minha repugnância para interpretar as palavras pelo que soam, o que conduz a disparates (Veja-se *Anélim*) aqui temos um nome que se pode interpretar de muitos modos, alguns dos quais quase literais, como *apyiña* (em Tupi *apyinga*) pitanga ponta de nariz vermelha. Mas procurando-se relações e subordinações entre estes diversos designativos, é preferível antes guiar-nos por analogias, ainda sendo necessário alterar um pouco a palavra. Comparando-se este nome com *Muriapigtanga*, que vem na mesma página, é admissível dizer-se (com um *t* pronominal afixo) *Tapigapigtanga*, formado de modo análogo com o outro, de *tapyi* (*tapiig*) *apyita* em Tupi cabilda de selvagens, de inimigos, de Tapuyas.

APITUPÁ (p. 178)

Outro nome que não figura nas listas de tribos dadas pelos autores, e que pode ter diversas explicações pelo Abaãheên-ga. Atenhamo-nos porém ao sentido que dá literalmente o adjetivo *apitupa* (pela regra que consta das tomos VI e VII dos Anais), o qual significa “os desalentados, os desanimados”.

APUY (p. 180)

Além de não figurar nas listas de tribos, apresenta-se de modo que pode ter muitas explicações e por fim nenhuma, por não haver motivo concludente que autorize uma interpretação. Coisa que encabece a significação de “cantor”, não há no Abañheênga. Neste há o adjetivo *pui*-lépido, pronto, expedito, *poi* mãozinha, e também “fibra fina” e adjetivo “delgado, fino” e outros assim. A prepositiva adjetivadora *a* apenas será admissível com *poi* em algum caso, porque em outros já *poi* e *pui* são adjetivos. Do verbo *pói* dar de comer, e do verbo *poir* (*poi* com queda do *r*), soltar a mão, não sei se seria fácil derivar adjetivo com *o* prefixo. Tem aí em última análise os etimologistas muito onde escolher. Notarei de passagem que *apu*, *apo*, significam “chefe” em Chilli, em Quíchua, em Aymarâ, etc.

AQUIGUIRA (p. 179)

Além de não figurar nas listas de tribos, acresce que se não sabe se é *akiguira*, *akui*, ou *aakoiguira*, *akiguira*, e ainda mais as variantes com *guira* formando muito diferentes compostos. Em S. de Vasconcellos há uma tribo *Aquinau* com o tema *aqui*, porém *quid inde?* Entretanto não deixa de ter importância este

nome em que entra o tema aqui, pois ele entra ainda nos três nomes que aqui se seguem. Será *akir* (que pode deixar cair o r) que significa “mole, fraco e ainda covarde?” E o resto será *guira* abaixo de? E *akiguira* ultra-covarde? Não lhe acho muito feitiço porque neste caso seria mais própria a pospositura *bé* de comparativo.

AQUIRINÓ (p. 178)

Veja-se o expendido no vocábulo precedente, e note-se apenas que *akir-i-nõ* é uma frase “são covardes eles também”.

AQUITIGPE (p. 175)

Veja-se o expendido em *Aquiguira*. Quanto ao mais é de notar que nos “Índios do Brasil” todos os sons habitualmente representados por um *i* especial em Montoya, por *y* pelos portugueses, apresenta-se *ig*, e que como este *i* é brevíssimo, ele se contrai frequentemente com a vogal que o segue ou o precede. Deste modo podia haver *aky-teyi*, “multidão de fracos, súcia de moleirões”. Fica, porém, por explicar-se a prepositiva *pe* e ainda notarei que em *teyi* sendo *t* pronominal, no composto devia ficar *aky-reyi*. Cumpre ainda notar que no livro como está empregado *Aquitigpe* não designa “tribo” e sim “local” aí cabe a locativa *pe*.

AQUITIPI (p. 178)

Veja-se o expendido em *Aquiguirá*. Quanto ao mais, não será esta simples adulteração do nome precedente ou vice-versa?

ARACUAIATI (p. 176)

Primeiro que tudo notarei que *araquai haty* é literalmente “o lugar frequentado pelos entendidos, o *rendez-vous* dos sabidos” (a contração dos dois *a* em um está feita em *paraguay* e a queda do *h* é facilíssima); depois ainda notarei que é possível *araquai* adjetivo cingido, com cinto, com facha, e *aty* as fontes da cabeça, as têmperas. Como nome de tribo, porém, importa-nos considerá-lo por outra face, e veja-se *auca*. Como deste tema se derivam o designativo *arauca* e *araucano*, não sei, mas por um metaplasmo simples e pelo aumento de um sufixo vê-se que *arauca* podia-se derivar *aracuaia* se porventura existisse o termo em Abaíheênga e então *aracuaiaty* se podia interpretar por “pousada ou pouso dos Araucas”. Não deve ficar esquecido que *aracuaiaty* tem semelhança com *Araguaya*, nome do nosso grande rio de Goiás.

ARA, com acento, já na primeira, já na segunda, é tema que entra na composição de muitos vocábulos e nos nomes de muitas tribos. Este tema existe no Abaíheênga, mas de

forma que por meio dele não se podem explicar as denominações de tribos. Contemplo-o aqui para fazer as seguintes considerações. *Aro*, na língua dos *Aymarás*, significa língua, palavra, mandamento, licença, etc; dá muitos derivados como *arara* e *arocamana*, falador, parlador, notando-se ainda que *Aymara aro* (língua do *Aymará*) é sinônimo de *kaque-aro* (língua de gente). O Quíchua é aparentado e até parece que derivado do *Aymará*, e os *Aymarás* constituíam o grosso da população do Peru e da Bolívia quando os incas tomaram conta do país. Compare-se ainda o que se expende na palavra *Guaymuré*. Parece-me que este tema *ara* reportado ao *Aymará*, assim como *auca* reportado ao Quíchua e ao Chilli podem explicar muitos nomes de tribos, mas faltam dados para se definirem as composições e derivações. Afinal *ará* vulgo *arara* é o nome de alguns *psitacus* que no tomo VII dos Anais dei como onomatopaico.

ARARAPE (p. 173)

Conforme o que dissemos em *ara*, se é lícito o hibridismo da composição, podia-se decompor este nome indiferentemente em *ara-rapé* ou *arara-pé* (caminho dos faladores ou dos parladores). Mas vá isso unicamente por conta dos etimologistas, pois que tal explicação nem pode servir propriamente para um nome de tribo. Parece que hoje já se não tre-

pida em formar vocábulos compostos do tema latino com tema grego, e de temas de línguas modernas com temas das outras duas, mas não sei até que ponto isto nos autoriza a compor *ara* ou *arara* (do *Aymará*) com *rapé* ou *pé* (do *Abañheênga*).

ARI (p. 175)

Como vem nos “Índios do Brasil” não designa tribo e sim lugar, e em *Abañheênga* *ari* simplesmente não tem explicação nem para uma coisa nem para outra. *Arií* “sardentos ou bexigosos” talvez pudesse ser apelido de tribo.

ARUACUIG, na nota Anuacuig (p. 179)

A forma que vem de Purchas (a segunda) parece ainda mais difícil de se interpretar. Quanto à primeira limitamo-nos a notar o tema *aruac* (também nome de tribo no norte) e reportamo-nos ao expendido em *ara* e *auca*.

ATURARY (p. 178)

Nos “Índios do Brasil” parece não estão nem podiam estar compreendidas as tribos do Amazonas, principalmente superior. Não sei pois se os *Aturary* têm alguma coisa de comum com os *Atuniari*, que vêm na lista de S. de Vasconcellos (§ 30 L. I. “Coisas do Brasil”), nem

tampouco se estes são idênticos com os do Tacutu, afluente do Rio Branco, mencionado na “Ethnographia” de Martius, que dá (p. 562) *Ataynarú* ou *Aturahi* e traduz por *Korbflechter*. Em Abañheênga, em Quíchua, em *Aymarâ*, em Chilli e outras ainda não vejo vocábulo algum parecido com estes, que signifique “tecedor, fabricante de cestos, de peneiras, etc.” Em Abañheênga, temos *atiriri*, pequenino, murcho, encolhido, e de *atur* em Tupi, *atura*, curto, breve, etc., ainda se concebem outros derivados, para designar “os chatos, os pequeninos, os anões”. Podia ainda explicar-se por *atirayb* “chefes de topete”, e por outras formas; mas tudo é conjectural.

AUCA

Em Chilli-dugu temos *auca*-rebelde, alevantado (e dizem também “cimarron, montaraz”). Em Quíchua-callu *aucca* adversário, inimigo, tirano (e ainda como verbo: “batalhar, pelear” com os derivados *auccak* soldado, *aucay* batalha, pelega, etc.). Em *Aymarâ* (Haquearo) ainda *aucca* inimigo, e derivados como em Quíchua. Não de pode deixar de notar ainda que em Quíchua *hauca* é verbo “vagar, folgar” e também com um derivado exprime “vagabundo, vadio”. Deixarei de apontar outras coincidências (como a de chamarem os Patagões aos Chilenos *yacah*) e só ficará fixado que *aucca* é donde se deriva

arauco e *araucano*, nomes pelos quais se celebrizaram os livres habitantes do montuoso Chilli e que ainda a ciência adotou para a bela conífera *araucaria*. Não deve ficar despercebido que *haque* na língua dos *Aymarás* significa “homem, gente, pessoa” donde: *haque-aro* (a língua *Aymará*) significando o mesmo que *Abañheênga* (língua de gente). Para ultimar a confrontação desse tema (susceptível de várias alterações) ainda devemos notar que há no *Abañheênga* o verbo *acab* brigar, rusgar. Depende de muito mais longo estudo e de severa comparação das línguas a determinação da variação dos vocábulos conexos com o tema *auca* ou *aca*, com o qual talvez possam ter parentesco até *guarani*, *carini*, *galibi*, *caribi*, *caraib*, etc. Pela forma do tema *arauca* ainda se podem aparentar com ele as designações de muitos outros povos da Sul América como *arauc*, *arauac*, *aroaki*, que embora próprias da parte norte da Sul América, contudo podiam ser providas do Peru, de lá trazendo o nome de *arauca* rebeldes ou fugidos, ou ainda *araycu* descidos, no caso que proceda o que diz Martius na “*Ethnographia*”, p. 429. No Quíchua há ainda *harcak*: (do verbo *harca*) aquele que impede, estorva, no *Aymará* também *arcauil-el* mitaio del Tambo, que igualmente podiam fornecer designativos para tribos. Ainda em *Aymará* aqui *pai*, senhor, em Quíchua *auki* o primogênito do inca, ou rei.

AVASATY

Evidentemente *avasaly* é erro de escrita, porque não há *l* em *Abañheênga* é nome inteiramente novo para mim e, vendo-o, aplicado ao demo, parece-me quase poder reportá-lo a duas etimologias diferentes, das quais a mais natural é *aba-hati* (homem chifrudo ou cornudo) não obstante faltar o sufixo de participio *aba-hatibae*, por que isto acontece mais vezes, e encontra-se o radical verbal empregado como adjetivo sem esse sufixo *bae* ou o seu equivalente *hara*. A segunda etimologia daria *abahaty* (borra ou fezes de gente); mas além de não ter isto grande significação, acontece que me não parece natural a composição do vocábulo tornando *aba* genitivo regido de *haty*.

BIGVORGYA (p. 180)

Naturalmente está muito estropiado este nome, e demais não figura nas listas de tribos. Parece-me por enquanto impossível tentar explicá-lo.

CAAETÉ (p. 172)

Literalmente *caa-eté* quer dizer “mato verdadeiro, ou real” e também “erva verdadeira, folha grande, folha larga”; também significa “mato de paus grandes, ou grossos, ou

mata virgem”. No sentido de “folha grande, ou larga” foi aplicado às helicônias e outras musáceas; e ainda aplicado a alguma anonácea, parece-me que *caité* (como dizem) deveria ser *cuaeté* derivado de *eaquã-eté* muito cheiroso, ou cheiro verdadeiro, cheiro real. Como nome de tribo parece-me inadmissível o vocábulo acima definido, e, neste caso, me reportaria antes a *cai* envergonhado, ou corrido, a *cái* queimado, e mesmo a *akã-até*, cabeça torta, cabeça virada e ainda a outros temas. Não há base para nos fixarmos em um tema. Se o gentio Caitê, dono da costa desde o Paraíba até São Francisco (Gabriel Soares, p. 38), pertencia à família Tupi é de estranhar que lhe dessem um nome sem parentesco algum com os dados às outras tribos. Este gentio foi exterminado, conforme se vê em Gabriel Soares e realmente já não figura na lista dos de S. Vasconcellos. Como dizem que era um gentio muito feroz, ainda podia-se explicar o seu nome por *acã-êtê* cabeça dura, porque por vezes vemos *êtê* por *âtã*. Se como narram Gabriel Soares e Southey este gentio usava de uma espécie particular de canoa, sugere isto uma interpretação para o nome que lhe davam as outras tribos *ygá-até-ri-guara* aqueles que tem canoas diferentes (feitas de uma palha comprida como a das esteiras de tábua, Gabriel Soares, p. 38). A queda da última parte da frase (*ri* posposição, e *guara* o particípio contrato) não é coisa que se possa

estranhar, atentos outros exemplos de frases, que tomadas como designativas perderam parte dos temas componentes. assim aqui *ygá-até* canoas diferentes ou diversas ou ainda erradas, até em português, apenas precedido do artigo (os canoas-diversas), podia servir de designativo. Vê-se também que, por esta forma ainda se pode explicar o nome de tribo pelos primeiros temas *caa-eté-riguara*, os sujeitos, os homens da mata virgem.

CAÁTINGA (p. 175)

Literalmente *caa-tinga* erva branca, mato branco e ainda folha branca; o nome se estendeu aos matos enfezados e carrascados, de vegetação não luxuriante e que apresentam uma cor esbranquiçada; é expressão da linguagem brasileira hoje *catinga*. Com o significado de “bodum, mau cheiro” é também adotado na linguagem brasileira; creio ser de formação diversa, mas tenho minhas dúvidas em reportá-lo *eaquatui* o que exala cheiro, o fedorento.

CAJUARA, na nota Caiuari

Interpretando este nome com o som interpreta von Martius e outros (por exemplo *poti-uara* comedor de camarão, teríamos imediatamente *cajú-uara* comedor de caju (em Tupi, *uara* por *uhara* ou *guara* é frequentíssi-

mo). Está me parecendo, porém, ser um dos vocábulos que mais alterado tem sido, e que se apresenta sob formas muito variadas.

Em Abaíheênga temos *caa-pe-guar* o que é do mato, silvestre, montês, etc., e ainda *caa-i-guar* (posp. *i* por *pe*) o que é do mato, matuto, mateiro, etc.

Além disto ainda há *caguar* bebedor e bêbado em geral, contrato de *caa-guar* bebedor de erva ou mate e de *caui* ou *cagui-guar* bebedor de cauim ou de vinho (Veja-se Anais tomo VII *guar* particípio de *tecó* ser e particípio de *ú* comer). Note-se, porém, que os Paraguaioes chamam em geral aos índios de matas, *Caaygua*, e que sendo frequente a queda do *g* em Tupi, aí temos *Caayua*, nome pelo qual ainda se designam tribos do Mato Grosso e creio que também de Goiás.

Parece até que podem considerar-se como adulteração do mesmo nome que significa matuto ou mateiro, os seguintes: (*Cayova*, *cahayba* (“Ethnografia”, Martius, p. 383) no Tapajós, *Cayua*, *Cayowa* (Idem p. 767) no Paraná, *Cayuvaua*, *Cayubaba* nome de tribo moxeana (d’Orbigny, tomo II, p. 254) e ainda outros. O epíteto genérico de matuto ou mateiro cabe a tribos de ramos quaisquer, designando os homens do mato, pelo menos tão apropriadamente como ainda hoje os literatos portuguezes nos chamam, a nós os brasileiros, de matutos.

Na lista dos povos diversos não Tupis que apresenta S. de Vasconcellos vem Cagoa que pode também reportar-se a este, notando-se contudo que pelos sons vai ter antes à *caguar* bêbado.

CAMARAGÔÃ (p. 178)

Conforme é de uso interpretar-se, bastaria ver-se *camaraguar* comedor de camará, e estaria resolvida a questão. Mas para nome de tribo seria até mais concludente socorrermos a uma composição como *akãparagua* cabeça engrinaldada, ou com uma coroa. Mas para que se veja que tudo isto é muito arbitrário e não conduz a resultado algum positivo, basta considerar-se que é frequente nos autores esquecerem-se da cedilha do ç e é isto suficiente para termos coisa inteiramente diversa como *camaragôa* ou *sãoaragôa* que tem analogia com *Samarua*, nome de tribo que vem na lista de S. de Vasconcellos. Este último nome pode reportar-se a radicais os mais diferentes possíveis, e não havendo índice algum que mostre a intenção da denominação, parece-me vã a tentativa de explicá-lo. Diz o texto que os índios por este nome designados “têm outra língua, vivem em casas, têm roças” e pelo Abañheênga só se poderia talvez reportar a algum radical convexo com ideia de “ter ou fazer roça”. Veja-se o vocábulo seguinte.

CAMUÇUYARA (p. 176)

“Estes índios”, diz o texto, “têm mamas que lhes dão por baixo da cinta e perto dos joelhos, e quando correm cingem-nas na cinta, etc.” Se não tudo, ao menos parte acha-se literalmente expresso por *cam-uçu-yara*, peitos grandes que têm, ou que têm longas mamas. Aqui tem-se apenas de notar que *yara* é particípio referente a radicais muito diversos, é infinito de outro verbo (que pode servir de particípio), mas que não é regular nem fácil atribuir-se-lhe o sentido de “tente” (particípio de “ter”); contudo é o único modo de se interpretar o nome como se nos apresenta, e então *yara* será o substantivo “dono” (derivado de um infinito *ar*, ou particípio de outro verbo *é*. Veja Anais, tomo VII.

CANGUERA (p. 151)

Vem de *cang* osso com o sufixo de pretérito *cuer* designando “osso já fora do corpo”, depois particularizado para exprimir “osso da canela, tíbia” e translato para “canudo, tubo”. O canudo do “pito” era expresso em geral por *petynguab* (chupadouro do tabaco), substantivo do verbo *petyār*. Em Tupi acha-se *petymbuab*, mas como notamos nos tomos VI e VII dos Anais da Biblioteca, as articulações *c*, *q*, *g* do Abañheênga aparecem frequentemente em

Tupi trocadas em *p*, *b*. também notamos que *petymbuaba* podia ser o substantivo verbal de *petymbú* (beber *petyma*).

CARA ou ainda *cára* é tema que figura em numerosos vocábulos e em nomes de tribos, e que carece ser examinado um pouco por miúdo. Em Chillidugu há *cára* povo, forte, castelo, cidade. Como há também nesta língua o verbo *nien-ter*, não sei até que ponto será lícito reportar a estes temas o vocábulo guarani (vê *yoc.*) Na língua dos Aymarás há vários temas *cara*, *cara*, etc., dos quais um que significa “anchicorto” reporta a *carapé* em Abañheênga, e outro *kara* coincide com Quíchua e parece também ter derivados correspondentes em Abañheênga. Neste caso está *kara* pelado (segundo Bertonio) correspondendo a *kaára-pellado* (segundo Mossi, que adverte a diferença das pronúncias mais ou menos guturais). No Aymará há ainda *kara* — de uma só cor, de cor uniforme (o que pode ter o mesmo radical precedente), e *kara* pintas, manchas, *karakara* crista, que tem relação com o Quíchua *caracha* — sarna e vários outros compostos que se referem ao tema *cara* couro, pele, casca, etc., e que, cuido eu, tem derivados também no Abañheênga. No Quíchua há ainda *cara* dar de comer, que tem conexão com *cará* em Abañheênga e que dá derivados em Aymará e em Abañheênga, que ora reportam ao tema *cara* dar de comer, ora ao tema *cara* couro,

do qual *caracha* e *caracha* sarna, com o qual se compara *carã* arranhar, coçar em Abañheênga, e *caro* polilha em Aymarâ.

Os temas do Quíchua e do Aymarâ se desviam do *cara* chileno que significa povo, porém em Quíchua há *cari* varão, homem, conexo com *carã* homem distinto em Abañheênga, notando-se que em Aymarâ *kari* mentiroso, pode comparar-se com alguns outros temas do Abañheênga.

É grande o número de nomes de tribos que se reportam ao tema *cara* e ainda assim é possível que não se expliquem, nem sejam conexos com os que acima apresentamos e que dependam de algum outro modificado como *akã-rã* cabelos da cabeça, etc.

Contudo e apesar de tudo, creio que não há fundamento para se ir buscar a explicação desses nomes no egípcio, no grego, no sânscrito, etc. como o fez o Visconde de Porto Seguro, tão preocupado com os temas *cara*, *cari* que chega a almejar e a esperar o advento de uma ciência nova, a *Caryologia*, destinada a elucidar talvez a pré-história da América. (*Americains, Tupis, Caribes*, etc., p. 77).

Quanto ao nome das dioscóreas, admitido em Abañheênga um radical *kar*, que tem correspondente em Quíchua, pode ser explicado: 1º – reportando à *cara* casca, donde “fruto cascudo”, havendo outros nomes em Abañheênga que admitem o mesmo tema; 2º

— car-a fruto de alimento, reportando a *cara* dar de comer, e que no Abañheênga tem a forma *carú*.

CARACUJU (p. 178)

Uma ligeira mudança na pronúncia pode fazer com que este nome não seja coisa diferente de *guaracajo* (*quod vide*). Se pretendêssemos reportá-lo a temas como *cara* e *cuju*, são numerosíssimas as interpretações que se podiam fazer reportando-nos ao Chilli, ao Quíchua, e ao Aymará. Em Abañheênga temos *caracu* com dois significados: 1º — vinho de raízes, batatas, mandioca, etc.; 2º — tutano de vaca; e *caracuyu* pode ser “o que come tutano” ou “o que bebe vinho”, etc. Ainda outras explicações se podem dar, porém *quid inde?* Não há absolutamente nada que justifique a adoção de uma explicação, notando-se afinal que tal nome não figura nas outras listas de tribos. Ainda observarei que se *cuju* é realmente um tema do composto (visto como há outros com esta terminação), este *cuju* é suscetível de muitas interpretações nas três línguas acima citadas.

CARAEMBÂ (p. 178)

Deveria e bastaria referir-me ao que disse no vocábulo precedente, e apenas lembrarei que este nome designa também: 1º,

uma espécie de dioscórea; 2º, que em geral diz “sarmento ou liana da dioscórea (cará)“.

CARAGUATÁ

Por ser um nome genérico de bromélias, que aqui parece entrar como tema na denominação de uma tribo, e por não o termos incluído no tomo VII dos Anais, não será mau examiná-lo. Cuido que não procede a explicação que dá Von Martius: *carané* – radens, *oatá* ambulante, porque no Abaíheênga é quase de regra geral nos compostos proceder o complemento ao verbo, notando-se ainda que *har* = *guata* é “andar” e que “ambulantes” devia ser *oatá-oatá* = *guatahar*, e assim o composto seria *guatahá-carãí*. O nome parece-me ser *caá-raqua-ãtã* erva de ponta dura, folha de ponta aguda, que fere, etc.

CARAGUATAJARA (p. 178)

Cuido que nada adianta dizendo-se *caráguata-yara* senhor das bromélias, tal como se explica *ubira-yara* senhor dos paus, *ubá-yara*, senhor das canoas (Martius).

Tenho mais propensão para interpretar *ygá-roguatá-hára* – navegantes *yga roguata* “fazer andar canoas, indo nelas”. Nos tomos VI e VII Anais, notamos que o sufixo de particípio *hára*, em muitos casos, principalmente em Tupi, se apresentava na forma *yara*.

CARAÍBA (p. 143)

Que neste livro corresponde a santo ou santidade.

Veja-se o que foi expendido no tomo VII dos Anais da Biblioteca a respeito das diversas significações deste vocábulo. Uma das que mais generalizaram os jesuítas é a de *santo*, donde *carai-bebe* anjo, *carai-bae* cristão, etc. Outra que persistiu na linguagem própria dos índios é a de *carai* (ainda hoje usada pelos Paraguaiois) e *cariua* (nas margens do Amazonas e seus afluentes) exprimindo essencialmente *Senhor* e secundariamente *branco*, *homem branco*, europeu. A significação que lhe é atribuída nesta obra torna este vocábulo sinônimo de *payé* (sacerdote, médico, feiticeiro), e assim é também considerado no “*Tesoro*” de Montoya. A explicação etimológica, a meu ver, não pode ser dada só pelo Abañheênga sem comparação com outras línguas americanas, tanto mais quanto é um dos vocábulos que vemos mais espalhado e em maior extensão de território, e que com mais ou menos alteração se encontra em várias línguas sul-americanas e ainda da América Central. Veja-se *cara*, e *cari*.

Com a significação de “antropófagos” corre mundo o nome de *caraiba* sinônimo de *canibal*, mas esta significação, pelo que se vê, só se pode explicar por “sentido translato”. Quando, porém, se encare o nome por outra

face, designando os destemidos senhores das Antilhas e navegantes do tempestuoso Golfo do México, apresenta-se uma explicação natural e aceitável por via do Abañheênga, que nos dá *ygara-yb* chefes ou mestres das canoas (*yb* fisicamente “mastros, postes, fustes, pé-direito, e por translação “chefe, principal, caudilho, pião (pivot). Perfeitamente admissível a queda do *y* inicial e mudança da contínua *g*, em instantânea *h*, tem-se apenas mais dificuldade em explicar a mudança do *y* especial e característico em *i*, que na pronúncia Paraguaia é bem patente em *carai*.

Von Martius (“Ethnographia”, p. 200) pretende explicar *cariba* por via de *cari* e *apyaba* contracto em *aba*; mas como? Com o tema *cari* varão, e *apiabae* macho ou circunciso, ou que tem a glândula descoberta, e como justificar a contração de *apiabae* em *aba*?

CARAJÁ (p. 178)

Vem no “*Tesoro*” de Montoya, significando “mono” e composto de *carar*, destro, hábil, esperto e *ya* sufixo.

A espécie designada por este nome em Guarani, diz Martius, e com ele outros, que é a mesma designada por *guariba* em Tupi e *bugio* em muitas províncias. Não é fácil explicar a concordância dos dois nomes *caraja* e *guariba*. Como nome de tribo não aparece em S. Vas-

concellos nem em outros escritores antigos, e nem se pode dizer se foi transferido do símio para a tribo ou vice-versa; *carai* é também nome de outra espécie de macaco, assim como ainda caí. Quanto aos índios, no texto os *Caraja*, diz-se, “vivem no sertão da parte de São Vicente; foram do norte, correndo para lá; têm outra língua”. Isto se aplica exatamente aos *Carijó* de S. Vasconcellos, de Gabriel Soares e outros antigos, e ainda mais aos *Carijó* descritos, que “correm pela costa do mar e sertão até o Paraguai”. assim a meu ver *carijo* e *caraja*, são nomes do mesmo povo, e este ainda cabem aos Carijos e Carajás de Goiás e do Araguaia.

Cari parece ser tema de vocábulos do Abañheênga, mas não se acha diretamente na língua. Como no Amazonas a palavra *carai*, tomou a forma *carina*, não se erraria em supor *cari* contrato de *carai*, e talvez deste feitiço concorra na formação de vocábulos como *carijo*, *carioca*, *cariri* e outros assim, como para nomes que aparecem em outras línguas como *caribi*, *galibi*, *carina*, *calina*, etc.. Veja-se *carayba* e compare-se com *cari* — varão, e também “varonil” em Quíchua, notando-se que “homem” em geral nesta língua é *runa* (*abá* na língua geral). Analogia de significação não só se vê entre *carai* o homem branco, o europeu, o senhor, e *cari* varão (em Quíchua), mas ainda com *caru* = *cari* verde, esbranquiçado (em chilli *cari*, *cahuellu*, cavalo tordilho, e outros); e se parece não se dar

essa analogia no Aymará (onde *kari* mentiroso), contudo nesta analogia há *kára* pelado, limpo, liso, alvo, e *cára* manhã (alva do dia), que com pouca alteração se tornariam *cári* ou *kári*.

CARIJÓ (p. 173)

Veja-se em *yocoo* que se expende acerca de *guarayo*, em parte aplicável a este nome, e compare-se também o precedente. Será bom igualmente ver o expendido em *ce*.

Carijó nos autores é o nome do ramo Tupi ou Guarani que se achou nas províncias de São Paulo e Paraná nos tempos da descoberta e nos imediatos.

O sufixo *yoc* do Quíchua é comparável com *yoca*-filho era Aymará (vide *ce*) e por outro lado temos em Abañheênga o verbo *oc* ou *og* tirar, que talvez em algum caso admitisse o prefixo pronominal *y* em vez de *t* e seus correspondentes.

Além pois de se poder assimilar *carijo* a *guarayo*, é ainda possível explicá-lo por *cari-yoc* dos valentes (reportado ao Quíchua) ou filho dos falsários (reportado ao Aymará). Admitido em Abañheênga um tema *cari* (e talvez o mesmo *carai*) poderia ainda por ele explicar-se *carijo* ou *cary-yo* descendentes dos brancos ou dos anciãos; (V. Porto Seguro — História Geral, tomo I, p. 101). Talvez afinal ainda assim se explique *carioc*.

CARIRI, na nota Cariu (p. 176)

Se Purchas escreveu mais exatamente *cariu*, reporta ao Tupi do Amazonas *cariva* alterado do tema *carai*ba do Abaíheênga.

Se é mais conforme o que vem no texto, *cariri*, como já notamos em outro lugar, pode ser identificado com *kiriri* taciturno, ou pacífico, e pode também reportar-se aos temas *cari* ou *caa*, em podermos por enquanto nada fixar a esse respeito.

CATAGUÁ (p. 180)

Não figuram nos autores nomes de tribos começados com o tema *cata* senão por exceção, e referem-se sempre a índios dos confins de Minas com Bahia e Espírito Santo os nomes *catagua*, *cataxo*, etc. Pelo Abaíheênga este nome pode explicar-se por *caá-etá-i-guár* (pertencentes ao muito mato) moradores da grande mata, com queda da posposição *i*. Pode ser que *cataxo* seja variante de *catagua*, reportado ao sufixo *yoc*.

CURUPEHÉ (p. 177)

Tenho muitas dúvidas sobre os nomes de tribos que têm por tema *curú*, *curi*, talvez ainda *kurú*, que podem ser demais adulterados de *caru*, *cari*, *cara*; nem será de estranhar que

à mesma fonte se reportem nomes do tema *guarú*. Nações andinas há cujos nomes encerram o tema *curu*, e do mesmo modo outras do Pará. Em Chilli-dugu *curicé* ou *curúcé* designa “os negros” e em Quíchua *cooyru* é adjetivo e exprime “branco”. Em Abañheênga *curúb* é substantivo “sarna” e “cascalho”. Nestes termos não é possível arriscar explicação para este vocábulo e para o seguinte.

CURUPIYÁ (p. 178)

Reporto-me ao expendido no vocábulo precedente. Pelo Abañheênga era possível, em vista do vocábulo que se segue a este, supor-se um derivado com um sufixo *yar*, notando-se que é frequente em composição cair o *r* final (*pi* por *pir*, *ya* por *yar*) e então diríamos *curub-pir-yar* ou *curupija* com uma significação referente à *curub* sarna. *Quid inde* porém?, tornamos a dizer.

CURUPIRA (p. 142)

Pode ser traduzido literalmente por “sarnento” de *curub* (sarna) e *pir* (pele), tanto mais quanto “o tihoso” é sinônimo de “o demo” na linguagem popular do Brasil e não me consta que tivesse este sentido em Portugal. Entretanto Marcgrave nos diz que *curupira*, *significat numen mentium*, e por mais tratos

que demos à imaginação não lhe achamos saída etimológica para esta significação. Poderá ser admitida uma composição como *cû-ropir* ou *cû-robir* (a língua desenvolver)? Neste caso porém *aquela* ou *aquilo que desenvolve* (*desembaraça*) a língua não se devia dizer *numen mentium*, porém *numen loquelae*, ou ainda mais literalmente *numen linguae*.

CUXARÉ (p. 175)

Não deixa de ter analogia com outros nomes de nações diversas, por exemplo com *Cuxari*, *Cuzari*, *Cossari* do Amazonas, etc. Pelo fato porém de se dizer no texto que estes índios “vivem no meio do sertão” somos levados a reportar este nome a *cû* longínquo, distante e talvez ainda a *nhú* campo (não é raro que *nh* correspondente a *y* pronominal possa ser alterado em *h* e este em *c*) com um sufixo *har* (às vezes corresponde a guar) no pretérito *haré*. Deste modo *Cuxaré* significaria “os longínquos” ou os “campeiros”. Esta última designação porém não serviria para os homônimos do Pará.

CUIA (p. 156)

No tomo VII dos Anais da Biblioteca reporta-se o vocábulo *cúi* ao verbo *cur* (tragar) e em última análise pode ir ter ao verbo *ú* (co-

mer) e *cui* (que admite os prefixos pronominais *cé, re, é, gue*, etc.) exprime em geral “vaso da comida”. Dizendo-se porém que “lhe metem (ao morto) uma *cuya* no rosto”, este fato lembra o verbo *coacub* (esconder), em que o radical *cub* pode ter a significação genérica de “apagar, suprimir”, com tal ou qual conexão, ainda de um lado com “cobrir, tapar” e de outro lado “engolir”; mesmo em português se diz “engole as palavras, engole os cobres, engole os lucros do negócio”.

Em ocasião oportuna estudaremos o vocábulo *cúi* vaso (em geral) comparado em diversas línguas, e diverso do seguinte, que no entanto talvez se pudesse reportar ao mesmo radical que este.

CUYA ou CUNHA

É um tema que se pode reportar a radicais diversos, e que de mais a mais figura em muitos nomes de tribos. Em primeiro lugar, reportamo-nos aos Anais tomo VII, onde se vê *cuñã* mulher (na língua geral) reportando-se a *côi*-par, fazer par, e à *cüi* alimentar, comparado com o Quíchua *coya*-rainha, princesa, deusa das minas, *cuyan*-amar, donde *cuyak* amante, amiga, e com o Chilli *coüin* parir, *cuye* velha, *cujan* ovo.

No Aymará também há *coya* mulher principal, rainha, porém, “mulher” em geral é *marmi*, como em Quíchua *huarmi*.

Não servindo este tema para explicar nomes de tribos, mormente nomes já reduzidos ao tema simples (Goya, Goyana, etc.) acodem outros talvez provenientes de radical diverso, ou do mesmo.

No Aymará *koya* “pobre, desventurado” deve corresponder ao Quíchua *cuyama* “miserico, digno de compaixão”, derivado do verbo *cuya* amar, do qual se deriva também *cuyak* amante (como vimos acima), e no Aymará há verbo “amar” construído sobre o mesmo tema *cuya*.

Os dois substantivos *coyáb* do Abañheên-ga (Anais da Biblioteca, tomo VII) derivam-se dos dois verbos *coi*-fazer ruído e *côi*-fazer par ou uniam, e unir, juntar. No *Tesoro* mesmo de Montoya está expresso que *coyab* (murmúrio, ruído) ou *coihab* é o derivado do sufixo *hab*, e portanto é fácil supor o outro derivado em *hár*, donde *coihár* ou *coyar* os barulhentos, os amotinadores, e *côihar* ou *coiñar* os reunidos, os coligados. Estes nomes participiais podiam designar tribos.

No Chilli temos *coyagh* parlamento, assembleia, ajuntamento para falar, donde o verbo *coyagn* ainda *goygoin* fazer ruído, e outros.

No Quíchua há *cáyla*, substantivo, canto, extremidade, e advérbio perto, próximo, ao pé. Deste tema se derivam vários verbos, entre outros *caylecu* e *cayleycu* aproximar-se, e tal tema é possível que ter ao mesmo radi-

cal donde os vocábulos do Chiledungu e do Abañheênga.

No Aymar  existem verbos sobre temas *koikoi*, *koslu* e *colum*, etc., exprimindo fazer ruído.

Cuyu e *coyo* s o temas que figuram na termina o de vários nomes de tribos indígenas do Brasil, e que v o ter a radicais diversos no Chilli no Quíchua, no Aymar , mais ou menos aptos para designarem-se tribos, na oes, etc.

Como, por m, as tribos por esta forma designadas n o t m maior import ncia, e o exame dos temas nos levaria longe, paramos aqui, lembrando unicamente que, quer por altera o fonética, quer por erro de escrita,   possível aparecer *cuju* ou *cojo* por *coja*, etc., e reportamo-nos ao que vai dito em *cuya*. também   bom notar que *cuchi*   um dos nomes dados aos *yuracar s* (os homens brancos, conforme Alcide d'Orbigny) do Peru. Além disso, as mesmas páginas dos " ndios do Brasil", onde se sucedem os nomes de tribos com a termina o *cju*, nota-se o nome *guajo*, que ainda pode ser conexo com o tema *cju*.

CE

Voz do Aba he nga que se refere a diversos radicais tanto verbais como demonstrativos, e suscetível em alguns de se alterar em *c * e talvez em *ye*. Tem-se ainda de um lado *c * pro-

nome da primeira pessoa e de outro lado, já *acé* a pessoa, a personalidade (correspondendo a *on* francês, *man* germânico), já *ahê* o tal, o sujeito, fulano, e ainda *ye* o pronome reflexivo (*se* em português, francês, etc.) Com isto que se tem no Abañheênga compare-se:

Em Chilli-dugu *che* gente, homem, pessoa, e que como sufixo entra em compostos como: *recé* pura gente, índio, chileno; *huinca-cé* espanhol, europeu; *muruche* gente de longe, estrangeiro; *curiche* negra gente, etíope; *hueche* nova gente, moço, rapaz, etc., e assim em grande número de nomes de nações como *Huiliche*, *Tehuelche*, etc. etc. Talvez até se pudessem reportar a isto os nomes *guarayó* e *carijó* supondo *yo* alterado de *che*, compondo-se com *huan* gritar, *huera* mau, *cara* povo, etc.

Em Quíchua há o verbo *yúma* gerar, do qual entre outros derivados há *yúmay*, que pede exprimir “gerado, filho, etc.”, e empregado como sufixo podia servir para designar tribos, e que é conexo com *xum* renovo, broto, grelo em quiché.

Além disto há ainda *yocu*, coabitar, ter cópula, que por outro lado é conexo com *yoc* sufixo que vemos servir para a composição *guarayo* (ver *yo*), notando-se que em Aymará *yoca* significa “filho” e também é empregado (diz Bertonio) como epíteto injurioso com o significado de “membro viril”.

Afinal em Quiche achamos *chob* significando “tribo, parcialidade, partido, maloca”.

Aponto apenas isto para se ver que é possível reportar à mesma fonte nomes na aparência muito diversos, e aqui me refiro especialmente aos dois grandes ramos que Martius na sua “Ethnografia” distingue em *Gês* e *Cocos*. Como não está determinada lei alguma de variação fonética para estas línguas americanas, não é possível estabelecer a derivação em cada caso, e assim estamos na contingência de mais aturadas comparações.

Fazem do *Caraíba* uma língua diferente, que constitui um ramo à parte, e eu continuo a supô-lo uma mistura do Abañheênga com outras, principalmente o Quíchua, de modo que a *unu* – água em Quíchua reporto o *tone* – água em *Caraíba* (sendo o *t* um afixo), e a *ypaû* ilha em Abañheênga reporto o *óúbao* – ilha em *Caraíba*, posto que ainda não possa formular lei de variação fonética.

Já na *Gramaire Caraïbe* do Padre Breton (reimpressa em 1877) vejo confirmar-se o que disse nos *Ensaïos* (1876): que o *r* dos Caraïbas de terra firme era *l* dos das ilhas e que o *p* dos primeiros era o *b* dos segundos, donde *parana* dos de terra firme era o *balana* das Antilhas.

CICU (p. 177)

Não figura este nome de tribo nos autores, e não há indicação alguma que guie a interpretação.

Com tal ou qual semelhança há o nome de *Choco* (índios de Pernambuco e Alagoas) que lembra também o nome *chaco* ou *chacu* e talvez alguns mais compostos tendo por tema estas dicções, a que se podem reportar nomes como *ticuna*, etc. Pode até haver erro de escrita e então lá se vai achar no Amazonas nome de tribo como *ciru* também difícil de explicar.

EREIUPE (p. 151)

É a fórmula de saudação, de que dão notícia grande número dos primeiros narradores das coisas brasílicas. Lá vem ela logo no princípio do diálogo que deu a Lery na sua *Histoire d'un Voyage...en la terre du Bresil*, etc. Na ortografia de Lery está *Ere-ioubé? Pa-aiout* e correta segundo a nossa pronúncia temos *eré-iú* (ou *jút*) “Vieste então? Sim, vim eu”.

FIGUEIRA (p. 142)

É designada em geral em Abaíheênga por *ambayb* necessariamente diferente de *embayb* árvore de família inteiramente diferente (Cecrópias), que evidentemente pode ser explicada por *emba-ôco yb* árvore (árvore de oco). Em Tupi porém algumas figueiras são também designadas pela palavra *sapopemba*, o que nos reporta a *hapopema* = *hapopemba* (raiz alastrada). O nome *ambayb* dado às figueiras até hoje me pareceu difí-

cil de explicar-se, mas à vista do que diz a lenda, é possível que aos espíritos imaginativos agrade a interpretação de *angpab-yb* (árvore das almas extintas), porque em Abaíheênga nada tem de extraordinário a queda do *g* e a transformação subsequente das nasolabiais *np* e *mb*.

GUACARAJARA (p. 178)

Não figura nos autores este nome de tribo, se bem haja muitos que, dadas algumas trocas de letras, se lhe assemelhem. *Guacara* pode ter afinidade com *guacari*, índios do ramo Tupi do Amazonas e Rio Negro, com *Sacará* (*s* por *h*) que como pronome no absoluto se muda em *t* no recíproco em *gu*, nome dado aos (*guarulhos*), índios do Rio de Janeiro.

Se este nome *Guacarajára* é do Abaíheênga, não oferece uma interpretação fácil (compare-se *camaragua* e *camuçujara*). Talvez se pudesse achar neste nome o tema *caraja*, mas como fica feito o composto? Se quiséssemos reportá-lo a *tacara* andar aos saltos, que no particípio daria *tacarajara*, não se poderia explicar a queda do *t* pertencente ao radical verbal. Iguais dificuldades para reportá-lo ao tema *taca* ou ainda *aca*, donde *acará*, etc.

GUAJACATU e GUAYATUN (p. 177)

São nomes que não figuram nos autores e que nos limitamos a reportar, por enquanto, a *guaya*, aparentando-os com *guyana*. Admitido que *guaya* ou *coya* exprime “os coligados”, os designativos ou qualificativos poderão explicar-se por *catu* advérbio e adjetivo bem, bom, e *tuu* mole ou *tun* preto, notando-se que estes últimos deveriam perder em composição o *t*.

GUAIMURÉ (p. 174)

Veja-se o expendido em *Ara* e note-se a semelhança de Aimuré ou Aymoré com aymará, refletindo-se ainda que assim como os Quíchuas denominaram *Aymarás*, os povos anteriores a eles no território, também os tupis ou Guaranis em certas localidades generalizavam a denominação Aymuré à nação de língua e hábitos diferentes.

O Visconde de Porto Seguro (História Geral brasileira, seção VIII) diz que Aymara significa “saco ou camisola”. Não acho tal coisa nem no Quíchua nem no Haque-aro. Coisa que se pareça vejo *aymúra* saco cheio, nesta última língua, e verbo “armazenar (talvez também ensacar)” em Quíchua.

Em Abaíheênga acha-se *aib-poré* habitador de brenhas (usado em Tupi) e ainda *ai-boré* fazedor de mal, malfeitor, podendo am-

bos receber o demonstrativo *co* prefixo donde *koaiporé* ou *koaiboré* ou *koaimoré* ou *guaimuré*. Confronte-se ainda *Caburé* (nome de uma coruja) no tomo VII Anais, de *caa-poré* morador das matas.

GUAJUERE (p. 179)

Não só é nome que não aparece nas listas de tribos, como ainda tem indícios de ser muito alterado talvez com troca e erro das sílabas. Do substantivo *tab* pelo e do verbo *hereb* lambar vem o verbo *abereb* chamuscar, e com este se concebe o verbo separado *ab-hereb* que pode receber os prefixos *t*, *r*, *h*, *gu* e assim ter-se-ia *guab-hereb* “os de pelo chamuscado”, mas não é muito admissível a mudança da pronominal *h* em *j* ou *y*.

GUAYÓ (p. 177)

Não se acha tal nome no “Roteiro do Brasil” e outros citados nestas notas. Pode ser nome muito adulterado e não cabe aqui discutir outros que se lhe assemelham, como *guachis*, *guatós*, *huachis*, etc. Se se pudesse admitir que no Abaíheênga se fizessem compostos com o sufixo Quíchua *yoc* os etimologistas poderiam satisfazer-se com *gua* coroa, e o sufixo *yoc* coroados. porém em vista do exposto na palavra *yoc*, é natural explicar-se como

o vocábulo Quíchua *huac-yoc* “de outro lugar, de outra banda, estrangeiro”, restando ainda a dúvida se é admissível a queda do *c* não é só em *yoc*, mas ainda em *huac*.

Se for adulteração de *guaya* talvez com ele venha a ter conexão *guayaná* e por outro lado pode ir ter à *goyá*, *coyá*, etc. Talvez até se possa reportar à mesma fonte que *cuyú* (*quod vide*).

GUARACAI0 (p. 173)

Este nome não aparece nem em S. de Vasconcellos, nem em G. Soares, nem na “Ethnographia” de Martius. Reportá-lo a *Guarayo* não é possível por causa da sílaba *ca* intercalada, que não tem explicação (Ver *yoc* e *ni*). Como, porém, *guarai0* se explica razoavelmente pelo Quíchua, nessa mesma língua achamos *huaraca* funda, e também verbo “atirar com funda” e com o sufixo *yoc* tem-se naturalmente *huaracayoc* fundibulário. A ser assim parece que esses inimigos dos Tupinaquins (como diz o texto) dando-se esse nome, por aí mostravam ser originários ou desgarrados do Peru.

Veja-se *itati*, outro nome da mesma tribo.

GUARANAGUAÇU (p. 176)

Na sua “Ethnographia” Martius fala de uma tribo do Amazonas (do Purus) que em cor, posição, etc. seria diametralmente oposta

à de que reza este livro. Em outro qualquer lugar não acho menção de tribo cujo nome contenha o tema *guaraná*, que também é o nome da *Paulinia sorbilis* (Martius) e do produto tirado do fruto dela, conhecido por esse nome.

Não me parece que por aí se possa dar com o significado do nome de tribo. Como no texto se diz que esta gente vivia em covas, incita a ver-se nesse vocábulo: *cuara* cova, *ñeño* deitar-se (interpondo-se a proposição *i*) e o resto *océ* que gostam, ou *ohu* que procuram, usam, etc. O que nos diz, porém, que assim seja?

GUAYANÁ (p. 176)

Em nota da página 100 do tomo I da História Geral do Brasil (de 1854) o Visconde de Porto Seguro explica este nome inventando os temas e significados:

Guaya gente, *na* estimado, *guayaná* nos outros os estimados; ou *guaya* e *aná* gente.

Tais dicções com tais significações não existem em Abaíheênga, e quase posso dizer nas principais senão em todas as línguas da Sul América.

O tema na forma *guay*, ou *guaya* parece-me que não conduz a resultado, por ir ter a radicais que não oferecem significação adequada. Veja-se no tomo VII dos Anais da Biblioteca Nacional, o que se diz no vocábulo *cunhã*; o composto *cunha anã* = *cuyaaná* (parente da mulher,

ou parentes das mulheres) não parece impróprio para designar tribos aliadas, vizinhas, ou aparentadas. Deve-se porém notar ainda que aparece como nome de tribo simplesmente *Goya*, e isto reporta mais naturalmente a *coi* (ou *cōi*) radical de *mocôi* (dois, o que faz par ou parelha). Ao radical *coi* (irmanar-se, unir-se, emparelhar-se, etc.) reporta-se um particípio *coiá* (Ver tomo VI dos Anais da Biblioteca Nacional ou *coya* (unidos, ligados, aliados). O resto pode ser *nã* (misturado) ou ainda e melhor *anã* (parente), donde *coya-anã* = *coyanã* “os parentes dos aliados” e até “os aliados parentes”. Ver também *cuya*.

GUAYTACÃ (p. 179)

O Visconde de Porto Seguro explica este nome: *Guata-cá* corredores, até certo ponto precedentemente, pois do verbo *guata*, andar, se deriva *guatahar* o que anda, andejo, e se bem que não seja usual à mudança do *h* em *c* e sim em *ç* ou *s*, contudo é admissível e satisfaz ao que se diz no texto e narram os cronistas. Martius cita em falso o Visconde de Porto Seguro (“Ethnografia”, p. 302, nota) e talvez também Alcide d’Orbigny, quando lhes atribui a explicação de *Goyataca* por *goatá* (*wandern*) e *caá* (*wald*), mas com razão diz: “aber die festgestellte Thatsacé, dass sie (die Goiatacá), imer den Aufenthalt in ofenen Gegenden nahmen, widerspricht dieser Erklaerung”.

E não é só por isso: a explicar-se *Guaitacá* por *guatá* e *caá* ter-se-ia *guatá-caá* mato de andar (que nada significa).

O fato de serem os Goitacás de nacionalidade diversa das do tronco Tupi, a qual Martius filia aos Guyana, etnograficamente considera aparentada com os que ele denominou *Ge* e *Guck* (a designação genérica dos estranhos ou inimigos na língua geral era *tapyi*) devia, ou pelo menos podia influir no nome que lhes fosse dado em AbaÑheênga, e pelo que precede não se vê isso.

Pelo contrário, reportando-se os *Guaytacá* aos *Guaytacá* (os aliados, embora de raça diversa), pela língua geral se poderia explicar até certo ponto *coya-etá-cap* (ou *acáb*), mas muito forçadamente (Veja-se *auca* e *cua*).

Com a significação de “corredores” que lhe dá o Visconde de Porto Seguro daria mais literalmente o AbaÑheênga (ligeiro marchador), onde a mudança do *h* em *c* é justificável.

IGRIGIANUPÁ

Eis aqui um nome evidentemente do AbaÑheênga, mas que pode ter as mais diversas interpretações, conforme os temas a que nos reportamos. O *y* gutural a cada passo nos “Índios do Brasil” se escreve *ig* e demais há trocas e quedas de letras fáceis de se reconhecerem

nos vocábulos; vários temas como *yby* (terra), *ybyrá* (*gbyá* com queda do *r*) madeira pau, *ybyã-*-barranco, *ybyi* o oco, o vazio, a barriga, etc., sem ainda contar as variantes do segundo tema componente, nos levariam longe. Limitando-nos porém a uma significação que coincida com queda do *r*) os *bate-pau*, ou os *joga-pau*. Temos suposto queda do *r*, mas comparado com o vocábulo seguinte parece que *i* é erro em vez de *r* e que o nome seria *Igbigranapã*.

IGBIGRA-APUAJARA (p. 176)

Em vista do que vem no texto temos aqui literalmente e muito em regra no Abañheênga *ybyra-aphara* (ou *apigara*) os jogadores ou atiradores de pau. Compare-se com o precedente, notando-se que são possíveis com este nome outras interpretações conforme os temas.

INGAPENAMBIN (p. 165)

No tomo VII dos Anais da Biblioteca explica-se *Yapé* por massa ou clava de guerra, *yb=y* (pau), *a* (cabeça), *pé* (chata); ajuntando-se-lhe *nambi* (orelhas, borlas), aí temos o vocábulo de que se trata. Não tem contudo explicação plausível a articulação nasal substituindo *ng* substituindo *b*, nem o *n* no fim de *nambi*. A acha ou clava dos índios tam-

bém nos autores se menciona por *tangapema*, *atangapema*, *tangapê*, *tacapé*, e até *ybyrapema*. Este último dá *ybyra* (pau), *pema* chato; *tacapé* ou *tacapê* pode-se supor *t-aca-pe*, onde *t* é o demonstrativo pronominal genérico *aca* em Tupi, *agua* em guarani ponta, *pê* truncada, ou *pê* chata. *Atangapema* ou *tangapema* são formas difíceis de se explicar. Em Hans Staden se me não engano, vem *Iwerapeme* e *liwerapeme*, o que nos leva a *ybyrapema*.

ITATI

É nome que não vem nos autores citados em *Guaracaio*, etc. Como porém no texto vêm ambos estes nomes para o mesmo povo e reportamos *guaracayoc* ao Quíchua, parece que com a mesma significação tem-se em Abañheênga *Ilallig* atirar pedras, tomado como substantivo “o atira-pedras”.

JACURUJU (p. 202)

Como o nome que segue, este não figura no rol de tribos dos autores. Pelo Abañheênga não se acha imediatamente uma explicação plausível, e o mais é bater a campanha em conjecturas vagas. Além pois de reportarmonos ao nome que segue, seja apenas ponderado que tendo alguma conexão com o tema *Jacu*, aparece nos sertões de São Francisco e confins

de Mato Grosso o nome de tribo *Jeico*, ou *Jai-có* que também não é fácil de explicar-se. Não será mau também notar-se que *ju* pode ser um sufixo, comparável de um lado com *Yo* ou *Yok* (quod vide) e de outro lado com *ge* ou *Ye* (Vide *ce* e *che*).

JAICUJU (p. 177)

Pelas mesmas razões expendidas no nome precedente não é possível arriscar uma explicação deste nome, que também não figura nas listas dos autores. Veja-se *cuyù*. Quanto ao mais é de notar-se que *Ya-icó-ñó* (nós estamos quietos) é frase mui regular do Abañheênga e que por mera variação fonética pode tornar-se *ya-icú-yu* ou como se pronunciaria algures no Amazonas *ia-icu-ñú*. Uma frase poderia designar tribo por esta forma?

JANIPABA – JAMPABA (p. 142)

Admitindo-se que haja erro ortográfico, ou de cópia, é possível supor-se que esteja esta dicção por *Janipaba*, o que nos reporta a *Yandy pb* = *ñandy pab* (nome legítimo do *Genipa brasiliensis*, Martius, em cuja formação parece entrar *ñandy* = *Yandy* (azeite), por ser o caldo deste fruto aplicado pelos índios nas pinturas e fricções do corpo. A ser, porém, verdadeira a tradição, de que reza esta história dos “Índios do Brasil”, somos

levados a uma outra explicação pelo vocábulo *nande* ou *Yandé-upaba* (nosso lugar, nosso *pouso*, ou com mais generalidade nosso lugar e modo de estarmos). Será admissível esta derivação para o vocábulo com que designavam a árvore do jenipapo, que era de primeira importância nos usos dos índios de todo o Brasil?

JEQUERICARÊ (p. 180)

Este nome do lugar por onde andavam os índios Catágua coincide com Juquiriquerê, nome de uma enseada e rio ao norte de São Sebastião e de outros lugares. *Juquiri* é nome de muita aplicação topográfica, que contudo não pode ser aqui examinado, porque nos levaria longe.

MACACÉIRA (p. 142)

Que Marcgrave define “numen viarum viatores praecedens”. A única maneira de tornar inteligível esta significação é admitindo-se uma forte aglutinação dos elementos componentes do vocábulo, tão forte que chega a fazer cair sílabas inteiras, o que, aliás, também é frequente não só no Abaíheênga, mas ainda em outras línguas americanas. Admitindo isto porém, ainda fica em pé a dúvida sobre o radical aglutinado e desaparecido do composto. Com efeito com significações literais muito precisas e muito na-

turais temos *mo-caneô-ser* (o que gosta de cansar a gente), *mo-cangy-ser* (o que gosta de enfraquecer a gente), *mo-cañy-ser* (o que gosta de fazer a gente perder-se, ou andar erradia). Nos dois últimos, principalmente onde entra o *i* gutural, porém brevíssimo, é possível o desaparecimento *ngi* ou *ñi* com modificação da articulação imediata, formando-se *mo-cá-cér*.

MACATÛ (p. 175)

Mais um nome que serve para mostrar quanto é vão e inútil estar à cata de explicações quando não há coisa alguma a respeito da tribo por esse nome designada. Em Abañheênga se apresentam tantas explicações que é o mesmo que se não apresentasse nenhuma. Basta ver que *ma* pode estar por *mbya* (coração ou gente), por *mbo* (mão), e por outros temas. Por *mbya-catu* se exprime “bom coração” e “pacto” por *mbo-catu* boa mão, homem feliz, etc. Veja-se ainda que *catu* pode-se decompor, e que também pode ser *cutu* (como em Purchas) e aí temos um mundo de significados. Se por *cutu* pode isto levar-nos a *coto*, tema de vários nomes (como *cumanacoto*, ele não é explicável pelo Abañheênga e sim por outras línguas. Tem uma analogia também este nome com o dos *Macusi* ou *Macuxi* do Rio Branco, que usavam as flechas ervadas, e isto levaria a outras interpretações. E assim por diante.

MAINUMA (p. 178)

Cabem as mesmas considerações apresentadas no nome precedente e lembro o tema *mayna*, além de outros. Contudo, como este nome é dado a inimigos declarados (que se entendiam com os *Guaimures*), sugere em Abañheênga *Mbai-amã* (roda, círculo, tropa, troca de malvados) com a intercalação de um *n* ou *nh* eufônico.

MARACAGUAÇU (p. 177)

Militando as mesmas razões dadas nos dois nomes precedentes, escusa buscar vagas interpretações, e limitemo-nos a ponderar que literalmente *mbaracá-guaçú* significa-o maracá (instrumento de guerra) grande. Pode este nome puro e simples designar uma tribo? Quanto ao nome *mbaracá* veja-se Anais da Biblioteca, tomo VII.

MARIBUIÓ (p. 180)

Não havendo nada que nos sirva de indicação para buscar explicação deste nome, que demais não figura nas listas dos autores, limitemo-nos a reportá-lo a *pyrybi* com o sufixo *yo* talvez irregularmente, mas considerando que *yo*, à custa de tanto aparecer em diversos compostos (*Carijó*, etc.), pode-se tomar por

um sufixo também no Abaíheênga. Contudo atenta a significação do sufixo *yo*, seria melhor reportá-lo ao Quíchua, onde se lhe pode dar melhor interpretação.

MENDOBI (p. 169).

Ou mais geral *manduby*, que, como vem o tomo VII dos Anais da Biblioteca se explica por *yba-tyby* (fruto enterrado ou sepultado), bem aplicável ao *Arachis hypogaea*, Léry. O demonstrativo pronominal *t* de *tyby* por estar intercalado não é estranho que se mude em *nd*, a mudança de *y* ora em *u*, ora em *i* é natural e frequente, e a queda da inicial *y* muito usual.

METARAS (p. 153, 156 e 157)

Aliás *tembeta* em Abaíheênga, contrato de *tembé-ita*, literalmente “pedra do beijo”. A queda do prefixo demonstrativo *te* não é coisa estranha, antes frequente, conto se vê em *cuia*, em geral *tecuia*, *mbiu*, em geral *tembiu*, etc. A adição em Tupi da articulação final *r*, ou antes da sílaba *ra*, serve de confirmar a derivação que demos de *ita* (pedra), reportando-se este substantivo a *itã* (duro), notando-se que a nasal *n* por vezes alterna com *r*.

MOÇACARA (p. 170)

Derivado do verbo *mboçacar* pareceu-nos (tomo VII, Anais da Biblioteca) poder supor este vocábulo com a significação de adjetivo. Mas houve equívoco, por causa da pressa com que foi escrito aquele vocabulário. Sendo verbo transitivo, *che-mboçacar* significa literalmente “aquele que me preza, estima, acata” e daí por ampliação “o meu amigo, o meu camarada”, justamente no sentido em que diz Léry *moussacat*. A mudança do final em *t* é apontada expressamente por Anchieta e por Figueira como usual entre os Tupis do sul, se bem que Montoya não dê disso notícia no Guaraní. Aparentado com este vocábulo quanto à significação, acha-se ainda o termo *yecotyahá* (o companheiro, o camarada, o matalote), e reconsiderando os costumes dos índios pareceu-me poder dar outra interpretação a *mboçacar*. Com efeito temos *mbiu-ecar* (buscar comida), verbo composto, no qual interpondo o demonstrativo pronominal temos *mbiú-écar* (aquele que busca comida), e ainda melhor *che-mbiu-écar* (aquele que busca a minha comida, ou comida para mim), designando “o meu fãmullo, o meu doméstico, o meu busca-caça, busca-frutas, busca-viveres”.

MURIAPGTANGA (p. 173 e 179)

Como já vimos em *Apigapigtanga*, este é outro nome evidentemente do Abañheênga. Procurando alguma significação racional pela composição dos temas pode-se supor que seja contrato de *mbya-reyi-apygtã* magotes de multidão de gentes, cabildas de muitas gentes. Como se vê nos tomos VI e VII dos Anais da Biblioteca, o *y* do Abañheênga é muito breve e contrai-se facilmente caindo já em *i*, já em *u*; portanto, *mbya-reyi* podia tornar-se *muri* (de gente multidão), e *apytã* quer dizer “feixe” em geral, e ainda “grupo, porção”. Enfim, *Myryia-pytã* malocas de muitas gentes.

Este nome de tribo não vem nos autores, e convém reportarmo-nos ao que foi dito em Puri e em *Apigapigtanga*. Deste modo pode supor-se alterado de *Puri-apytã* cabilda de miseráveis.

É oportuno notar ainda que, indo-se pela significação que se atribui a *poro*, *moro* (*gente*, dizem) seria possível dar outra interpretação a este nome. Mas, como se vê nos tomos VI e VII dos Anais, *poro* ou *moro* são prefixos verbais que não têm tal significação de “gente”. Veja-se o vocábulo que segue, de construção inteiramente diversa, que no entanto pareceria poder ser feito sobre o mesmo tema de *muriapytã*.

MURUBIXABA (p. 170)

Reportamo-nos ao que vem no tomo VII dos Anais da Biblioteca nos vocábulos *mborubichab* (chefe), *tubichab* (grande), e principalmente *ubichab* (sem o *t* demonstrativo), onde se pode ver qual a derivação atribuível a esta dicção.

Este vocábulo *mborubichab* é com que no Abañheênga se traduz “chefe, comandante, príncipe, rei”; aos reis de Portugal e de Espanha chamavam *mborubicháguacu*, *mborubichauçu*, etc. Quanto ao mais, *tubichab* como adjetivo exprime “grande” no sentido mais lato da palavra, quer em relação ao *tamanho* físico, quer em relação à *grandeza* moral. Nas margens do Amazonas *tuuichá* tem a mesma amplitude de significação.

NACAI, na nota NACIJ (p. 175)

Deve dispensar-nos de qualquer tentativa de explicação o simples fato de dúvida no verdadeiro modo de dizer este nome, tanto mais quanto não figura na lista de nomes de tribos dos autores.

NAPARA (p. 175)

Nem é nome que figure nas nomenclaturas de tribos, nem é de fácil explicação pelo Abañheênga.

NHANDEJU, na nota MANDEIU
(p. 175)

A diferença de escrita do texto com o que vem em Purchas, mostra a dificuldade de interpretação. Apenas nota-se que a primeira forma se presta a duas frases em Abañheênga, pois aí se diria *Nandé-yab ahê* são nossos iguais aqueles ou os tais, ou ainda *Nandeyára ahê* são nossos senhores aqueles. Mas uma frase para denominar tribo?

NI

Como é sílaba terminal de muitos nomes de tribos, pareceu-me oportuno apresentar algumas observações a seu respeito. No Dicionário do Quíchua do Sr. frei Honorio Mossi vem declarado que o sufixo *ni* é da língua dos Aymaras e corresponde ao *yoc* do Quíchua.

No Vocabulário do padre L. Bertonio, acha-se “Ni pospuesto a los nombres significa tener lo que el nombre dize, *Collqueni*, *Cavaloni*, *auquini*, etc., uno que tiene plata, cavalo, padre, etc. Algumas vezes significa ‘ser estimado, o valer per lo que tiene’: *ah anoni* de buen rostro, *isini* de buen vestido, *amparani*, *aroni* que tiene buenas manos o lengua, reñir, etc.” De conformidade com isto mesmo em português se concebem adjetivos, designativos, em geral epítetos formados por um substantivo e

a preposição *de*; assim homem ou perna *de pau*, homem *de olho vivo*, homem *de calças* ou *perni-vestido*, *collqueni* (Aymara) homem *de dinheiro* ou *dinheiroso* ou rico, etc.

Em Chilli-dugu existe também a partícula *ñi*, a qual se emprega já pospositivamente como no Abañheênga, já como preposição à nossa moda, exprimindo a mesma relação genérica que de português.

No Abañheênga existe a posposição *i*, suscetível de se tornar *ni* ou *ñi* intercalando um *n* eufônico, e esta posposição nas suas diversas formas é homônima com o verbo radical *i* “ser ou estar” (em geral), incluindo ainda o sentido de “ter”. A significação da posposição *i* é “em”, mas ainda assim notemos que mesmo no português a preposição “em” pode exercer funções equivalentes a “de”, como: *em chinelas* ou *de chinelas* ela estava sentada, etc.

NHONHÃ (p. 180)

Nem é nome de tribo que figure nos autores, nem é fácil de explicar-se de qualquer modo. Dizendo o texto que os índios assim designados tinham “rostos muito grandes”, aco-de-nos a dicção *toba ñá* ou *tobaya* cara aberta, cara larga, e se tal era a denominação, quanto se alterou para se tornar *noñá* e quanto é vã e fútil a tentativa de explicar nomes por tal forma estropiados!

NUHIMÛ

Também é nome de tribo que não figura nos autores. Pelo fato de se designarem por este nome “índios do campo” surge o pensamento de se referir à derivação a *ñhú* campo, mas persistindo a dúvida para a explicação do composto. É preciso forçar tudo para se supor que *hi* seja uma posposição, e *nú* um sufixo correspondente a *yu* ou *yo*.

OBACOATIARA (p. 176)

Quer dizer literalmente em Abañheênga “cara pintada” (no absoluto *tobá-quatiára*). Do que se diz no texto nada induz a se buscar uma significação como esta, que no entanto é literal; pelo contrário, parece que se devera buscar coisa que significasse “mergulhador” ou “ilhéu” ou ainda “morador em cova”. Nada disso no nome *abá-coatiára*. Quando muito se podia supor *ybaú-i-tequara* em ilhas moradores, mas dando-se metaplasmos e contrações injustificáveis.

OCAS (p. 146)

O verbo *og* (cobrir, tapar, etc.) faz no supino *oca* (para tapar), no infinito *oga*, e nessas duas formas serve de substantivo (casa). É dos vocábulos que recebem o demonstrativo geral *t*, que com os possessivos se muda em

r, h, gu e tem-se *che-r-oca* (e que me cobre, a minha casa) e em geral *toca* (a que cobre ou tapa). Este vocábulo passou à linguagem vulgar brasileira com grande ampliação de significação; *toca* é sinônimo de *furna*, *caverna*, *buraco*, *esconderijo*, *morada*.

Em Aymará *toca* fojo, cova, buraco, *furna*; em Quíchua o adjetivo *hucu* fundo é também substantivo “fundura” e o advérbio “dentro” e Huqui rincão, ângulo, canto. Em Chilli *rúca* casa, rancho.

OQUIGTAJUBA (p. 175)

Okyta significa “esteio da casa, pau a prumo, etc.”; *juba* tem muitos significados e entre outros é adjetivo “amarelo”.

Isto não quer dizer nada. Se o que vem no texto, logo em seguida referindo-se aos Pahi, fosse dito em relação aos *Oquiqtajuba*, podia isto sugerir algum composto de *aób* roupa, *atã* rija, *ubã* forrar, mas permanecendo ainda a dificuldade de compor a frase regularmente. Demais, é nome de tribo, que não vem nos autores.

PAHAJÛ (p. 177)

Não vem nos autores, mas assemelha-se a outros que neles vêm. Na falta de indicações que guiem a interpretação, fica inteiramente no ar. Pelo sufixo *ju* pode ser comparado a

outros que vêm no texto, como *Jaicuju*, *Jocuruju*, *Piracuju*, *Tapunju*, e ainda com outros que terminão em *jo*, como *Tupijo*, *Guajo*, etc. Por outro lado lembra o nome dos *Pacajá* das bocas do Amazonas, etc., etc.

PAHI (p. 175)

Não figura nos autores assim simplesmente como nome de tribo, mas em nomes mais compostos, como *Payagua*, *Paiconeca*, *Payana*, *Pai-pocoa*, etc. *Pahi* se for por *Pay* ou antes *Pai*, significa propriamente “pai” e foi aplicado especialmente aos padres (Ver a nota seguinte), e difere de *Paye*. Tem alguma analogia com *Paya*, adjetivo velho, velha em Quíchua, e aplicado a significar “avó”, notando-se ainda que há o prenome *pay* ele, ela. No Aymará não há correspondente com este tema e *pay* (deserto) é coisa diversa. No Chilli porém há de um lado *paye* aplicado aos “padres” e de outro *chay* – pai, significando *papay* e ainda *pay* a “mãe” em geral e a “matrona”. Como tema de outros significados vai ter a radicais diversos.

PAI (p. 173)

No tomo VII dos Anais da Biblioteca expendemos a dúvida se a dicção é genuína do Abañheênga, ou se vinha do espanhol ou do português. Lá também vem a explicação de Montoya que diz: *Pay* palavra de respeito com

que falavam aos seus *velhos*, e *feiticeiros* e pessoas graves. Nas reduções usavam da expressão *Pay-abaré* para designar “o vigário” do aldeamento, e daí ainda outros compostos como *Payguaçu* bispo, etc. Reporto-me ao mais que vem no vocabulário citado, inclusive as referências ao Quíchua e Chilli, para aqui apresentar mais uma consideração.

O vocábulo *paye* ou *pajé*, que também significa “sacerdote” inclui os sentidos de “oráculo, feiticeiro, médico, mezinheiro” e repare-se que os catequistas nobilitaram a expressão *paï* a ponto de a aplicarem aos padres, bispos, etc., e rebaixaram *paye* a designar exclusivamente “o feiticeiro”. Lembra *diabolus*, que remontando à fonte etimológica vai ter ao mesmo radical de *zeus*, *jupiter*, *jovis*, etc.

Por outro lado, há também *mbai* adjetivo, mau, ruim, etc.

PANACUJÛ (p. 177)

Além de ser nome que não figura nos autores, não se sabe qual a verdadeira pronúncia, nem há nada que indique a significação. Pelo tema terminal é conexo com outros que vem no texto e reportamo-nos a *cuyu*. O tema *pana* pode explicar-se de diversos modos pelo Abañheênga, mas como tema de nome de tribo parece antes ir ter ao Quíchua, onde *pana* significa “irmão, irmã”. No Javari, fronteiras

do Peru, menciona-se tribo com o nome de *Panos*, e talvez ao mesmo radical se reporte o nome dos Manaos e ainda outros.

PANAQUIRI (p. 180)

Não vindo nos autores nome semelhante, nem havendo indicações que guiem a interpretação, referimo-nos simplesmente ao que se diz no vocábulo precedente, em relação ao tema *Pana* e à *Quirig*.

PANICÚ

Ou mais corretamente *panacú* (cesto). Reportamo-nos ao que foi dito no tomo VII dos Anais, porém modificando em relação ao radical *pai*. Com efeito *panacú* com os possessivos faz *che-re-panacú* (meu cesto), *ndere-panacu* (teu cesto), etc.; por conseguinte pode ser explicado por *che-ropáinacú* (meu vaso de entrançado, de rede, do que é feito em trança).

PARAHÍÓ (p. 173)

Ou Larabi, na nota. Quem é lá que pode sem mais indicação buscar a significação do vocábulo? O tema *para* só por si pode ir ter aos mais diversos radicais, quanto mais ainda *lara* (não existente no Abañheênga) e ainda o

restante do composto. Unicamente por se dizer no texto “muita gente” ocorre-nos o tema *paráb* vário, variegado.

PARAPOTÔ (p. 178)

Reporto-me simplesmente ao que disse no vocábulo precedente; também é nome que não figura nos autores.

PETIGMA (p. 151)

Muito frequentemente o *y* gutural é expresso pelos portugueses (inclusive Anchieta) por *ig*, em vez de o ser por *y*, como posteriormente se tornou mais usado (até em Guarani). *Pety* ou *petym* ou *petyma* e também *petum*, é nome indígena da nicotina (tabaco) e o verbo brasiliense *pitar* vem evidentemente de *pety-ar* (tomar ou chupar o *petym*). A palavra *pito*, exprimindo “cachimbo”, evidentemente vem do verbo *pitar* por um processo de derivação inteiramente à portuguesa, tal e qual “câmbio” de “cambiar”, “mando” de “mandar”, “castigo” de “castigar”, etc. É de notar-se que no Chillidugu há *puthem* tabaco, *puthemn* pitar, fumar (tomar o tabaco), e *puthen* queimar-se. O *ú* do Chillidugu creio que é exatamente o *y* do Abañheênga.

Aqui temos um nome suscetível de tantas explicações que por isso mesmo não pode ficar explicado. Como *ig* neste livro corresponde ao *y* do Abañheênga, aí temos desde logo *pyrú*, dois verbos significando um “mudar, substituir”, outro “pisar”, podendo este tomar a forma *pyrú*, que também significa “começar” (em vez de *ypyú*). Se fosse *piru* teríamos adjetivo “seco” e *pirú*, “couro negro”, etc. etc. Supondo-se alterado de *poru* temos outro verbo “usar, exercer” e ainda outro em absoluto, donde *aba-poru* comedor de gente, antropófago, do qual é possível derivar-se *mburu* ou *mború* malvado, perverso, maldito, e ainda o nome *Puru*, aplicado à tribo e ao rio no Amazonas. Ainda há no Abañheênga outros vocábulos com o qual tem analogia este, mas apenas notaremos que ainda seria possível que *Pigru* se reportasse à mesma fonte que *Puri* (quod vide).

No Quíchua e no Aymará há vocábulos análogos, mas apenas observamos que *Peru* é o nome atual da região onde existiam os Quíchua. Ainda notaremos que no Chillidugu *pire* significa “neve e a cordilheira”, *pireu* nevar, *piru* gusano, carcoma, e *pirum* carcomer.

PIGTANGUA (p. 162 nota)

Como nome dado ao diabo não é muito conhecido; sob as formas *pitáqua*, *pitangua*, *pitaoam*, etc., é o nome dado a diversos pássaros do gênero *Lanius*, dos quais um é vulgarmente conhecido pelo nome de *bem-te-vi*, onomatopáico do grito que ele solta. Acho difícil a interpretação do nome deste pássaro, atento o grande número de significados que têm os temas *pytá*, *pitã*, e ainda os outros *gua*, *qua*, etc., e portanto muito arriscada qualquer explicação.

Do nome do pássaro passar a ser um dos designativos do “demo” parece-me natural, em vista dos hábitos do pássaro, que parece um espia ou espiam, que grita quando vê gente: *bem-te-vi*.

PINACUJU (p. 178)

Reportamo-nos ao que dissemos em *Panacuju* e *Anacuju* para se ver que, ainda quando se admita uma interpretação para um dado tema (*cujú* por exemplo) num vocábulo, logo depois aparece outro nome para o qual não serve o tema com a respectiva explicação.

Depois, quem é, e o que é que nos garante que por exemplo *Panacuju*, *Pinacuju*, *Piracuju*, etc., não são uma e a mesma coisa? *Panacujú* na nota está *Raracuju*, questão de erro

de escrita, e o mesmo se pode dar com as outras todas.

PIRACUJÚ (p. 178)

Veja-se o expendido no vocábulo precedente.

PHIRAGUAYGAQUIG (p. 179)

Milita o mesmo que temos dito de outros nomes que não figuram nos autores. Neste porém notaremos que em Abañheênga existe o adjetivo *piragua* valente, porfiado, teimoso, e ainda *aquy* mole, frouxo, fraco; aí teremos porém *piragua-i-aquy* o forte-fraco, o valente-covarde (!!!!).

Dizendo-se no texto que estes índios “vivem debaixo de pedra” ocorre-nos contudo a frase *Pira-quar-i-oké* em buraco ou cova de peixe ele dorme.

PIRIJU (p. 180)

Está no mesmo caso de outros nomes, que não figuram nos autores, para que faltam indicações e que podem se reportar a temas diversos, mesmo no Abañheênga. Basta para isto ver-se *Puri*, e quanto ao sufixo veja-se *yo*, do qual pode ser *ju* alterado.

Quanto ao mais notaremos que em Abañheênga pode explicar-se: 1º, por *pira-*

jyg couro rijo, admissível em Tupi, porém em Guarani mais usado *pi-jyg*; 2º, por *pira-jub* pele amarela, porém mui usado *mbi-jub*, que decai para *mbi-jug* couro podre. Afinal notaremos que a este nome prepondo-se algumas dicções, dá ele frases como *che-pyrijub* que está ao pé de mim, *oré-pury-jub* que estão ao pé de nós, *taba-pyri-jub* que estão ao pé da povoação, etc.

POTYGUARAS (p. 171)

Pitiguara (na nota). Potiguaras (mais abaixo).

Nome de índios Tupi de Pernambuco e do Rio São Francisco, que nos dá ocasião de vermos quanto é vã a tentativa de explicar o nome, quando o cronista não caracteriza alguma coisa da tribo e indica o porquê da denominação. Além das três formas acima, ainda se vê esse escrito Potyuára (Martius e Porto Seguro), Pitagoar (G. S. de Sousa), Potygoar (S. de Vasconcellos), etc., etc., prestando-se deste modo a bem diversas interpretações, de mais a mais divergentes na mesma forma, conforme os autores, como se vê em Potyuára dado como patronímico por Martius, e como significando “pescadores de camarões” por Porto Seguro, e nenhuma das duas exata. *Poti* (e não *poty*) *uár*, alterado de potiguar, pode significar “comedor de camarão”, mas não “pescador”, como diz Porto Seguro, quando quisessem diferenciar de outro nome os índios da língua geral

podiam exprimir a mesma coisa por *poti-uhár*, porque *uhár* é o particípio regular de *ú* que também dá *guar*. Aqui temos *i* nasal, mas sem isso *Potiguar* pode ser particípio de *tepoti* fazer evacuação, donde *tepotihar* ou *tepotiguar* cagão. Com formação análoga à primeira, por via de *guar* particípio de *u* comer, ainda temos *Pety-guar* bebedor de tabaco (Montoya), fumista, fumador.

Na forma que dá G. Soares de Sousa temos o substantivo *Pytaguar* o pau para conduzir carga sobre os ombros de dois peões, e também verbo “conduzir, carregar, transportar a dois”. Se este não dá para nome de tribo, há ainda *Pitagua* ou *pitãgua*, nome de vários Lanius (que podia aplicar-se a tribos) e hoje em Paraguaio significando “estrangeiro”. Como há exemplos de *guar* em vez de *har* como sufixo de particípio, podia ainda ser *pytaguar* por *pytaha* os firmes, os quedos, os que ficam, *Pyteguar*, por *Pytehar* os chupadores, etc. Afinal, com *guar* sufixo contrato de *tequar* ainda se tem *Potyb-i-guar*, equivalente a *poty-i-guar* o que tem mão dura, o homem tenaz e o homem mesquinho, avaro; em vez deste último é mais usado e mais regular *potyb-i-yara*.

PURI

É tema de numerososísimos nomes, que pode reportar-se a diversos radicais e que, de mais a mais, por si só aparece como nome

de tribo. Pelo Abañheênga, mediante *abá*, *acé*, *mbya*, etc., como substantivos seguidos de *puri* adjetivo, podiam se explicar muitos nomes, e da mesma maneira se concebe que empregassem simplesmente o adjetivo elidindo o substantivo. A significação mais própria então seria a de *pyryb* mesquinho, de pouca valia, miserável, e ainda de *pyrybi* triste, tristonho; teimoso, tacanho, contumaz, sanhudo. Com esta última significação apresenta-se mais usado na forma *mburú*, que também significa o maldito, mau, ruim, etc. Cumpre porém notar que este tema figura em outras línguas com significações análogas e para não me estender apontarei apenas no Quíchua *puru* falso, *purik* andejo, viajero, viandante (de *puri* andar), e mais outras próprias para designar tribos. No Chilli *murú-che* estrangeiro, que sugere um vocábulo da mesma significação com o advérbio *lá*, uma preposição e *ahé* sujeito.

QUIGRAJUBÉ (p. 178)

Este nome e quase todos os que seguem, principiados por *Q*, não figuram nos autores. Com temas *kyr*, *ker*, *kyrá*, *kira*, *kyri*, etc., fazem-se muitos nomes em Abañheênga, dos quais alguns podem designar tribos, porém com isso só nada adiantamos. Demais não há no texto indicação alguma para induzir-se alguma explicação.

QUIGTAIO (p. 178)

Veja-se o nome precedente. Quanto ao mais, temos *kytã-nó*, botão, etc., em Abañheênga, *kinta* nome de um beija-flor, em Quíchua, *queytaqui* um passarinho pardo e *quito* pomba em Aymará, etc.

QUIPGÉ (p. 178)

Vejam-se os dois nomes precedentes. Para mais embarçar aí temos grande diferença no nome como vem no texto, do que vem na nota. *Cuipé* vaso chato, em geral no Abañheênga. Se em vez de *g* se achasse no nome *y*, teríamos talvez *quypy* irmã mais moça, e ainda se podia supor alterado de *quybyr* irmãos mais moços ou primos.

QUIRICIGUIG (p. 179)

Vejam-se os nomes que precederam começados por *q* e o que se segue a este.

QUIRIG ou GUIRIG (p. 179)

Nesta forma parece nada ter de comum com *kiriri*, que também é nome de tribo; quanto ao mais, vejam-se os nomes que precedem.

Em Abañheênga há diversos vocábulos que podem explicar este nome, como desig-

nativo de tribo, mas nenhum que possa sugerir a significação de “cavaleiros”, como seria de esperar em vista do que diz o texto. Quando muito seria possível entender-se *kyrey* diligente, ativo, expedito, ou *Kerek* o que não dorme, notando-se que este último é o infinitivo do verbo, e que mais propriamente se diria *o-ke-rey-bae* o que não dorme.

QUIRIGMÃ (p. 179)

Este nome parece-me que é evidentemente o adjetivo *kyreymbá* os valentes, os valerosos, os esforçados. Ver Anais, tomo VII.

QUIGRIGMURÉ (p. 179)

Como se acha no texto este nome designa lugar, e se bem que o sufixo *poré* (pretérito de *por*) não seja próprio para designar lugar, parece que se podia interpretar *kyrey-mboré* pousos dos *kyrey* (ver *quirig*). Mas também é possível que o nome de tribo fosse aplicado ao lugar, e como nome de tribo tem analogia com *Quinimuré* ou *Quinimurá* índios navegantes do Norte do Brasil. Mas o nome para designar “navegante” com dificuldade admite uma composição como *gg-ori-pore* ou *yq-ari-mboré* moradores sobre águas, em todo caso mais tolerável que *Quini-mirá-Lente*, zum Erbrechen, ou *Guini-murá-Feinde* zum Anspeien, onde Martius inventa as dicções *murá*,

mirá e quini com significados a seu jeito. Na página 196 da “Ethnographia” de Martius, onde trata dos Quinimuré, fala-se do uso de “escudos” por certas tribos, o que nos levaria a buscar a explicação do nome em Aymará, onde há *querari* broquel, adarga, ou em Quíchua, onde o verbo *kira* também significa “amparar”. Resta porém combinar o resto do composto.

TAGUAIGBA ou TAGUAIN (p. 142)

Ortografias arbitrárias de *taguaib* em Tupi, mas que no Guaraní é apresentado sob a forma *taúbaib*. Este último vocábulo é literalmente *taúb-aib* (visão má, fantasma ruim).

TAICUIU

Não é nome que figure no rol de tribos dos autores e apenas podemos ponderar que corresponde a uma frase em Abañheênga: *ta-i-có-nô*, ou *tab-i-éco-nó* os que em aldeia estão quedos.

TAMUYA (p. 173)

É nome dos habitantes do Rio de Janeiro, escrito de vários modos, e muito geralmente conhecido na forma *tamoios* ou *tamoyos*. Significando “avô, avós”. Anchieta o escreveu *tamuya*, Figueira *tamuya*, Gonçalves Dias (Dicionário brasileiro, etc.) *tamuya*, França (e

outros) *tamunha*, etc., etc. Como nome de tribo G. Soares de Sousa o escreveu *tamoyo*, S. de Vasconcellos, idem, Porto Seguro *tamoy*, etc. Em Abaíheênga há *tamôî* — avô (Anais da Biblioteca, tomo VII) e *tamoî* — fundar povo, donde o particípio *tamôî-har*, no pretérito *tamoi-hare* aquele que fundou povo, e deste particípio parece-me provir o nome *Tamandaré*, *Tamanduaré*, *Tomanguaré*, etc., nome do Noé ou do Adão Tupi, segundo S. de Vasconcellos e outros cronistas.

Montoya explica o verbo por *tab-moin* aldeia colocar, mas eu noto que também podia ser *tam-moin* estabelecer pátria, porque em *te-tam* o *te* é pronominal e podia cair. Demais, é íntima a conexão entre *tab*, *tam* e *etá* (Ver Anais da Biblioteca, tomo VII).

O radical *ta* exprime “pluralidade” e variando as articulações e os sons, na forma *etá* é adjetivo “muito, muito”, na forma *tab* é substantivo “povo”, na forma *etã* exprime “reuniam, partido, parcialidade, tribo, pátria”; parece-me que tem conexão com *tanta*, tema que no Quíchua e no Aymarâ dá verbos e substantivos com o significado de “junta, juntar”.

No Chillidugu há não só o verbo *thavn* (cuja pronúncia se aproxima à de *tab* povo) mas ainda outro verbo *thapúma* (cuja pronúncia se assemelha à de *tapyi* — choça), que indicam ambos a significação de “juntar, reunir gente”, o que também está implícito no verbo do

Abañheênga (ortografia francesa) *tamoucou, tâ-moupoue, itamoulou* – *grande père, mon grand père*.

A. d'Orbigny (L'Home Américain v. II, p. 319), tratando dos Guarayós, (os atuais e mais puros representantes dos índios que falam o Abañheênga), diz que “a religião deles se reduz a venerar e não a temer um ser benéfico. *Tamoi* “avô ou ancião do céu”.

TAPUYA (p. 174)

É o nome genérico com que no Brasil os íncolas aliados aos europeus designavam as hordas adversas e principalmente as que não falavam a língua geral. Anchieta escreve *Tapiia*, Figueira *Tapyia* (o bárbaro), diferente de *Tapuia* (a choupana), G. Dias *Tapuya* e *Tapyia*, Dr. França *Tapyia*, G. Soares *Tapuia*, S. de Vasconcellos *Tapuya*, Porto Seguro *Tapuy*, etc. Nos Anais da Biblioteca consideramos composto de *tappy-eyi* dos comprados, dos aprisionados, dos cativos a recua ou a chusma; mas vê-se que pode ser também *taba-eyi* a recua, a plebe de povo, notando-se ainda que há o termo *tapyi* choça, cabana, que pode ser alterado de *tog-pii* ou *to-pii* casa pequena, ou talvez de *tob* folha, com algum outro sufixo, notando-se que neste caso não deixa de ter conexão com *tapúl* folha (ú chileno soa como *y* Guarani) em Chillidugu.

TAPUUIYS, na nota Tapequin (p. 177)

Sem coisa alguma no texto que indique a significação é baldada toda e qualquer tentativa de explicação, mormente havendo tamanha diferença nos dois modos de escrever. *Tapequin* pareceria antes erro por *tapecuiu* (Veja-se *cuyu*), o que induziria a *tapecoyá* reunidos em aldeia. *Tapuuis* pareceria alterado de *tapýyia* e ainda outros mais.

TARAGUAIG (p. 177)

É nome que não figura nos autores, e quanto ao mais em Abañheênga faz lembrar *teraqua* famoso, com sufixo não fácil de explicar ou *tirakua* por *cirakua* flecha, com *um* sufixo, talvez *ayg* ervado (aguado), conforme o sentido indicado no texto.

TAPIG-Y-MIRIN (p. 179)

Quase literalmente em Abañheênga *tapyi-miri* choça pequena, contudo não dá para nome de horda. No texto referindo-se a anões ou pigmeus, parece que era mais próprio o nome *tarape* mencionado pouco antes deste. (Veja-se *tarapé*). Pode-se conceber.

TAFUXERIG (p. 180)

Não há maneira de explicar este nome por “salteadores de roças”, como sugeriria o texto. Demais, pode-se supor alterado de outros, como *Tapicuré* (dado a índios do Tapajós), etc. Supondo-o formado como outro, mencionado no texto (*Tapig-ymiri*), pode-se interpretá-lo *tapyyi-cyry* o Tapuia que escorrega ou se escafede, o adversário que se safa.

TARAPÉ (p. 179)

Não figura nos autores e literalmente temos *ta-rapé* o caminho da povoação, o que nada significa para nome de tribo. No texto vem em seguida a este outro nome designando índios de pequena estatura, porém deve-se notar que justamente *tarapé*, alterado de *carapé*, é que servia para designar “os chatos, os baixos e truculentos”.

TEGMEGMINÓ (p. 173)

O particípio do verbo *men* formado pelo prefixo *temi* (tomo VI e VII dos Anais) é *temi-men*, significando “o descendente, o neto”. Como nome de tribo não vem em G. S. de Sousa, e em S. de Vasconcellos parece que o nome que a este corresponde é *Tupymínó*, o que nos induziria a reportá-lo a *Tupi*, sem por

aí lhe acharmos explicação (Ver *Tupinambá*) Martius (“Ethnographia”, p. 191) diz que os *Temiminó* eram os índios vizinhos dos Tamoios que habitavam nas terras de Ubatuba a São Vicente.

TIPE (p. 178)

Há alguns nomes parecidos com este, dos quais pode ele ter sido alterado, porém literalmente nele temos *tipeb* nariz chato, que se costuma adoçar em *timbéb* e que podia servir para designar povo. Significação que tenha referência ao “morarem nos campos” ou ao usarem de “flechas ervadas”, só se pode achar alterando muito o nome.

TUCANUÇO ou TACANUNU na nota (p. 175)

Não é nome que figure nos autores nem há coisa alguma que possa guiar na interpretação, tanto mais quanto se apresenta sob duas formas diferentes.

TUPÃ e não TUPÁ (p. 144) é o que se deve ler.

Para que tenha explicação o significado atribuído ao vocábulo *Tupã* é preciso reportá-lo ao verbo *pã* (bater), que na terceira

pessoa do modo permissivo faz *to-pã* (ele que bata); mas como designativo de um ser era natural que empregassem uma forma participial como *o-pã-bae* e não o permissivo. Talvez se pudesse supor que o *t* demonstrativo geral (aquele que), mas seria preciso ver isso confirmado por maior número de compostos idênticos. Como se vê no tomo VII dos Anais da Biblioteca, Montoya explica o vocábulo por *tu* interjeição, e *pany* interrogativo. Nós, pelo contrário, entendemos ser um composto de *tub* (pai) e *ang* (alma), parecendo-nos que assim o vocábulo satisfaz ao sentido que lhe davam os índios (segundo a tradição) e ainda mais forma antítese com *auãng* (o espírito do mal), também conforme a tradição com análogas em outras línguas americanas, não deixa de ter interesse.

“Dios fue tenido destes Indius (os Aymarás) uno a quien llamavam Tunuupa, de quien cuentan infinitas cosas (Bertonio – *Vocabulario*)”.

Em Quíchua *tupa* coisa real, excelente, principal, servia também para exprimir “senhor, cavalheiro”.

Há em Chillidugu dicções análogas, porém, cuja forma não é tão conexas.

Por outro lado cumpre notar que “demônio, diabo” em Quíchua é *supay*, e em Aymará *supáyo*. Sem a mínima intenção de fazer aqui aplicação da regra dos prefixos pro-

nominais do Abañheênga, por demais notamos que o demonstrativo geral *t* se transforma em *r*, *h*, *gu* e que o *h* por vezes se torna *ç* ou *s*. Em Abañheênga *supay* e *supayo* seriam os relativos das formas absolutas *tupa*, *tupayo*.

Em Quíchua há ainda *supan* sombra de pessoa ou até animal.

Veja-se na palavra *Tamuja* o que é bom deus *Tamoi* reconhecer-se-á que *Tupany* corresponde ao bom Deus destes índios, que não precisava de cultos. Eles faziam oferendas ao “diabo” para que lhes não fizesse mal.

TUPI

O Visconde de Porto Seguro dá Tupy — tio paterno (História Geral do Brasil, 1854, p. 104), entendendo que a palavra Tupi não se ligasse a Raiz algum (no que estamos de acordo) nem proviesse, como se tem dito, de um grande chefe desse nome, que regia a nação, quando ela ainda estava compacta (textualmente). Von Martius, reportando-se a S. de Vasconcellos diz que “War Tupi ein Ort, woher die Tupis gekommen und von dem sie den Nãoen angenomen hätten” — (Beiträge zur Ethnographie, tomo I, p. 170). Enganou-se porque S. Vasconcellos diz: “assim também entre estes índios, de um principal chamado Potygóar tomaram nome os Potygoares; de Tupi, que dizem ser o donde procede a gen-

te de todo o Brasil, umas nações tomaram o nome de Tupinambás, etc. Este “donde” von Martius não percebeu que vale por ‘do qual’ e entendeu literalmente por ‘lugar de que’.” Contudo, o nome *Tupinamba* até certo ponto se poderia reportar a *t-ibi-aba* (os que são gentes da terra), sendo *t* o pronome, e assim procederia o que disse Von Martius. Por outro lado, porém, o Visconde de Porto Seguro não deixa de ter razão traduzindo *Tupi* por “tio”, pois com esta significação temos *tybyr* e *tutyr*. O primeiro (*tybyr*-irmão ou irmãos mais moços), ainda que se possa reportar a *ypyr* (fresco, novo, recente), contudo não se adapta à explicação dos compostos *tupinamba*, *tupinae*, etc., e comparado com o segundo (*tutyr* companheiro ou companheiros do pai), sugere a formação *t-yb-yr* os que acompanham o chefe, onde o sufixo *yr* (radical de *yru* acompanhar) é também radical de *tyr* (com *t* demonstrativo, o qual entra no tema *tu-tyr*). Quem é que sabe, porém, se nos nomes compostos não houve muitas contrações e alterações, visto como a língua é extremamente aglutinativa? A dar-se uma explicação de *Tupi*, deve ser aquela que satisfaça para explicar os outros compostos designando tribos, e isto nos leva ainda a outras considerações. *Tybyryça* é o nome do Martim Afonso, paulista, que se aliou a Anchieta, e literalmente aí temos *t-yby-y-ça*-aquele que é o maioral da terra,

com intercalação de um r eufônico, e até talvez de um r que serve de posposição a *yby*. Em vez de *yça* pudera estar simplesmente *yb*, que também significa “chefe”, e aí teríamos *t-yby-yb* o que é chefe da terra, para tema dos compostos de Tupi, que se pode supor aglutinado mudando um y em u, aglutinando dois em i, e mudando by em p.

Notando-se, porém, não só que a contração de *t-yby-yb* em Tupi é forte, como ainda que, a exemplo de *tyby-ryça*, não é muito admissível a composição de *yby* genitivo simples com *yb* (chefe da terra) e deverá ser antes *yby-r-yb* chefe na terra, reporta-nos isto a *tub-yb* chefe ou principal dos pais. Nos nomes de tribos tendo por tema a dicção *tupi* veremos que não deixa de proceder a explicação de *tub-yb*, chefe dos pais, ou tomando-se *yb* como adjetivo “os pais principais”. Com um pouco de atenção na leitura das coisas antigas vê-se que havia entre os romanos *patres* e *plebs* ou *populus*, e isto confirmado pelo estudo da língua. Além de abá pessoa (em geral), homem no Abañheênga, há *mbyá* gente (em geral) e *teyi* turba, plebe.

Como já dissemos em outra parte, o nome *Tupi* pura e simplesmente, sem adição de outras vozes, nunca designou tribo alguma especialmente, não obstante figurar esse nome entre os 12 de tribos especificados por S. de Vasconcellos no § 151 do Livro I das *Notícias*.

Na mesma fonte em que bebeu S. Vasconcellos beberam outros, dando Tupi como nome de tribo, e assim aparece também em Hervas (p. 148 do *Catálogo de las lenguas*, tomo I), onde até se dão como sinônimos tape e Tupi A. d'Orbigny também dá a mesma coisa.

No "Roteiro" de Gabriel Soares de Sousa não achamos tribo alguma designada pela palavra *Tupi* simplesmente. Veja-se em *Tupinaba* que o tema *Tupi* ainda se pode reportar a *Tub-ypy* os antepassados.

TUPIGUAE (p. 173)

É possível que este nome designasse tribo? Temos quase literalmente *t-ópe-guar* = *t-ope-gua* os de casa, os que pertencem à casa, os caseiros, os domésticos, a gente de casa. A este nome podiam ajuntar um demonstrativo *ae* e então *Tupigua-ae* são de casa esses. Porém, quem sabe, se até não vem a ser esse nome o mesmo que Potiguar, por um metaplasmo fácilimo entre *poti* e *topi*?

TUPIJÓ

Não figura nos autores. Com o tema *tupi* e o sufixo *yo* poder-se-ia supor uma composição análoga à de *cariyó* (Veja-se Caijó).

Contudo, dizendo o texto que "moram em casa" lembra o tema *tope* em casa, mas nes-

te caso o sufixo próprio do Abaãheênga seria *gua*, que é difícil admitir que se mudasse em *yo*. A dar-se isto também se podia admitir para outros nomes (por exemplo *Tapunju*) idêntica alteração. Tal é a anarquia de escrita, que não seria de estranhar que este nome fosse erro por *Tapija* (*u* por *a*, *o* por *u*) e outros que tais, e até *tapeyá*, o vaqueano, o conhecedor dos caminhos, ou ainda, com alteração de letras bem admissível, por *tubichá* grande, alto, etc. (*p* por *b*, *j* por *ch*).

TUPINABA (p. 172)

Mui geralmente escrito *Tupinamba*. De todo não procede a explicação dada pelo Visconde de Porto Seguro, de Martius, etc., e eles inventaram o termo *mba* significando “varão ilustre” e não sei que mais. O termo existente no Abaãheênga, que alguma semelhança tem com *mba*, é *mbya* e significa “gente” (tomo VII dos Anais da Biblioteca); e como os Tupis, ao inverso dos Guaranis, tendiam a completar as sílabas (meu pai *cé-ru* em Guaraní, *cé-ruba* em Tupi), parece que a *mbya* se filia ou *myrá* ou *mbyra* da costa oriental da Sul América.

Reportando-nos ao expendido no vocábulo Tupi, parece que *Tupinamba* pode ser *tub-yba-i-mbya* e a posposição *i* que rege *tubyba* também pode ser *ri*, que por eufonia pode tornar-se *ni*, e deste modo *tub-yba-ni-mbya* quer

dizer “a gente atinente ou aderente aos chefes dos pais, ou aos pais principais”. Lery (com a sua ortografia) acrescenta alguma coisa ao vocábulo, de modo que temos *Tupinambáú* ou *Tupinambáúbae*, isto é o mesmo nome *Tupinamba* mas o pronome aú ou *aúbae* (estes tais).

Não se podem contudo deixar de notar ainda algumas particularidades no modo de escrever de Lery. A ortografia especial e diferente da portuguesa deste ingênuo e leal narrador conduz sempre a uma interpretação dos vocábulos muito mais concludente. Ele escreve *Tououpinambaouls* e também *Toüoupinambaouls*, onde as três letras finais *les* para mim não têm explicação, e apenas posso reportar a uma espécie de sufixo com que costumavam terminar as frases, dizendo ora *te* ou *ta*, ora *tahe*, *tahe*, exprimindo uma insistência na afirmativa. Quanto ao desdobramento do nome Tupi em *touüpi* ou *tuyppy*, leva-nos a *tub-ypy tu-ypy* (os antepassados, os avós), a que é aplicável à composição que acima vem expendida para o nome todo Tupinamba.

Notemos também que os Tupinambás da Baía de Guanabara são os Tamoios dos escritores portugueses, e veja-se o que expendemos na palavra *tamuja*. Não se deve passar por alto que os que falavam o Abaíheênga na costa do Brasil, sempre que tratavam de dizer quem eram aos europeus diziam no Rio de Janeiro, na Bahia, no Maranhão, etc.

TUPINAQUIM

O Visconde de Porto Seguro define “*Tupis* vizinhos, contíguos, limítrofes” e segue-o nesta explicação Von Martius. Este nome aparece escrito de modos muito diferentes, que procuraremos resumir às formas *tupiniki*, *tupinikae*, *tupinaki*, *tupinoki*, *tupinamke*, e poucas mais variantes. Ao tema *Tupi* com a pospositiva *ri* ou *ni* ou *n* podia ser ajuntado um designativo *ike* (colateral) ou *iki* ou *oky* (derivado)? Qualquer dos dois poderia satisfazer ao significado, e aqui cumpre apontarmos ainda alguns nomes, como *uqui* (cunhada), *tyké* (irmã mais velha), *tekeyra* (irmão mais velho) e ainda outros, que naturalmente se reportam ao mesmo radical, e que exprimem parentesco colateral, e que em outros nomes vão engendrar expressões para dizer “galho, renovo, rebentam, etc.” Afinal não podemos passar por alto que Lery, designando quase sempre os Tamoios com os quais conviveu no rio Geneure (Genevre ou Genebra) por *Toöuoupinambaouls*, no capítulo VIII, os designa pelos nos *Toüoupinãokunins*, em vez de nos *Americains* ou nos *Tooupinãobaouls*.

TYPOYA (p. 150)

E na nota *Tupiya*, aparece ainda sob as formas *tupoi*, *tupai*, *tipói* e pode ser reportado

já a pái ou mbai e já a uba (ver tomo VII dos Anais da Biblioteca Nacional). A forma Tupyia é muito incorreta e tende a fazer confundir com Tapiy (choupana), que se refere a outro radical.

VIATÃ (p. 171)

Não vem nos autores nomes de tribo que se pareça com este. Em Abañheênga ui-átã literalmente é “farinha dura, ou mui torrada”.

Parece pois que, como nome de tribo, seja antes alterado de *my-ātã* ou *py-ātã* forte, rijo, tenaz, renitente, esforçado.

Yo ou Yoc ou Yok

O Sr. frei Honorio Mossi no seu vocabulário do Quíchua, logo depois de definir nesta língua “calções” (*huara* — pañetes ó zaragueles estrechos), diz “*huarayoc* el que los trae estos pañetes ó zaragueles”. E em seguida declara: “de aqui el nombre de los índios *Guarayos* ó *Guarani* tomado esto segundo del Aymará; ni em Aymara equivale al yoc de la Quíchua: *Huarani* e *Huarayoc* son lo mismo y conviene muy à proposito à los índios, que vivian desnudos y no llevaban mas que el taparabo ó pañetes bajos”.

A composição *huara-yoc* em Quíchua está exata, visto como ambos os temas pertencem

cem à língua. Porém, sem embargo de ser o Aymará muitíssimo conexo com o Quíchua, contudo já não é lícito tanta liberdade de composição. Em Aymará *huara* é tema de um vocábulo que significa “estrela” e de um verbo que significa “espantar”. Não conheço bem o modo de composição para afirmar que *huara-ni* pudesse exprimir “brilhante” (como estrela) ou “espantoso”.

Admitida porém a explicação dada por Mossi, temos em Aymará para exprimir “calções” *vecara*, e, por conseguinte *vecarani* correspondendo em Aymará a *huarayoc* em Quíchua.

Acho aceitável isto até certo ponto. Com efeito a língua geral ou o Abañheênga era designada igualmente por *Guarani* e por *Tupi*, e talvez ainda etmologicamente representem os dois vocábulos o mesmo povo, a mesma raça. Os índios desta nacionalidade (como se vê nos respectivos artigos) quando falavam de si, designavam-se por Tupinambá, Tamôï, etc.

Assim, parece que o nome *Guarani* lhes era dado por outros. E como até as missões do Paraguai foram a princípio sujeitas ao Geral do Peru, é muito natural que de lá lhes viesse a denominação de *Guaranis*, trazida pelos espanhóis do Peru. Não me parece coisa muito de estranhar não só a mudança de *Harayoc* em *Guarayó*, nem a aglutinação de *Vecarani* em *Guarani* (veja-se também o expendido em cara). E já vimos também que em A. d’Orbigny (L’ho-

me American), *Guarayó* é o nome dos últimos índios que falam o mais puro Abaíheênga no interior, quase no centro da América do Sul.

Baptista Caetano De Almeida Nogueira

NOTA ADITIVA

Sobre o clérigo português mágico, como chama Cardim, ou nigromático, segundo Anchieta — *Informações e fragmentos históricos*, p. 5, ou padre do ouro, conforme frei Vicente do Salvador — *História do Brasil*, liv. III, cap. XV, — a documentação que possuímos já é copiosa, graças à publicação dos processos da Inquisição, que levaram o erudito Dr. Capistrano de Abreu a identificá-lo com Antonio de Gouvêa, ilhéu da Terceira, clérigo de missa, pertencente por algum tempo à Companhia de Jesus. Na Europa andou envolvido nas malhas da Inquisição por certas práticas com que não estava de acordo a Igreja Católica; vindo degredado para o Brasil, ficou em Pernambuco, obteve do bispo D. Pedro Leitão a reintegração nas ordens sacras e caiu nas graças de Duarte Coelho de Albuquerque. Dava-se por alquimista e grande conhecedor de minas. “Suas façanhas chegaram ao velho mundo”, escreve o Dr. Capistrano de Abreu, (*Um visitador do Santo Offício*, Rio de Janeiro, p. 4), “acusavam-no de dizer missa com paramentos heréticos em sítios vedados pelo concílio tridentino, de matar ou ferrar na cara índios tomados em combate, de arrancar as cunhãs a seus donos ou amantes, de desafiar para duelos, de difamar os jesuítas, atribuindo-lhes pensamentos suspeitos, doutrinas heréticas, etc. Preso na rua Nova de Olinda, nas

pousadas de Anrique Afonso, juiz ordinário, a 25 de abril de 1571, foi internado a 10 de setembro no cárcere de Lisboa, aonde em 30 de dezembro de 1575 pedia em audiência aos membros do tribunal que o quisessem despachar ou lhe dar culpas que contra ele tivessem para se defender e livrar delas”.

Os dois processos de Antonio de Gouvêa publicou Pedro de Azevedo no *Arquivo Historico Portuguez*, v. 3 (Lisboa, 1905), p. 179-208 e 274-286; o segundo foi impresso por Alfredo de Carvalho, na Revista do *Instituto Archeologico Pernambucano*, v. XIII (Recife, 1908), p. 171-211.

Muito elucidativa é a nota do Dr. Capistrano de Abreu à 3ª edição da *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, p. 457-458. Aí se encontram dados sumários para a biografia do padre aventureiro.

Ver também a “*Historia de la Fundacion del colégio de la Compañia de Pernambuco*”, publicada na *Collecção de manuscritos inéditos da Bibliotheca Publica Municipal do Porto*, v. VI (Porto, 1923), p. 9-10, reimpressa nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, v. XLIX, p. 5-54.

Rodolfo Garcia

Capítulo III

Informação da missão do padre Cristovão Gouvêa às partes do Brasil ano de 83, ou narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Vicente, (São Paulo) etc. Desde o ano de 1583 ao de 1590, indo por visitador o padre Cristovão de Gouvêa. Escrita em duas Cartas ao Padre Provincial em Portugal

NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA

I

Nesta com o favor divino darei conta a Vossa Reverência da nossa viagem e missão a esta província do Brasil, e determino contar todo o principal que nos tem sucedido, não somente na viagem, mas também em todo o tempo da visita que Vossa Reverência tenha maior conhecimento das coisas desta província, e para maior consolação minha, porque em tudo desejo de comunicar-me com Vossa Reverência e mais padres e irmãos desta província (I).

Recebendo o padre Christovão de Gouvea (II) patente de nosso padre geral, Cláudio Aquaviva, para visitar esta província lhe foi dado por companheiro o padre Fernão Cardim, ministro do colégio d'Evora, e o irmão Barnabé Tello. Juntos em Lisboa, no princípio de Outubro de 82, residimos aí cinco meses pela detença que fez o Sr. Governador Manuel Teles Barreto (III). Em todo este tempo se aparelhava matalotagem e se negociaram muitas coisas, as quais tinha ido o padre Rodrigo de Freitas (IV). O padre visitador tratou por vezes com alguns prelados e letrados casos de muita importância sobre os cativeiros, batismos

e casamentos dos índios e escravos de Guiné, de cujas resoluções se seguiu grande fruto e aumento da cristandade depois que chegamos ao Brasil. Também falou algumas vezes com El-Rei, o qual com muita liberalidade lhe fez esmola de quinhentos cruzados para os padres que residem nas aldeias dos índios, e deu uma provisão para se darem ornamentos a todas as igrejas que os nossos têm nesta província, frontais e vestimentas de damasco com o mais aparelho para os altares, o que tudo importaria passante de dois mil cruzados, e por sua grande benignidade e zelo que tem da cristandade e proteção da Companhia, deu ao padre cartas em seu favor e dos índios para todos os capitães e câmaras das cidades e vilas, encomendando-lhes muito o padre e o aumento de nossa santa fé e que com eles tratassem particularmente todas as coisas pertencentes não somente ao serviço de Deus, mas também ao governo da terra e conservação deste seu estado.

Chegado o tempo de partida nos embarcamos com o Sr. Governador na nau *Chagas S. Francisco*, em companhia de uma grande frota. Viemos bem acomodados em uma câmara grande e bem providos do necessário. Aos 5 de Marco de 83 levantamos âncora, e com bom tempo, em 9 dias arribámos à ilha da Madeira, onde fomos recebidos do padre Rodrigues, Reitor, e dos mais padres e irmãos, com grande alegria e caridade. O governador saindo em

terra, se agasalhou em o colégio e foi bem servido, etc. O padre visitou aquele colégio como V. Rva tinha ordenado, declarou-lhe as regras novas, e com práticas e colóquios familiares ficaram todos mui consolados: foi por vezes visitado do Sr. Bispo e mais principais da terra. Passados dez dias nos fizemos à vela aos 24 de Março, véspera de N. Senhora da Anunciação e com tal guia e estrela do mar cursando as brisas, que são os Nordestees gerais daquela paragem, nem tomando o Cabo Verde, em breve nos achámos em 4 graus da equinocial, aonde por cinco ou seis dias tivemos grandes calmarias, trovoadas, e chuveiros tão escuros e medonhos, e tão fortes ventos, que era coisa d'espanto, e no meio dia ficávamos numa noite mui escura. Neste tempo (pelas grandes calmas, faltas de bons mantimentos, e abundância de pescado que se tomava e comia, por não ser muito sadio) adoeceram muitos dumas febres tão coléricas, e agudas que em breve os punham em perigo manifesto da vida. Eram estes doentes de nós ajudados em suas necessidades, os quais com confissões, práticas, lição das vidas dos santos, e animados de dia, e de noite, e no temporal ajudados com medicinas, e outros mimos de doentes, conforme as suas necessidades, e nossa pobreza e possibilidade; com eles houve não pequena matéria de merecimento, e não pequena consolação, porque com as diligências que se lhes faziam, foi Nosso

Senhor servido que só um morresse em toda a viagem, exceto outro que caiu ao mar, sem lhe podermos ser bons.

Os nossos também participaram desta visitação das mãos de Deus. O primeiro que caiu foi o padre visitador, das mesmas febres tão agudas, e rijas, que nos parecia que não escaparia daquela. Foi sangrado três vezes, enxaropado, e purgado, provido de todas as galinhas, alcaparras, perrexil, chicórias, e alfaces verdes, e coisas doces, e outros mimos necessários, que pareceria estarmos em o colégio de Coimbra; e tudo se deve a caridade do irmão Sebastião Gonçalves, que com grande amor mais que de pai e mãe, provê a todos que se embarcam para estas partes. O segundo foi o padre Rodrigo de Freitas que, adoecendo das mesmas febres chegou a grande fraqueza, da qual com três sangrias, e uma purga se convalesceu. Os mais companheiros tivemos saúde, nem nos pesou para os curar, e servir, graças ao Senhor, com tudo. Todo o tempo de viagem exercitamos nossos ministérios com os da nau, confessando, pregando, pondo em paz os discordes, impedindo juramentos e outras ofensas de Deus, que em semelhantes viagens, se cometem todos os dias, À noite havia ladainhas, às quais se achava o Sr. Governador com seus sobrinhos e mais da nau. Na semana santa houve mandato (7 de Abril), ladainhas e *Miserere* em canto d'orgão. A manhã da gloriosa

Ressurreição (10 de Abril) se celebrou com muitos foguetes, árvores, e rodas de fogo, disparando algumas peças d'artilharia, depois houve procissão pela nau, e pregação. O governador, com todos os seus, trataram sempre o padre com grande respeito e reverência, algumas vezes o convidava a jantar, o que o padre visitador lhe aceitou algumas vezes. Toda a viagem se confessou comigo, e algumas vezes na Bahia; mas como chegaram os frades Benetos, logo se confessou com eles (V).

Passada a equinocial entraram os ventos gerais, com que arribámos à Baía de Todos os Santos, a 9 de Maio de 83. Gastamos na viagem, com dez dias de detença na ilha da Madeira, 66 dias (VI). Os padres visitador e Rodrigo de Freitas, dois ou três dias antes da chegada, tornaram a recair gravemente: e tanto que demos fundo veio à nau o padre Gregório Serião, Reitor (VII), e outros padres: saímos logo em terra na praia; à porta da nossa cerca, nos esperavam quase os mais padres e irmãos, que nos levaram ao colégio com grande alvoroço e contentamento. Estava um cubículo enramado e bem concertado para o padre visitador, no qual foi curado com grande caridade, não faltando médico, e muitos e diligentes enfermeiros, com os mais mimos de todas as conservas, e coisas necessárias para sua saúde, e com suar cada dia três ou quatro camisas nunca faltavam. Daí a três ou quatro dias, adoeceu

o irmão Barnabé Tello, esteve muito ao cabo, foi sangrado sete vezes, e purgado, tinha grande fastio e com vinho se lhe foi; e pela bondade de Deus, e diligência grande, que com eles se teve, todos recuperaram a saúde desejada, e a Deus com orações de todos pedida.

Convalescido o padre, começou visitar o colégio, lendo-se primeiro a patente na primeira prática; nela, e em outras muitas que fez, e mais colóquios familiares, consolou muito a todos. Ouviu as confissões gerais, renovaram-se os votos com devoção, e alegria; distribuiu a todos muitas relíquias, *Agnus Dei*, relicários, imagens, e contas bentas; deram-se a todos regras novas e se puseram em execução as que ainda a não tinham, com que todos ficaram com maior luz, renovando-se no espírito de nosso instituto. Era matéria de grande consolação ver a alegria com que todos declaravam suas consciências ao padre, o fervor das penitências, com outros exercícios de virtude, e humildade.

Quando o padre visitou as classes, foi recebido dos estudantes, com grande alegria e festa. Estava todo o pátio enramado, as classes bem armadas com guadamecins, painéis e várias sedas. O padre Manuel de Barros (VIII), lente do curso, teve uma eloquente oração, e os estudantes duas em prosa e verso: recitaram-se alguns epigramas, houve boa música de vozes, cravo e descantes. O padre visitador

lhes mandou dar a todos *Agnus Dei*, relíquias e contas bentas, de que ficaram agradecidos. Daí a dois ou três dias, vindo o Sr. governador a casa, os estudantes o receberam com a mesma festa, recitando-lhe muitos epigramas; o padre Manuel de Barros lhe teve uma oração cheia de muitos louvores, onde entraram todos os troncos, e avoengas do Monizes, com as mais maravilhas que têm feito na Índia, de que ficou muito satisfeito (IX).

Trouxe o padre uma cabeça das Onze mil virgens, com outras relíquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas relíquias da Sé ao colégio em procissão solene, com flautas, boa música de vozes e danças. A Sé, que era um estudante ricamente vestido, lhe fez uma fala do contentamento que tivera com sua vinda; a Cidade lhe entregou as chaves; as outras duas virgens, cujas cabeças já cá tinham, a receberam à porta de nossa igreja; alguns anjos as acompanharam, porque tudo foi a modo de diálogo. Toda a festa causou grande alegria no povo, que concorreu quase todo (X).

A Bahia é cidade d'El-Rei, e a corte do Brasil; nela residem os Srs. Bispo, governador, ouvidor geral, com outros oficiais e justiça de Sua Majestade; dista da equinocial treze graus. Não está muito bem situada, mas por ser sobre

o mar é de vista aprazível para a terra, e para o mar: a barra tem quase três léguas de boca, e uma enseada com algumas ilhas pelo meio, que terá em circuito quase 40 léguas. É terra farta de mantimentos, carnes de vaca, porco, galinha, ovelhas, e outras criações; tem 36 engenhos, neles se faz o melhor açúcar de toda a costa; tem muitas madeiras de paus de cheiro, de várias cores, de grande preço; terá a cidade com seu termo passante de três mil vizinhos portugueses, oito mil índios cristãos, e três ou quatro mil escravos de Guiné; tem seu cabido de cônegos, vigário geral provisor, etc. com dez ou doze freguesias por fora, não falando em muitas igrejas e capelas que alguns senhores ricos têm em suas fazendas.

Os padres têm aqui colégio novo quase acabado; é uma quadra formosa com boa capela, livraria, e alguns trinta cubículos, os mais deles têm as janelas para o mar. O edifício é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa como a de pedra de Portugal. Os cubículos são grandes, os portais de pedra, as portas d'angelim, forradas de cedro; das janelas descobrimos grande parte da Bahia, e vemos os cardumes de peixes e baleias andar saltando n'água, os navios estarem tão perto que quase ficam à fala. A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela d'ouro; tem uma cruz e turíbulo de prata, uma boa custódia

para as endoenças, muitos e devotos painéis da vida de Cristo e todos os Apóstolos. Todos os três altares têm dosséis, com suas cortinas de tafetá carmesim; tem uma cruz de prata dourada, de maravilhosa obra, com Santo Lenho, três cabeças das Onze mil virgens, com outras muitas e grandes relíquias de santos, e uma imagem de Nossa Senhora de S. Lucas, mui formosa e devota.

A cerca é muito grande, bate o mar nela, por dentro se vão os padres embarcar, tem uma fonte perene de boa água com seu tanque, aonde se vão recrear; está cheia de árvores d'espinho, parreiras de Portugal, as quais se as podam a seus tempos, todo o ano estão verdes, com uvas, ou maduras ou em agraço. A terra tem muitas frutas, ananases, pacobas, e todo o ano há frutas nos refeitórios. O ananás é fruta real, dá-se em umas como pencas de cardos ou folhas d'erva babosa, são da feição e tamanho de pinhas, todos cheios de olhos, os quais dão umas formosíssimas flores de várias cores são de bom gosto, cheiram bem, para dor de pedra são salutíferos delas fazem os índios vinho, e tem outras boas comodidades; a maior parte do ano os há. Tem alguns coqueiros, e uma árvore que chamam *cuiêira* que não dá mais do que cabaças, é fresca e muito para ver. Legumes não faltam da terra e de Portugal; beringelas, alfaces, couves, abóboras, rabãos e outros legumes e hortali-

ças. Fora de casa, tão longe como vila Franca de Coimbra, tem um tanque mui formoso, em que andaré um bom navio; anda cheio de peixes: junto a ele há muitos bosques de arvoredos mui frescos; ali se vão recrear os assuetos, e no tanque entram algumas ribeiras de boa água em grande quantidade (XI).

O colégio tem três mil cruzados de renda, e algumas terras aonde fazem os mantimentos; residem nele de ordinário sessenta; sustentam-se bem de mantimentos, carne e pescados da terra; nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza por a terra ser desleixada e os mantimentos fracos; vestem e calção como em Portugal; estão bem empregados em uma lição de Teologia, outra de casos, um curso d'artes, duas classes de humanidades, escola de ler e escrever; confessam e pregam em nossa igreja, sé, etc. Outros empregam-se na conversão dos índios, e todos procuram a perfeição com grande cuidado, e serve-se Nosso Senhor muito deste colégio, ao qual será honra e glória (XII).

Depois da renovação dos votos, quis o padre ver as aldeias dos índios brevemente para ter algumas notícias delas. Partimos para a aldeia do Espírito Santo (XIII), sete léguas da Bahia, com alguns trinta índios, que com seus arcos e flechas vieram para acompanhar o padre e revezados de dois em dois o leva-

vam numa rede. Os mais companheiros íamos a cavalo, os **tapyaras** (XIV) padres moradores iam a pé com suas abas na cinta, descalços como de ordinário costumam. Aquela noite nos agasalhou um homem rico (XV), honrado, devoto da Companhia, em uma sua fazenda, com todas as aves e caças e outras muitas iguarias, e ele mesmo servia à mesa. Ao dia seguinte dissemos missa antemanhã, a qual acabada já o almoço estava prestes de muitas e várias iguarias, que nos ajudaram passar aquele dia muitos rios caudais. Um deles passaram os índios o padre na rede, pondo-o sobre as cabeças, porque lhes dava a água quase pelo pescoço, os mais passam a cavalo com bem de trabalho. Passado este chegamos ao grande rio Joanes; este passamos em uma jangada de paus levíssimos, o padre visitador ia na jangada sobre uma sela, por se não molhar, e os índios a nado levavam a jangada.

Chegando o padre à terra começaram os flautistas tocar suas flautas com muita festa, o que também fizeram enquanto jantamos debaixo de um arvoredor de aroeira mui altas. Os meninos índios, escondidos em um fresco bosque, cantavam várias cantigas devotas enquanto comemos, que causavam devoção, no meio daqueles matos, principalmente um pastoril feito de novo para o recebimento do padre visitador seu novo pastor. Chegamos à aldeia à tarde; antes dela um bom quarto de le-

gua, começaram as festas que os índios tinham aparelhadas as quais fizeram em uma rua de altíssimos e frescos arvoredos, dos quais saiam uns cantando e tangendo a seu modo, outros em ciladas saiam com grande grita e urros, que nos atroavam e faziam estremecer. Os *cunumis* (XVI) meninos, com muitos molhos de flechas levantadas para cima, faziam seu motim de guerra e davam sua grita, e pintados de várias cores, nuzinhos, vinham com as mamas levantadas receber a benção do padre, dizendo em português, “louvado seja Jesus Cristo”. Outros saíram com uma dança d’escudos à portuguesa, fazendo muitos trocados e dançando ao som da viola, pandeiro e tamboril e flauta, e juntamente representavam um breve diálogo, cantando algumas cantigas pastoris. Tudo causava devoção debaixo de tais bosques, em terras estranhas, e muito mais por não se esperarem tais festas de gente tão bárbara. Nem faltou um Anhangá (XVII) diabo, que saiu do mato; este era o diabo Ambrósio Pires, que a Lisboa foi com o padre Rodrigo de Freitas. A esta figura fazem os índios muita festa por causa de sua formosura, gatimanhos e trejeitos que faz; em todas as suas festas metem algum diabo, para ser deles bem celebrada.

Estas festas acabadas, os índios *Murubixaba* (XVIII), principais, deram o *Ereiupe* (XIX) ao padre, que quer dizer *Vieste?* e beijando-lhe a mão recebiam a benção. As mulheres nuas

(coisa para nós muito nova) com as mãos levantadas ao Céu, também davam seu *Ereiupe*, dizendo em português, “louvado seja Jesus Cristo”. Assim de toda a aldeia fomos levados em procissão à igreja com danças e boa música de flauta, com *Te Deum laudamus*. Feita oração lhes mandou o padre fazer uma fala na língua, de que ficaram muito consolados e satisfeitos; aquela noite os índios principais, grandes línguas, pregavam da vinda do padre a seu modo, que é da maneira seguinte: começavam pregar de madrugada deitados na rede por espaço de meia hora, depois se levantam, e correm toda a aldeia pé ante pé muito devagar, e o pregar também é pausado, freimático, e vagaroso; repetem muitas vezes as palavras por gravidade, contam nestas pregações todos os trabalhos, tempestades, perigos de morte que o padre padeceria, vindo de tão longe para os visitar, e consolar, e juntamente os incitam a louvar a Deus pela mercê recebida, e que tragam seus presentes ao padre, em agradecimento. Era para os ver vir com suas coisas, patos, galinhas, leitões, farinha, beijus com algumas raízes, e legumes da terra. Quando dão essas coisas comumente não dizem nada, mas botando-as aos pés do padre se tornam logo. Foi o padre deles visitado muitas vezes, agradecendo-lhes a caridade. O padre lhes dava das coisas de Portugal, como facas, tesouras, pentes, fitas, gualterias, *Agnus Dei* em nômimas de seda; mas o com que

mais folgavam, era com uma vez de *cagui-été*, vinho de Portugal.

Ao dia seguinte, dia da visitação de Santa Isabel, 3 de Julho, precedendo as confissões gerais, renovaram os padres e irmãos das aldeias seus votos, para que estavam todos ali juntos, e o padre visitador disse missa cantada com diácono, e subdiácono, oficiada em canto d'órgão pelos índios, com suas flautas. Dali fomos à aldeia de S. João (XX), duas léguas desta, onde houve semelhantes recebimentos e festas, com muita consolação dos índios e nossa.

É coisa de grande alegria ver os muitos rios caudais e frescos bosques de altíssimos arvoredos, que todo o ano estão verdes e cheios de formosíssimos pássaros que em sua música não dão muita vantagem aos canários, rouxinóis e pintassilgos de Portugal, antes lhe levam na variedade e formosura de suas penas. Os índios caminham muito por terra, levando o padre sempre de galope, passando muitos rios e atoleiros, e tão depressa que os de cavalo os não podiam alcançar. Nunca entre eles há desavença nem peleja sobre quem levou mais tempo ou menos, etc., mas em tudo são amigos e conformes. Outra coisa me espantou não pouco, e foi que saímos de casa algumas quarenta pessoas, sem coisa alguma de comer, nem dinheiro; porém onde quer que chegávamos, e a qualquer hora éramos agasalhados com toda

a gente de todo o necessário de comer, carnes, pescados, mariscos, com tanta abundância que não fazia falta a ribeira de Lisboa. Nem faltavam camas, porque as redes, que servem de cama, levávamos sempre conosco, e este é cá o modo de peregrinar, *sine pena*, mas Nosso Senhor a todos sustenta nestes desertos com abundância.

Passados três meses de visita depois da nossa chegada, aos 18 d'Agosto partimos para Pernambuco: o padre visitador, padre provincial, padre Rodrigo de Freitas, os irmãos Francisco Dias (XXI) e Barnabé Tello e outros padres e irmãos; e logo no dia seguinte com vento contrário, por mais não podermos, arribamos a Bahia. Tornando a partir o dia seguinte com o mesmo vento contrário, lançamos âncora em a barra do Camamú, terras do Colégio da Bahia (que dela dista 18 léguas): aqui estivemos oito dias, esperando tempo e vendo aquelas terras. O Camamú são doze léguas de terra, por costa, e seis em quadra, para o sertão: tem uma barra de três léguas de boca, com uma baía e formosa enseada, que terá passante de quinze léguas, em roda e circuito; toda ela está cheia de ilhotes muito aprazíveis, cheios de muitos papagaios; dentro nela entram três rios caudais tamanhos ou maiores que o Mondego de Coimbra, afora muitas outras ribeiras, aonde há águas para oito engenhos copeiros, e podem-se fazer outros rasteiros, e trapiches

(XXII). As terras são muito boas; estão por cultivar, por serem infestadas dos Guaimurés (XXIII), gentio silvestre, tão bárbaro que vivem como brutos animais nos matos, sem povoação, nem casas a enseada traz muitos pescados e peixes-boi os lagostins, ostras e mariscos não têm conta se estas terras foram povoadas bem podem sustentar todos os Colégios desta província e ainda fazer algumas caridades, máxime de açúcar a esta província; mas como agora está, rende pouco ou nada. O governador Mem de Sá fez doação destas terras ao Colégio da Bahia (XXIV).

Do Camamú tornamos a tentar viagem, e não podendo, arribamos à capitania dos Ilhéus, donde temos casa, a qual o padre visitou por espaço de oito dias que esperamos tempo: da visita ficaram os nossos mui consolados e animados. Os portugueses maiores visitaram por vezes o padre, com muitas mostras de amor e refazendo os batimentos para a viagem, com galinhas, patos, e farinha e outras coisas, conforme à sua caridade e possibilidade.

Os Ilhéus distam da Bahia 30 léguas: é capitania do senhorio, de Francisco Giraldes (XXV): é vila intitulada de S. Jorge; terá 50 vizinhos com seu vigário; tem três engenhos de açúcar: é terra abastada de mantimentos, criações de vacas, porcos, galinhas, e algodões: não tem aldeias de Índios, estão muito apertados dos Guaimurés, e com eles em contínua

guerra: não se estendem pelo sertão adentremais de meia até uma légua, e pela costa, de cada parte, duas ou três léguas.

Os nossos têm aqui casa, aonde residem de ordinário seis; tem quatro cubículos de sobrado bem acomodados, igreja e oficinas; está situada em lugar alto sobre o mar: tem sua cerca aprazível, com coqueiros, laranjeiras, e outras árvores de espinho e frutas da terra: as árvores de espinho são nesta terra tantas que os matos estão cheios de laranjeiras e limoeiros de toda sorte, e por mais que cortam não há desinçá-los.

Acabada a visita dos Ilhéus, tornamos a partir aos 21 de Setembro, dia do glorioso apóstolo S. Matheus: ao dia seguinte nos deitou o tempo em Porto Seguro. (E ainda que eram arribadas, tudo caía em proveito, porque visitava o padre de caminho estas casas, e o tempo contrário dava lugar para tudo.) Fomos recebidos de um irmão com muita caridade, porque os outros três estavam na aldeia de S. Matheus com o Sr. Administrador (XXVI), que tinham ido à festa. Partimos logo para a mesma aldeia visitar aqueles índios passamos um rio caudal mui formoso e grande caminhamos uma légua a pé, em romaria a uma nossa Senhora da Ajuda (XXVII), que antigamente fundou um padre nosso; e a mesma igreja foi da Companhia: e cavando junto dela o padre Vicente Rodrigues (XXVIII), irmão do padre

Jorge Rijo (que é um santo velho, que dos primeiros que vieram com o padre Manuel da Nobrega, ele só é vivo) cavando como digo, junto da igreja, arreventou uma fonte d'água, que sai debaixo do altar da Senhora, e faz muitos milagres, ainda agora (XXIX): tem um retábulo da Anunciação de maravilhosa pintura e devotíssima: o padre que edificou a casa, que é um velho de setenta anos, vai lá todos os sábados a pé dizer missa, e pregar a quase toda a gente da vila, que ali costuma ir os sábados em romaria, e para sua consolação lhe deu o padre licença que se enterrasse naquela igreja quando falecesse; e bem creio que recolherá a Virgem um tal devoto e receberá sua alma no Céu, pois a tem tão bem servido. Chegamos à aldeia, que dista cinco léguas da vila, por caminho de uma alegre praia. Foi o padre recebido dos índios com uma dança mui graciosa de meninos todos empenados, com seus diademas na cabeça, e outros atavios das mesmas penas, que os fazia mui lustrosos, e faziam suas mudanças, e invenções mui graciosas: dali tornamos à vila, e vindo encalmados por uma praia, eis que desce de um alto monte uma índia vestida como elas costumam, com uma porcelana da índia, cheia de queijadinhas d'açúcar, com um grande púcaro d'água fria; dizendo que aquilo, mandava seu senhor ao padre provincial Joseph (XXX). Tomamos o padre visitador e eu a salva, e o mais dissemos desse ao padre José, que

vinha de trás com as abas na cinta, descalço, bem cansado: é este padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo; uma coluna grande desta província, e tem feito grande cristandade e conservado grande exemplo: de ordinário anda a pé, nem há retira-lo de andar, sendo muito enfermo. Enfim, sua vida é *verè apostolica*.

Depois que o padre visitou a casa, ouvindo as confissões gerais com muita consolação de todos, e deixando os avisos necessários, partimos para outra aldeia de S. André (XXXI), daí cinco léguas: está situada junto de um rio caudal, e da vila Santa Cruz, que foi o primeiro porto que tomou Pedro Álvares Cabral no ano de mil e quinhentos, indo para a Índia; e por ser bom o porto, lhe chamou Porto Seguro (XXXII). No dia do Anjo preguei na matriz da vila: houve muitas confissões, e comunhões, com extraordinária consolação do povo por haver dias que não ouviam missa, por estar seu vigário suspenso: dos moradores portuguezes e índios, fomos bem agasalhados, com grandes sinais de amor e abundância do necessário.

A Capitania de Porto Seguro é do Duque d'Aveiro (XXXIII): dista da Bahia 60 léguas: a vila está situada entre dois rios caudais em um monte alto, mas tão chão, e largo que pudera ter uma grande cidade. A barra é pe-

rigosa, toda cheia de arrecifes e terá quarenta vizinhos com seu vigário. Na misericórdia tem um crucifixo de estatura de um homem, o mais bem acabado, proporcionado e devoto que vi, e não sei como a tal terra veio tão rica coisa. A gente é pobre, por estar a terra já gastada, e estão apertados dos Guaimurés: as vacas lhe morrem por causa de certa erva, de que há copia, e comendo-a, logo arrebetam. Tem um engenho de açúcar; foi fértil de algodão e farinhas, mas também estas duas lhe vão já faltando, pelo que se despoeva a terra.

Aqui temos casa em que residem de ordinário quatro: tem igreja bem acomodada, e ornada; o sítio é mui largo com uma formosa cerca de todas as árvores d'espinhos, coqueiros, e outras da terra, hortaliça, etc. Toda a casa é aprazível por estar edificada sobre o mar. Os padres têm a seu cargo duas aldeias de índios, que terão passante duzentas pessoas e visitam outras cinco ou seis, com muito perigo dos Guaimurés.

Junto a Porto Seguro quatro léguas, está a vila chamada Santa Cruz, situada sobre um formoso rio; terá quarenta vizinhos com seu vigário; é algum tanto mais abastada que Porto Seguro. De Santa Cruz partimos aos dois de Outubro com um camboeiro, que em um dia e noite nos deitou sessenta léguas, e tornando a calmar, corremos com nordeste franco toda a tarde para a Bahia, já determinados de não

ir naquelas monções, que se iam acabando, a Pernambuco, e também porque se chegara o tempo da congregação, que se havia de começar a 8 de Dezembro.

Chegados à Bahia, vendo o padre visitador que todo aquele ano e o seguinte, até Junho, não podíamos ir a Pernambuco, começou de tratar mais de propósito dos negócios de toda a província, tomando mais notícia das pessoas dela, e das mais coisas que nela ocorrem. Ocupou-se muito tempo com os padres Ignacio Toiosa (XXXIV), Quiricio Caxa (XXXV), Luiz da Fonseca (XXXVI), e outros padres superiores e teólogos, em concluir algumas dúvidas de casos de consciência; e fez fazer um compêndio das principais dúvidas que por cá ocorrem, principalmente nos casamentos e batismos dos índios e escravos de Guiné, de que se seguiu grande fruto; e os padres ficaram com maior luz para se poderem haver em semelhantes casos. Fez também compilar os privilégios da Companhia, declarando os que estavam mal entendidos, e fez que os confessores tivessem a parte distinta dos que lhes pertencem, para que entendessem os poderes que têm. E de tudo se seguiu muito fruto: glória ao Senhor.

Chegado o tempo da congregação, se começou a 8 de Dezembro estando presentes o padre provincial com os professores de quatro votos que estavam no colégio, que eram

somente quatro, e o superior dos Ilhéus, com o padre Antonio Gomes (XXXVII), procurador da província, porque aos mais não chegaram as cartas a tempo, nem poderão vir por falta das monções e embarcações. Foi eleito o padre Antônio Gomes por procurador.

No tempo da congregação se recolheu o padre visitador em Nossa Senhora da Escada, (XXXVIII) ermida do Colégio, que dista duas léguas da cidade. Acabada a congregação por ordem do padre visitador foi por reitor do Colégio do Rio de Janeiro o padre Ignacio de Tolosa com três padres e alguns irmãos; foram bem acomodados em nosso navio. Também deu profissão de quatro votos ao padre Luiz da Fonseca, companheiro do padre provincial, e quatro padres coadjutores espirituais, e três irmãos temporais, entre os quais entrou o irmão Barnabé Tello. Eu fiquei uns quinze dias com o cuidado dos noviços em lugar do padre Tolosa, enquanto não vinha de uma missão o padre Vicente Gonçalves, (XXXIX) que lhe havia de suceder.

Tivemos pelo natal um devoto presépio na povoação, aonde algumas vezes nos ajuntávamos com boa e devota música, e o irmão Barnabé nos alegrava com seu berimbau. Dia de Jesus, precedendo as confissões gerais, que quase todos fizeram com o padre visitador, se renovaram os votos: pregou em nossa igreja o Sr. Bispo: tinha o padre visitador já neste tem-

po aviado de sua parte o padre Antônio Gomes de todos papéis, cartas e avisos necessários, para tratar em Roma e em Portugal; pelo que determinou visitar a segunda vez as aldeias dos índios mais devagar.

Aos 3 de Janeiro partimos o padre visitador, padre provincial e outros padres e irmãos. Fomos aquela noite agasalhados em casa de um sacerdote devoto da Companhia, que depois entrou nela (XL). Fomos servidos de várias iguarias com todo bom serviço de porcelanas da Índia e prata, e o mesmo sacerdote servia a mesa com grande diligência e caridade. Todo o dia seguinte estivemos em sua casa, e à tarde nos levou a um rio caudal que estava perto, mui alegre e fresco, e para que a água, ainda que era fria e boa, não fizesse mal, mandou levar várias coisas doces tão bem feitas, que pareciam da Ilha da Madeira. Ao dia seguinte depois da missa nos acompanhou até à aldeia, e no caminho junto da cachoeira de outro formoso rio, nos deu um jantar com o mesmo concerto e limpeza, acompanhado de várias iguarias de aves, e caças. Enquanto comemos os índios pescaram alguns peixes: eram tão destros nisto que em chegando a um rio suados, logo se deitam a nadar e lavar, tiram das linhas, tomam peixes, fazem fogo, e se põem a assar e comer; e tudo com tanta presteza, que é coisa d'espanto. também os flautistas nos alegraram, que ali vieram receber o padre. Junto da aldeia do Espírito Santo nos esperavam

os padres que dela têm cuidado, debaixo de uma fresca ramada, que tinha uma fonte portátil, que por fazer calma, Além de boa graça, refrescava o lugar. Debaixo da ramada se representou pelos índios um diálogo pastoril, em língua brasílica, portuguesa e castelhana, e têm eles muita graça em fatiar línguas peregrinas, máxime a castelhana. Houve boa música de vozes flautas, danças e dali em procissão fomos até à igreja, com várias invenções; e feita oração lhes deitou o padre visitador sua benção, com que eles cuidam que ficam santificados, pelo muito que estimam uma benção do *Abaré-guaçú* (XLI).

Dia dos Reis (6 de Janeiro de 84) renovaram os votos alguns irmãos. O padre visitador antes da missa revestido em capa d'asperges de damasco branco com diácono e subdiácono vestidos do mesmo damasco, batizou alguns trinta adultos. Em todo o tempo do batismo houve boa música e motetes, e de quando em quando se tocavam as flautas. Depois disse missa solene com diácono e subdiácono, oficiada em canto d'órgão pelos índios, com suas flautas, cravo e descante: cantou na missa um mancebo estudante alguns salmos e motetes, com extraordinária devoção.

O padre na mesma missa casou alguns em lei da graça, precedendo na mesma missa os banhos; deu a comunhão a cento e oitenta índios e índias, dos quais vinte e quatro, por

ser a primeira vez, comungaram a primeira mesa, com capela de flores na cabeça; depois da comunhão lhes deitou o padre ao pescoço algumas verônicas e *nominas* com *Agnus Dei* de várias sedas, com seus cordões e fitas, de que todos ficaram mui consolados. Um destes era um grande principal por nome Mem de Sá (XLII) que havia vinte anos que era cristão; foi tanta a consolação, que teve de ter comungado, que não cabia de alegria. Todo o dia trouxe a capela na cabeça e a guardou, dizendo que a havia de ter guardada até morrer, para se lembrar da mercê que Nosso Senhor lhe fizera em o chegar a poder comungar.

É muito para ver e louvar Nosso Senhor a grande devoção de fervor, que se vê nestes índios, quando hão de comungar; porque os homens quase todos se disciplinam à noite antes por espaço de um *Miserere*, precedendo ladainha e sua exortação espiritual na língua: dão em si cruelmente; nem têm necessidade de esperar pela noite, porque muitos por sua devoção, acabando-se de confessar ainda que seja de dia, se disciplinam na igreja, diante de todos, e quase todos tem disciplina, que sabem fazer muito boas.

As mulheres por sua devoção jejuam dois ou três dias antes, e todas ao comungar têm muita devoção, e choram alguns muitas lágrimas: confessam-se de coisa mui miúdas, e ao dia da comunhão se tornam a reconciliar,

por levíssima que seja a matéria da absolvição. Se lhes dizem que não é nada, que vão comungar, respondem: pai, como hei de comungar sem me absolveres?

No meio da missa houve pregação na língua, e depois procissão solene com danças e outras invenções. O padre visitador levava o Santíssimo Sacramento em uma custódia de prata debaixo do pálio, e as varas levavam alguns principais, e levam-nas tão atento propósito, e vão tão devotos ou pasmados, que é para ver. Tive grande consolação em confessar muitos índios e índias, por intérprete (XLIII); são candidíssimos, e vivem com muito menos pecados que os portugueses. Dava-lhes sua penitência leve, porque não são capazes de mais, e depois da absolvição lhes dizia, na língua: *xê rair tupã toçô de hirunãoo* (XLIV) — filho, Deus vá contigo.

Acabada a festa espiritual lhes mandou o padre visitador fazer outra corporal, dando-lhes um jantar a todos os da aldeia, debaixo de uma grande ramada. Os homens comiam a uma parte, as mulheres a outra: no jantar se gastou uma vaca, alguns porcos mansos e do mato, com outras caças, muitos legumes, frutas, e vinhos feitos de várias frutas, a seu modo. Enquanto comiam, lhes tangiam tambores, e gaitas. A festa para eles foi grande, pelo que determinaram à tarde alegrar o padre, jogando as laranjadas, fazendo motins e suíças de guer-

ra a seu modo, e à portuguesa. Quando estes fazem estes motins, andam muitos juntos em um corpo como em magote com seus arcos nas mãos, e molhos de flechas levantadas para cima; alguns se pintam, e empenam de várias cores. As mulheres os acompanham, e os mais deles nús, e juntos andam correndo toda a povoação, dando grandes urros, e juntamente vão bailando, e cantando ao som de um cabaço cheio de pedrinhas, como os pandeirinhos dos meninos em Portugal (XLV). Vão tão serenos e por tal compasso que não erram ponto com os pés, e calcam o chão de maneira que fazem tremer a terra. Andam tão inflamados em braveza, e mostram tanta ferocidade, que é coisa medonha e espantosa. As mulheres e meninos também os ajudam nestes bailes e cantos; fazem seus trocados e mudanças com tantos gatinhanhos e trejeitos, que é coisa ridícula. De ordinário não se bolem de um lugar, mas estando quedos em roda, fazem os meneios com o corpo, mãos e pés. Não se lhes entende o que cantam, mas disseram-me os padres que cantavam em trova quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados. Arremedam pássaros, cobras, e outros animais, tudo trovado por comparações, para se incitarem a pelejar. Estas trovas fazem de repente, e as mulheres são insignes trovadoras. Também quando fazem este motim tiram um e um a terreiro, e ambos se ensaiam até que algum cansa, e

logo lhe vem outro acudir. Algumas vezes procuram de vir a braços e amarrar o contrário, e tudo isto fazem para se embravecer. Enfim por milagre tenho o domar-se gente tão fera; mas tudo pode um zeloso e humilde, cheio de amor de Deus, e das almas, etc.

Moravam os índios antes de sua conversão, em aldeias, em umas *ocas* (XLVI) ou casas mui compridas, de duzentos, trezentos, ou quatrocentos palmos, e cinquenta em largo, pouco mais ou menos fundadas sobre grandes esteios de madeiras, com as paredes de palha ou de taipa de mão, cobertas de *pindoba*, que é certo gênero de palma que veda bem água, e dura três ou quatro anos. Cada casa destas tem dois ou três buracos sem portas nem fecho: dentro nelas vivem logo cento ou duzentas pessoas, cada casal em seu rancho, sem repartimento nenhum, e moram duma parte e outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em comunidade, e entrando na casa se vê quanto nela está, por que estão todos à vista uns dos outros, sem repartimento nem divisão. E como a gente é muita, costumam ter fogo de dia e noite, verão e inverno, porque o fogo é sua roupa, e eles são mui coitados sem fogo. Parece a casa um inferno ou labirinto, uns cantam, outros choram, outros comem, outros fazem farinhas e vinhos, etc. e toda a casa arde em fogos; porém é tanta a conformidade entre eles, que em todo o ano

não há uma pejeja, e com não terem nada fechado não há furtos; se fora outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem sem muitos queixumes, desgostos, e ainda mortes, o que se não acha entre eles. Este costume das casas guardam também agora depois de cristãos. Em cada *oca* destas há sempre um principal a que têm alguma maneira de obediência (ainda que haja outros mais somenos). Este exorta a fazerem suas roças e mais serviços, etc, excita-os à guerra; e lhe têm em tudo respeito; faz-lhes estas exortações por modo de pregação, começa de madrugada deitado na rede por espaço de meia hora, em amanhecendo se levanta, e corre toda a aldeia continuando sua pregação, a qual faz em voz alta, mui pausada, repetindo muitas vezes as palavras. Entre estes seus principais ou pregadores, há alguns velhos antigos de grande nome e autoridade entre eles, que têm fama por todo o sertão, trezentas e quatrocentas léguas, e mais. Estimam tanto um bom língua que lhe chamam o senhor da falia. Em sua mão têm a morte e a vida, e os levará por onde quiser sem contradição. Quando querem experimentar um e saber se é grande língua, ajuntam-se muitos para ver se o podem cansar, falando toda a noite em peso com ele, e às vezes dois, três dias, sem se enfadarem.

Estes principais, quando o padre visitador chegava, pregavam a seu modo dos traba-

lhós que o padre padeceu no caminho, passando as ondas do mar, e vindo de tão longe, exposto a tantos perigos para os consolar, incitando a todos que se alegrassem com tanto bem, e lhe trouxessem suas coisas. Dos principais foi visitado muitas vezes, vindo todos juntos, *per modum universi* com suas varas de meirinhos nas mãos, que estimam em muito, porque depois de cristão se dão estas varas aos principais, para os honrar e se parecerem com os brancos. Esta é toda a sua honra secular.

É coisa não somente nova, mas de grande espanto, ver o modo que têm em agasalhar os hóspedes, os quais agasalham chorando por um modo estranho, e a coisa passa desta maneira. Entrando-lhe algum amigo, parente ou parenta pela porta, se é homem logo se vai deitar em uma rede sem faltar palavras, as parentas também sem falar o cercam, deitando-lhe os cabelos sobre o rosto, e os braços ao pescoço, lhe tocam com a mão em alguma parte do seu corpo, com joelhos, ombro, pescoço, etc. Estando deste modo tendo-o no meio cercado, começam de lhe fazer a festa (que é a maior e de maior honra que lhe podem fazer): choram tantas lágrimas a seus pés, correndo-lhe em fio, como se lhe morrera o marido, mãe ou pai; e juntamente diz em trova de repente todos os trabalhos que no caminho poderia padecer tal hóspede, e o que elas padeceram em sua ausência. Nada se lhe entende mais que uns

gemidos mui sentidos. E se o hóspede é algum principal, também lhe conta os trabalhos que padeceu, e se é mulher chora da mesma maneira que as que a recebem. Neste tempo do triste ou alegre recebimento, a maior injúria que lhes podem fazer é dizer-lhes que se calem, ou que basta com estes choros. Não havia quem se ouvisse nas aldeias quando chegávamos. Acabada a festa e recebimento limpam as lágrimas com as mãos e cabelos, ficando tão alegres e serenas como que se nunca choraram, e depois se saúdam com o seu *Ereiupe* e comem (XLVII), etc.

Para os mortos têm outro choro e tom particular, os quais choram dias e noites inteiras com abundância de lágrimas, mas tornando à festa dos hóspedes, quando chegávamos, ou se fazia alguma festa, se punham a chorar, dizendo em trova muitas lástimas, de como seus parentes e antepassados não ouviram os padres nem sua doutrina.

Os pais não têm coisa que mais amem, que os filhos, e quem a seus filhos faz algum bem tem dos pais quanto quer. As mães os trazem em uns pedaços de redes, a que chamam *typoia* (XLVIII). De ordinário os trazem às costas ou na ilharga escanchados, e com eles andam por onde quer que vão, com eles às costas trabalham, por calmas, chuvas e frio. Nenhum gênero de castigo têm para os filhos; nem há pai nem mãe que em toda a vida castigue nem

toque em filho, tanto os trazem nos olhos. Em pequenos são obedientíssimos a seus pais e mães, e todos muito amáveis e aprazíveis; têm muitos jogos a seu modo, que fazem com muita mais festa e alegria que os meninos portugueses. Nestes jogos arremedam vários pássaros, cobras, e outros animais, etc, os jogos são mui graciosos, e desenfadadiços, nem há entre eles desavença, nem queixumes, pelejas, nem se ouvem pulhas, ou nomes ruins, e desonestos. Todos trazem seus arcos e flechas, e não lhes escapa passarinho, nem peixe n'água, que não flechem, pescam bem a linhas, e são paciêntíssimos em esperar, donde vem em homens a ser grandes pescadores e caçadores, nem há mato nem rio que não saibam e revolvam, e por serem grandes nadadores não temem água nem ondas nem mares. Há índio que com uma braga ou grilhões nos pés nada duas e três léguas. Andando caminho, suados, se botam aos rios: os homens, mulheres e meninos, em se levantando se vão lavar e nadar aos rios, por mais frio que faça; as mulheres nadam e remam como homens, e quando parem algumas se vão lavar aos rios.

Tornando à viagem, partimos da aldeia do Espírito Santo para a de Santo Antônio, passamos alguns rios caudais em jangadas, fomos jantar em uma fazenda do Colégio, onde um irmão além de outras muitas coisas tinha muito leite, requeijões e natas que faziam es-

quecer Alentejo. Comemos debaixo de um cajueiro muito fresco, carregado de cajus, que são como peros repinaldos ou camoezes, são uns amarelos, outros vermelhos, têm uma castanha no olho, que nasce primeiro que o pero, da qual procede o pero; é fruta gostosa, boa para tempo de calma, e toda se desfaz em sumo, o qual põe nódoas em roupa de linho ou algodão que nunca se tira. Das castanhas se fazem maçaõães, e outras coisas doces, como de amêndoas; as castanhas são melhores que as de Portugal; a árvore é fresca, parece-se com os castanheiros, perde a folha de todo, coisa rara no Brasil, porque todo o ano as árvores estão tão verdes e frescas como as de Portugal na primavera.

Aquela noite fomos ter à casa de um homem rico que esperava o padre visitador (XLIX): É nesta Bahia o segundo em riquezas por ter sete ou oito léguas de terra por costa, em a qual se acha o melhor âmbar que por cá há, e só em um ano colheu oito mil cruzados dele, sem lhe custar nada. Tem tanto gado que lhe não sabe o número, e só do bravo e perdido sustentou as armadas d'EI-Rei. Agasalhou o padre em sua casa armada de guadamecins com uma rica cama, deu-nos sempre de comer aves, perus, manjar branco, etc. Ele mesmo, desbarretado, servia a mesa e nos ajudava à missa, em uma sua capela, a mais formosa que há no Brasil, feita toda de estuque e timentim de

obra maravilhosa de molduras, laçarias, e cornijas; é de abóbada sextavada com três portas, e tem-na mui bem provida de ornamentos. Nesta e outras ermidas me lembrava de Vossa Reverência, e de todos dessa província.

Daqui partimos para a aldeia, atravessando pelo sertão, caminhamos toda a tarde por uns mangabais que se parecem alguma coisa com maceiras d'anafega. Dão umas mangabas amarelas do tamanho e feição de albricoques, com muitas pintas pardas que lhes dão muita graça; não têm caroço, mas umas pevides mui brandas que também se comem; a fruta é de maravilhoso gosto, tão leve e sadia que, por mais que uma pessoa coma, não há fartar-se, sorvem-se como sorvas, não amadurecem na árvore, mas caindo amadurecem no chão ou pondo-as em madureiros: dão no ano duas camadas, a primeira se diz de botam, e dá flor, mas o mesmo botam é a fruta. Estas são as melhores e maiores, e vêm pelo natal; a segunda camada é de flor alva como neve, da própria maneira que a de jasmim, assim na feição, tamanho, e cheiro. Estas árvores dão-se nos campos, e com se queimarem cada ano as mais delas dão no mesmo ano fruto. De quando em quando nos ajudávamos delas para passar aqueles matos. Aquela noite nos agasalhou um feitor do mesmo homem de que acima falei, a quem ele tinha mandado recado. Fomos providos de todo o necessário com toda a limpeza de porcelanas e prata, com grande caridade.

Ao dia seguinte às dez horas, pouco mais ou menos, chegamos à aldeia de Santo Antônio: dos índios fomos recebidos com muitas festas a seu modo, que deixo por brevidade, e ao domingo seguinte batizou o padre visitador antes da missa sessenta adultos, vestido de pontifical, com grande alegria e festa, e consolação de todos. Na missa, que foi de canto d'órgão, casou a muitos em lei de graça, e deu a comunhão a 80; e tudo se fez com as mesmas festas e música que na aldeia do Espírito Santo. À tarde lhes mandou dar o padre um bom jantar em que se gastou uma vaca, muitos porcos do mato, que eles mesmo traziam mortos e os deitavam aos pés do padre (têm estes porcos o umbigo nas costas, e em algumas coisas diferem dos de Portugal). Havia mesa em que por banda caibam cem pessoas: os índios à tarde, para fazerem festa ao padre jogaram as laranjadas, fizeram os seus motins de guerra, e foram a um rio dar tingiu, barbasco ao peixe, e ficaram bem providos, trouxeram tantos ao padre, que encheram duas grandes gamelas, que era uma formosura de ver. Ao dia seguinte levou o padre visitador todos os padres e irmãos a um rio caudal que estava perto de casa, aonde ceamos. Iam conosco alguns sessenta meninos nuzinhos, como costumam. Pelo caminho fizeram grande festa ao padre, umas vezes o cercavam, outra o cativavam, outras arremedavam pássaros muito ao natural; no rio fize-

ram muitos jogos ainda mais graciosos, e têm eles n'água muita graça em qualquer coisa que fazem. Estas coisas de ordinário faziam de si mesmos, que não é tão pouco em brasis e meninos achar-se habilidade para saberem festejar e agasalhar o *Payguaçú*. (L)

Desta aldeia fomos à de S. João, dali sete léguas, tornando a dar volta para o mar. É caminho de grandes campos e desertos; antes da aldeia uma grande légua vieram os índios principais, os quais revezando-se levaram o padre em uma rede, e pelo caminho ser já breve, a cada passo se revezavam para que não ficasse algum deles sem levar o padre, e não cabiam de contentes tendo aquilo por grande honra e favor. Fomos recebidos com muitas festas, etc. Ao domingo seguinte batizou o padre 30 adultos, casou na missa outros tantos em lei de graça e deu a comunhão a 120. Houve missa cantada, pregação com muita solenidade, e depois das festas espirituais tiveram outro jantar como os passados, e toda a tarde gastaram em suas festas.

Enquanto aqui estivemos fomos bem servidos de aves, rolas e faisões, que têm três titelas uma sobre a outra, é carne gostosa semelhante a de perdiz, mas mais sadia.

Em todas estas três aldeias há escola de ler e escrever, aonde os padres ensinam os meninos índios; e alguns mais hábeis também ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam bem, e há já muitos que tanger flautas, vio-

las, cravos, e officiam missas em canto d'órgão, coisas que os pais estimam muito. Estes meninos falam portuguez, cantam a noite a doutrina pelas ruas, e encomendam as almas do purgatório.

Nas mesmas aldeias há confrarias do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora, e dos defuntos. Os mordomos são os principaes e mais virtuosos; têm sua mesa na igreja com seu pano, e eles trazem suas opas de baeta ou outro pano vermelho, branco e azul; servem de visitar os enfermos, ajudar a enterrar os mortos, e às missas, levando a seus tempos os círios acesos, o que fazem com modesta devoção e muito a ponto: dão esmolas para as confrarias, as quais têm bem providas de cera, e os altares ornados com frontais de várias sedas; em suas festas enramam as igrejas com muita diligência e fervor, é certo que consola ver esta nova cristandade.

Todos os das aldeias, grandes e pequenos, ouvem missa muito cedo cada dia antes de irem a seus serviços, e antes ou depois da missa lhes ensinam as orações em portuguez e na língua, e à tarde são instruídos no diálogo da fé, confissão e comunhão. Alguns assim homens como mulheres, mais ladinos, rezam o rosário de Nossa Senhora; confessam-se amiúde; honram-se muito de chegarem a comungar, e por isso fazem extremos, até deixar seus vinhos a que são muito dados, e é a obra mais

heroica que podem fazer; quando os incitam a fazer algum pecado de vingança ou desonestidade, etc. respondem que são de comunhão, que não hão de fazer a tal coisa. Enxergam-se entre eles os que comungam no exemplo de boa vida, modéstia e continuação das doutrinas; têm extraordinário amor, crédito e respeito aos padres, e nada fazem sem seu conselho, e assim pedem licença para qualquer coisa por pequena que seja, como se fossem noviços. E até aos do sertão daí duzentas, trezentas e mais léguas, chega a fama dos padres e igrejas, e se não fossem estorvos, todo o sertão se viria para as igrejas, porque os que trazem os portugueses todos vêm com promessa e título que os poriam nas igrejas dos padres, mas em chegando ao mar nada se lhes cumpre.

Três festas celebram estes índios com grande alegria, aplauso e gosto particular. A primeira é as fogueiras de S. João, porque suas aldeias ardem em fogos, e para saltarem as fogueiras não os estorva a roupa, ainda que algumas vezes chamusquem o couro. A segunda é a festa de ramos, porque é coisa para ver, as palavras, flores e boninas que buscam, a festa com que os têm nas mãos ao ofício, e procuram que lhes caia água benta nos ramos. A terceira que mais que todas festejam, é dia de cinza, porque de ordinário nenhum falta, e do cabo do mundo vem à cinza, e folgam que lhes ponham grande cruz na testa, e se acontece o padre não

ir às aldeias, por não ficarem sem cinza eles a dão uns aos outros, como aconteceu a uma velha que, faltando o padre, convocou toda a aldeia à igreja e lhes deu a cinza, dizendo que assim faziam os Abarés, padres, e que não haviam de ficar em tal solenidade sem cinza.

Visitadas as aldeias, determinou o padre ver algumas fazendas e engenhos dos portugueses, visitando os senhores delas, por alguns lhe terem pedido, e outros porque os não tinha ainda visto, e era necessário conciliar os ânimos d'alguns com a Companhia, por não estarem muito benévolo. Partimos de S. João para o mar: era para ver neste caminho a multidão, variedade e formosura das flores das árvores umas amarelas, outras vermelhas, outras roxas, com outras muitas várias cores misturadas, que era coisa para louvar o Criador. Vi neste caminho uma árvore carregada de ninhos de passarinho (LI), pendentos de seus fios de comprimento de uma vara de medir ou mais, que ficavam todos no ar com as bocas para baixo. Tudo isto fazem os pássaros para não ficar frustrado seu trabalho, usam daquela indústria que lhes ensinou o que os criou, para se não fiarem das cobras, que lhes comem os ovos e filhos.

Folgara de saber descrever a formosura de toda esta Bahia e recôncavo, as enseadas e esteiros que o mar bota três, quatro léguas pela terra dentro, os muito frescos e grandes

rios caudais que a terra deita ao mar, todos cheios de muita fartura de pescados, lagostins, polvos, ostras de muitas castas, caranguejos e outros mariscos.

Sempre fizemos caminho por mar em um barco da casa bem equipados, e quase não ficou rio nem esteiro que não víssemos, com as mais e maiores fazendas, e engenhos, que são muito para ver. Grandes foram as honras e agasalhados, que todos fizeram ao padre visitador, procurando cada um de se esmerar não somente nas mostras d'amor, grande respeito e reverência, que no tratamento e conversação lhe mostravam, mas muito mais nos grandes gastos das iguarias, da limpeza e conserto do serviço, nas ricas camas e leitos de seda (que o padre não aceitava, porque trazia uma rede que serve de cama, e coisa costumada na terra). Os que menos faziam, e se tinham por não muito devotos da Companhia, faziam mais agasalhados do que costumam fazer em Portugal os muito nossos amigos e intrínsecos; coisa que não somente nos edificava, mas também espantava ver o muito crédito que por cá se tem à Companhia.

O padre Quirício Caxa e eu pregávamos algumas vezes em as ermidas, que quase todos os senhores de engenhos têm em suas fazendas, e alguns sustentam capelão à sua custa, dando-lhes quarenta ou cinquenta mil réis cada ano, e de comer à sua mesa. E as capelas

têm bem consertadas, e providas de bons ornamentos: não somente os dias da pregação, mas também em outros nos importunavam que disséssemos missa cedo, para exercitarem sua caridade, em nos fazer almoçar ovos reais e outros mimos que nesta terra fazem muito bons, nem faltava vinho de Portugal. Confessávamos os portugueses, ouvindo confissões gerais, e outras de muito serviço de Nosso Senhor. Os dias de pregação e festas de ordinário havia muitas confissões e comunhões, e por todas chegariam a duzentas, afora as que fazia um padre, língua de escravos de Guiné, e de índios da terra, pregando-lhes e ensinando-lhes a doutrina, casando-os, batizando-os, e em tudo se colheu copioso fruto, com grande edificação de todos. Nem se contentavam estes senhores de agasalhar o padre, mas também lhe davam bogios, papagaios, e outros bichos e aves que tinham em estima, e lhe mandavam depois à casa muitas e várias conservas, com cartas de muito amor, e quando vinham à cidade, o visitavam amiúde, dando os devidos agradecimentos pela consolação e visita que o padre lhes fizera.

Os engenhos deste recôncavo são trinta e seis (LIII); quase todos vimos, com outras muitas fazendas muito para ver. De uma coisa me maravilhei nesta jornada, e foi a grande facilidade que têm em agasalhar os hóspedes, porque a qualquer hora da noite ou dia que chegáva-

mos em brevíssimo espaço nos davam de comer a cinco da Companhia (afora os moços) todas as variedades de carnes, galinhas, perus, patos, leitões, cabritos, e outras castas e tudo têm de sua criação, com todo o gênero de pescado e mariscos de toda sorte, dos quais sempre têm a casa cheia, por terem deputados certos escravos pescadores para isso, e de tudo têm a casa tão cheia que na fartura parecem uns condes, e gastam muito. Tornando aos engenhos cada um deles é uma máquina e fábrica incrível: uns são de água rasteiros, outros de água copeiros, os quais moem mais e com menos gastos; outros não são d'água, mas moem com bois, e chamam-se trapiches; estes têm muito maior fábrica e gasto, ainda que moam menos, moem todo o tempo do ano, o que não tem os d'água, porque às vezes lhes falta. Em cada um deles, de ordinário há seis, oito e mais fogos de brancos, e ao menos sessenta escravos, que se requerem para o serviço ordinário; mas os mais deles têm cento, e duzentos escravos de Guiné e da terra. Os trapiches requerem sessenta bois, os quais moem de doze em doze revezados; começa-se de ordinário a tarefa à meia noite, e acaba-se ao dia seguinte às três ou quatro horas depois do meio-dia. Em cada tarefa se gasta uma barcada de lenha que tem doze carradas, e deita sessenta e setenta formas de açúcar branco, mascavado, maeo e alto. Cada forma tem pouco mais de meia arroba, ainda que em Pernambuco se

usam já grandes de arroba. O serviço é insofrível, sempre os serventes andam correndo, e por isso morrem muitos escravos, que é o que os endivida sobre todo este gasto. Tem necessidade cada engenho de feitor, carpinteiro, ferreiro, mestre de açúcar com outros oficiais que servem de o purificar; os mestres de açúcares são os senhores de engenhos, porque em sua mão está o rendimento e ter o engenho fama, pelo que são tratados com muitos mimos, e os senhores lhes dão mesa, e cem mil réis, e outros mais, cada ano. Ainda que estes gastos são mui grandes, os rendimentos não são menores, antes mui avantajados, porque um engenho lavra no ano quatro ou cinco mil arrobas, que pelo menos valem em Pernambuco cinco mil cruzados, e postas no Reino por conta dos mesmos senhores dos engenhos (que não pagam direitos por dez anos do açúcar que mandam por sua conta, e estes dez acabados não pagam mais que meios direitos) valem três em dobro. Os encargos de consciência são muitos, os pecados que se cometem neles não têm conta; quase todos andam amancebados por causa das muitas ocasiões; bem cheio de pecados vai esse doce, porque tanto fazem: grande é a paciência de Deus, que tanto sofre.

Gastamos nesta missão Janeiro e parte de Fevereiro, e a segunda-feira depois do primeiro domingo da quaresma (20 de Fevereiro de 1584) chegamos à casa, não somente recre-

ados, mas também mui consolados com o fruto que se colheu. Logo se distribuíram as pregações, o padre Quiricio Caxa dos domingos pela manhã em nossa igreja; o padre Manuel de Castro (LIII) à tarde; estes dois padres e o padre Manuel de Barros, são os melhores pregadores que há nesta província. Eu preguei os domingos pela manhã na Sé, aonde se achava a maior parte da cidade. Das pregações de todos se seguiu grande fruto, seja Nosso Senhor com tudo louvado.

Muitas missões se fizeram por ordem do padre visitador nestes dois anos pelos engenhos e fazendas dos portuguezes; nelas se colheu copioso fruto e se batizaram passante de três mil almas, e se casaram muitos em lei de graça, tirando-os de amancebamentos, ensinando-lhes a doutrina, pondo os discordes em paz, e se fizeram outros muitos serviços a Nosso Senhor. Quando os nossos padres vão a estas missões são mui bem recebidos de todos, bem providos do necessário, com grande amor e caridade.

Tornando à quaresma em nossa casa tivemos um devoto e rico sepulcro. A paixão foi também devota que concorreu toda a terra; os ofícios divinos se fizeram em casa com devoção. Sexta-feira Santa (30 de Março), ao desencerrar do Senhor, certos mancebos vieram à nossa igreja; traziam uma verônica de Cristo mui devota, em pano de linho pintado,

dois deles a tinham e juntamente com outros dois se disciplinavam, fazendo seus trocados e mudanças. E como a dança se fazia ao som de cruéis açoites, mostrando a verônica ensanguentada, não havia quem tivesse as lágrimas com tal espetáculo, pelo que foi notável a devoção que houve na gente.

O padre visitador teve as endoenças na aldeia do Espírito Santo, aonde os índios tiveram um formoso e bem acabado sepulcro, de todas as colunas, cornijas, frontispícios de obra de papel, assentada sobre madeira, tão delicada e de tão maravilhosa feitura, que não havia mais que pedir, por haver ali um irmão insigne em cortar, e para sepulcros tem grande mão e graça particular. Tiveram mandato em português por haver muitos brancos que ali se acharam, e paixão na língua, que causou muita devoção e lágrimas nos índios. A procissão foi devotíssima com muitos fochos e fogos, disciplinando-se a maior parte dos índios, que dão em si cruelmente, e têm isto não somente por virtude, mas também por valentia, tirarem sangue de si, e serem *abaetê* (LIV), valentes. Levaram na procissão muitas bandeiras que um irmão, bom pintor, lhes fez para aquele dia, em pano, de boas tintas, e devotas. Um principal velho levava um devoto crucifixo debaixo do pálido. O padre visitador lhes fez todo os ofícios que se oficiaram a vozes com seus bradados. Ao dia da Ressurreição (1º de Abril)

se fez uma procissão por ruas de arvoredos muito frescos, com muitos fogos, danças, e outras festas. Esquecia-me dizer que os lavatórios cheirosos e pós de murtinhos com que se curam estes índios, quando se disciplinam, são irem-se logo meter e lavar no mar ou rios, e com isto saram e não morrem.

Aos 3 de Maio, dia da invenção da Cruz, houve jubileu plenário em nossa casa, missa de canto d'órgão, oficiada pelos índios e outros cantores da Sé, com flautas e outros instrumentos musicais. Preguei-lhes da Cruz, por terem aqui uma relíquia do Santo Lenho em uma cruz de prata dourada, que foi de uma das freiras de Alemanha, a qual a imperatriz deu para este Colégio, com licença do Sumo Pontífice. Comun-garam passante de trezentas pessoas, e tudo se fez com muita festa e devoção.

Tinha o padre visitador dado ordem para se fazer um relicário para todas as relíquias que estavam mal acomodadas. Estava já neste tempo acabado. É grande, tem dezesseis armários com suas portas de vidraças, e no meio um grande, para a imagem de Nossa Senhora de S. Lucas; os armários são todos forrados dentro de cetim carmesim, as portas da banda de dentro são forradas de sedas de várias cores, damasco, veludo, cetim, etc. A madeira é de pau de cheiro de Jacarandá, e outras madeiras de preço, de várias cores, de tal obra que se avaliou somente das mãos, em

cem cruzados. Fê-lo um irmão da casa, insigne oficial. Está assentado na capela dos irmãos, que é uma casa grande, nova, de pedra e cal, bem guarneçada, forrada de cedro. Ao dia da Cruz, à tarde, se fez uma célebre transladação da igreja para a dita capela. Foi o padre visitador à igreja com sua capa d'asperges, e outros dois padres com capas: os mais, que eram por todos dezoito, revestidos em alvas e sobrepeizes. Levava o padre debaixo do pálio o Santo Lenho, seis padres as varas, dois a imagem de Nossa Senhora, que também ficava debaixo do pálio; três, as três cabeças das Onze mil virgens e outros, outras relíquias; os mais levavam suas velas de cera branca nas mãos, e seguia-se a cruz de prata, e turíbulo. Começando a procissão a entrar pela sacristia, a gente arrombou a grade, e entrando os homens somente acompanharam as relíquias, porque não sofriam bem participarmos sem eles de tamanha alegria e consolação. A capela e corredores estavam mui ornados de várias sedas, alcatifas, guadamecins, palmas com outros ramos frescos. Na procissão houve boa música de vozes, flautas e órgãos. Em alguns passos estavam certos estudantes, com seus descantes e cravos, a que diziam salmos, e alguns motetes, e também recitaram epigramas às santas relíquias. Com esta solenidade e devoção, chegamos à capela, aonde houve completas solenes. Foi tanta a devoção dos cidadãos que

se não fartavam de vir muitas vezes visitar as relíquias, e os estudantes continuaram muitos dias, gastando muitas horas em oração, rezando seus rosários. Os padres e irmãos têm nesta capela muita devoção, oração contínua, e assim as relíquias como os painéis da paixão de que está cercada a capela o pedem. Algumas pessoas de fora fizeram algumas esmolas, um frontal, vestimenta e sobre céu de veludo verde, uma caixa de prata, em que está a relíquia de S. Cristovão, outros deram algumas sedas, e botijas de azeite para a lâmpada; as mulheres já que não gozavam da festa, por ser dentro de casa, mostraram a muita devoção que tem às santas Virgens, em darem os melhores espelhos que tinham para vidraças, e alguns deles tinham mais de um palmo em quadro. E o padre visitador nesta parte fez mais fruto com seu relicário em tirar os espelhos, que os pregadores com as pregações.

Chegadas outra vez as monções do Sul, no fim de Junho, partimos para Pernambuco, padre visitador, padre Rodrigo de Freitas, com outros padres e irmãos que por todos éramos quatorze; não foi o padre provincial, porque ficava muito mal na Bahia. Ao segundo dia com vento contrário, arribamos ao morro de S. Paulo, barra de Tinharé, doze léguas da Bahia, aonde estivemos onze dias, sem fazer tempo para continuarmos a viagem. Aqui estivemos dia de S. João Baptista, S. Pedro e S. Paulo,

em os quais dizíamos missa em um *teigupaba* (LV) de palha. Os irmãos, passageiros e marinheiros, comungaram nestas festas: passamos estes dias com boa música, que alguns irmãos de boas falas faziam frequentemente ao som de uma suave flauta, que de noite nos consolavam e de madrugada nos despertavam com devotos e saudosos salmos e cantigas. Pelo navio ser de casa e andarmos bem acomodados, sempre somos no mar providos de todo o necessário, assim na saúde como enfermidades, tão bem como em casa. E nestes dias o fomos de vários pescados com que cada dia se fartava o navio. Algumas vezes íamos gastar as tardes com boa música e práticas espirituais, sobre um fresco rio à vista do mar; e pelo lugar ser solitário causava não pequena devoção: de quando em quando pescávamos para aliviar as moléstias que consigo traz uma arribada. Aqui nos visitou um padre nosso que residia no Camamú, com um bom refresco de uma vitela, porco, galinhas, patos, e outras aves, e frutas, com muita caridade.

Daqui partimos o segundo de Julho, e aos 14 do mesmo, dia de S. Boaventura, perto do meio-dia, deitamos ferro no arrecife de Pernambuco, que dista uma boa légua. Logo vieram dois irmãos com rede e cavalos, em que fomos, e no Colégio fomos recebidos do padre Luiz da Grã (LVI), Reitor, e dos mais padres e irmãos com extraordinária alegria e caridade. Ao dia

seguinte se festejou dentro de casa, como cá é costume, o martírio do Padre Ignacio d’Azevedo e seus companheiros com uma oração em verso no refeitório, outra em língua d’Angola, que fez um irmão de 14 anos com tanta graça que a todos nos alegrou, e tornando-a em português com tanta devoção que não havia quem se tivesse com lágrimas. No tempo do repouso, que estava bem enramado, o chão juncado de manjericões, se explicaram alguns enigmas e deram prêmios. À tarde fomos merendar à horta, que tem muito grande, e dentro nela um jardim fechado com muitas ervas cheirosas, e duas ruas de pilares de tijolo com parreiras, e uma fruta que chamam maracujá, sadia, gostosa e refresca muito o sangue em tempo de calma tem ponta d’azedo, é fruta estimada. Tem um grande romeiral de que colhem carros de romãs, figueiras de Portugal, e outras frutas da terra. E tantos melões, que não há esgotá-los, com muitos pepinos e outras boas comodidades. Também tem um poço, fonte e tanque, ainda que não é necessário para as laranjeiras, porque o céu as rega: o jardim é o melhor e mais alegre que vi no Brasil, e se estivera em Portugal se pudera chamar jardim.

Logo à quarta-feira fizeram os irmãos estudantes um recebimento ao padre visitador dentro em casa, no tempo do repouso. Recitou-se uma oração em prosa, outra em verso, outra em português, outra na língua brasílica,

com muitos epigramas. Acabada a festa lhes fez o padre outra, distribuindo por todos relicários, *Agnus-Dei*, contas bentas, relíquias, imagens, etc. também se leu a patente, e todos deram a obediência ao padre tomando-lhe a benção.

Foi o padre mui frequentemente visitado do Sr. Bispo, ouvidor geral (LVII), e outros principais da terra, e lhe mandaram muitas vitelas, porcos, perus, galinhas e outras coisas, como conservas etc; e pessoa houve que da primeira vez mandou passante de cinquenta cruzados em carnes, farinhas de trigo de Portugal, um quarto de vinho, etc; e não contentes com isto o levaram às suas fazendas algumas vezes, que são maiores e mais ricas que as da Bahia; e nelas lhe fizeram grandes honras e gazalhados, com tão grandes gastos que não saberei contar, porque deixando à parte os grandes banquetes de extraordinárias iguarias, o agasalhavam em leitos de damasco carmesim, franjados de ouro, e ricas colchas da Índia (mas o padre usava de sua rede como costumava). Mandavam de ordinário cavalos para seis dos nossos com seus feitores que nos acompanhassem todo o caminho, e eles mesmos em pessoa vinham receber o padre ao caminho duas, três léguas, dando-nos pelo caminho muitos jantares, almoços e merendas, com grande abundância e mostras de grande amor e respeito à Companhia. Costumam eles a primeira vez

que deitam a moer os engenhos benzê-los, e neste dia fazem grande festa convidando uns aos outros. O padre, à sua petição lhes benzeu alguns, coisa que muito estimaram. Vimos grande parte de 66 engenhos que há em Pernambuco, com outras fazendas muito para ver. Não falo na frescura dos arvoredos, nem nos muitos e grandes rios caudais, porque é coisa ordinária e comum no Brasil.

Trazia o padre visitador cartas D'El-Rei para o capitão (LVIII) e câmara. Fizeram grandes oferecimentos para tudo o que o padre quisesse e ordenasse para bem da cristandade e governo da terra.

Os estudantes de humanidades, que são filhos dos principais da terra, indo o padre à sua classe, receberam com um breve diálogo, boa música, tangendo e dançando mui bem; porque se prezam os pais de saberem eles esta arte. O mestre fez uma oração em latim. O padre lhes distribuiu contas, relíquias, etc.

No fim de Julho se celebra no Colégio a trasladação de uma cabeça de Onze mil virgens, que os padres ali têm mui bem concertada em uma torre de prata. Houve missa solene, preguei-lhes das Virgens com grande concurso de toda a terra, por haver jubileu, a que comungou muita gente. O mesmo fiz na matriz dia da Assunção de Nossa Senhora (15 de Agosto), à petição dos mordomos, que são os principais da terra, e alguns deles senhores

d'engenhos de quarenta e mais mil cruzados de seu. Seis deles todos vestidos de veludo e damasco de várias cores me acompanharam até o púlpito, e não é muito achar-se esta polícia em Pernambuco, pois é Olinda da Nova Lusitânia (LIX).

Além do grande fruto que se colheu das missões que o padre fez a várias partes aonde o padre Luiz da Grã e eu pregávamos algumas vezes confessando muitos portugueses e mulheres fidalgas de dom, que não faltam nesta terra, dia havia em que comungavam algumas trinta pessoas, afora o grande fruto que um padre língua fazia com os índios e escravos de Guiné. Ordenou o padre que andassem quatro padres em missões uns quinze dias: fez-se grande fruto, batizaram-se muitos índios e escravos de Guiné, e muitos se casaram em lei de graça, e ouviram grande cópia de confissões, de que se seguiu grande edificação para toda a terra.

O ano de 83 houve tão grande seca e esterilidade nesta província (coisa rara e desacostumada, porque é terra de contínuas chuvas) que os engenhos d'água não moeram muito tempo. As fazendas de canaviais e mandioca muitas se secaram, por onde houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que desceram do sertão apertados pela fome, socorrendo-se aos brancos quatro ou cinco mil índios. porém passado aquele trabalho da fome, os que

poderam se tornaram ao sertão, exceto os que ficaram em casa dos brancos ou por sua, ou sem sua vontade. Também ficou um principal chamado *Mitáguaya*, (LX) de grande nome entre os índios do sertão, por ser grande língua e falador. Este com intento e desejo de ser cristão entregou um seu filho ao padre Luiz da Grã, o qual em breve tempo soube falar português, ajudar à missa, e aprendeu a ler, escrever e contar. Tanto que o padre visitador chegou a Pernambuco logo o sobredito Mitaguaya visitou por vezes o padre, vestido de damasco com passamanes d'ouro, e sua espada na cinta, pedindo-lhe com grande instância quisesse ir à sua aldeia e dar-lhe padres, que se queria batizar com todos os seus. Dando-lhe o padre boas esperanças que o visitaria, fizeram-lhe caminhos por matos, e serras altíssimas mais de uma légua. Quando lá fomos nos vieram receber quase duas léguas da aldeia, e para gasalhado do padre fizeram uma casa nova, mas por ser em paragem de grande perigo por causa dos contrários, o padre Luiz da Grã era de parecer que não ficássemos ali aquela noite; mas o padre visitador, para lhes agradecer a caridade da casa nova, e os não desconsolar, antes animar, dormiu ali aquela noite. Eles nos deram a cear de sua pobreza peixinhos de moquéim assados, batatas, cará, mangará, e outras frutas da terra, etc, e o padre os convidou com coisas de Portugal. De noite tiveram seu solene e gracioso conselho defronte da nossa casa, tendo uma grande fogueira no meio como

é costume, e juntos os velhos principais e grande línguas, se assentaram assim nus em uns pedaços de paus, e ali com todo o siso e maduro conselho trataram certos pontos sobre a sua estada naquele sítio, vendo a dificuldade dos matos, a comodidade do rio que tinham perto, a conjunção boa que tinham para se fazer cristãos, com outras coisas que tratavam com muita graça e gravidade, e resolveram *uno ore* que se fizesse tudo o que o padre ordenasse para bem de sua estada naquela terra, e poderem receber nossa santa fé. E assim como o determinaram o cumpriram, porque estando diferentes nos pareceres, o sobredito Mitáguaya com outro grande principal se ajuntaram por parecer do padre em um sítio que o padre lhes assinalou, e logo se passaram para ele, fundaram a aldeia, e têm já feita igreja. Para isto foi destinado um padre língua com outro companheiro, e dando ordem para que se acabasse a igreja com diligência, lhes começaram a ensinar as coisas da fé. São passante de 800 almas as que se querem batizar, e espera-se que desça grande multidão de gentios com a fama desta igreja.

Da visita se seguiu grande consolação nos de casa com as muitas práticas, avisos espirituais, exortações das regras, que o padre fez enquanto ali os conversou. Deu profissão de quatro votos aos padres Leonardo Arminio, (LXI) italiano, e ao padre Pero de Toledo (LXII) espanhol, que fora sete anos reitor do Colégio do Rio de Janeiro, ambos bons letrados, e de coadjutores

formados espirituais a dois padres: a festa se fez dia de S. Jerônimo (30 de Setembro): pregou o padre Luiz da Grã; tem muito bom púlpito e as boas coisas e graça em as propor, e assim nesta como nas mais coisas é mui aceito e amado de todos da terra. Dia da Assunção de Nossa Senhora (15 de Agosto) ordenou o Sr. Bispo sete irmãos de missa, dando-lhes todas as ordens em nossa igreja.

Não posso deixar de dizer nesta as qualidades de Pernambuco, que dista da equinocial para o Sul oito graus, e cem léguas da Bahia, que lhe fica ao Sul. Tem uma formosa igreja matriz de três naves, com muitas capelas ao redor; acabada ficara uma boa obra. Tem seu vigário com dois outros clérigos, afora outros muitos que estão nas fazendas dos portugueses que eles sustentam à sua custa, dando-lhes mesa todo o ano e quarenta ou cinquenta mil réis de ordenado, afora outras vantagens. Tem passante de dois mil vizinhos entre vila e termo, com muita escravaria de Guiné, que serão perto de dois mil escravos: os índios da terra são já poucos.

A terra é toda muito chã; o serviço das fazendas é por terra e em carros; a fertilidade dos canaviais não se pode contar; tem 66 engenhos, (LXIII) que cada um é uma boa povoação; lavram-se alguns anos 200 mil arrobas de açúcar, e os engenhos não podem esgotar a cana, porque em um ano se faz de vez para

moer, e por esta causa a não podem vencer, pelo que moem cana de três, quatro anos; e com virem cada ano quarenta navios ou mais a Pernambuco, não podem levar todo o açúcar: é terra de muitas criações de vacas, porcos, galinhas, etc.

A gente da terra é honrada: há homens muito grossos de 40, 50, e 80 mil cruzados de seu: alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com escravaria de Guiné, que lhes morrem muito, e pelas demasias e gastos grandes que têm em seu tratamento. Vestem-se, e as mulheres e filhos de toda a sorte de veludos, damascos e outras sedas, e nisto têm grandes excessos. As mulheres são muito senhoras, e não muito devotas, nem frequentam as missas, pregações, confissões, etc: os homens são tão briosos que compram ginetes de 200 e 300 cruzados, e alguns têm três, quatro cavalos de preço. São mui dados a festas. Casando uma moça honrada com um vianês, que são os principais da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo carmesim, outros de verde, e outros de damasco e outras sedas de várias cores, e os guiões e selas dos cavalos eram das mesmas sedas que iam vestidos. Aquele dia correram touros, jogaram canas, pato, argolinha, e vieram dar vista ao Colégio para os ver o padre visitador; e por esta festa se pode julgar o que farão nas mais, que são comuns e ordinárias. São sobretudo dados a banquetes, em

que de ordinário andam comendo um dia dez ou doze senhores de engenhos juntos, e revezando-se desta maneira gastam quanto têm, e de ordinário bebem cada ano 50 mil cruzados de vinhos de Portugal; e alguns anos beberam oitenta mil cruzados dados em rol. Enfim em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa. Os vianeses são senhores de Pernambuco, e quando se faz algum ruído contra algum vianês dizem em lugar de: ai que D'el Rei, ai que de Viana, etc.

A vila está bem situada em lugar eminente de grande vista para o mar, e para a terra; tem boa casaria de pedra e cal, tijolo e telha. Temos aqui Colégio aonde residem vinte e um dos nossos; sustentam-se bem, ainda que tudo vale três dobro do que em Portugal. O edifício é velho, mal acomodado, a igreja pequena (LXIV). Os padres leem uma lição de casos, outra de latim, e escola de ler e escrever, pregam, confessam, e com os índios, e negros de Guiné se faz muito fruto; dos portuguezes são mui amados e todos lhes têm grande respeito. Nesta terra estão bem empregados, e por seu meio faz Nosso Senhor muito, louvado seja ele por tudo.

Acabada a visita de Pernambuco (aonde estivemos três meses), e chegadas as monções dos Nordestes, aos dezesseis de Outubro partimos para a Bahia, nove padres e três irmãos, acompanhando-nos o padre Luiz da Grã, reitor, com alguns padres do Colégio, até à bar-

ra, que é uma légua. Houve muitas lágrimas e saudades à despedida, e não se podiam apartar do padre visitador, tão consolados e edificados os deixava, e com estas saudades se tornaram cantando pela praia as ladainhas, salmos e outras cantigas devotas. Estava já neste tempo o nosso navio fora da barra, e, por o tempo ser algum tanto contrário para sair, andamos até alta noite aos bordos, não podendo tomar o navio, e quando já o tomamos foi à toa, e com cair o padre Rodrigo de Freitas ao mar, entre o navio e barca, donde o tiramos meio afogado, mais Nosso Senhor servido que não chegasse o desastre a mais. Aquela noite levantamos a âncora, e com um vento galerno, aos vinte chegamos à Bahia.

Ao dia seguinte, por ser dia das Onze mil virgens, houve no Colégio grande festa da confraria das Onze mil virgens, que os estudantes têm a seu cargo; disse missa nova cantada um padre com diácono e subdiácono. Os padrinhos foram o padre Luiz da Fonseca, reitor, e eu com nossas capas d'asperges. A missa foi oficiada com boa capela dos índios, com flautas, e de alguns cantores da Sé, com órgãos, cravos e descantes. E ela acabada, se ordenou a procissão dos estudantes, aonde levamos debaixo do pάλio três cabeças das Onze mil virgens, e as varas levaram os vereadores da cidade, e os sobrinhos do Sr. governador. Saiu na procissão uma nau à vela por terra, mui

formosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro nela iam as Onze mil virgens ricamente vestidas, celebrando seu triunfo. De algumas janelas falaram à cidade, Colégio, e uns anjos todos mui ricamente vestidos. Da nau se dispararam alguns tiros d'arcabuzes, e o dia d'antes houve muitas invenções de fogos, na procissão houve danças, e outras invenções devotas e curiosas. À tarde se celebrou o martírio dentro na mesma nau, desceu uma nuvem dos Céus, e os mesmos anjos lhe fizeram um devoto enterramento; a obra foi devota e alegre, concorreu toda a cidade por haver jubileu e pregação. Houve muitas confissões, comungaram perto de quinhentas pessoas; e assim enjoados como vínhamos, confessamos toda a manhã: Nosso Senhor seja com tudo louvado.

Três semanas nos detivemos na Bahia por o padre visitador chegar mal disposto d'umas mordeduras de carrapatos (que são tamanhinhos como piolhos de galinha) dos quais foi em Pernambuco sangrado duas vezes, e se encheu o corpo todo de postemas. Neste tempo foi admitido na Companhia um sacerdote já homem de dias que nela tinha vivido perto de 30 anos. E havendo um ano que o padre visitador o dilatava, não querendo aceitar sua fazenda, nunca quis entrar sem fazer primeiro a doação pública ao Colégio de toda a sua fazenda, escravaria, terras, vacas, e móvel que valeria tudo passante de oito mil cruzados; e

não quis aceitar ser provisor e adaião da Sé, que o Sr. Bispo lhe mandou aceitasse sob pena d'excomunhão.

Aos 14 de Novembro partimos para as partes do Sul oito padres e quatro irmãos. E aquella tarde e dia seguinte navegamos sessenta léguas com bom tempo, e logo nos deu tal vento pela proa, que as tornamos quase todas a desandar. E tornando Nosso Senhor continuar com sua misericórdia, nos favoreceu de maneira que aos 21 tomamos a capitania do Espírito Santo, que dista 120 léguas da Bahia. Fomos recebidos dos padres com muita caridade, e do Sr. Administrador, que estava na nossa cerca esperando o padre visitador, com grande alvoroço e alegria; e logo mandou dois perus, e os da terra mandaram vitelas, porcos, vacas e outras muitas coisas, conforme possibilidade e caridade de cada um. Logo aos 25 se celebrou em casa a festa de Santa Catarina; disse missa nova um dos padres que vinha de Pernambuco, filho do governador do Paraguai (LXV); o qual sendo único e herdeiro daquela governança, fugiu ao pai, e entrou na Companhia. O Sr. Administrador foi seu padrinho, e fez officiar a missa pelos de sua capela, e os índios também ajudaram com suas flautas. Toda a manhã houve muitas confissões, comunhões e pregação.

Enquanto aqui estivemos foram os nossos mui ajudados com a visita e exortações do

padre visitador; fizeram com ele suas confissões gerais. O padre lhes fez práticas, e com elas e mais avisos espirituais ficaram em extremo consolados.

Têm os padres nesta capitania três léguas da vila, duas aldeias de índios a seu cargo, em que residem os nossos, que terão três mil almas cristãs, afora outras aldeias que estão ao longo da costa, as quais visitam algumas vezes, que terão algumas duas mil pessoas entre pagãos e cristãos. Véspera da Conceição da Senhora, por ser orago da aldeia mais principal, foi o padre visitador fazer-lhe a festa. Os índios também lhes fizeram a sua: porque duas léguas da aldeia em um rio mui largo e formoso (por ser o caminho por água) vieram alguns índios murubixába, principais, com muitos outros em vinte canoas mui bem esquipadas, e algumas pintadas, enramadas e embandeiradas, com seus tambores, pífanos e flautas, providos de mui formosos arcos e flechas mui galantes; e faziam a modo de guerra naval muitas ciladas em o rio, arrebrandando poucos e poucos com grande grita, e perpassando pela canoa do padre lhe davam o *Ereiupe*, fingindo que o cercavam e o cativavam. Neste tempo um menino, perpassando em uma canoa pelo padre visitador, lhe disse em sua língua: *Pay, marápe guarinfme nande popeçoar* em tempo de guerra e cerco como estais desarmado (LXVI) e meteu lhe um arco e flechas na mão. O padre assim

armado, e ele dando seus alaridos e urros tocando seus tambores, flautas e pífanos, levaram o padre até à aldeia, com algumas danças que tinham prestes. O dia da Virgem disse o Sr. Administrador missa cantada, com sua capela, e o padre visitador pela manhã cedo antes da missa batizou setenta e três adultos, em o qual tempo houve boa música de vozes e flautas, e na missa casou trinta e seis em lei de graça, e deu a comunhão a trinta e sete.

Por haver jubileu concorreu toda a terra, e toda a manhã confessamos homens e mulheres portugueses. Houve muitas comunhões, e tudo se fez com consolação dos moradores índios e nossa. Acabada a missa houve procissão solene pela aldeia, com danças dos índios a seu modo e à portuguesa; e alguns mancebos honrados também festejaram o dia dançando na procissão, e representaram um breve diálogo e devoto sobre cada palavra da Ave Maria, e esta obra dizem compôs o padre Álvaro Lobo (LXVII) e até ao Brasil chegaram suas obras e caridades.

Era para ver os novos cristãos, e cristãos saírem de suas *ocas* como *cunumis*, acompanhados de seus parentes e amigos, com sua bandeira diante e tamboril, e depois do batismo e casamentos tornarem assim acompanhados para suas casas; e as índias quando se vestem vão tão modestas, serenas, direitas e pasmadas, que parecem estátuas encostadas a seus pajens

e a cada passo lhes caem os pantufos, porque não têm de costume.

Ao dia seguinte fomos à aldeia de S. João, daí meia légua por água por um rio acima mui fresco e gracioso, de tantos bosques e arvoredos que se não via a terra, e escassamente o Céu. Os meninos da aldeia tinham feito algumas ciladas no rio, as quais faziam a nado, arrebrandando de certos passos com grande grita e urros, e faziam outros jogos e festas n'água a seu modo mui graciosos, umas vezes tendo a canoa, outras mergulhando por baixo, e saindo em terra todos com as mãos levantadas diziam: Louvado seja Jesus Cristo! — e vinham tomar a bênção do padre, os principais davam seu *Ereiupe*, pregando da vinha do padre com grande fervor. Chegamos à igreja acompanhados dos índios, e os meninos e mulheres com suas palmas nas mãos, e outros ramalhetes de flores, que tudo representava ao vivo o recebimento do dia de Ramos. Porém neste tempo ainda que os índios fazem a festa, tudo é pasmar máxime as mulheres do *Payguaçú*. Acabado o recebimento houve outra festa das laranjadas, e não lhes faltam laranjas, nem outras frutas semelhantes com que as façam. Logo começaram com suas dádivas, e são tão liberais que lhes parece que não fazem nada senão dão logo quanto têm. E é grande injúria para eles não se lhes aceitar, e quando o dão não dizem nada, mas pondo perus, ga-

linhas, leitões, papagaios, tuins reais, etc, aos pés do padre se tornavam logo.

Ao dia seguinte batizou o padre visitador trinta e três adultos, e casou na missa outros tantos em lei de graça, e tudo se fez com as mesmas festas. Estavam estes índios em ruim sítio, mal acomodados, e a igreja ia caindo: fez o padre que se mudassem à outra parte, o que fizeram com grande consolação sua.

Há nesta terra mais gentio para converter que em nenhuma outra capitania; deu o padre visitador ordem, com que fossem dois padres daí vinte e oito léguas à petição dos índios, que queriam ser cristãos: espera-se grande fruto desta missão, e desceram logo quatro ou cinco mil almas, e ficará porta aberta para descer grande multidão de gentios; para o qual efeito o governador desta terra Vasco Fernandes Coutinho (filho daquele Vasco Fernandes Coutinho que fez as maravilhas em Malaca detendo o elefante que trazia a espada na tromba) (LXVIII) deu grande provisões sob graves penas que ninguém os fosse saltar ao caminho; deu-lhes três léguas de terra que os índios pediam, e perdão d'algumas mortes de brancos e levantamentos que tinham antigamente feito, e quando foi ao assinar da provisão não na quis ler, nem viu o que dizia, antes vindo-a selar a nossa casa, disse que tudo o que o padre visitador pusesse havia por bem, e que pedisse tudo quanto quisesse em favor dos índios, que ele o aprovaria logo.

Os portugueses têm muita escravaria destes índios cristãos. Têm eles uma confraria dos Reis em nossa igreja, e por ser antes do Natal quiseram dar vista ao padre visitador de suas festas. Vieram um domingo com seus alardos à portuguesa, e a seu modo com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados, com outros principais e confrades da dita confraria: fizeram no terreiro da nossa igreja seus caracóis, abrindo e fechando com graças por serem mui ligeiros, e os vestidos não carregavam muito a alguns, porque os não tinham. O padre lhes mandou fazer uma pregação na língua, de como vinha a consolá-los e trazer-lhes para os doutrinar, e do grande amor com que Sua Majestade lhes encomendava. Ficaram consolados e animados, e muito mais com os relicários que o padre deitou ao pescoço do rei, da rainha, e outros principais. Os portugueses recebem o padre nesta terra com tantas honras e mostras d'amor, que não há mais que pedir. O Sr. Governador e mais principais da terra o visitaram muitas vezes, e porque o padre lhe trazia carta d'El-Rei, e aos mais da câmara e governo da vila, fizeram quanto o padre lhes pediu para bem da cristandade; e não contentes com as dádivas passadas, levando o padre a suas fazendas lhe deram muitos banquetes de muitas esquisitas e várias iguarias. E em um deles, depois de sermos seis da Companhia bem ser-

vidos, tirando as toalhas de cima, começou o segundo, e este acabado o terceiro, tudo com tanta ordem, limpeza, conserto e gasto, que nos espantava, e enquanto comemos não faziam senão mandar canoas equipadas com várias iguarias aos padres, que ficavam em casa, e por o caminho ser por água e breve tudo chegava a tempo. Este é o respeito que por cá se tem ao padre e aos mais da Companhia. Nosso Senhor lhe pague.

Na barra deste porto está uma ermida de N. Senhora, chamada da Pena (LXIX), e certo que representa a Senhora da Pena de Cintra, por estar fundada sobre uma altíssima rocha de grande vista para o mar e para a terra. A capela é de abóbada pequena, mas de obra graciosa e bem acabada. Aqui fomos em romaria dia de S. André, e todos dissemos missa com muita consolação, e V. R^a foi bem encomendada à Senhora com toda essa Província, o que também fazíamos em as mais romarias e continuamente em nossos sacrificios, e eu sou o que ganho pela muita consolação que tenho com tal lembrança; e pois a devo a V. R^a e aos mais padres e irmãos dessa Província por tantas vias. Este dia nos agasalhou o Sr. governador com muita caridade.

Esta capitania do Espírito Santo é rica de gado e algodões. Tem seis engenhos de açúcar e muitas madeiras de cedros e paus de bálsamo, que são árvores altíssimas: picam-se primeiro e deitam um óleo suavíssimo de que

fazem rosários, e é único remédio para feridas. A vila é de Nossa Senhora da Vitória: terá mais de 150 vizinhos, com seu vigário. Está mal situada em uma ilha cercada de grandes montes e serras, e se não fora um rio muito formoso que lhe corre pelo pé, ainda fora mais mal localizada do que é, porque pouco mais vista terá que a do rio.

Os padres têm uma casa bem acomodada com sete cubículos (LXX), e uma igreja nova e capaz. A cerca é cheia de muitas laranjeiras, limeiras doces, cidreiras, cajus e outras frutas da terra, com todo gênero de hortaliça de Portugal. Vivem os nossos d'esmolas, e são muito bem providos, e o Colégio do Rio os ajuda com as coisas de Portugal, como também faz às duas casas de Piratininga e S. Vicente, por serem a ele anexas e entrarem no número das cinquenta para que tem dote.

Do Espírito Santo partimos para o Rio de Janeiro, que dista ali oitenta léguas. Dois ou três dias tivemos bom tempo, e logo nos deu um temporal tão forte, que foi necessário ficarmos árvore seca quase dois dias com muito perigo, por estarmos sobre uns baixos dos Guaitacazes mui perigosos, e não muito longe da costa. Ali estivemos a Deus misericórdia, e cada um se encomendava a Nossa Senhora quanto podia por vermos perto a morte. Deste perigo nos livrou Deus por sua bondade, e aos 20 (Dezembro de 1584), véspera de S.

Tomé, arribamos ao Rio. Fomos recebidos do padre Ignacio Tolosa, reitor, e mais padres, e do Sr. governador (LXXI), que manco de um pé com os principais da terra veio logo à praia com muita alegria, e os da fortaleza também a mostraram com salva de sua artilharia. Neste Colégio tivemos o Natal com um presépio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal: e também cá N. Senhor dá as mesmas consolações, e avantajadas. O irmão Barnabé Telo fez a lapa, e às noites nos alegrava com seu berimbau.

Trouxemos no navio uma relíquia do glorioso Sebastião engastada em um braço de prata. Esta ficou no navio para a festejarem os moradores e estudantes como desejavam, por ser esta cidade do seu nome, e ser ele o padroeiro e protetor. Uma das oitavas à tarde se fez uma célebre festa. O Sr. governador com os mais portugueses fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pífaros e bandeiras foram à praia. O padre visitador com o mesmo governador e os principais da terra e alguns padres nos embarcamos numa grande barca bem embandeirada e enramada: nela se armou um altar e alcatifou a tolda com um pálio por cima; acudiram algumas vinte canoas bem equipadas, algumas delas pintadas, outras empenadas, e os remos de várias cores. Entre elas vinha Martim Afonso (LXXII), comendador de Cristo, índio antigo

abaetê e *moçacára* (LXXIII), grande cavalheiro e valente, que ajudou muito os portugueses na tomada deste Rio. Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pífaros e flautas, com grande grita e festa dos índios; e os portugueses da terra com sua arcabuzaria e também os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa e com esta festa andamos barlaventeando um pouco à vela, e a santa relíquia ia no altar dentro de uma rica charola, com grande aparato de velas acesas, música de canto d'órgão, etc. Desembarcando viemos em procissão até à Misericórdia, que está junto da praia, com a relíquia debaixo do pálido; as varas levaram os da câmara, cidadãos principais, antigos e conquistadores daquela terra. Estava um teatro à porta da Misericórdia com uma tolda de uma vela, e a santa relíquia se pôs sobre um rico altar enquanto se representou um devoto diálogo do martírio do santo, com choros e várias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseado um moço atado a um pau: causou este espetáculo muitas lágrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar muito ao vivo o martírio do santo, nem faltou mulher que não viesse à festa; por onde acabado o diálogo, por a nossa igreja ser pequena lhes preguei no mesmo teatro dos milagres e mercês, que tinham recebido deste glorioso mártir na tomada deste Rio, a qual acabada deu o padre visitador a beijar a relí-

quia a todo o povo e depois continuamos com a procissão e danças até nossa igreja: era para ver uma dança de meninos índios, o mais velho seria de oito anos, todos nuzinhos, pintados de certas cores aprazíveis, com seus cascavéis nos pés, e braços, pernas, cinta, e cabeças com várias invenções de diademas de penas, colares e braceletes. Parece-me que se os viram nesse reino, que andaram todo o dia atrás eles; foi a mais aprazível dança que destes meninos cá vi. Chegados à igreja foi a santa relíquia colocada no sacrário para consolação dos moradores, que assim o pediram.

Têm os padres duas aldeias de índios, uma delas de S. Lourenço, (LXXIV), uma légua da cidade por mar; e a outra de S. Barnabé (LXXV), 7 léguas também por mar, terão ambas três mil índios cristãos. Foi o padre visitador à de S. Lourenço, aonde residem os padres, e dia dos Reis lhes disse missa cantada oficiada pelos índios em canto d'órgão com suas flautas; casou alguns em lei de graça, e deu comunhão a outros poucos. Eu batizei dois adultos somente, por os mais serem todos cristãos.

Esta capitania do Rio dista da Equinocial 23 graus para o Sul, e da Bahia 130 léguas. É muito sadia, de muitos bons ares e águas. No verão tem boas calmas algumas vezes, e no inverno mui bons frios; mas em geral é temperada. O inverno se parece com a primavera de Portugal: tem uns dias formosíssimos tão apra-

zíveis e salutíferos que parece estão os corpos bebendo vida. é terra mui fragosa e muito mais que a Serra da Estrela; tudo são serrarias e rochedos espantosos, e tem alguns penedos tão altos que com três tiros de flecha não chega um homem ao chão e ficam todas as flechas pregadas na pedra por causa da grande altura; destas serras descem muitos rios caudais que de quatro e sete léguas se veem alvejar por entre matos que se vão às nuvens, e do pé de algumas destas serras até riba há uma grande jornada; são todas estas serras cheias de muitas e grandes madeiras de cedros, de que se fazem canoas tão largas de um só pau, que cabe uma pipa atravessada; e de comprimento que levam dez, doze remeiros por banda e carregam cem quintais de qualquer coisa, e outras muito mais. Ha muitos paus de sândalos brancos, alquila e noz moscada e outros paus reais muito para ver. Agora se descobriu um páu que tinge de amarelo (LXXVI), como o brasil vermelho; é pau de preço: é abundante de gados, porcos e outras criações; dão-lhe nela marmelos, figos, romeiras, e também trigo se o semeiam; a um grão respondem 800 e mais e cada grão dá 50 e sessenta espigas, das quais umas estão maduras, outras verdes, outras nascem; também se dão rosas, cravos vermelhos, cebolas cecem, árvores d'espinho, todo gênero d'hortaliça de Portugal, as canas também se dão bem, e tem três engenhos de açúcar, enfim é terra mui farta.

A cidade está situada em um monte de boa vista, para o mar, e dentro da barra tem uma baía que bem parece que a pintou o supremo pintor e arquiteto do mundo Deus Nosso Senhor, e assim é coisa formosíssima e a mais aprazível que há em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mondego e Tejo; é tão capaz que terá 20 léguas em roda cheia pelo meio de muitas ilhas frescas de grandes arvo-redos, e não impedem a vista umas às outras que é o que lhe dá graça. Tem a barra meia légua da cidade, e no meio dela uma lagoa de sessenta braças em comprido, e bem larga que a divide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para naus da Índia; nesta lagoa manda El-Rei fazer a fortaleza (LXX-VII), e ficará coisa inexpugnável nem se lhe poderá esconder um barco; a cidade tem 150 vizinhos com seu vigário, e muita escravaria da terra.

Os padres têm aqui melhor sítio da cidade (LXXVIII). Têm grande vista com toda esta enseada defronte das janelas: têm começado o edifício novo, têm já 13 cubículos de pedra e cal que não dão vantagem aos de Coimbra, antes lhe levam na boa vista. São forrados de cedro, a igreja é pequena, de taipa velha. Agora se começa a nova de pedra e cal, todavia tem bons ornamentos com uma custódia de prata dourada para as endoenças, uma cabeça das Onze mil virgens, o braço de S. Sebastião com

outras relíquias, uma imagem da Senhora de S. Lucas. A cerca é coisa formosa; tem muito mais laranjeiras que as duas cercas d'Evora, com um tanque e fonte; mas não se bebe dela por a água ser salobra; muitos marmeleiros, romeiras, limeiras, limoeiros e outras frutas da terra. Também tem uma vinha que dá boas uvas, os melões se dão no refeitório quase meio ano, e são finos, nem faltam couves mercianas bem duras, alfaces, rabãos e outros gêneros d'hortaliça de Portugal em abundância: o refeitório é bem provido de necessário; a vaca na bondade e gordura se parece com a d'Entre-Douro e Minho; o pescado é vário e muito, são para ver as pescarias da sexta-feira, e quando se compra vale o arrátel a quatro réis, e se é peixe sem escama a real e meio, e com um tostão se farta toda a casa, e residem nela de ordinário 28 padres e irmãos afora a gente, que é muita, e para todos há. Duvidava eu qual era melhor provido, se o refeitório de Coimbra se este, e não me sei determinar: quanto ao espiritual se parece na observância, bom conserto e ordem com qualquer dos bem ordenados de Portugal: e estes padres velhos são a mesma edificação e desprezo do mundo, e esta fruta colheram cá por estes matos sem prática nem conferências, e são um espelho de toda virtude, e muito temos os que de lá viemos para andar, se havemos de chegar a tanta perfeição da sólida e verdadeira virtude da Companhia.

Nas oitavas do Natal ouviu o padre visitador as confissões gerais, e renovaram-se os votos dia de Jesus, e aquele dia preguei em nossa igreja, houve muitas confissões e comunhões por causa da festa e jubileu. Por se irem acabando as monções dos Nordestes quis o padre visitar primeiro a casa de S. Vicente e Piratininga para na volta estar n'este Colégio devagar: daqui partimos depois dos Reis para S. Vicente que dista daqui 40 léguas, e é a derradeira capitania. Fizemos o caminho à vista de terra, e toda é cheia de ilhas mui formosas, cheias de pássaros e pescado. Chegamos em seis dias por termos sempre calmarias à barra do Rio nomeado da *Buriquioca* (LXXIX), cova dos bugios, e por o nome corrupto Bertioga, aonde está a nomeada fortaleza para que antigamente degradavam os malfeitores: a fortaleza é coisa formosa, parece-se ao longe com a de Belém e tem outra mais pequena defronte, e ambas se ajudavam uma à outra no tempo das guerras. Daqui a vila de Santos são quatro léguas. Sabendo o padre Pedro Soares (LXXX), superior daquela casa, veio pelo rio duas léguas com outro padre, e chegando à vila já de noite. O capitão com os principais da terra estavam esperando o padre visitador na praia e o levaram até à igreja matriz por não haver ali outra, a qual tinham bem alumiada, consertada e enramada, e daí o levaram à casa, e depois mandaram a ceia de diversas aves com

muitos doces. Ao dia seguinte depois de jantar partimos para S. Vicente, e caminhando três léguas por um grande e formoso rio cheio de uns pássaros vermelhos que chamam Guará, dos formosos desta terra, os quais são como pegas: os bicos são de um bom palmo, e na ponta revoltos, e têm mui compridas pernas: nascem estes pássaros pretos, e depois se fazem pardos, depois brancos, quarto logo ficam de um encarnado gracioso, quinto logo ficam vermelhos mais que grã, e nesta formosíssima cor permanecem. Vivem junto d'água salgada e nele se criam e sustentam. Chegamos de noite à casa de S. Vicente; fomos recebidos dos padres e mais da terra com grande caridade. Dia do mártir Sebastião (20 de Janeiro de 1585) que também era domingo do Sacramento e havia festa, na matriz lhe preguei: concorreu toda a terra a ouvir o companheiro do visitador, e padre reinol. Houve muitas confissões e comunhões, assim na nossa casa como na matriz.

Desejavam os padres de Piratininga que o padre visitador se achasse naquela casa aos 25 de Janeiro, dia da conversão de S. Paulo, por ser orago da nossa igreja. Partimos uma segunda-feira, e caminhamos duas léguas por água, e uma por terra, e fomos dormir em um *teig-upaba* ao pé de uma serra ao longo de um formoso rio de água doce que descia com grande ímpeto de uma serra tão alta, que ao

dia seguinte caminhamos até ao meio-dia, chegando ao cume bem cansados: o caminho é tão íngreme que às vezes íamos pegando com as mams. Chegando ao *Paraná-piacaba*, (LXXXI) lugar donde se vê o mar, descobrimos o mar largo quando podíamos alcançar com a vista, e uma enseada de mangues e braços de rios de comprimento de oito léguas e duas e três em largo, coisa muito para ver; e parecia um pano de armar: a toda esta terra enche a maré, e ficando vazia fica cheia de ostras, caranguejos, mexilhões, briguigões e outras castas de mariscos: aquele dia fomos dormir junto a um rio de água doce, e todo o caminho é cheio de *tijucos*, (LXXXII) o pior que nunca vi, e sempre íamos subindo e descendo serras altíssimas, e passando rios caudais de água frigidíssima. Ao 3º dia navegamos todo o dia por um rio de água doce, deitados em uma canoa de casca de árvore, em a qual além do fato iam até 20 pessoas: íamos voando a remos, e da borda da canoa até à água havia meio palmo e ainda que não havia perigo de darmos à costa não faltava um não pequeno, que era dar nos paus e às vezes dando a canoa com grande ímpeto ficava atravessada. Era necessário guardar o rosto e olhos; porém a navegação é graciosa por o ser a embarcação e o rio mui alegre, cheio de muitas flores e frutas, de que íamos tocando, quando a grande corrente nos deixava; chegando a *peaçaba* (LXXXIII), lugar onde

se desembarcam, demos logo em uns campos cheios de mentrastos; aquella noite nos agasalhou um devoto, com galinhas, leitões, muitas uvas e figos de Portugal, camarinhas brancas e pretas e umas frutas amarelas da feição e tamanho de cerejas, mas não tem os pés compridos. Ao dia seguinte vieram os principais da vila três léguas receber o padre. Todo o caminho foram escaramuçando e correndo seus ginetes, que os têm bons, e os campos são formosíssimos, e assim acompanhados com alguns 20 de cavalo, e nós também a cavalo chegamos a uma Cruz que está situada sobre a vila, onde estava prestes um altar debaixo de uma fresca ramada, e todo o mais caminho feito um jardim de ramos. Dali levou o padre visitador uma cruz de prata dourada com o Santo Lenho e outras relíquias, que o padre deu aquella casa; e eu levava uma grande relíquia dos santos Tebanos. Fomos em procissão até à igreja com uma dança de homens de espadas, e outra dos meninos da escola; todos iam dizendo seus ditos às santas relíquias. Chegando à igreja demos a beijar as relíquias ao povo. Ao dia seguinte disse o padre visitador missa com diácono e subdiácono, oficiada em canto d'órgão pelos mancebos da terra. Houve jubileu plenário, confessou-se e comungou muita gente: preguei-lhe da conversão do Apóstolo. E em tudo se viu grande alegria e consolação no povo. E muito mais nos nossos, que com grande amor

no meio daquele sertão e cabo do mundo, nos receberam e agasalharam com extraordinária alegria e caridade.

Em Piratininga estive o padre visitador quase todo o mês de Fevereiro, consolando e animando os nossos; ouviu as confissões gerais, foi visitado dos principais da terra muitas vezes. Foi a uma aldeia de Nossa Senhora dos Pinheiros da Conceição (LXXXIV). Os Índios o receberam com muita festa como o costumam, mandando de sua pobreza. Também foi a outra aldeia daí duas léguas; parte do caminho fomos navegando por uns campos, por ter o rio espreado muito, e às vezes ficamos em seco. Nesta aldeia batizou o padre trinta adultos e casou em lei da graça outros tantos; no fim de Fevereiro se partiu para S. Vicente, aonde estive quase todo o mês de Março, e eu fiquei em Piratininga até ao segundo domingo da quaresma, pregando e confessando, e quando parti para S. Vicente eram tantas as lágrimas das mulheres e homens moradores, que me confundiam: mandaram-me galinhas para a matulagem, caixas de marmelada, e outras coisas, acompanhando-me alguns de cavalo as três léguas até o rio, e deram cavalgadas para os companheiros. Nosso Senhor lhes pague tanta caridade e amor.

Piratininga é vila da invocação da conversão de São Paulo; está do mar pelo sertão dentro doze léguas; é terra muito sadia, há nela

grandes frios e geadas e boas calmas, é cheia de velhos mais que centenários, porque em quatro juntos e vivos se acharam quinhentos anos. Vestem-se de burel, e pelotes pardos e azuis, de pertinas compridas, como antigamente se vestiam. Vão aos domingos à igreja com roupões ou bernes de cacheira sem capa. A vila está situada em bom sítio ao longo de um rio caudal. Terá cento e vinte vizinhos, com muita escravaria da terra, não tem cura nem outros sacerdotes senão os da Companhia, aos quais têm grande amor e respeito, e por nenhum modo querem aceitar cura. Os padres os casão, batizam, lhes dizem as missas cantadas, fazem as procissões, e ministram todos os sacramentos, e tudo por sua caridade: não tem outra igreja na vila senão a nossa. Os moradores sustentam seis ou sete dos nossos, com suas esmolas com grande abundância: é terra de grandes campos e muito semelhante ao sítio d'Evora na boa graça, e campinas, que trazem cheias de vacas, que é formosura de ver. Tem muitas vinhas, e fazem vinho, e o bebem antes de ferver de todo: nunca vi em Portugal tantas uvas juntas, como vi nestas vinhas: tem grandes figueiras de toda sorte de figos, bersaçotes, beberas, e outras castas, muitos marmeleiros, que dão quatro camadas, uma após outra, e há homem que colhe doze mil marmelos, de que fazem muitas marmeladas: tem muitos rosais de Alexandria, e porque não tem das outras

rosas, das de Alexandria fazem açúcar rosado para mezinha, e das mesmas cozidas, deitando-lhe a primeira água fora, fazem açúcar rosado para comer e fica sofrível: dá-se trigo e cevada nos campos: um homem semeou uma quarta de cevada e colheu sessenta alqueires: é terra fertilíssima, muito abastada: quem tem sal é rico, porque as criações não faltam. Tem grande falta de vestido, porque não vão os navios a S. Vicente senão tarde e poucos: há muitos pinheiros, as pinhas são maiores, nem tão bicudas como as de Portugal: e os pinhões são também maiores, mas muito mais leves e sadios, sem nenhum extremo de quentura ou frialdade, e é tanta a abundância que grande parte dos índios do sertão se sustentam com pinhões: dão-se pelos matos amoras de silva, pretas e brancas, e pelos campos bredos, beldroegas, almeirões bravos e mentrastos, não falo nos fetos, que são muitos, e de altura de uma lança se os deixam crescer. Enfim esta terra parece um novo Portugal.

Os padres têm uma casa bem acomodada, (LXXXV) com um corredor e oito cubículos de taipa, guarnecida de certo barro branco, e oficinas bem acomodadas. Uma cerca grande com muitos marmelos, figos, laranjeiras e outras árvores d'espinho, roseiras, cravos vermelhos, cebolas-cecém, ervilhas, borragens, e outros legumes da terra e de Portugal. A igreja é pequena, tem bons ornamentos, e fica muito

rica com o Santo Lenho, e outras relíquias que lhe deu o padre visitador.

O padre em S. Vicente visitou os padres, consolando muito a todos, e foi dali dez léguas pela praia a uma Nossa Senhora da Conceição, que está na vila de Itanhaém: também visitou o forte que deixou Diogo Flores (LXXXVI), com cem soldados, e do alcaide e do capitão foi visitado muitas vezes e lhes concedeu um padre que os fosse confessar por ser quaresma.

S. Vicente é capitania: tem quatro vilas, a primeira é S. Vicente, vila de Nossa Senhora da Assunção; está situada em lugar baixo mal localizado e soturno, em uma ilha de duas léguas de comprido. Esta foi a primeira vila e povoação de portugueses que houve no Brasil; foi rica, agora é pobre por se lhe fechar o porto de mar e barra antiga, por onde entrou com sua frota Martim Afonso de Sousa; e também por estarem as terras gastas e faltarem índios que as cultivem, se vai despovoando; terá oitenta vizinhos, com seu vigário (LXXXVII). Aqui tem os padres uma casa aonde residem de ordinário seis da Companhia: o sítio é mal assombrado, sem vista, ainda que muito sadio: tem boa cerca com várias frutas de Portugal e da terra, e uma fonte de mui boa água. Estão como eremitas, por toda a semana não haver gente, e aos domingos pouca. A segunda é a vila de Santos, situada na mesma ilha, é porto de mar; tem duas barras, na principal está o forte que deixou Diogo Flores,

a outra é a barra da Bertioga, que dista desta vila quatro léguas por um rio tão formoso, que podem navegar navios de alto bordo: terá a vila de Santos oitenta vizinhos, com seu vigário. A terceira é a vila de Nossa Senhora do Itanhaém, que é a derradeira povoação da costa, que terá cinquenta vizinhos, não tem vigário. Os padres visitam, consolam e ajudam no que podem, ministrando-lhes os sacramentos por sua caridade. A quarta é vila de Piratininga, que está doze léguas pelo sertão adentro, terá cento e vinte vizinhos ou mais.

No fim de Março já despedidos de S. Vicente, viemos para Santos, aonde nos esperava já o nosso navio aparelhado: preguei na matriz dia de Nossa Senhora da Anunciação (25 de Março): houve muitas confissões e comunhões. Os desta vila pediram ao padre lhes mudasse a casa de S. Vicente para ali, o que o padre lhes concedeu. Logo deram um sítio bom ao longo do mar, e a cadeia pública, e umas casas novas, que tudo valera quinhentos cruzados, e começam o edifício com suas esmolas (LXXXVIII).

De Santos partimos acompanhando-nos o capitão, o qual nunca se apartava do padre visitador, servindo-o com tanto respeito e amor que me espantava; estivemos dois ou três dias na barra da Bertioga esperando tempo, servidos de muitos e vários peixes: chegamos ao Rio de Janeiro sábado de *dominica in passimone*, onde tivemos as endoenças; preguei o manda-

to, e outro padre a paixão. Fez-se um sepulcro devoto e bem acabado, com muita cera branca.

Tendo o padre visitado o Colégio do Rio, e assentado de invernar ali aquele ano, recebeu cartas de como N. padre geral mandava doze a esta província, e que estavam para partir de Lisboa; para os agasalhar e receber se partiu para a Bahia com seus companheiros, padre provincial, padre Ignacio Tolosa, e alguns irmãos; gastamos na viagem trinta e dois dias, e quis-nos Nosso Senhor modificar, e dar a entender quanto trabalhosa era a navegação desta costa, porque até então todas as viagens que o padre visitador fez foram mui bem assombradas e mar bonança, mas esta como era a derradeira, foi tal, tão contrários os ventos e tais as tempestades, que vindo embocar na Bahia e estando à vista de terra, nos deu tão forte tempo que estivemos perdidos uma noite com o navio meio alagado, e o traquete desaparelhado, e nós confessados nos aparelhamos para morrer, e se daquela fôramos, lá ia a maior parte da província, não em número, mas em qualidade (LXXXIX). Eu não no havia por mim, porque já me oferecia que me deitassem às ondas como Jonas, mas queria acabar juntamente com os padres visitador, provincial, Ignacio Tolosa, e outros irmãos de boas habilidades e virtude, para ajudarem esta província: certamente que isto me desconsolava. Porém foi Nosso Senhor servido consolar esta província com de novo lhe conceder os sobreditos. Chegados à Bahia nos achamos

sem os padres, que não foi pequena mortificação, e eu em extremo me consolei com saber que o padre Lourenço Cardim com tanto ânimo acabara por obediência em tão gloriosa empresa (XC). Tive-lhe grande inveja, pois vai diante de mim, e em tudo sempre me levou a vantagem.

Chegados à Bahia mandou o padre visitador recado ao padre Luiz da Grã, que viesse a este colégio, e foi o recado em tão boa conjunção que aos 13 de Outubro chegou aqui. O padre visitador com os mais padres, que para esse fim aqui ajuntou, estão dando remate e última resolução à visita e negócios desta província, etc.

Isto é o que se me ofereceu da nossa viagem e missão para dar conta a Vossa Reverência. Resta pedir os santos sacrifícios de Vossa Reverência e sua santa benção e ser encomendado em os sacrifícios e orações dos mais padres e irmãos dessa província. Deste Colégio da Bahia, a 16 de Outubro de 85.

Por comissão do Padre Visitador

Christovão de Gouvêa.

De V. R. filho indigno em Cristo N. S.

Fernão Cardim.

II

Ao muito reverendo em Cristo Padre, o Padre Provincial de Portugal:

Continuarei nesta o que sucedeu depois da última que escrevi a Vossa Reverência em 16 de Outubro de 85, que foi o seguinte. Tanto que o padre visitador teve aqui na Bahia juntos os reitores dos Colégios, e outros padres professores, e antigos, atendeu dar a última mão à visita desta província, em a qual ordenou coisas muito necessárias ao bom meneio dos Colégios e residências, aldeias dos índios, missões, assentando algumas coisas, a da visita para todos poderem observar com grande glória divina, bom procedimento da Companhia, e bem da conversão, a observância religiosa a mandou a nosso padre geral, e lhe veio toda aprovada sem lhe tirar coisa alguma, e assim se pratica até agora com notável fruto, e ainda que depois se ventilaram sobre ela algumas dúvidas sempre nosso padre sustentou, avisando a todos por suas cartas secretamente, que se guardasse assim como estava, o que se faz com boa satisfação, e assim mesmo aprovou outra visita particular do Colégio da Bahia, de que se não seguiu menos fruto.

Depois disto teve o padre visitador carta de nosso padre geral, em que lhe dizia que havia de ir para Portugal, e eu havia de ser companheiro do padre provincial Marçal Belliarde

(XCI); porém se não partisse para esse reino até a chegada do padre Marçal Belliarte. Daí a um mês, ou pouco mais, recebeu outra do nosso padre, pela qual lhe ordenava que me encarregasse deste colégio da Bahia. Veja Vossa Reverência qual eu ficarei com um peso tão sobre minhas forças, mas supriram, como espero da caridade de Vossa Reverência, seus santos sacrifícios, em que muito me encomendo, etc.

Algumas coisas fez o padre dignas de memória, e muito aceitas aos deste Colégio: a primeira foi um poço de noventa palmos de alto, e sessenta em roda, todo empedrado, de boa água, que deu muito alívio a este Colégio, que por estar em um monte alto, carecia de água suficiente para as oficinas; e também fez um eirado sobre colunas de pedra, aberto por todas as partes, e fica eminente ao mar, e naus que estão no porto que servem de repousos; e é toda a recreação deste Colégio, porque dele veem entrar as naus, descobrem boa parte do mar largo, e ficamos senhores de todo este recôncavo, que é uma excelente, aprazível e desabafada vista; fez uma quinta, e nela umas casas com capela, refeitório, cozinha, uma sala com suas varandas, e um formoso terreiro com uma fonte que lança mais de uma manilha de água, muito sadia para beber; mandou plantar árvores de espinho e outras frutas, que tudo faz uma boa quinta, que se pode comparar com as boas de Portugal.

Como o mar andava infestado de franceses e ingleses se deteve o padre Marçal Belliarte com seus companheiros nessa província até 7 de Maio de 87, em que chegaram a Pernambuco, aonde se detiveram até 20 de Janeiro de 88, que entraram nesta Bahia, e foram recebidos dos nossos com grande consolação e alegria, principalmente do padre visitador, que desejava descarregar-se do trabalho que exercitava havia tanto tempo; porém sucedeu ao contrário, porque o padre Marçal Belliarte lhe deu uma carta de nosso padre geral, em a qual lhe mandava que lhe desse companheiro e consultores, e fizesse reitores dos Colégio e superiores nas residências, e depois de bem informado o padre provincial, havendo bons cômodos de embarcação, se partisse para esse reino. Logo sucedeu não haver embarcações cômodas no porto e foi necessário esperar uma nau bem artilhada de um André Nunes, vizinho do Porto. Determinando o padre de nela se partir, foram tantas as novas que correram dos muitos ingleses e franceses que colhavam o mar, e da armada do Sr. D. Antônio, que pôs em consideração a partida; e como o padre aqui não tinha superior, me mandou que o tratasse com todos os padres deste colégio, os quais por escrito deram seus pareceres e ainda que a maior parte se inclinava a não se partir pelas razões apontadas, todavia como a nau era boa, com parecer do Bispo e outros

Srs. desta cidade se fez à vela no princípio de Março de 89, e andando no mar 3 ou 4 dias sem se poderem emarar mais que 18 até 20 léguas, foi tão grande a tormenta e tempestade desfeita que tomou a nau de luva e abriu uma água tão grande, que se viram de todo perdidos e tornaram a arribar a esta Bahia. Os padres, o Sr. Bispo e outras pessoas de conta acabaram com ele que não fosse por então, e assim esteve neste Colégio com muita consolação nossa até 20 de Maio, em que se partiu para Pernambuco em uma nau do Porto sem artilharia.

Em Pernambuco esteve até à véspera de S. Pedro e S. Paulo, e tomados os pareceres do padre Luiz da Grã, reitor e mais padres por escrito, se embarcou, dizendo ao padre Luiz da Grã, que lhe parecia havia de ser tomado dos franceses, o que ouvindo o padre Luiz da Grã, pela eficácia com que o padre lhe disse, lhe tornou a rogar com outros padres que se não partisse; respondeu-lhe o padre que já Sua Reverência com os mais, tinham assentado, e ele aceitado aquela obediência como da mão de Deus, e que já estava oferecido a tudo o que Deus dele ordenasse, etc. e assim embarcando-se véspera dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, ao seu dia, com o terral da manhã se fizeram à vela para esse reino; tiveram sempre próspera viagem até à altura de Portugal, em que foram tomados uma manhã de um brecho-

te francês, sem haver alguma resistência, por a nau ser desarmada sem nenhuma defesa, 6 de Setembro.

E posto que Vossa Reverência lá terá plena informação dos particulares que nela aconteceram, não deixarei de apontar alguns mais principais, assim como nos relatou o mesmo padre por sua carta, e o padre Francisco Soares (XCII) seu companheiro. Tanto que a nau foi entrada de sete ou oito franceses, o padre se foi ao capitão e lhe disse, que lhe daria algumas coisas que trazia em seu escritório, que lhe pedia por mercê lhe deixasse alguns papéis que nele tinha, pois lhe não serviam; foi com isso contente o capitão, e o padre mandou vir o escritório, e lhe deu, que era uma peça de estima, de madeira de várias cores e obra bem acabada por um irmão nosso, e insigne carpinteiro e marceneiro, e juntamente alguns rosários de cheiro, pelo que lhe deixou todos os papéis e lhe deu para os meter, um baú do mesmo padre, que já outro francês tinha pilhado, e o capitão lhe prometeu de olho satisfazer. Nove dias os trouxeram os franceses consigo, nos quais padeceram muita sede, fome e frio, e mal agasalhado, com que ao padre deu um catarro rijo com febre que o tratou muito mal e pôs em risco da vida, mas esta tinham eles tão arriscada que cada dia esperavam pela morte a que estavam oferecidos. Andando com eles apareceu uma formosa nau

inglesa, aqui de todo cuidaram não escapar, mas livrou-nos Nosso Senhor, porque se contentou o inglêz com perguntar, que porta a nau e respondendo-lhes os franceses que bacalhau, passou; mas não passou a fúria dos franceses, que vendo ir pela água uns papéis, que por serem de segredo o padre os mandou lançar ao mar, e como eles são desconfiados, cuidaram que ia ali alguma traição ou cartas para El-Rei, em que por isso os lançaram ao mar: saltou a fúria neles, e o capitão com outros tomaram as achas de fogo, e deram uma boa a cada um dos nossos, ao irmão Barnabé Tello pelo rosto, ao padre Francisco Soares pelas costas, e ao padre por uma coxa, estas são boas piculas sem post pasto: mas não faltou este para o padre visitador, porque, não satisfeito, um deles achou uma tigela de fogo, e lhe aremessou à cabeça com tanta força que lhe tratou muito mal um olho; acudiu logo outro francês, e de um rolo que tinha tomado aos padres lhe fez uma pasta e lá pôs nele. Veja vossa Reverência que caridade esta, não esperada de gente que lhe tinham tomado até as vestes; e porque o padre sem elas por causa do muito frio e catarro padecia muito, rogaram ao capitão que lhe desse um manto para se abrigar por causa do muito frio; mas pouco lhe durou, porque indo o padre para cima tomar ar e aquecer-se um pouco ao sol, quando tornou se achou sem o manto, que nunca mais apareceu. Outra atribulação gran-

de padeceram espiritual, e foi desta maneira: lançou o padre Francisco Soares uns poucos de papéis do padre pelo botoque de um pipa d'água salgada, para que lhes não vissem os franceses, e lhe tornassem a dar outras poucas de pancadas. Eis que o capitão manda fundir a nau e vazar a pipa, os padres que estavam temerosos, temendo que em saindo os papéis rotos os franceses se indignassem contra eles e os matassem, estando já para sair os papéis subitamente o capitão e mais franceses se levantaram e foram para a tolda de cima, deixando a pipa que se acabasse de vazar de água, e assim ficaram livres e desassombrados deste perigo; mas não de outro em que um francês tentou o padre visitador, porque dando-lhe em sexta-feira um pouco de toucinho, o padre lançou fora, e o francês desejoso que o comesse-lo metia por força na boca; e porque o padre o lançava fora, estava o francês com uma faca na mão, que lhe queria meter pelo rosto e olhos, apertando que comesse, porém vencido da constância do padre desistiu de seu mal intento. Em outro perigo se viram não menor que o passado, e foi que achando um francês uma faca grande e uma moeda de prata junto dos padres, entrou nele a imaginação que tinham ali aquela faca para com ela lhes fazerem traição e os matarem; porém, respondendo os padres com humildade, que não sabiam quem ali pusera a faca, se deram por satisfeitos; e chegando já

junto da Rochella, encontram um brechote pequeno sem coberta, com três pescadores Bretões, que saindo de Bordéus aonde foram vender pescados, com tormenta andavam desgarrados por esse mar quase de todo perdidos, lançaram os franceses sua lancha fora, e tomaram os pobres pescadores e deram-lhes muitas pancadas, tomaram-lhe o dinheiro e mais que trazia. Nesta embarcação lançaram os padres com alguns marinheiros e passageiros; mas primeiro tornaram a buscar os nossos e abriram o baú dos papéis e sacudiram todos folha e folha, a ver se achavam algum dinheiro; mas não o achando, tornaram a meter os papéis no baú e os deram aos padres. Não queria o capitão largar o padre visitador, reservando-o para resgate em troco d'alguns parentes seus que foram tomados pelos espanhóis; sabendo isto Manuel Alvares, capitão da nau portuguesa, lhe pediu que o largasse, que lhe não dariam nada por ele, que era muito doente, e lhe morreria sem alcançar o que pretendia. E um João Alvares, mestre da nau portuguesa, irmão do dito capitão Manuel Alvares, que estava muito ferido de uma arcabuzada pelo rosto, e uma cutilada pela cabeça pediu também ao capitão francês que deixasse ir com ele, e com os mais o padre, porque d'outra maneira sem falta morreria; e assim o largou e deixou embarcar. Estavam da costa setenta até oitenta léguas, e com uma fraca vela esfarrapada, e dois remos,

com um barril de cerveja bem negra, e um pouco de biscoito pouco alvo e quase podre; veja Vossa Reverência que desumanidade esta, parece que os largaram para morrer nesse mar, pois os largavam em tão boa embarcação, e com tal matulagem. Começaram sua perigosa e venturosa viagem: acudiu-lhes Nosso Senhor com um bom vento galerno, que em dois dias e meio os levou à Biscaia, porto de Santo André. Saíram em terra muito desfigurados de fome, rotos, maltratados de frio, e tão lastimosos que as vendeiras pelas ruas ofereciam aos padres das maçãs e frutas que vendiam; iam eles tão desfalecidos que nada lhes aceitaram por estarem mais para morrer, do que para comer. A esta tão urgente necessidade lhes acudiu Nosso Senhor com sua misericórdia, por meio de um abade de bago, isento administrador eclesiástico, irmão do nosso padre Dessa, que era como bispo daquela terra; este sabendo que eram da Companhia, e foram roubados, os mandou agasalhar em uma estalagem, aquele sábado, 15 de setembro, e lhes mandou dar um prato de miúdos, pão, vinho e maçãs, com que em alguma maneira se refizeram; e mostrando-lhe o padre a patente, como os reconheceu de todo por da Companhia, os levou para sua casa, e meteu em uma câmara onde os regalou com abundância, pondo-os à sua mesa por espaço de cinco ou seis dias, nos quais se refizeram de roupa, e tornaram em

cavalgaduras até Burgos: de Burgos a Valhadoli, e dali até Bragança, passaram no caminho muitos frios e incomodidades, com que acabaram de perfeiçoar sua viagem, e Nosso Senhor terá lembrança de lhe dar os prêmios destes trabalhos em sua glória.

Quoniarn beatus vir quis ufert tentationem: qui cum probatus fuerit, accipiet coronã vitæ, etc.

Da Bahia, a 1º de Maio de 90.

De V. R. Filho indigno em Cristo N. Senhor.

Fernão Cardim.

NOTAS

I – O padre provincial em Portugal, a quem Fernão Cardim se dirigia, era o padre Sebastião de Moraes, que exerceu o cargo de 1580 a 1588 e foi na ordem cronológica o nono provincial daquela província. Dele era sócio ou secretário o padre Christovão de Gouvêa, quando foi nomeado pelo geral Claudio Acquaviva para visitador do Brasil. Sebastião de Moraes nasceu em Funchal, na Ilha da Madeira, em 1534; entrando para a Companhia de Jesus em Portugal, passou para o ducado de Parma, como confessor da princesa D. Maria, voltando ao reino em 1577, depois de falecida aquela princesa. Era provincial quando foi nomeado bispo do Japão por Filipe II, confirmado por Sixto V, em 1577, e sagrado em Lisboa em março do ano seguinte; embarcando logo para o Oriente com sete companheiros, não chegou ao seu destino, porque faleceu em Moçambique, a 7 de julho de 1588, vitimado por doença contagiosa que assaltou a nau em que viajava. – Conf. *Agiologio lusitano* tomo IV, p. 81, letra A.

II – Christovão de Gouvêa nasceu na cidade da Porto a 8 de janeiro de 1542; entrou para a Companhia de Jesus em 1566. Recebidas as ordens de presbítero em Évora, assistiu quatro anos nessa cidade, onde exerceu a reitoria do Colégio dos Porcionistas; foi depois

mestre de noviços no Colégio da Companhia em Évora e com o mesmo ministério passou para o de Coimbra em 1572; foi ainda reitor do Colégio de Braga e do de Santo Antão de Lisboa. Era sócio ou secretário do provincial Sebastião de Moraes, quando foi nomeado visitador da província do Brasil, sendo o segundo que veio nesse carácter. O primeiro foi o padre Ignacio de Azevedo, em 1566. Era irmão do padre João Madureira ou João de Gouvêa, como também se chamou, que, vindo por visitador do Brasil em 1601, com o padre Fernão Cardim e outros, foi tomado por piratas ingleses, e, conduzido para a Inglaterra, faleceu no mar em 5 de outubro do mesmo ano.

De seus serviços e dos índios aldeados quando os corsários Withrington e Lister, em abril de 1587, atacaram a Bahia, em cuja defesa se cobriu de glórias, há menção em Fernão Guerreiro, nos excertos *Das cousas do Brasil*, que publicou Candido Mendes de Almeida – *Memorias para a historia do extincto estado do Maranhão* (Rio de Janeiro, 1874), tomo II, p. 509-510. Em Hakluyt – *Principal navigations*, 11, p. 202/227, citado por Capistrano de Abreu – *Prolegomenos à História do Brasil*, de frei Vicente do Salvador (São Paulo e Rio, 1918), p. 246, encontra-se a narrativa inglesa escrita por John Sarracoll, mercador que vinha a bordo de um dos navios. Por essa relação apura-se que os corsários ingleses apareceram a 11 de abril

e se detiveram na Bahia até começos de junho (estilo juliano).

Ao voltar para Portugal, finda a visita à província do Brasil, Christovão de Gouvêa e seus companheiros foram aprisionados por corsários franceses, em 6 de setembro de 1589, como miudamente conta Fernão Cardim no final de sua relação, sendo largados no mar a 70 ou 80 léguas da costa, em frágil embarcação, que milagrosamente os levou a Biscaia, porto de Santo André, onde desembarcaram. Em Portugal o padre ainda exerceu cargos eminentes da Companhia; faleceu em Lisboa, a 13 de fevereiro de 1622, com 80 anos de idade e 66 de roupeta. Outros dados sumários para a sua biografia consigna Barbosa Machado – *Bibliotheca lusitana* (Lisboa, 1741), tomo I, p. 578-579.

Das obras que escreveu há ali referências às seguintes:

– *Historia do Brasil, e costume de seus habitadores*. O manuscrito se conservava no Colégio de Coimbra, onde o viu George Cardoso, conforme se infere do *Agiologio lusitano*, tomo I, p. 120, *Comentario* a 25 de fevereiro, letra B. Não foi impresso e infelizmente pode ser considerado perdido.

– *Comentario das ocupações que teve, e do que nelas fez* – também não foi impresso; faz dele menção o padre Antonio Franco – *Imagem da virtude em o Nociado do Colégio de Coimbra*,

liv. I, cap. 31, § 7. A Christovão de Gouvêa atribuiu inadvertidamente Barbosa Machado o *Sumário das armadas que se fizeram, e guerras que se deram na conquista do rio da Parahyba*, etc., de que viu cópias manuscritas nas livrarias de seu irmão padre José Barbosa, clérigo regular, e do conde de Vimieiro. Varnhagem, nas *Reflexões críticas* (Lisboa, 1837), notou que a autoria daquele escrito não podia pertencer ao visitador, a quem somente era dirigido; na *História Geral do Brasil*, 2ª ed., tomo I, p. 348, conferiu-a ao padre Jeronymo Machado, que fora testemunha presencial dos acontecimentos relatados, como Cunha Rivara — *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborensis* (Lisboa, 1850), tomo I, p. 19-20, havia proposto, e Candido Mendes (op. cit. p. 507, nota 4) tacitamente aceitara. Para Capistrano de Abreu — *Prolegomenos citados*, p. 137, pode ter sido autor do Sumario o padre Simão Tavares, que também assistiu à parte dos sucessos. Além das cópias manuscritas a que se refere Barbosa Machado, conhecem-se ainda a da Biblioteca de Évora, descrita por Cunha Rivara em seu *Catalogo* e a da Biblioteca Nacional de Lisboa; aquela devia ter servido para a publicação que sob o título geral de *Conquista da Parahyba* fez o periódico *Iris*, de José Feliciano de Castilho (Rio de Janeiro, 1848, v. I, p. 38 e seg.), porque vem precedida de dois sonetos castelhanos em louvor ao ouvidor-geral Martim Leitão, general

da conquista, referidos no mesmo Catálogo; a outra serviu declaradamente para a impressão da *Revista do Instituto Histórico*, tomo 36, parte I (1873).

III – Manuel Teles Barreto estava nomeado desde 20 de novembro de 1581 para capitão da cidade do Salvador e governador da dita capitania e das outras do Brasil; mas só chegou à Bahia a 9 de maio de 1583, empossando-se de seus cargos, não nesse dia, como escreve Varnhagen – *Historia geral*, 2ª ed., v. I, p. 344, mas dois dias depois, a 11, conforme apurou Braz do Amaral – *Memórias históricas e políticas da província da Bahia*, de Acioli (Bahia, 1919), v. I, p. 417, corrigindo esse autor, que dilatou a data daquela investidura para 11 de junho. Teles Barreto governou até 27 de março de 1587, quando faleceu. Para Jaboaão e Miralles a data de sua morte é 10 de agosto; mas Capistrano de Abreu – *Prolegomenos* citados, p. 245, opina pela primeira porque já regia a terra a junta de governo formada pelo provedor-mor Christovão de Barros e pelo bispo D. Antonio de Barreiros, quando Withrington e Lister assaltaram a Bahia, o que se passou em abril, como já vimos. De Teles Barreto, vindo governar a Bahia, diz frei Vicente do Salvador que “era de sessenta anos de idade e não só era velho nela, mas também de Portugal o velho; a todos falava por vós, ainda que fosse ao bispo, mas caía-lhe em graça, a qual não têm os velhos todos”.

IV – Na comitiva do visitador vieram os padres Fernão Cardim, autor desta relação, e Rodrigo de Freitas que já estivera em Pernambuco de 1568 até fins de 1573, quando, com o Dr. Antonio de Salema, veio para a Bahia, de onde seguiu para Lisboa, levando em sua companhia o índio Ambrosio Pires (e não Rodrigues, como está na edição de Varnhagem e reedições posteriores), segundo se lê no texto. Veio também o irmão Barnabé Tello, o tocador de berimbau que antes fora secretário do padre Simão de Azevedo. A Christovão de Gouvêa acompanhou esse irmão em toda a sua visita do Brasil e com ele voltou a Portugal, sofrendo na tornada as mesmas vicissitudes. Cardim, muitas vezes, com simpatia se refere a Barnabé Tello. Na lista não se encontra o nome do irmão noviço Martinho ou Martim Vaz, que consta da *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania*, do padre Augusto Franco, excertada por Antonio Henriques Leal (Lisboa, 1874), tomo II, p. 189/252.

Sobre o padre Rodrigo de Freitas o que se sabia limitava-se à notícia supra. Documentos agora divulgados (1937) informam melhor a seu respeito. Veio para o Brasil com Thomé de Sousa, já era cavaleiro da casa real e tinha um ofício de fazenda, o de escrivão da matrícula geral. No governo de D. Duarte da Costa, com “as malícias deste tempo e a má vontade que me tem o governador e o ouvidor (Braz Frago), que também serve de provedor-mor”,

– foi preso, condenado em degredo e em dinheiro sob acusação de alcance verificado nos livros do armazém da matrícula (Apontamentos do escrivão do Salvador Rodrigo de Freitas [1555], em *Historia da colonização portuguesa do Brasil*, v. III, p. 366/371). Era casado: sua sogra morreu no naufrágio da nau “Nossa Senhora da Ajuda”, com o primeiro bispo do Brasil, o deram dos cônegos, o provedor-mor e outras pessoas. Por provisão real de 5 de outubro foi nomeado escrivão das rendas de Sua Alteza no Brasil, ofício que devia ser mais vantajoso do que o que tinha antes. Por esse tempo ficara viúvo. Em 4 de outubro do ano que está em branco no documento, mas é o de 1560, Mem de Sá proveu em seu cargo a Sebastião Moraes, “por Rodrigo de Freitas... se meter na Ordem dos Padres da Companhia de Jesus, e não poder servir dito ofício conforme a direito, e ordenação de Sua Alteza...” – Documentos históricos, v. XXXVI, p. 132-133.

V – Os frades Bentos vieram estabelecer-se na Bahia durante o governo de Lourenço da Veiga (1 de janeiro de 1578 a 11 de junho de 1581). Segundo Anchieta – *Informações e fragmentos históricos* (Rio de Janeiro, 1866), p. 13: “no ano de 83 vieram dois de São Bento com ordem de seu Geral. A estes se deu um bom sítio na Bahia e uma igreja de São Sebastião, e fazem já mosteiro: são três por todos até agora e começam a receber alguns outros a ordem”. Deles foi o primeiro frei

Antonio Ventura. Manuel Teles Barreto, em carta a El-Rei D. Sebastião, de 14 de agosto de 1584, respondendo a outra de recomendação em favor dos Beneditinos, escreveu que “havia sido mui bem recebidos, que iam em crescimento, mas que necessitavam que Sua Majestade lhes fizesse alguma esmola”. — Citação de Varnhagen — *Historia geral do Brasil*, 2ª ed., tomo I, p. 354 — Ver Balthazar da Silva Lisboa — *Annaes do Rio de Janeiro* (Rio Janeiro, 1835), v. VI, p. 265 e segs., e com mais pormenores e mais copiosa documentação sobre a Ordem dos Beneditinos do Brasil, a excelente memória do Dr. B. F. Ramiz Galvão, na *Revista do Instituto Historico*, tomo 35, parte I (1872), p. 249 e segs.

VI — Na edição de Varnhagem, de 1847, como nas duas reimpressões de Mello Moraes e na da *Revista do Instituto Historico*, tomo 65, parte I (1902), vem a chegada à Bahia a 9 de março, erro evidente que corrigimos para 9 de maio, de acordo com a cópia de Évora.

VII — Gregorio Serrão entrou para a Companhia em 1550, em Coimbra, e chegou à Bahia no terceiro socorro, a 13 de julho de 1553, com o padre Luiz da Grã e outros padres e irmãos, entre os quais José de Anchieta; vinha ainda como irmão ou escolar e exercia o ofício de enfermeiro. Em Piratininga residiu muito tempo em companhia do irmão Manuel de Chaves, aprendendo a língua da terra e ensinando os meninos da escola. Passados al-

guns anos nesses exercícios, foi mandado para a Bahia, onde em julho de 1562 recebia das mãos do bispo D. Pedro Leitão as ordens sacerdotais. Serviu como reitor do Colégio da Bahia cerca de 20 anos e nesse ínterim, em fins do ano de 1575, foi mandado a Roma na qualidade de procurador da província, sendo Geral ao tempo o padre Everardo Mercuriano. Tendo exposto ali e em Portugal a importância de Pernambuco, e como estava povoado de gente nobre e rica, conseguiu que se fundasse Colégio naquela capitania, e se dotasse para 20, o que foi feito logo em 1576, sendo esse Colégio o terceiro do Brasil. Em 1578 regressou à província, trazendo em sua companhia 16 padres e irmãos, que foi o maior contingente que chegou ao Brasil no século XVI. Doente, e como sua enfermidade não tivesse melhora, entendeu o provincial, que era então Anchieta, de mandá-lo para o Rio de Janeiro, com esperança de que, mudando de clima, lograsse alívio a seus males. Em viagem, o navio em que vinha com outros padres e irmãos arribou ao Espírito Santo e aí faleceu o padre Gregorio Serrão, a 25 de novembro de 1586, com 36 anos de Companhia e 33 de Brasil. Foi enterado na capela de Santiago, onde mais tarde foi sepultado o corpo de Anchieta, o provincial que, segundo as crônicas, ao ordenar-lhe seguisse viagem, lhe dissera profeticamente: — “Vade frater, quia postea nos conjungit locus.”

Na *America abreviada* do padre João de Sousa Ferreira, inserta na *Revista do Instituto Historico*, tomo 57, parte I (1894), vem a resolução que assinou com o bispo (D. Antonio de Barreiros) e o ouvidor geral Cosme Rangel, sobre os injustos cativeiros dos índios, na qual se criticam as determinações nesse sentido tomadas pelos governadores Luiz de Brito e Antonio de Salema, e se indicam os remédios para o aumento e conservação do estado do Brasil.

VIII — O padre Manuel de Barros chegou à Bahia com a grande leva que trouxe o padre Gregorio Serrão em 1578. Era dos melhores pregadores que havia na província, — informa Cardim, que a ele se refere mais de uma vez. Manuel de Barros faleceu na Bahia em 1587.

IX — Dos Monizes de Portugal trata Braancamp Freire — *Brasões da sala de Cintra* (Lisboa, 1859), ed. 11, p. 234/262. No reinado de D. João I viveu Vasco Martins Moniz, filho de Branca Lourenço e de Martim Fagundes, que pelas eras de 1415 a 1417 foi encarregado da guarda e arrecadação dos igrejários reais de Beja, Serpa, Moura, Mourão e Olivença. Casou Vasco Martins com Brites Pereira e foi e progenitor dos alcaides-mores de Silves, dos senhores de Angeja e de vários ramos no continente e nas ilhas. Outro Moniz, Febos Moniz, floresceu no reinado de D. Manuel. Nas cortes

celebradas em Lisboa, de fevereiro a março de 1494, em que se deliberou sobre a jornada do rei e da rainha para serem os jurados os príncipes herdeiros de Castela e Aragão, se encontra nomeado Febos Moniz entre os oficiais-mores e fidalgos. Damião de Góes — *Chronica do serenissimo rei D. Emanuel* (Coimbra, 1790), parte 1, cap. XXVI, p. 54.

O governador Manuel Teles Barreto era filho do capitão Henrique Moniz Barreto, que no ano de 1529, a 1 de setembro, seguiu para a Índia comandando a nau Concepção, uma das quatro da armada do capitão-mor Diogo da Silveira. Henrique Moniz faleceu no mar, e levava consigo dois filhos de pouca idade: Antonio Moniz, que depois foi governador da Índia, e Ayres Moniz do Couto — *Décadas* (Lisboa, 1778), tomo I, parte II, p. 39; Frei Luiz de Sousa — *Annaes de El-Rei Dom João Terceiro* (Lisboa, 1844), p. 258; Manuel Xavier — *Compendio universal* (Nova Goa, 1917), p. 18.

X — Segundo Cardim existiam no Colégio da Bahia, quando chegou o visitador Christovão de Gouvêa, duas cabeças das Onze Mil Virgens; o padre trouxe mais outra. até 1584, conforme Anchieta — *Informações* citadas, p. 25, havia em todo o Brasil seis dessas relíquias, que o texto assim distribui: três no Colégio da Bahia, uma em Pernambuco, uma no Rio de Janeiro; quanto à restante estaria talvez em Piratininga. Naquele ano foi criada na Bahia a irmandade

Onze Mil Virgens. Dos *Annales litterarii* excerptados por A. Henrique Leal – *Apontamentos* citados, tomo I, p. 165, consta referência ao fato: “Faltando chuvas e havendo muita seca, fizeram preces e procissão noturna indo nela um andor com a cabeça de uma das Onze Mil Virgens, e logo se toldou o céu, e começou a chover.” Representaram os padres por essa ocasião um mistério ou auto das Onze Mil Virgens: “o público chorara (dizem os *Annales*), e não se pode significar quanto começamos a ser procurados e concorridos depois desta solenidade”.

À Irmandade das Onze Mil Virgens dispensou o bispo D. Antonio de Barreiras favores valiosos e prometeu dar perpetuamente a cera para o altar.

XI – Refere-se Cardim à quinta do Tanque, que atualmente é conhecida por quinta dos Lázaros, situada no arrebalde de Brotas, a uma légua da cidade da Bahia. Aí viveu o padre Antonio Vieira os últimos anos de sua vida.

XII – O Colégio da Bahia foi o segundo estabelecido no Brasil, sendo o primeiro o de São Paulo de Piratininga. O ano de sua fundação foi o de 1556, quando o padre Manuel da Nobrega voltou do Sul, tendo desistido de ir ao rio da Prata. Por provisão de 7 de novembro de 1564, El-Rei D. Sebastião dotou o Colégio para 60 irmãos. “Como a cidade da Bahia teve grandes aumentos nos engenhos de açúcar e fazendas e muito trato de portugueses, e como

é o assento dos governadores e bispos (escreve Anchieta – *Informações* citadas, p. 23), assim também cresceu muito, porque todos os irmãos que eram mandados de Portugal vinham a ele (Colégio) e prosseguiu seu estudo muito de propósito, abrindo-se escolas para todos os de fora. Nela há de ordinário escola de ler, escrever e algarismos, duas classes de humanidades, leram-se já dois cursos de artes, em que se fizeram alguns mestres de casa e de fora e agora (1584) se acaba terceiro. Há lição ordinária de casos de consciência, e, às vezes, duas de teologia, donde saíram já alguns mancebos pregadores, de que o bispo se aproveita para a sua Sé, e alguns curas para as freguesias. A este Colégio estiveram subordinadas todas as casas das capitâneas, até que houve outros Colégios, e agora não são mais a ele subordinadas que as dos Ilhéus e Porto Seguro.”

A dotação real era de três mil ducados de renda anual, “que seus oficiais pagam muito mal, pelo que o Colégio está endividado” – lastima Anchieta, *ibi*, p. 36. A cal de ostra, como chama Cardim, era a extraída dos *sambaquis*; no *Clima do Brasil*, cap. XVIII, quando trata das ostras, alude a esses montes de cascas, de um só dos quais se “fez parte do Colégio da Bahia, os paços do governador, e outros muitos edifícios, e ainda não é esgotado”. – Veja Gabriel Soares, *Tratado descriptivo do Brasil em 1587* (Rio de Janeiro, 1851, p. 355-356.)

XIII – A aldeia do Espírito Santo era uma das três povoações cristãs que o Colégio da Bahia por esse tempo tinha a seu cargo. Uma carta do padre Ruy Pereira aos da Companhia em Portugal, datada de 11 de setembro de 1560, que publicou Acioli – *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia*, tomo III (Bahia, 1836), p. 235-253, refere-se à igreja do *Sancti Spiritus*, que distava da Bahia até seis léguas pouco mais ou menos. Haveria dois anos que andavam padres nessa povoação, em que se ajuntaram sete aldeias com mil almas cristãs. Segundo Anchieta – *Informações* citadas, p. 38, acorde com Cardim, a aldeia ficava a sete léguas da Bahia; das outras duas, Santo Antonio distava oito e São João 14 léguas daquela cidade. As três deviam ter 2.500 pessoas, e dois ou quatro padres residindo em cada uma. Em Gabriel Soares – *Tratado descriptivo* citado, p. 50, há notícias dessas aldeias. Uma relação anônima, mas de procedência jesuítica, talvez da autoria do padre Luiz da Fonseca, intitulada *Trabalhos dos primeiros jesuitas do Brasil*, publicada na *Revista do Instituto Historico*, tomo 57, parte I (1894, p. 213/249), informa suficientemente sobre esse assunto.

A aldeia do Espírito Santo é hoje Abrantes.

XIV – *Tapyara*, *tapeyára* ou *tapejára* é vocábulo Tupi composto de *apé* caminho, que recebe o *t* genérico ou absoluto, e *yára*, do verbo *yár* tomar; o que toma, senhor, dono; sabedor

do caminho, guia, vaqueano; useiro e vezeiro, no *Dicionario Portuguez, e Brasileiro* (Lisboa, 1795).

XV – O homem rico, que agasalhou o visitador e sua comitiva, é possível fosse Sebastião Luiz, que tinha na regiam uma fazenda. — Gabriel Soares — *Tratado descriptivo* citado, 51.

XVI — *Cunumi* é vocábulo Tupi e significa menino. Em Anchieta — *Arte de gramatica*, reimpressão de Platzmann (Leipzig, 1876), fl. 9 v., vem *cunumi* menino; mas no *Dicionario Portuguez, e Brasileiro* citado está curumim rapaz.

XVII — *Anhangá*, melhor *anhanga* é vocábulo Tupi, que significa alma do mal: *ai* mal, *ang* alma, isto é, diabo, demo, demônio. No *Dicionario Portuguêz, e Brasileiro* tem a única acepção de fantasma. — Conf. Baptista Caetano — *Índios do Brasil*, ver *anhang*.

XVIII — *Murubixaba*, chefe da tribo, principal. No *Tesoro* de Montoya vem *mburubichá* que se compõe de “*pó* contiens *tubichá* grande, el que contiene em si grandeza, Principe, Señor”. — Conf. Baptista Caetano — *Índios do Brasil*, ver *morubixaba*.

XIX — *Ereiupe* é dicção Tupi, que assim se decompõe: *erê* tu, *júr* do verbo *ajû*, vieste, e *pe*, partícula interrogativa: “Tu vieste?” Era a forma de saudação comum aos povos da família Tupi, o *salamaláh* da raça, na comparação apropriada de Varnhagen. — Conf. Baptista Caetano — *Índios do Brasil*,.

XX – Ver nota XIII. Nesse passo, a informação de Cardim não combina com a de Anchieta, que faz distar a aldeia de São João 14 léguas da Bahia.

XXI – O irmão Francisco Dias foi um dos que vieram na leva do padre Gregorio Serião, em 1578. Faltam notícias a seu respeito.

XXII – Os engenhos *copeiros* são aqueles cuja roda se move com a água, que cai de cima nos cubos mais altos; *rasteiros*, também chamados meio-copeiros, quando a roda toma a água pelo meio, abaixo do eixo; *trapiches* são os de almanjarras, de tração animal.

XXIII – *Guaimurés* são os *Aimorés*, que Anchieta, nas *Informações*, chama *Guamures*. – Conf. Baptista Caetano – *Índios do Brasil*.

XXIV – Segundo Anchieta — *Informações* citadas, p. 4, as terras do Camamu, doadas por Mem de Sá ao Colégio da Bahia, eram 12 léguas em quadra com oito águas, para engenhos de açúcar. Gabriel Soares — *Tratado descritivo* citado, p. 54, diz que os padres da Companhia possuíam aí terra com dez léguas de costa “por lhe fazer dela doação Mem de Sá”.

XXV – A capitania de Ilhéus pertenceu primeiro a Jorge de Figueiredo Corrêa e Alarcam, por carta de doação de El-Rei Dom João III, de 26 de julho de 1534. Jorge de Figueiredo, escrivão da fazenda real, não querendo deixar este cargo, delegou poderes ao espanhol Francisco Romero para estabelecer

a colônia. Romero, de fato, fundou a vila de São Jorge, que administrou militarmente, repelindo os primeiros assaltos dos índios; mas, ignorante da legislação do reino, tais arbitrariedades cometeu no governo civil, que os colonos o forçaram a ir à presença do donatário. Esse o mandou repor, com o que concorreu para a rápida decadência da capitania, que chegou a ser por aqueles tempos uma das que mais rendiam.

Jorge de Figueiredo havia passado a capitania a seu filho, segundo Jeronymo de Alarcão Figueirêdo, por desistência do mais velho, que era Ruy de Figueirêdo; aquele a passou a Lucas Giraldes, por escritura de venda de 10 de novembro de 1560, confirmada por carta real de 6 de junho do ano seguinte. Desse donatário diz frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil*, citada, p. 100, “que nela meteu grande cabedal, com o que veio a ter oito engenhos, ainda que os feitores (como costumam fazer no Brasil) lhe davam em conta a despesa por receita, mandando-lhe mui pouco ou nenhum açúcar. Pelo que ele escreveu a um florentino chamado Thomaz, que lhe pagava com cartas de muita eloquência: ‘Thomazo, quiere que te diga, manda la asucre, deixa la parolle’, e assinou sem escrever mais letra”. Falecendo Lucas Giraldes, veio a capitania a ter às mãos de seu filho Francisco Giraldes, confirmado por carta de 10 de agosto de 1566.

Francisco Giraldes foi nomeado para suceder Manuel Teles Barreto no governo geral do Brasil, em 9 de março de 1588. Vindo assumir suas funções, a nau em que viajava andou à matroca durante 40 dias da Madeira para a costa da Guiné, sem conseguir transpor a linha, arribando afinal para as Antilhas sem tocar no continente. Depois de um ano e meio de navegação, voltou a Lisboa, em fins de setembro de 1589. O contratempo arrefeceu o ânimo do governador, que ao cabo desistiu do cargo.

Ainda neste passo, o que diz Cardim concorda com o que se lê em Anchieta – *Informações* citadas, p. 39, com a diferença de conterem estas mais minúcias.

XXVI – O administrador, a que Cardim se refere, é Bartholomeu Simões Pereira, que chegou ao Brasil nos últimos dias de 1577, com o governador Lourenço da Veiga. O papa Gregório XIII, pelo breve *Novi Orbis*, de 19 de julho de 1576, desmembrou do bispado do Brasil o território do Rio de Janeiro e capitanias vizinhas, para nele criar uma prelazia com jurisdição ordinária e independente, *ad-instar* das de Ormuz, Moçambique, Sofala e Málaca. No breve se declarou expressamente que a nomeação do administrador competia a El-Rei e devia caber à pessoa examinada e aprovada pelo tribunal da Mesa de Consciência e Ordens. Por carta de 11 de maio de 1577,

D. Sebastião nomeou Bartholomeu Simões Pereira clérigo do hábito de São Pedro, bacharel formado, distinto por virtudes e letras, com o ordenado anual de 200\$000, Além de 40\$000 de mercê ordinária.

Empossado de sua prelazia, em data que não foi possível determinar, o administrador em setembro de 1553 estava de visita à capitania do Porto Seguro, como se vê do texto; anos depois passou a viver na capitania do Espírito Santo, malquisto do povo do Rio de Janeiro, isso depois de 1 de julho de 1591, porque nessa data assinou a provisão que inibia ao vigário da matriz de São Sebastião de intrometer-se nas eleições de provedor e mesários da Misericórdia, e naquele mesmo ano aprovava, no Espírito Santo, a escritura de doação da capela de Nossa Senhora da Penha, feita pela viúva do donatário D. Luiza Grinalda, com intervenção e consentimento das câmaras de Vila Velha e Vitória. A razão da malquerença não está elucidada. Segundo Pizarro – *Memorias historicas do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1820), p. 56, – “a seu heroísmo no empenho de reformar os sentimentos viciosos dos habitantes da província, de instruí-los nos deveres da religião católica, e de plantar em corações pouco dóceis a obediência aos preceitos do Evangelho, e da Igreja”, – seria mal recompensado, pelo que o administrador, “farto de procedimentos assaz ingratos, sacudiu o pó dos sapatos” e foi viver no Espírito Santo.

Balthazar da Silva Lisboa – *Apontamentos para a Historia Ecclesiastica do Rio de Janeiro* (manuscrito do Instituto Histórico), atribui a indisposição dos habitantes do Rio de Janeiro contra o administrador a outro motivo, como fosse ocupar-se ele de mais das coisas externas da jurisdição civil, tomando contas das testamentárias, que até por direito das concordatas, em Portugal, só tomavam os prelados as dos meses de suas alternativas; procedendo por censuras eclesiásticas contra os que se negavam a receber as suas constituições, que lhe aumentavam os réditos, e a reconhecer a sua autoridade, que não era a de Jesus Cristo, mas de seu particular interesse.

Bartholomeu Simões Pereira viveu no Espírito Santo Além de junho de 1597. Nesse mês esteve presente ao enterro de Anchieta, na casa de Santiago, que a Companhia tinha ali, e pregou nos funerais; foi quem primeiro o chamou “apóstolo do Brasil”. – Simão de Vasconcellos – *Vida do venerável padre Joseph de Anchieta* (Lisboa, 1672), p. 351; Pero Rodrigues – *Vida do padre José de Anchieta*, em *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. XXIX (1907), p. 224.

Segundo Pizarro (*loc. cit.*), o administrador acabou com suspeitas de envenenado.

XXVII – A ermida de Nossa Senhora da Ajuda foi fundada na capital do Porto Seguro pelo padre Francisco Pires, que chegou ao

Brasil em 1550 e morreu no Colégio da Bahia, em janeiro de 1586. Uma carta de Francisco Pires para os irmãos de Portugal, sem data, mas provavelmente de fins de junho de 1551 a janeiro de 1552, porque se refere à estada de Nobrega em Pernambuco, que abarcou aquele período de tempo – foi ultimamente impressa ou reimpressa por Braz do Amaral – *Memorias Historicas Politicas da Bahia*, citadas, p. 364-366.

XXVIII — Vicente Rodrigues chegou ao Brasil em 29 de março de 1549, na primeira leva de jesuítas conduzida pelo padre Manuel da Nobrega; ainda não tinha todas as ordens sacras, que depois recebeu aqui. Na obra de catequese o padre Vicente Rodrigues correu toda a costa: faleceu no Rio de Janeiro, em 9 de junho de 1598, com 49 anos de Brasil. Nobrega – *Cartas do Brasil* (Rio de Janeiro, 1886), p. 48, chama-o de Vicente Rijo, que era o sobrenome de seu irmão, o padre Jorge Rijo, ministro do Colégio de Coimbra durante 50 anos. Foi esse ministro que educou Anchieta. Jorge Rijo faleceu naquele Colégio em 15 de julho de 1614, com 87 anos de idade e 67 de roupeta. – Conf. *Agiologio lusitano*, tomo IV, p. 171, letra I.

XXIX – Ao caso milagroso da fonte que brotou sob o altar, refere-se Balthazar Teles – *Chronica da Companhia de Jesus na provincia de Portugal* (Lisboa, 1647), parte 1ª, p. 467-468. Com mais pormenores está em Simão de Vasconcellos – *Chronica da Compa-*

nhia de Jesus no Estado do Brasil, 2ª ed. (Rio de Janeiro, 1864), p. 137-139. Vasconcelos invoca o testemunho do padre Orlandino, que também se ocupa da maravilha. Gabriel Soares – *Tratado descritivo* citado, p. 63, escreve a respeito: “De Porto Seguro à vila de Santo Amaro é uma légua, onde está um pico mui alto em que está uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda, que faz muitos milagres.” Frei Vicente Salvador – *Historia do Brasil* citada, refere: “Edificou (Pero do Campo Tourinho) mais a vila de Santa Cruz e outra de Santo Amaro, onde está uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda, em um monte mui alto, e no meio dele, no caminho por que se sobe, uma fonte de água milagrosa, assim nos efeitos que Deus obra por meio dela, dando saúde aos enfermos que a bebem, como na origem que subitamente a deu o Senhor ali pela oração de um religioso da Companhia, segundo me disse, como testemunha de vista e bem qualificada, um neto do dito Pero do Campo Tourinho e do seu próprio nome, meu condiscípulo no estudo das artes e teologia, e depois dão da Sé desta Bahia.” – Ver ainda Anchieta – *Informações* citadas, p. 73; Jaboatão – *Novo Orbe Serafico Brasilico* (Rio de Janeiro, 1858), v. I, p. 81; e Pero Rodrigues – *Vida do padre José de Anchieta* citada, p. 193. Na *Historia dos Colégios do Brasil*, in *Annaes do Bibliotheca Nacional*, v. XIX (1897), p. 104,

há referências ao fato. Uma lista dos milagres causados pela fonte de Porto Seguro encontra-se em *Algumas cousas mais notaveis do Brasil*, impressas no *Arquivo Bibliográfico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra* (Coimbra 1904), e reproduzidas na *Revista do Instituto Historico*, tomo XCIV. — Aí aparece o nome do irmão Manuel Tristão, enfermeiro do Colégio da Bahia, a quem Purchas pretendeu atribuir a autoria dos escritos de Cardim.

XXX — Refere-se ao padre José de Anchieta, que foi o sexto provincial do Brasil, e o era ao tempo da visitação do padre Cristovão de Gouvêa.

XXXI — A aldeia de Santo André mandou fundar o provincial Luiz da Grã em novembro de 1561, a 30 léguas da Bahia, e já estava povoada em 1562. Ver *Trabalhos dos primeiros Jesuitas no Brasil*, citado, p. 219.

XXXII — Dia do Anjo (e não 1º dia do ano, como leu Varnhagen) deve ser o dia 29 de setembro, de São Miguel Arcanjo.

XXXIII — Da capitania de Porto Seguro o primitivo donatário foi Pero do Campo Tourinho, que em 1535 assentou a primeira vila no monte vizinho ao sítio em que Cabral fizera plantar a cruz. Esse donatário teve no Brasil a existência atribulada que se conhece. Em Porto Seguro, a 24 de novembro de 1546, foi preso, logo submetido a longo processo e afinal remetido acorrentado ao Tribunal da

Inquisição de Lisboa, por crime de heresia e blasfêmia, — escreve Capistrano de Abreu nos *Prolegomenos* citados, p. 81. Para o fato encontrou o mestre explicação no que denunciou o sexagenário Gaspar Dias Barbosa à mesa do Santo Ofício na Bahia, embora com seus dizeres não concordem em tudo os do processo ainda existente, de que têm sido divulgados alguns excertos: “na capitania de Porto Seguro André do Campo e Gaspar Fernandes, escrivão, e uns frades da ordem de S. Francisco e outras pessoas que lhe não lembram ordenaram autos e tiraram testemunhas e prenderam a Pero do Campo, capitão e governador da dita capitania, pai do dito André do Campo, e o enviaram preso ao reino por parte da Santa Inquisição, dizendo que era herege e depois ouviu dizer que fora aquilo inventado para o dito André do Campo ficar em lugar do pai, como ficou”. — *Primeira visitação às partes do Brasil* (São Paulo, 1922), p. 2. — Antes disso em Lisboa, a 13 de setembro de 1543, João Barbosa Paes denunciara Pero do Campo por se dizer Papa e rei e fazer trabalhar aos domingos. Levado para o Reino, como ficou dito, ainda em 1550 respondia a interrogatório. Do que se conhece desse processo, uma coisa ressalta ao primeiro exame: era Pero do Campo homem de língua solta e mordacidade exagerada. Vivia ainda, provavelmente em Lisboa, em 1554, porque, a 19 de novembro, com sua mulher D.

Inez Fernandes Pinta renunciava em favor de seu filho Fernando do Campo os direitos da donatária, — conforme a Varnhagen anotou Capistrano de Abreu — *Historia Geral* (Rio de Janeiro, 1906), 3ª ed., tomo I e único publicado, p. 255. Falecendo Fernando do Campo sem filhos, legou a capitania à sua irmã D. Leonor do Campo, casada com Gregorio da Pesqueira, a qual obteve confirmação por alvará de 30 de maio de 1556. Outro alvará, de 16 de junho de 1559, concedeu-lhe licença para vendê-la ao duque de Aveiro, venda concluída em 10 de agosto daquele ano e confirmada a 6 de fevereiro do seguinte, pelo preço de 100\$000 de juro à razão de 12\$500 o milheiro, 600\$000 em dinheiro de contado e dois moios de trigo em cada ano, enquanto vivesse D. Leonor. O duque de Aveiro, D. João de Lencastre, faleceu em 22 de agosto de 1571, passando a capitania a seu filho e sucessor D. Pedro Diniz, que era o donatário ao tempo em que escrevia Cardim. Ao texto ajusta-se o que disse Anchieta — *Informações* citadas, p. 39-40.

XXXIV — O padre Ignacio de Tolosa chegou ao Brasil em 21 de abril (9 cal. maio) de 1572. Veio como provincial, que foi o quinto, em substituição ao padre Ignacio de Azevedo, trucidado com muitos companheiros, em 15 de junho de 1570, por piratas huguenotes comandados por Jacques de Sores. Tolosa era espanhol, natural de Medina Coeli; entrou

para a Companhia em Portugal, e como era doutor em teologia, professou essa matéria em Coimbra. Exerceu o provincialato de 1572 a 1577, sendo substituído por Anchieta. Era reitor do Colégio do Rio de Janeiro ao tempo da visitação do padre Christovão de Gouvêa. Faleceu em 24 de maio de 1611, no Colégio da Bahia. – Conf. *Agiologio lusitano*, tomo III, p. 390 e 398, letra N.

XXXV – O padre Quiricio Caxa veio para o Brasil em 1563. Era espanhol. Foi reitor do Colégio da Bahia durante os dois anos em que o padre Gregorio Serrão esteve como procurador da província em Roma e Portugal. De sua autoria há uma carta escrita da Bahia, em 13 de julho de 1565, ao padre Dr. Diogo Miram, provincial em Portugal, e impressa nos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, v. XXVII (1905), p. 259-265, relatando um combate entre franceses e portugueses, comandados estes por Estácio de Sá. Em carta do padre Fernão Cardim ao geral Claudio Acquaviva, de 8 de maio de 1606, diz aquele que, quando foi eleito na congregação provincial para ir tratar em Roma coisas de importância para bem da província do Brasil, entre outros papéis que levou foi um da *Vida* do padre José de Anchieta, escrita pelo padre Quiricio Caxa, segundo as informações muito certas que o padre Pero Rodrigues, sendo provincial, lhe deu por escrito de padres da Companhia que com

o taumaturgo trataram. Do destino dessa *Vida* não se sabe. Outras cartas suas estão publicadas; inéditas devem também existir algumas.

Ainda vivia na Bahia ao tempo em que Heitor Furtado de Mendonça lá esteve como visitador da Inquisição: em agosto de 1591 advertia ao Dr. Ambrosio Peixoto de Carvalho, desembargador e provedor-mor dos defuntos e ausentes, de certa heresia proferida em sua presença, que este se apressou em confessar à mesa do Santo Ofício — *Primeira visitação* citada, p. 54. — Em janeiro do ano seguinte, devia ter ouvido em confissão os pecados escabrosos de Marcos Barroso, passando recibo para a mesa ver. — *Ibi.*, p. 153.

XXXVI — Luis da Fonseca nasceu em Alvalade, vila do Alentejo, em 1550; entrou para a Companhia em 1569 e nesse mesmo ano foi enviado para o Brasil, aqui recebendo as quatro ordens, conforme narra Cardim no texto. Foi vice-reitor do Colégio da Bahia durante o impedimento por ausência e enfermidade do padre Gregorio Serrão, e reitor quando este não pôde mais fazer seu ofício. Em 1589 era sócio ou secretário do provincial e em 1591 ou princípios de 1592, reunida a congregação da província para a eleição do procurador que devia ser mandado a Roma, a escolha nele recaiu. Sabe-se que desempenhou bem sua missão. Presume-se de sua autoria a memória anônima sobre os *Trabalhos dos pri-*

meiros Jesuitas no Brasil, citados. Uma sua carta, escrita por comissão do provincial Ignacio de Tolosa, datada da Bahia em 17 de dezembro de 1577 e dirigida ao geral Everardo Mercuriano, primeiro divulgada através da tradução francesa das *Lettres du Jappon, Peru et Brasil* (Paris, 1578), p. 73-79, é documento único sobre a expedição do Dr. Antonio de Salema a Cabo Frio, em que desbaratou os Tamoios ali fortificados. Uma versão italiana dessa mesma carta publicou o meritório barão de Studart nos *Documentos para a Historia do Brasil*, v. II, p. 17-73. Da tradução francesa utilizou-se o Dr. Capistrano de Abreu para reconstituir magistralmente a narração daquela trágica jornada, em artigo publicado na *Gazeta de Noticias*, de 6 de novembro de 1882, sob o título de *Gravetos da Historia Patria*, transcrito em boa hora por Macedo Soares, em nota à segunda edição do *Regimento das Camaras Municipaes*, de Cortines Laxe (Rio de Janeiro, 1885), p. 443-446, e na *História geral*, de Varnhagen, tomo I, p. 477-478, da 4ª edição.

XXXVII – O padre Antonio Gomes devia ter vindo ao Brasil antes de 1583, porque em fins desse ano ou princípios do seguinte voltava como procurador para tratar em Roma e Portugal. Faltam depoimentos a seu respeito. Na *Synopsis* de Franco, referente a 1609, ocorre um homônimo, que não deve ser o próprio, porque não vem qualificado como padre.

XXXVIII – Gabriel Soares – *Tratado discriptivo* citado, p. 132, escreve: “... e vai correndo esta ribeira (Pirajá) do mar da Bahia com esta formosura até Nossa Senhora da Escada, que é uma formosa igreja dos padres da Companhia, que a tem, muito bem consertada; onde às vezes vão convalescer alguns padres de suas enfermidades, por ser o lugar para isso; a qual igreja está uma légua do Rio de Pirajá e duas da cidade.”

XXXIX – Vicente Gonçalves chegou ao Brasil em 1578, na grande turma do padre Gregorio Serrão: na Bahia recebeu as quatro ordens. Nada mais sobre ele se consegue apurar.

XL – O sacerdote, em cuja casa foi agasalhado na noite de 3 para 4 de janeiro de 1584 o visitador com a sua comitiva, parece ter sido o padre Gonçalo de Oliveira, que depois entrou para a Companhia. A ela posteriormente fez reclamação por motivo de certas doações de seus bens, e foi despedido. Uma carta de Anchieta, sem data, mas de 1590, é informação unilateral sobre o caso. – *Annaes da Bibliotheca Nacional*, v. XIX (1897), p. 65-67. – (A sugestão feita nesta nota foi confirmada pela autoridade sem par de Serafim Leite, no artigo “Por comissão de Manuel da Nobrega...” – publicado no *Jornal do Commercio*, do Rio, de 4 de dezembro de 1934, onde se colhem completas notícias sobre o padre Gonçalo de Oliveira).

XLI — *Abaré-guaçu* é vocábulo Tupi que significa padre grande, bispo. O nome *Abaré* compõe-se de *abá* homem, *ré* diferente, diverso, como era o padre dos outros homens, no conceito do índio. Em Luiz Figueira — *Grammatica Brasilica* (Lisboa, 1687), p. 6, vem *Abaré guaçu ogoatá*: o padre grande passeia. — *Pay*, que se encontra também no texto, é outro sinônimo de padre; no *Dicionario Portuguez, e Brasiliano* citado, o padre da Companhia era *pay-obuna*; o de Santo Antonio *pay-tucúra*, etc. *Pay-guaçu* é o mesmo que *águaré-guaçu* — Conf. Baptista Caetano — *Índios do Brasil*, ver *abaré*.

XLII — Era de uso tomarem os índios que se batizavam nomes de personalidades importantes. Com o de Martim Afonso de Sousa dois passaram à história: Araryboia e Tibyriçá; Mem de Sá chamou-se esse de que Cardim faz menção; Vasco Fernandes, Antonio de Salema e Salvador Corrêa foram outros do Rio de Janeiro. Muitos foram os que adotaram os nomes dos portugueses que os levaram à pia batismal.

XLIII — A confissão da gente da terra, que não sabia falar língua dos padres, foi objeto de dúvida, que o padre Manuel da Nobrega, em carta da Bahia, depois de 15 de agosto de 1552, ao padre-mestre Simão, submeteu à disputa no Colégio de Coimbra, pedindo o parecer dos principais letrados da Universidade. No dizer de Nobrega, “parece coisa nova, e não

usada em a cristandade, posto que *Caiet. in sumam* 11^a *condit.*, e os que alega *Nau c. Frates* n^o 85, de *penit. dest.* 5^a digam que não pode, posto que não seja obrigado”. — Nobrega — *Cartas do Brasil* citadas, p. 140. A dúvida foi solvida pela afirmativa, porque Cardim confessava por intérprete. Esse devia prestar o juramento de sigilo sacramental.

XLIV — A frase Tupi — *xê rair tupã toçô de hirumano*, traduzida no texto por “filho, Deus vá contigo” — pode ser assim analisada: *xê*, pronome paciente: me, mim, de mim, meu, minha; *rair*, *rayra*, por *tayra*, filho, mudado o *t* em *r* na composição; *tupã* por *Tupã*, Deus; *toçô*, do verbo *açô* ir, subjuntivo presente; *de* por *nde*, pronome paciente: te, ti, de ti, etc; *hirumano*, por *yrunamo*, junto com. Do que, escrita corretamente, de acordo com Anchieta e Figueira, resulta a frase: — *xêrayra, Tupã toçô nde yrunamo*, que se traduz literalmente: “meu filho, Deus vá junto contigo”.

XLV — O cabaço cheia de pedrinhas é o maracá.

XLVI — *Oca*, nome Tupi, de *og* cobrir, tapar, resguardar: o que cobre, tapa, ou resguarda, a casa, a habitação comum, que Léry, Hans Staden e outros descrevem mais ou menos nos mesmos termos. — Conf. Baptista Caetano — *Índios do Brasil*, ver *ocas*.

XLVII — Neste passo, como nos *Índios do Brasil*, no capítulo que trata — *Do costume que*

têm de agasalhar os hóspedes, refere-se Cardim à saudação lacrimosa dos índios. Era costume muito generalizado entre os aborígenes do Novo Mundo, em algumas partes, cerimônia rigorosa e indispensável. Pero Lopes de Sousa foi talvez o primeiro europeu que o observou e dele nos deixou notícias mais ou menos circunstanciadas em seu *Diario de navegação*. Ele e seus companheiros, durante quase dois meses de reconhecimentos efetuados no estuário do rio da Prata, tiveram frequentes contatos com os charruas, ou seus consanguíneos, os *Minuanos* ou *Yaros*; ao desembarcarem nas imediações do cabo de Santa Maria, foram os portugueses recebidos com prantos pelos naturais, como se houvessem querido despedir-se deles. Os do rio dos Begoais, informa o *Diario*, eram muito tristes e choravam durante a maior parte do tempo, ao passo que os do rio São João não o eram tanto como seus parceiros do cabo de Santa Maria.

Léry, Tévet, Gândavo, Gabriel Soares, Simão de Vasconcellos e outros assinalaram esse costume entre os Tupis do litoral brasileiro. A descrição de Léry é acompanhada de curiosa gravura que reproduz a saudação lacrimosa. As informações de Cardim não são menos interessantes do que as dos seus contemporâneos. Entre os estudos modernos da etimologia comparada sobre o assunto, veja-se: — Georg Friederici — *Der Tränengruss*

der indianer – “Globus”, Bd. XXXIX, num. 2. Braunschweig, 1906. – Rodolfo R. Schuller – *El origen de los charrúa* – “Annales de la Universidad de Chile”, tomo CXVIII, Santiago, 1906.

Alfredo de Carvalho – *A saudação lacrimosa dos índios* – “Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano”, v. XI, Recife, 1906.

XLVIII – *Typoya* ou *tipoia* tem vários significados: *typpoy* para Hans Staden era uma espécie de saco aberto em cima e embaixo, que as mulheres vestiam; *tupoy* para Abbeville era “l’escharpe en laquelle les femes portent leurs enfans au col”; saia, vestido, coisa pendente, rede de cobrir, ou simplesmente rede, são outros significados que se encontram nos autores. Quanto à origem da palavra querem alguns que seja ela africana, usada pelas tribos de Angola; note-se, entretanto, que Hans Staden, sem o menor conhecimento de coisas da África, ouviu no Brasil *Typoy*, como escreveu. Para Baptista Caetano é Tupi-Guarani: *tupói*, *tupái* ou *tipói*, significa literalmente o que pende das coxas.

XLIX – Parece referir-se a Garcia d’Ávila o que se lê no texto, combinando-se com o que dizem Anchieta – *Informações* citadas, p. 17, e Gabriel Soares – *Tratado descriptivo*, p. 48. Era Garcia d’Ávila dos mais ricos habitantes da Bahia naquele tempo, possuidor de muitos currais de gado em toda a costa do

rio Real até Além de Tatuapara, com grandes edifícios de casas de vivenda, capelas e ermidas. Veio para o Brasil em 1549 como criado do governador geral Thomé de Sousa, e foi o fundador da casa da Torre. A esse, quando não era mais governador, em carta da Bahia, de 5 de julho de 1559, queixava-se o padre Manuel da Nobrega – *Cartas do Brasil* (Rio de Janeiro, 1886), p. 161: “Agora entram os queixumes que eu tenho de Garcia d’Ávila: é ele um homem com quem eu mais me alegrava e consolava nesta terra, porque achava nele um rasto do espírito e bondade de Vossa Mercê de que eu sempre muito me contentei, e com o ter cá me alegrava, parecendo-me estar ainda Thomé de Sousa nesta terra. Tinha ele uns índios perto de sua fazenda. Quando o governador os ajuntava, pediu-me lhe alcançasse do governador que lhos deixasse, prometendo ele de os meninos irem cada dia à escola de São Paulo, que estava meia légua dele, e os mais iriam aos domingos e festas à missa e pregação. Concederam-lhe; mas ele teve mau cuidado de o cumprir, sendo de mim admoestado, antes deixava viver e morrer a todos como gentios; e tinha ali um homem que lhe dava pouco por ele nem os escravos, e muito menos o gentio irem à missa. Pelo que fui forçado de minha consciência a pedir que os ajuntassem com os outros em São Paulo, e posto que ainda lhos não tiraram, contudo ele muito se escandali-

zou de mim, assim que, nem a ele, nem a outro nenhum já tenho nem quero mais que Deus Nosso Senhor e a razão e justiça, se a eu tiver.”

Em 28 de julho de 1591 era o vereador mais velho da câmara da Bahia, e nessa qualidade prestava juramento público da fé na forma do regimento que trouxera o visitador do Santo Ofício Heitor Furtado de Mendonça – *Primeira visitação* citada, p. 14-15. Garcia d’Ávila, o velho, faleceu em 23 de maio de 1609 e foi sepultado na Sé da Bahia. – Jaboatão – *Catalogo genealogico*, in *Revista do Instituto Historico*, tomo 52, parte I (1889), p. 89.

L – *Payguaçu* – Ver a nota XLI.

LI – Os ninhos a que se refere o texto são os do japu, ave da família dos icterídeos (*Ostinops decumanus*, Pall.). O Dr. Emilio A. Goeldi – *As aves do Brasil* (Rio de Janeiro, 1894), p. 278-279, assim os descreve: “Todo brasileiro que já viu alguma coisa de sua pátria pode ter observado os ninhos do japu. O local preferido tem um quê de romântico, gigante vegetal em alto descortinado, veterano encanecido que domina a margem de um rio, sempre, porém, lugar de difícil acesso; a altura do ninho é vertiginosa na maioria dos casos, e o ninho feito de preferência em paineiras espinhentas e árvores congêneres, de madeira podre e lisa, que dificulta muito trepar. Ali em cima, nos galhos extremos, penduram ao vento os ninhos longos, em forma de bolsa, às vezes muitos deles reunidos. O mate-

rial empregado é principalmente barba de velho (*Tillandsia usneoides*), conhecida bromeliácia cinzenta, que é tecida sólida e artisticamente, e apesar disso continua a crescer ali e até flora. A entrada fica em cima: costuma ser protegida por uma tampa solta. Na bolsa quase impossível de rasgar, descansam sobre uma camada de folhas secas dois ovos esbranquiçados, com marmorização avermelhado-roxo-desbotada; a primeira postura cai nos meses de agosto e setembro, em novembro a segunda.” O material do ninho do japu foi há tempos objeto de uma interessante polêmica científica entre os doutores *Hermann von Iéring e Jacques Huber*: ver *Boletim do Museu Goeldi*, v. III (1900/2) e IV (1904/6).

LII – O número de engenhos do Recôncavo combina com o que dá Gabriel Soares: 36, dos quais 21 que moíam com água, e 15 que moíam com bois. Ao tempo em que Gândavo compunha seu *Tratado da Terra do Brasil* eram apenas 18, “e alguns se fazem novamente”.

LIII – O padre Manuel de Castro não figura na *Synopsis* de Franco; um *Craсто*, que ali vem como português, sem declaração do primeiro nome, aportou ao Brasil em 1559 e era ainda irmão. Manuel de Castro, em fins de 1573, foi mandado com Pantaleão Gonçalves da Bahia para Pernambuco, e fez por mar jornada tormentosa, em que gastou 40 dias; em Pernambuco escapou de morrer afogado, atra-

vessando um rio a nado; na casa que ali existia, veio em agosto de 1575 o irmão Gabriel Gonçalves ler a classe de latim em seu lugar. — Ver a *Historia de la fundacion del colégio de la Compañia de Pernambuco*, publicada na *Collecção de manuscritos inéditos da Bibliotheca Publica do Porto*, v. VI (Porto, 1923), p. 19 e 44. — A *Historia de la fundacion del colégio de la Compañia* (aliás, “capitania”) de Pernambuco teve nova edição correcta e anotada nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, v. XLIX.

LIV — *Abaetê* significa homem verdadeiro, homem de bem, de *abá* homem, e *etê* verdadeiro, legítimo, bom, de bem. É translata a acepção do texto. — Conf. Baptista Caetano — *Índios do Brasil*.

LV — *Teig-upaba* ou *teyupába* é dicção Tupi, que no *Dicionario Portuguez, e Brasileiro* tem o equivalente de cabana, derivado de *teyy* do povo, da gentilha, *upáb* sítio, conforme Baptista Caetano. No léxico francês penetrou o *ajoupa*, a que Rochefort — *Histoire naturele, et morale des Antilles de l’Amérique*, (Roterdã, 1658), p. 522, atribui origem caraíba, significando “un appenty, un couvert, ou un auvent”, e que corresponde perfeitamente ao *teyupába* Tupi, grafado *aioupaue* por Claude d’Abbeville e Yves d’Evreux. *Ajoupa* consigna Littré em seu *Dictionnaire*, sem indicar procedência, mas cita duas passagens da novela *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint-Pierre. Nessas passagem ocorre o termo *ajoupa*.

LVI – O padre Luis da Grã veio para o Brasil com o segundo governador geral D. Duarte da Costa, que partiu de Lisboa em 8 de maio de 1553 e chegou à Bahia em 13 de julho. Na mesma leva ou socorro, como chamam os cronistas, vieram os padres Braz Lourenço e Ambrosio Pires, e os irmãos João Gonçalves, Antonio Blasques, Gregorio Serrão e José de Anchieta. Na cidade do Salvador encontraram apenas o padre Salvador Pires, vindo em 1550, que faleceu dias depois, a 15 de agosto, e o irmão Vicente Rodrigues, vindo em 1549, de quem já tratamos em outra nota. Nesse ano de 1553 foi de São Vicente o padre Leonardo Nunes buscar reforço e levou Vicente Rodrigues, Gregorio Serrão e José de Anchieta. Acabava o Brasil de ser criado província à parte e o padre Manuel da Nobrega nomeado seu provincial.

Luiz da Grã tinha sido reitor do Colégio de Coimbra, mas foi no Brasil que culminou a sua carreira sacerdotal. Em 15 de maio de 1555 chegou a São Vicente; por algum tempo aí se demorou, lendo lições de casos para os irmãos da Companhia. Em dezembro de 1559 recebeu patente de provincial para servir de parceria com Manuel da Nobrega, e exerceu o cargo até 1570. Do governador Mem de Sá conseguiu fosse mudado para São Vicente o Colégio de Piratininga, “porque havia já lá moços de fora que podiam estudar, dos quais se ajuntaram uns poucos que estudaram”, – escreveu Anchieta –

Informações citadas, p. 22. A mudança efetuou-se em fins de 1560, quando Luis da Grã já havia deixado São Vicente, em demanda da Bahia, aonde chegou a 29 de agosto daquele ano em companhia de Mem de Sá; em outubro começava a visitar as aldeias de índios e fundava a de Santo Antonio. Sua obra de catequese tornou-se verdadeiramente notável em 11 aldeias, em 1562, estavam reunidos para mais de cinco mil índios. Por algum tempo foi reitor do Colégio da Bahia e com o mesmo encargo passou para o de Pernambuco. Aí faleceu a 5 de maio de 1613, com 60 anos de Brasil. — Conf. *Agiologio Lusitano*, tomo III, p. 77, letra F.

LVII — Era o bispo D. Antonio de Barreiros e ouvidor-geral o licenciado Martim Leitão, o famoso general da conquista da Paraíba. O bispo achava-se em Pernambuco desde 20 de março de 1584; fora na armada de Diogo Flores de Valdez, que saíra da Bahia no primeiro dia daquele mês. Por esse tempo, entre julho e outubro, faleceu D. Brites de Albuquerque, viúva do velho Duarte Coelho; fizeram-se pomposas exéquias no Colégio de Olinda e proferiu a oração fúnebre D. Antonio de Barreiros. Esse prelado, em 1597, tomou parte no governo da capitania de Pernambuco com Duarte de Sá, vereador mais velho do Senado da Câmara de Olinda, no impedimento do governador Manuel Mascarenhas Homem, que, comandando uma expedição militar, seguira para o Rio Grande do Norte.

Cardim deixou de referir um fato passado durante sua estada em Pernambuco, do qual, pelo escândalo que levantou, teve com certeza conhecimento. Achava-se ali Pedro Sarmiento de Gamboa, a fazer provisões para levar para o estreito de Magalhães, que ia governar. Francisco Castejon, a quem competia fornecê-las, aviava-se tão devagar que o ouvidor-geral Martim Carvalho, provedor-mor, estando presente D. Antonio de Barreiros, houve entre as duas autoridades acalorada discussão a propósito da demora, a qual ia degenerando em luta armada, porque, saindo para a rua Nova de Olinda, acudiu muita gente em armas de uma e outra parte. Segundo frei Vicente do Salvador, foi o ouvidor geral quem apaziguou os ânimos exaltados; mas, conforme Sarmiento, foi graças à sua intervenção que a briga se aplacou. — Ver frei Vicente do Salvador, — *Historia do Brasil*, liv. IV, cap. V; Pedro Sarmiento de Gamboa — *Sumaria relación*, em *Colección de documentos inéditos del Archivo de Índias*, de D. Luis Torres in Mendoza, tomo V, p. 403.

LVIII — Governou a capitania de 1580 a 1592, como loco-tenente do donatário, o licenciado Simão Rodrigues Cardoso.

LIX — Olinda da Nova Lusitânia foi a denominação dada pelo primeiro donatário Duarte Coelho Pereira.

LX — Sobre o principal Mitáguaya, Mitagaya ou Mitagay, como se encontra o nome

em outros escritos, escasseiam depoimentos históricos; mas de seu filho Gregorio, entregue aos padres da Companhia ainda menino, como se vê do texto, fazem as crônicas honrosa memória. Gregorio Mitagaya acompanhou o padre Luiz Figueira de Pernambuco ao Maranhão e ajudou-o na construção da igreja do Colégio de São Luis; entrou com outros principais na conspiração de 30 de setembro de 1644, dos padres Lopo do Couto e Benedicto Amodei, da qual resultou a revolta contra o domínio holandês no Maranhão e o restabelecimento dos portugueses nessa parte do Brasil.

André de Barros — *Vida do apostolico padre Antonio Vieyra* (Lisboa, 1746), p. 98, tratando desse fato, confunde os nomes das principais Mitagaya e Joacaba, fazendo dos dois uma só personagem. A Sebastião Joacaba refere-se Berredo — *Annaes historicos do estado do Maranhão* (Lisboa, 1749), p. 65 e 392. Desse Sebastião fala Claude d'Abbeville — *Histoire de la mission des pères capucins en l'Isle de Maragnan* (Paris, 1614), fls. 107 v., 118 v. e 143. Casaram-no os capuchinhos franceses com uma filha de Japi-açú, principal da ilha do Maranhão, o *Iapy-ouassou que domina as relações escritas* por Hevreux e Abbeville. A respeito de Mitagaya veja-se também o que escreveu o padre José de Moraes, na *Historia da Companhia de Jesus na vice-provincia do Maranhão e Pará*, publicada por Candido Mendes de Almeida — *Memorias para*

a historia do extincto estado do Maranhão (Rio de Janeiro, 1860), tomo I, p. 136-138.

LXI – O padre Leonardo Arminio, italiano, chegou ao Brasil em 1575. Na Bahia assinou com o bispo D. Antonio de Barreiros, o visitador Heitor Furtado de Mendonça, o padre Fernão Cardim, e outros, as determinações assentadas na mesa do Santo Ofício em fins de julho e princípios de agosto de 1593. – *Primeira visitação* citada, p. 46.

LXII – O padre Pero de Toledo, espanhol, chegou ao Brasil em 1576. Foi vice-reitor e reitor durante sete anos do Colégio do Rio de Janeiro, sucedendo ao padre Braz Lourenço, que por sua vez ocupou o lugar do padre Manuel da Nobrega. Em 1614 era provincial e por sua ordem acompanharam a expedição ao Maranhão os padres Manuel Gomes e Diogo Nunes.

LXIII – O número de engenhos de Pernambuco, dado por Cardim, combina com o que assinala Anchieta – *Informações* citadas, p. 33: “Tem 66 engenhos de açúcar, e cada um é uma grande povoação e para serviço deles e das mais fazendas terá até dez mil escravos de Guiné e Angola e de índios da terra até dois mil.”

LXIV – O Colégio de Pernambuco foi criado em 1576, quando o padre Gregorio Serrão fez ver em Portugal a importância daquela capitania. Para sua sustentação El-Rei D. Sebastião dotou-o com mil cruzados anu-

almente. Uma carta de Christovão de Barros, provedor-mor da fazenda, ao rei, datada de Olinda, 18 de novembro de 1578, que o Dr. Capistrano de Abreu publicou em nota a Anchieta – *Informações* citadas, p. 33-34, pondera o seguinte: “Acho que devo advertir a Vossa Alteza de alguns inconvenientes que não fazem bem a vossa fazenda, pelo que quis avisar do que me pareceu mais acomodado a vosso serviço, entre os quais entendi que uma provisão que Vossa Alteza passou aos padres da Companhia deste Colégio de Olinda foi sem a informação que no caso se requeria, porque lhe dota Vossa Alteza mil cruzados cada ano, os quais lhe serão pagos em açúcar, assim como valeu por massa os anos passados que teve muito menos preço. Mas a razão que tenho para entender que estes mil cruzados não sejam pagos em açúcar é que, arbitrados a como valeu em massa para os haverem de cobrar nos engenhos, conforme a provisão, é detrimento notável da vossa fazenda, porque seguindo a informação que disto tomei perde Vossa Alteza em cada ano mais de três mil cruzados, porque não haverá pessoa que queira arrendar com esta condição dos padres; por onde, se a intenção de Vossa Alteza é dotar aos padres mil cruzados que pelo respeito desta ordem fiquem mais avantajados visto os gastos e careza da terra, entendia eu que Vossa Alteza os devia melhorar em mais dinheiro, sendo servido e não pela maneira que tanto custa.”

Os jesuítas padres Manuel da Nobrega e Antonio Pires entraram pela primeira vez em Pernambuco em 1551, entre 27 e 28 de julho. Antes da fundação do Colégio, havia a Companhia estabelecido ali uma residência, para a qual tiveram os padres a ermida de Nossa Senhora da Graça situada no alto de um monte, onde depois se edificou o Colégio. Dirigiu a casa em princípios o padre Antonio Pires e em seguida o padre Gonçalo de Oliveira. Do Colégio o primeiro reitor foi o padre Agustin del Castillo, espanhol, que morreu nesse cargo; o segundo foi o padre Luiz da Grã. A já citada *Historia de la fundacion del colégio de la Compañia de Pernambuco*, hecha en el año de 1576, só agora publicada, é documento interessante sobre o assunto.

LXV – Não foi possível apurar qual fosse esse padre, a que se refere Cardim. De 1581 a 1586 foi governador do Paraguai o licenciado Juan Torres de Vera: precedeu-o, de 1574 a 1581, Juan Ortiz de Zarate, e sucedeu-o, de 1586 a 1592, Alonso de Vera y Aragon, sobrinho do primeiro. Destes só o último exerceu suas funções como governador efetivo, substituindo nesse caráter Domingo Martinez Irala; os outros, apesar da dilação de seus governos, foram provisórios ou interinos. Nos *Annales Litterarii* citados, alude-se à entrada para o Colégio de Pernambuco, em 1584, de um moço, bom dis-

cursador e engenho ardente: “ut omnia de eo sperari jam liceat”.

LXVI – A frase Tupi – *Pay, marápe, guarinime nande popeçoari?* – vem livremente traduzida no texto. Decompondo-a e corrigindo-a, temos:

Pay, padre;
marápe, advérbio interrogativo: como;
guarinî-me, na guerra;
nde, tua, tuas;
pó, mão, mãos;
peçô, verbo açô ir: vais;
ari, pospositiva: sobre, em cima, uma sobre a outra, desocupadas, vazias.

Do que resulta a tradução literal:

– Padre, como na guerra vais com tuas mãos vazias?

LXVII – O padre Alvaro Lobo, ao que se infere do texto, não veio ao Brasil; seu nome não consta da *Synopsis* de Franco.

LXVIII – O feito de Vasco Fernandes Coutinho, pai do donatário do Espírito Santo, a que Cardim alude, vem descrito por João de Barros – *Décadas*, dec. II, liv. VI, cap. IV. – Balthazar da Silva Lisbôa – *Annaes do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, 1834), tomo I, p. 333 e segs. compendiou Barros no que respeita a Vasco Fernandes.

LXIX – “Esta ermida (escreve Anchieta – *Informações* citadas, p. 17-18) edificou-a um

castelhano com ordens sacras chamado frei Pedro, frade dos Capuchos, que cá veio com licença de seu superior, homem de vida exemplar, o qual veio ao Brasil com zelo da salvação das almas e com ele andava pelas aldeias da Bahia em companhia dos padres. Desejando de batizar alguns desamparados e como não sabia letras nem a língua, porque este seu zelo não fosse *non sine scientia*, batizando alguns adultos sem o aparelho necessário, admoestado dos padres, lhes pediu em escrito algum aparelho na língua da terra para poder batizar alguns que achasse sem remédio e os padres não pudessem acudir e assim remediava muitos inocentes e alguns adultos. Com este mesmo zelo se foi à capitania do Espírito Santo, onde fez o mesmo algum tempo, confessando-se com os padres e comungando a miúdo, até que começou e acabou esta ermida com ajuda de devotos moradores, e ao pé dela fez uma casinha pequenina à honra de São Francisco, na qual morreu com mostras de muita santidade.”

Frei Vicente do Salvador — *Historia do Brasil*, liv. II, cap. IV, escreveu: “Nesta ermida esteve antigamente por ermitão um frade leigo da nossa ordem, asturiano, chamado frei Pedro, de mui santa vida, como se confirmou em sua morte, a qual conheceu alguns dias antes, e se andou despedindo das pessoas devotas, dizendo que, feita a festa de Nossa Senhora havia de morrer. E assim sucedeu e o acharam

morto de joelhos e com as mãos levantadas como quando orava, e na trasladação de seus ossos desta igreja para o nosso convento fez muitos milagres, e poucos enfermos os tocam com devoção que não saem logo, principalmente de febres, como tudo consta do instrumento de testemunhas que está no arquivo do convento.” O servo de Deus frei Pedro de Palacios, ou do Rio Seco, perto de Salamanca, na Espanha, era leigo por profissão. Devia ter passado ao Brasil em 1558. Foi encontrado morto na capelinha de São Francisco em 2 de maio de 1570, e dado à sepultura no alpendre da ermida que fundara. — Jaboatão, *Novo Orbe Serafico*, citado, v. II, p. 44. *Agiologio Lusitano*, v. I, p. 465 e 469, e III, p. 28 a 39. — O processo de canonização de Frei Pedro foi iniciado em 1616, mas não teve conclusão. — *Pena por Penha* é forma quinhentista, que se lê em Pacheco Pereira — *Esmeraldo de situ orbis*, liv. I, cap. 16; Zurara — *Chronica de Guiné*, p. 330, etc.

LXX — A casa do Espírito Santo estava subordinada ao Colégio do Rio de Janeiro, para o qual contribuía com a renda de 500 cruzados. Nela residiam de ordinário oito, cinco padres e três irmãos. — Anchieta — *Informações* citadas, p. 40-41, trata mais largamente desse ponto do que Cardim.

LXXI — Governava o Rio de Janeiro, pela segunda vez, Salvador Corrêa de Sá, capitão-mor e governador.

LXXII – Ararybóia, depois do batismo Martim Afonso de Sousa, nome que tomou do donatário de São Vicente, seu padrinho. Era o principal dos índios Temiminós, aliados dos portugueses, contra os Tamoios e franceses, na conquista do Rio de Janeiro. Em remuneração dos grandes serviços que prestou, premiou-o D. Sebastião com a mercê do hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo e o posto de capitão-mor de sua aldeia, com o pagamento de 12\$000. Desse principal refere frei Vicente do Salvador – *Historia do Brasil*, liv. III, cap. XXIII, que indo visitar o governador Dr. Antonio de Salema, ao sentar-se na cadeira que lhe era oferecida, calçou uma perna sobre a outra, segundo seu costume; o governador fez-lhe saber pelo intérprete que não era aquela boa cortesia, quando falava com um governador, que representava a pessoa de El-Rei. Ao que o índio respondeu de repente, não sem cólera e arrogância: “Se tu souberas quão cansadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a El-Rei, não estranharas dar-lhes agora este pequeno descanso; mas, já que me achas pouco cortesão, eu me vou para minha aldeia, onde não curamos desses pontos, e não tornarei mais à tua corte.” porém, nunca (conclui frei Vicente) deixou de se achar com os seus em todas as ocasiões que o ocuparam.

Januario da Cunha Babosa, na *Biographia* que publicou de Ararybóia – *Revista do Instituto Historico*, tomo 4 (1842), p. 209, diz que esse

esforçado índio morreu desastrosamente afogado junto da ilha de Mocangué: mas com isso não se conforma a notícia do padre Pero Rodrigues — *Vida do padre José de Anchieta*, in *Annaes da Bibliotheca Nacional*, v. XXIX (1907), p. 218, quando afirma que o índio, na hora da morte, chamando por São Sebastião, de que era muito devoto, dizia: “Irmão capitão, assim como na vida sempre me ajudaste a vencer os inimigos visíveis, assim agora na morte que tenho maior necessidade, e estou em maior perigo, ajudai-me a vencer os invisíveis.” E depois de receber os Sacramentos, e o da Santa Unção, chamou seus parentes, fez seu testamento, e com eles repartiu seus bens. “E desta maneira (conclui o jesuíta) deu sua alma a Deus com muita consolação e edificação dos presentes. “A data de sua morte nem Januario nem Pero Rodrigues declaram.

Nos cronistas o nome *Ararybóia*, *Arari-gbóia*, ou melhor *Araigbóia*, vem como significando cobra-feroz; mas decompondo-se o vocábulo Tupi, acha-se *araib* tempo mau, tempestade, tormenta, e *bói* cobra: cobra do mau tempo ou da tempestade, que assim chamavam os índios uma serpente aquática, esverdeada e de cabeça escura, cujo grunhir para eles prenunciava mau tempo.

LXXIII — De referência a *abaetê*, veja nota LIV. — *Moçacára* vem de *mboçará* amigo, estimado, prezado, querido. *Moussacat*, em

Léry, “c’est un pere de famille qui est bon, et donne à repaistre aux passans, tant estrangers qu’autres”. — No *Dicionario Portuguez, e Brasileiro* está *moacára* com a significação de fidalgo. Conf. Baptista Caetano — Índios do Brasil.

LXXIV — A carta de sesmaria de 16 de março de 1568, dada por Mem de Sá, atribuiu a Ararybóia a posse de uma légua de terra ao longo da mar e duas para o sertão, nas terras que possuíam Antonio de Marins e sua mulher, que às mesmas renunciaram em favor daquele principal. Aí se formou com ajuda dos jesuítas a aldeia de São Lourenço de índios cristãos, aldeia que se estendeu da montanha desse nome por todo o lugar chamado Praia Grande, até os areais de Icaraí e aumentou de maneira que em 1578 já não havia terras para serem dadas aos índios Vasco Fernandes, Antonio de Salema, Salvador Corrêa, Antonio França e Fernão Alvares, que as solicitavam. Em 24 de janeiro de 1583 foi confirmada uma sesmaria de quatro léguas de terra aos índios de São Lourenço, de Macacu à serra dos Órgãos, por intervenção dos padres, para ascender às reclamações dos índios supra nomeados. As cartas das sesmarias, contra a escritura de renúncia que fizeram Antonio de Marins e sua mulher D. Isabel Velha a favor de Martim Afonso Ararybóia, e outros documentos a respeito, publicou Joaquim Norberto — *Memoria sobre as aldêas dos índios na provincia do Rio de Janeiro*, in *Revista do Instituto Historico*, tomo XVII

(1854). — Antonio de Marins, ou de Mariz, era o Dr. Antonio de Mariz Coutinho, que foi provedor da fazenda real do Rio de Janeiro, e de quem fez José de Alencar uma das principais personagens do imortal *Guarani*.

LXXV — A aldeia de São Barnabé foi primeiro estabelecida no Cabuçu; depois, verificada a impropriedade do lugar, foi transferida para as vizinhanças do rio Macacu. A data de sua fundação deve orçar por 1578, que é a da sesmaria concedida pelo governador Salvador Corrêa. Em 1583 foram os índios de Cabuçu, durante algum tempo, doutrinados por Anchieta, de volta das celebradas pescarias de Maricá. — Cardim diz que as duas aldeias de São Lourenço e São Barnabé teriam três mil índios; quase três mil — avalia Anchieta — *Informações* citadas, p. 43.

LXXVI — O pau que tinge de amarelo deve ser a tatajuba, árvore da família das urticáceas (*Moclura afinis*, Miq.), a que se referem Gabriel Soares e frei Vicente do Salvador. Da casca dessa árvore se extrai matéria corante amarela.

LXXVII — Na Lagea, *Rattier*, como chamaram Léry e Tévet a ilhota que fica à entrada da barra do Rio de Janeiro, aonde primeiro pretendeu Villegaignon estabelecer um posto de observação e defesa, Salvador Corrêa, sob ameaça de novos ataques de franceses aliados aos Tamoios, propôs em março de 1584 que

se fizesse uma fortaleza. Desse intento dissuadiu-o, porém, certo engenheiro espanhol da armada de Diogo Flores de Valdez, que ficara no porto, e que aconselhou a construir, em vez dessa, que acarretava dificuldades na condução dos materiais, duas outras nos promontórios adjacentes, segundo os traços ou planos que depois mandou o governador a El-Rei. – Confere Varnhagen, *Historia geral*, 2ª ed., tomo I, p. 342. Augusto Fausto de Sousa, *Fortificações no Brasil*, in *Revista do Instituto Historico*, tomo 48, parte II (1885), p. 105.

LXXVII – Era o morro do Castelo de São Januário, que depois se chamou simplesmente morro do Castelo. Foi o terceiro Colégio do Brasil, e fundou-o o padre Manuel da Nobrega, em 1567, que dele foi também o primeiro reitor. El-Rei D. Sebastião dotou-o para 50, com renda anual de 2.500 cruzados. Segundo Anchieta – *Informações* citadas, p. 43, viviam de ordinário nesse 24: dez padres e os demais irmãos. “Do Colégio do Rio de Janeiro (dissera antes, *ibidem*, p. 24), foi o primeiro (reitor) o padre Manuel da Nobrega que começou a *fundamentis* e nele acabou a vida, depois de deixar toda aquela terra sujeita e pacífica, com os índios tamoios sujeitos e vencidos, e tudo sujeito a El-Rei, sendo ele o que mais fez na povoação dela, porque com o seu conselho, fervor e ajuda se começou, continuou e levou ao cabo a povoação do Rio de Janeiro.”

Na reitoria do Colégio a Nobrega substituiu o padre Braz Lourenço.

LXXIX – *Buriquioca* ou *Bertioga*, nome do canal entre a ilha de Santo Amaro e o continente. Os autores antigos Hans Staden, Gandavo, Gabriel Soares, Pero Rodrigues, Simão de Vasconcellos, Laet, frei Vicente do Salvador e frei Gaspar da Madre de Deus dão diferentes grafias para esse topônimo: *Brikioca* ou *Britioca*, *Britioga*, *Beritioga*, *Bratioga*, *Bartioga*, *Pratioga*, *Buriquioga*, etc. são formas que se encontram em seus escritos. Cardim e depois dele frei Gaspar arriscaram etimologia para o nome: cova de bugios, explicou o primeiro, e casa dos macacos *buriquis* deduziu o segundo. Esses étimos, entretanto, não podem ser aceitos, porque não se conformam com a característica do local. Para Theodoro Sampaio, evidente é que o nome atual Bertioga ou Bartioga é corruptela do Tupi, não sendo difícil a sua restauração, uma vez conhecida a lei, segundo a qual em todas as línguas os vocábulos evoluem e se alteram. Bertioga é, de fato, alteração de *Birati-oca*, ou melhor de *Pirati-oca*, que quer dizer – paradeiro do *pirati* ou *paratí*, do peixe branco, ou tainha. A mudança do *p* em *b*, é frequente no Tupi, como em outras línguas, por serem articulações labiais sucedâneas. Que o local é piscoso, e no mês de agosto a tainha costuma deixar o mar e ir desovar nas esteiros e lagamares daquele canal, afirmou Hans

Staden e verificou o capitão Richard F. Burton, em 1865. — Veja a erudita dissertação de Theodoro Sampaio, em nota à edição brasileira de Hans Staden (São Paulo, 1900). O sábio Dr. Arthur Neiva, em um de seus artigos da brilhante série dos *Assuntos brasileiros*, publicada no *Jornal do Comercio*, do Rio, brevemente reduzida a livro, apresentou novo étimo para o topônimo: de *birigui* ou *barigui* (Diptero hematophago da família Psychodidae, gênero Flebotomuss de Rondani), e *óca* ou *óga*, casa, morada, pouso. — Pelas razões que lucidamente expôs, devem ser canceladas todas as combinações que têm sido trazidas à discussão para explicar esse vocábulo).

LXXX — O padre Pedro Soares chegou ao Brasil com o padre Gregorio Serrão, em 1578, quando este voltava de sua comissão em Roma e Portugal, como já se disse mais de uma vez. Era o superior da casa de Santos por ocasião da visita do padre Christovão de Gouvêa.

LXXXI — *Paraná-piacaba* tem correta etimologia no texto: lugar donde se vê o mar. De fato, *paranã-apiacaba* é no Tupi vista do mar, donde se vê o mar, miramar.

LXXXII — *Tijuco*, do Tupi *ty-yuc*, líquido podre, lama, brejo.

LXXXIII — *Peaçaba* vem corretamente explicado no texto: lugar onde se desembarca. Do Tupi *apé* caminho, e *açaba* travessia, saída:

onde o caminho corta, ou sai, o porto. — A rua da Misericórdia, no Rio de Janeiro, chamou-se outrora praia *da Peaçaba*, onde os jesuítas levantaram o guindaste que transportava para cima do morro de São Januário os materiais para a construção do Colégio e os produtos da lavoura de seus engenhos e fazendas; ao local se deu o nome de travessa do Guindaste. — *Peçaquêra*, ou porto velho, é a denominação de uma localidade em São Paulo, vizinha de Cubatão.

LXXXIV — A aldeia de Nossa Senhora dos Pinheiros da Conceição, de índios Guaianases, fundada, segundo a tradição, por Anchieta, é hoje o distrito da paz de Pinheiros, a pouco mais de oito quilômetros da cidade de São Paulo; a outra, daí distante duas léguas, deve ser a atual cidade de Santo Amaro.

LXXXV — “A casa de São Pauto de Piratininga (escreveu Anchieta — *Informações* citadas, p. 22), como foi princípio de conversão, assim também o foi dos Colégios do Brasil.” Em janeiro de 1554 os padres passaram a Piratininga; mas em fins de 1560, como já se disse, foi o Colégio transferido para São Vicente. Com as informações de Cardim concordam as de Anchieta (*ibidem*, p. 45), em termos quase idênticos.

LXXXVI — O forte foi mandado construir por Diogo Flores de Valdez logo depois do assalto dado às vilas de Santos e São Vicente pelos corsários ingleses Cavendish e Fenton, pelos

anos de 1580 a 1584. Ao tempo em que o visitou o padre Christovão de Gouvêa devia começar-se a construção, que levou de 1584 a 1590.

LXXXVII – Com a descrição de Cardim, concorda a de Anchieta. – *Informações* citadas, p. 44: “É situada (a capitania de S. Vicente) em uma ilha que terá seis milhas em largo e nove em circuito; antigamente era porto de mar e nele entrou Marfim Afonso de Sousa a primeira vez com sua frota, mas depois com a corrente das águas e terra do monte se tem fechado o canal, nem podem chegar as embarcações por causa dos baixos e arrecifes; terá 50 fogos de portugueses com seu vigário, e por estarem as terras gastas e não ter porto se vai despovoando pouco a pouco.”

Martim Afonso de Sousa, de volta do Sul, entrou no porto de São Vicente na segunda-feira, 21 de janeiro de 1532, como se vê do *Diario da navegação*, de Pero Lopes de Sousa.

LXXXVIII – Anchieta, *Informações* citadas, p. 44, diz: “Em S. Vicente temos casa, mas há licença do padre Everardo, de boa memória, para mudar-se para a vila de Santos, que está, como tenho dito, seis milhas de São Vicente, e agora o padre visitador Christovão de Gouvêa a pôs em execução a pedido dos moradores, para o que logo deram o sítio e a cadeia pública em uma parte de bem prospecto junto ao mar, e já se começa o edificio, para o qual dão suas esmolas e ajudas, com grande desejo de ter ali os nossos.”

José Jacintho Ribeiro — *Chronologia Paulista*, v. I (São Paulo, 1899), p. 320, afirma que em 17 de março de 1585 os oficiais da Câmara de Santos, de acordo com o padre Christovão de Gouvêa, resolveram a mudança da casa de São Vicente para ali. Ribeiro transcreve a escritura lavrada em notas do tabelião Francisco Nunes, em 26 do mesmo mês e ano, assinada pelo capitão-mor Jeronymo Leitão, vereador Diogo Rodrigues e Simão Machado, juiz ordinário João Franco e procurador do conselho Alonso Polaes, concedendo favores aos padres. Anteriormente existiu em Santos uma pequena casa fundada por Anchieta, mas logo abandonada. Na escritura há referência a esse fato.

LXXXIX — Sobre a tormentosa viagem do Rio de Janeiro à Bahia, em que iam Anchieta, Christovão de Gouvêa e outros padres, ver as referências de Pero Rodrigues — *Vida do padre José Anchieta*, citadas, p. 259 e 276-277.

XC — O padre Lourenço Cardim era irmão mais moço do autor destas cartas. Dele diz Sebastião de Abreu — *Vida e virtudes do admirável padre João Cardim*, da Companhia de Jesus, etc. (Évora, 1659), p. 8: "... o qual acabados os estudos e ordenado sacerdote, com o mesmo espírito de seu irmão, o padre Fernão Cardim, passou para a mesma província do Brasil. E como na viagem os hereges corsários acometessem o navio, Lourenço Cardim, cheio de fervoroso espírito, com um crucifixo nas mãos animava os que

pelejavam contra os inimigos da nossa santa Fé, consolando os que saíam feridos, e confessando os que morriam, até que passado com uma bala, abraçado com o santo crucifixo, entre os abraços de seu Senhor, lhe entregou ditosamente a alma.”

O fato devia ter-se passado entre 30 e 31 de janeiro de 1585.

XCI – O padre Marçal Belliarte, com patente de provincial para substituir Anchieta desde começos de 1587, só chegou à Bahia em 20 de janeiro do ano seguinte, quando tomou posse do cargo. Desde 7 de maio do primeiro daqueles anos esteve em Pernambuco. Em 1591 pregou por ocasião da missa da domingo oitava *post Pentecostem*, que foi a 28 de julho, na qual se publicaram os éditos da fé e da graça, bem como a provisão real que trouxe Heitor Furtado de Mendonça, visitador do Santo Ofício – *Primeira visitação* citada, p. 12.

No cargo de provincial foi substituído pelo padre Pero Rodrigues.

XCII – O padre Francisco Soares chegou ao Brasil em 1587; dois anos antes havia sido tomado pelos piratas franceses que mataram o padre Lourenço Cardim.

Rodolfo Garcia

APENSO

(De "O Jornal", de 27 de janeiro de 1925)

Em 27 de janeiro de 1625 faleceu na aldeia do Espírito Santo, hoje Abrantes, o padre Fernão Cardim, reitor do Colégio baiano da Companhia de Jesus. Morreu entre o fragor das armas. A 8 de maio antecedente entrara na Baía de Todos os Santos uma poderosa armada da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, a 9 tomava alguns fortes e iniciou o desembarque, a 10 o pânico entregou-lhe deserta a metrópole do Brasil. Fugiram quantos puderam. Cardim e seus súditos foram arrastados na torrente.

Uma cidade representava fator somenos na organização coeva. Habitavam-na governador e bispo com seus fâmulos, militares, oficiais de fazenda, justiça, mecânicos, mercadores. Casas fechadas a maior parte do ano possuíam os abastados, para maior comodidade nas festas eclesiásticas e outras ocasiões.

A vida verdadeira e vigorosa estava fora de muros, nos luxuosos engenhos de açúcar, nos sítios modestos, nos currais de gado vacum. Por todos eles escachou a população espavorida. A confusão era inevitável e foi enorme, mas havia espaço, alimento, caridade, o equilíbrio restabeleceu-se. Recursos faltavam para grandes movimentos bélicos; os pequenos não tardaram. A guerra transformou-se em guerrilhas, as guerrilhas em combates singu-

lares. Dois comandantes inimigos sucumbiram em tocaias. Enquanto não vinham socorros de outras capitanias ou de Além -mar, o programa limitava-se a tolher ao inimigo qualquer avanço para o interior. Foi cumprido.

Os dias do Espírito Santo correram amargurados para o velho reitor. “Nesta desgraça da Bahia, – escreve Antonio Vieira, seu pupilo, que já na adolescência prometia os grandes destinos que lhe reservava o futuro – era reitor e por isso quebravam nele todas as ondas da adversidade, mas como rocha viva sempre se conservou em paz e esteve muito firme e conforme com a vontade de Deus.”

Deviam ter-lhe suavizado os últimos momentos os triunfos exíguos, mas constantes, dos compatriotas, os auxílios vindos das capitanias, o núcleo forte desde logo preparado por Mathias de Albuquerque, as grandes armadas reunidas Além-mar, a que não poderia resistir nem resistiu o poder batavo.

Quando morreu, Fernão Cardim passara quase meio século em terras brasileiras, interrompido apenas por uma viagem, como procurador de província a Roma, e alguns meses ou anos de prisão na Inglaterra. Filho de Gaspar Clemente e de sua mulher Ignez Cardim, nasceu em Viana de Alvito (não do Minho, como escapou na terceira edição de “Varnhagen”) em ano pouco certo. Sabe-se que entrou no noviciado da Companhia a 9

de fevereiro de 1566, e sua família deu mais de um religioso.

Antes de 1582, consta, ministro em Évora e nomeado mais tarde para acompanhar Christovão de Gouvêa na visitação à província do Brasil. Ambos os cargos impunham sérias responsabilidades. Ao ministro incumbia a ordem, a economia interna. As afamadas riquezas dos jesuítas, proclamadas, tão cobiçadas, tão procuradas e afinal tantalizantes, explicam-se pela obra dos ministros, administradores incomparáveis. Por outro lado, com a plenitude de poderes delegados ao visitador, representante direto do Geral, seu companheiro devia possuir muitos requisitos de lucidez e método para resumir e condensar os resultados da visitação.

Partiram do Tejo o visitador e seu companheiro em 5 de março de 1583. O visitador trazia calorosas recomendações para todas as autoridades da colônia, emanadas do novo rei, Filipe II de Espanha, sucessor do cardeal D. Henrique. Na mesma nau, *Chagas São Francisco*, embarcou Manuel Teles Barreto, primeiro governador geral do Brasil nomeado sob domínio espanhol.

Chegado em 9 de maio à capital do país o visitador começou sem demora a sua missão complexa, e para orientar-se fez uma rápida excursão às aldeias geridas pelos padres da Companhia.

Em agosto resolveu sair para Pernambuco. Resolução pouco acertada. Na Bahia as águas do mar e correntes aéreas cursam do Sul para o Norte desde abril a julho; de agosto a março águas e ventos de N.E. e E.N.E., puxam para o Sul. Os navios ordinários sujeitavam-se a este regime e da conformidade saíam os proventos do frete e viagens. O barco do visitador, pertencente à Companhia de Jesus, não se levava por intuitos oportunistas.

Que a razão estava com os primeiros, Christovão de Gouvêa houve de reconhecer. Partindo em agosto, aportaram em Camamu, em Ilhéus e Porto Seguro. Não se perdeu tempo com as arribadas; em todos estes lugares havia jesuítas, havia aldeamentos a visitar; com eles o visitador se ocupou até outubro, quando desistiu de continuar e preferiu atender a casos mais importantes na capital. Escarmentado com as monções, o visitador ficou na Bahia até que chegassem. Foi novamente e com mais vagar às aldeias, esteve em todos ou quase todos os 36 engenhos do Recôncavo. O golfo admirável divide-se em esteiros sem conta, quase todos navegáveis. Numa embarcação do Colégio fizeram-se as excursões que tomaram dois meses.

Em fins de junho de 84 o visitador partiu para Pernambuco. Cardim bem poderia referir alguns sucessos então passados sob seus olhos: a morte de D. Beatriz de Albuquerque, mulher de Duarte Coelho, a quem foi reunir-

se, depois de meio século de viuvez; a arribada de Sarmiento de Gamboa; os expedientes de Diogo Flores Valdez, para disfarçar o fiasco do estreito de Magalhães; a passagem de Gabriel Soares ao Reino, aonde levou a certeza de minas estupendas, por cuja revelação, a exemplo de Cortez e Pizarro, pretendeu e lhe foi prometido o título de Marquês das Minas, e deixou seu *Roteiro* tão valioso como elas; os esforços para a conquista da Paraíba; os atritos entre Martim Leitão e Martim Carvalho; e a prisão deste e sua remessa para Lisboa sob acusações da alçada do Santo Ofício. De tudo isto só sabemos alguma coisa graças a um fragmento de Anchieta e a um sumário narrativo escrito por ordem de Christovão de Gouvêa, cuja autoria Varnhagen reclama para o padre Jeronymo Machado, crônica de leitura áspera, mas indispensável a quem quizer formar ideia do que seriam as guerras do sertão contra os índios. O Instituto Histórico imprimiu esse sumário das armadas da Paraíba em 1873.

A visitação de Pernambuco apenas consumiu três meses. Pode fazer-se tão depressa porque o Colégio de Olinda datava de poucos anos, de 1576. Seu reitor, Luiz da Grã, viera para o Brasil em 1553, trazendo consigo o jovem José de Anchieta; foi colateral de Nobrega e seu sucessor no provincialato.

Em outubro de 84 o visitador e seu companheiro saíram de Pernambuco e depois de

breve demora na Bahia, em parte por motivos de saúde, seguiram para o Sul. Em sua companhia foi o provincial José de Anchieta. Este fato desmente os que lhe atribuem a fundação da Misericórdia do Rio para socorrer as tripulações de Diogo Flores Valdez. Da Misericórdia fluminense fala Cardim como coisa simples e subentendida. Havia casas de misericórdia em todas as capitanias. Não é crível esperasse tanto tempo a cidade de São Sebastião, capitania d'El-Rei, não de senhorio, para possuir a sua.

A visitação estendeu-se para o sul até Itanhaém, ponto extremo da colonização neste rumo, como Itamaracá no rumo oposto.

Assistiram em Piratininga, a 25 de janeiro de 1585, ao trigésimo aniversário da fundação da humilde casa, germe da vila de São Paulo. Esteve presente Anchieta, talvez o último sobrevivente do ato que determinou a história paulista e tanto influiu sobre a do Brasil. Em 26 de março de 85, a pedido da população santista, a casa de São Vicente, fundada por Leonardo Nunes, foi mudada para Santos: Azevedo Marques traz impressa a escritura da transferência. Em abril estavam no Rio, onde encontraram ainda dois veteranos das guerras que precederam a fundação da cidade de São Sebastião: Salvador Corrêa, primo de Estácio de Sá e mais feliz que este, Martim Afonso Araryboia, comendador de Cristo, *abaeté e moçacara*, *scilicet* grande cavaleiro e valente, transferido do Rio Comprido para

o morro de São Lourenço, na outra banda. Ordens de Além-mar abreviaram a estada no Rio e ida para a Bahia. A 16 de outubro de 1585 estava finda a visitação e Cardim ultimava a primeira e maior parte de sua narrativa.

A volta do visitador ao reino dilatou-se por várias incumbências que lhe vieram de Roma, e pela captura por corsários do navio a que se confiou. Por setembro de 1589 desembarcou em Santander e viajando por Burgos e Valladolid alcançou terra portuguesa.

Cardim ficou no Brasil. Durante algum tempo exerceu a reitoria do Rio. Anchieta, acostumado a viver debaixo da obediência, antes de ir para a capitania do Espírito Santo, onde faleceu, preferiu fazer-lhe companhia. Talvez a instâncias do reitor, escreveu os apontamentos sobre a primitiva história da Companhia, de cuja perda ou extravio não podem consolar os excertos contidos nos livros de Simão de Vasconcellos e Antonio Franco. Deles houve no Colégio de Coimbra uma cópia feita pelo punho de Cardim; seu paradeiro é desconhecido.

O momento era único para o feitio dos *Apontamentos*. Dos companheiros de Nóbrega vindos em 1549 restava ainda Vicente Rodrigues; das levas seguintes havia mais de um sobrevivente. A todos conhecera Anchieta, ou à chegada, ou nas visitas obrigatórias do provincialato — nem para outro fim a Companhia possuía embarcação própria. Pelos fragmentos conservados revela-se

Anchieta psicólogo penetrante, feliz no modo de narrar os fatos e desatar os fatores.

Da reitoria de Cardim no Rio pouco se sabe. Seu nome aparece a propósito da fazenda de Santa Cruz, que os epígonos dos jesuítas só deixaram subsistir e conservam no miserável estado atual porque nada se perde na natureza.

Em 1598, Fernão Cardim, eleito procurador da província do Brasil, partiu para o Velho Mundo. Seu antigo chefe Christovão de Gouvêa foi encontrar provincial de Portugal. Em Roma imperava irredutível Claudio Aquaviva, o mesmo que o despachara para estas bandas no começo de seu generalato tormentoso.

Em 1601 partiu novamente para o Brasil como companheiro do novo visitador, o terceiro desde o estabelecimento da Companhia, João de Madureira. O navio em que vinham foi tomado à vista de Portugal. Madureira morreu logo. Cardim seguiu prisioneiro para a Inglaterra. Conseguiu depois fugir em condições mui vagamente conhecidas. Como prêmio de seus trabalhos Aquaviva nomeou-o provincial do Brasil.

De seu provincialato (1604 a 1609) faltam quaisquer ânuas; talvez estejam sepultadas em algum dos arquivos que, para maior segurança, a Companhia guarda em vários pontos do continente europeu e ressurjam agora com o tricentenário. As grandes linhas do que

fez deletream-se na *Relação annual* de Fernão Guerreiro, reimpressa parcialmente no segundo volume das *Memórias do Maranhão*, de Candido Mendes de Almeida.

Dois fatos o singularizam: a missão de Francisco Pinto e Luiz Figueira em busca do Maranhão, a de João Lobato e Jeronymo Rodrigues aos Carijós e Patos, nas pegadas de Pero Corrêa e João de Sousa, proto-mártires da Companhia. Nesta notabiliza-se depois João de Almeida.

A primeira resultava da dificuldade de navegação regular entre Pernambuco e a costa Leste-Oeste. A conquista da Paraíba e do Rio Grande do Norte tornou-se possível depois que o inimigo, francês ou indígena, foi atacado por terra. Neste sentido fez uma tentativa Pero Coelho de Sousa, que suas imprudências, depois de chegar sem tropeços a Ibiapaba, malograram. Não foram mais felizes o “Amaniara”, o senhor da chuva, Francisco Pinto e seu jovem companheiro, autor da segunda gramática da língua geral e de importantíssima narrativa da missão, impressa pelo Barão de Studart.

Alexandre de Moura, o conquistador do Maranhão, o incorporador da Amazônia, para onde já acudiram flamengos, franceses e ingleses, predecessor de Lord Cochrane na campanha da independência, foi o primeiro que, partindo de Pernambuco por mar, na mesma embarcação voltou a Pernambuco. A metrópole

compreendeu que não havia fiar na constância de lances de fortuna tais, e o Maranhão com as terras confinantes foi constituído governo independente, que só com a península comunicava.

Sobre a última fase da vida de Fernão Cardim, decorrida entre o termo do provincialato e a morte, reina grande obscuridade. Antonio Vieira diz que morreu de 75 anos, 60 vividos na Companhia e, omitindo os serviços como ministro, etc., passaram de 20 os que foi reitor e provincial.

*

Fernão Cardim nada destinou ao prelo, e ficaria bem surpreendido se soubesse que no próprio ano de 1625, quando já se despedia ou despedira deste val de lágrimas, uns informes apontados pouco depois de sua chegada a esta terra corriam ou iam correr mundo, trajados à inglesa. De fato, Francis Cook, de Dartmouth, um dos corsários de 1601, tomara-lhe um manuscrito, vendera-o por 20 shillings a um mestre Hacket, que o fez traduzir. A tradução, em geral fiel, saiu no 4º volume da *Pilgrimages de Purchas*, correspondente ao 16ª da reimpressão moderna sob o título: *A Treatise of Brasil written by a Portugall which had long lived there*. O tratado é citado por holandeses, entre os quais Laet; parece até que foi introduzido integralmente em outros idiomas.

A importância do *Treatise* de Purchas saltou aos olhos quando foram com ele comparados dois manuscritos existentes na biblioteca de Évora, ambos referidos no precioso *Catalogo* de Cunha Rivara.

Intitula-se um: *Do clima e terra do Brasil e de algumas coisas notaveis que se acham assim na terra como no mar.*

Intitula-se o outro: *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias.*

Do cotejo de Purchas apurou-se logo que se tratava não de duas obras diversas, mas de capítulos da mesma obra, que estava sendo escrita em 1584. Não é nada banal existir em Évora no idioma original cópia do manuscrito extorquido pelo corsário Dartmouth.

Quem seria o autor?

Em 1847 Varnhagen deu à luz uma *Narrativa epistolar* de uma viagem e missão jesuítica pelo padre Fernão Cardim.

Pela primeira vez o nome de Cardim, conhecido só aos leitores de Fernão Guerreiro, Antonio Franco ou André de Barros, apareceu como o de autor. Varnhagen pretendia dar edição anotada da narrativa, mas exigências da carreira diplomática chamaram-no imprevistamente de Lisboa: nem ao menos pode oferecer texto correto, culpa dele, ou da cópia de que se serviu, ou dos revisores em quem descansou.

Comparado o *Treatise* de Purchas e a *Narrativa* de Varnhagen, impôz-se a conclusão de que é o mesmo o autor de ambos. A identidade de forma e fundo aparece a cada instante; o *Treatise* foi escrito em 1584 e Cardim estava no Brasil desde maio de 1583; o manuscrito do *Treatise* foi tomado por um pirata inglês em 1601 a um jesuíta que aprisionaram; neste mesmo ano de 1601, Fernão Cardim foi aprisionado e levado para a Inglaterra.

À vista disto não se hesitou em publicar os dois tratados com o nome de Fernão Cardim. O primeiro saiu em 1881 a expensas de Ferreira de Araújo, o fundador da *Gazeta de Noticias*, com preciosas notas de Baptista Caetano, o grande mestre da língua geral; o segundo imprimiu-o em 1885 a *Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Rio de Janeiro*.

Comparando os escritos nota-se que os primeiros datados de 84 só em parte podiam fundar-se em observações próprias; o autor recorreu a informações escritas ou verbais dos confrades. A *Narrativa*, datada, quanto à primeira parte, de 16 de outubro de 1586, apresenta-se mais sólida, mais direta e mais classificada.

Fernão Cardim nada tem de extraordinário, mas recomenda-se à simpatia e ao estudo por mais de um aspecto.

Era temperamento vibrátil, em que as sensações batiam fortes, seguidas, dando às

vezes um estilo por assim dizer ofegante. “O padre visitador, informa, foi sangrado três vezes, enxaropado e purgado, provido de todas as galinhas, alcaparras, perrexil, chicórias e alfaces verdes e coisas doces e outros mimos necessários, que parecia estarmos em o Colégio de Coimbra.” De José de Anchieta, o provincial prestigioso e com fama de taumaturgo, escreve: “O padre vinha de trás, a pé, com as abas na cinta, descalço, bem cansado; é este padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de toda a perfeição, desprezador de si e do mundo, uma coluna grande desta província e tem feito grande cristandade e conservado um grande exemplo; de ordinário anda a pé, nem há retirá-lo de andar sendo muito enfermo. Enfim sua vida é ‘vere apostólica’.”

Para ele a natureza existia, uma natureza vívida e palpitante. Seduziam-no as águas dos rios, a variedade das flores, a frescura dos bosques, o canto das aves. “Era para ver neste caminho a multidão, variedade das flores, das árvores, umas amarelas, outras vermelhas, outras roxas, com outras muitas várias cores misturadas, que era coisa para louvar o Criador. Vi neste caminho uma árvore carregada de ninhos de passarinhos, pendentos de seus fios do comprimento de uma vara de medir ou mais, que ficavam todos no ar com as bocas para baixo: tudo isto fazem os pássaros para não ficar frustrado seu trabalho; usam daquela indústria que

lhes ensinou o que os criou, por se não fiarem das cobras que lhes comem os ovos e os filhos.”

Não lhe é estranho o encanto da paisagem.

“Tem uns dias formosíssimos (o Rio) tão aprazíveis e salutíferos que parece estão os corpos bebendo vida. Tudo são serranias e rochedos espantosos. Desta serra descem muitos rios caudais que de quatro e sete léguas se vê alvejar por entre matos que se vão às nuvens”.

“A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma baía que bem parece que a pintou o supremo pintor e arquiteto do mundo, Deus Nosso Senhor, e assim é coisa formosíssima e a mais aprazível que há em todo o Brasil; é tão capaz que terá 20 léguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas, de grandes arvoredos, que não impedem as vistas umas às outras, que é o que lhe dá graça.”

O amor à natureza devia incliná-lo aos índios. Não conheceu os que, em estado de liberdade, quais os defrontaram os primeiros descobridores, em pura idade de fogo e pedra, permaneciam agora em brenhas alongadas. Os índios avistados já contavam 30 anos de catequese sistemática, iniciada no governo de D. Duarte da Costa pelo inesquecível e tão ingratamente esquecido Manuel da Nobrega. Os jesuítas observadores, inteligentes e práticos tinham concentrado seus esforços em fazer de várias tabas um só aldeamento, regido por uma espécie de meirinho

nomeado pelo governador, com a vara de ofício, que os enfunava de vaidade, com meios de se fazer obedecer, podendo pôr gente no tronco; em extinguir a antropofagia, a poligamia e a bebedice de vinhos de frutas em que os índios eram insignes. O mais só caberia ao tempo.

As ocas, com a confusão e multiplicidade de casas contíguas ou antes contínuas, existiam ainda intactas. Conservavam-se as danças características; como os vestuários não chegavam para todos, andavam mulheres nuas (coisa para nós mui nova, diz sem biocos o viajante). No Rio agradou-lhe particularmente uma dança de curumis: “o mais velho seria de oito anos, todos nuzinhos, pintados de certas cores aprazíveis, com seus cascavéis nos pés e braços, pernas, cinta e cabeças, com várias invenções de diademas de penas, colares e braceletes: parece que se os viram nesse reino, que andaram os dias atrás deles”.

Sua benevolência estende-se aos estudantes e às cômicas recepções estrambóticas, com discursos em línguas diversas, epigramas, etc.

À gente da terra tudo servia de pretexto para festanças: pairava uma atmosfera de quermesse, de *pageant*, de irreal.

Numa aldeia da capitania do Espírito Santo meninos e mulheres, com suas palmas nas mãos e outros ramalhetes de flores, representavam ao vivo o recebimento do dia de Ramos — e isto em novembro. Pelo mesmo tempo, uma confraria dos Reis, por não ser ainda o tempo

consagrado, quis exhibir ao padre visitador suas magnificências. “Vieram um domingo com seus alardes à portuguesa e a seu modo, com muitas danças, folias, bem vestidos, e o rei e a rainha ricamente ataviados com outros principais e confrades da dita confraria. Fizeram no terreiro da nova igreja seus caracóis, abrindo e fechando com graça, e os vestidos não carregavam a muitos porque os não tinham.”

No Rio, depois da festa das canoas, lembrança das guerras de Estácio de Sá, enquanto se representava um diálogo do martírio de São Sebastião, com coros, várias figuras mui ricamente vestidas, foi asseado um moço atado a um pau: “causou este espetáculo muitas lágrimas de devoção e a alegria a toda a cidade por representar muito ao vivo o martírio do santo”.

Estas amostras de aspectos diversos de Cardim poderiam interpretar-se como sintomas de superficialidade. Não são. A cada instante aparecem reflexões pertinentes. Mas o padre sentia como um esteta; não finalizava, não moralizava: embebia-se no espetáculo, Além do bem e do mal. é talvez único o passo edificante relativo aos engenhos da Bahia. “Os encargos de consciência são muitos; os pecados que se cometem neles não têm conta; quase todos andam amancebados por causa das muitas ocasiões; bem cheio de pecados vai esse doce por que tanto fazem; grande é a paciência de Deus que tanto sofre.”

Talvez no seu tempo de ministro, obrigado a curar dos estômagos alheios, pegasse um pouco de gastrônomo. A palavra iguaria volta com insistência. “No Colégio da Bahia nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza por a terra ser relaxada e os mantimentos fracos.”

Na visita aos engenhos do Recôncavo feita em janeiro e fevereiro de 84, golpeia-o a fartura dos banquetes, a facilidade com que eram servidos hóspedes imprevistos.

Na Bahia a questão de açougue, tratada em tantas atas da Câmara de São Paulo, não existia. As águas prodigiosas eram inexauríveis; os senhores de engenhos tinham sempre todo o gênero de pescados e mariscos de toda a sorte “por terem deputedos certos escravos pescadores para isso e de tudo tinham a casa tão cheia que na fartura pareciam uns condes”. Nos engenhos mais afastados do mar existia toda a variedade de carnes, galinhas, perus, patos, leitões, cabritos. Por Gabriel Soares sabemos que a gente de tratamento só comia farinha de mandioca fresca, feita no dia. O mesmo autor dá uma lista, forçosamente incompleta, das conservas e doces, transplantados uns de Além-mar, aprendidos outros na terra. Dir-se-ia um país de Cocagne.

Tudo isto são manifestações de um fato único – a fase econômica chamada “oikos” pelos especialistas, em que produtor e consumidor identificam-se. Naturalmente os casos não

aparecem na sociedade baiana com a singeleza a que os reduz a ciência experimental, mas o exame atento revela sua estrutura genuína.

Para melhor conhecê-lo é indispensável o estudo do velho jesuíta, finado há 300 anos, no fragor das armas e angústias da invasão.

Forma airoso entre os mais dignos jesuítas que vão de 1550 a 1700: Manoel da Nobrega, Luiz da Grã, José de Anchieta, Antonio Vieira, Alexandre de Gusmão, Andreoni, etc.

Capistrano de Abreu

Copyright 2021
Todos direitos reservados

Concepção visual e capa
Juliana Rabinovitz

Idealização e Curadoria da *Coleção AutoConhecimento Brasil*:
Aninha Franco

Produção
Levina Ferraz

THEATRO
XV

Republica af

NAÇÃO
FULF

APOIO FINANCEIRO:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



“O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal”.

Lendo esses livros, encontrei a Bahia e o Brasil. Com eles, estudei caminhos para escrever e criar lugares de Pensar – o Bleff (Anos 1980), Theatro XVIII (Anos 2000), República_AF (Agora). Neles, tive certeza de que o autoconhecimento pode fazer do Brasil um lugar melhor, um lugar onde se Pensa.

Aninha Franco.

Auto Conhecimento Nação Fulejo.



Apoio Financeiro:



GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL